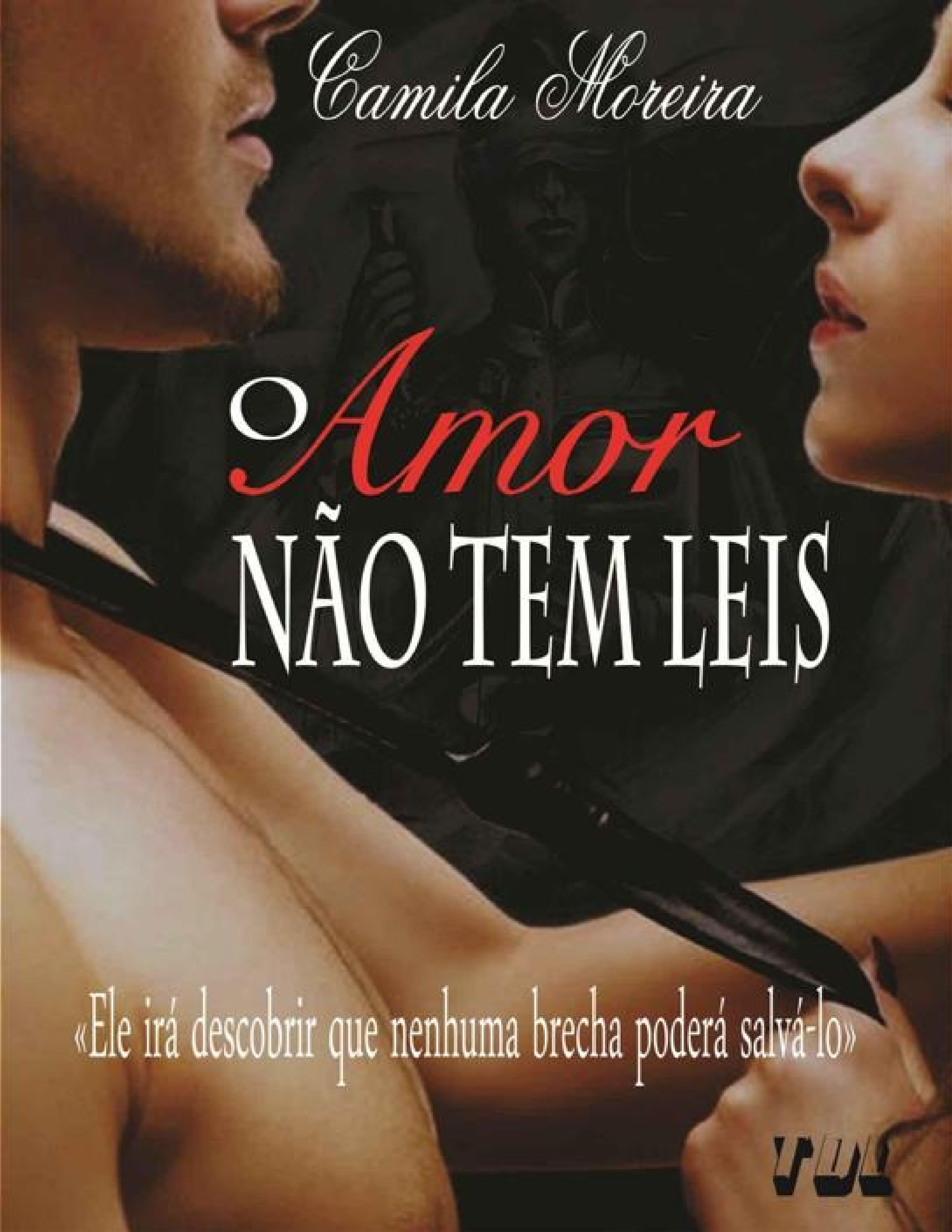




Camila Moreira

O Amor
NÃO TEM LEIS

«Ele irá descobrir que nenhuma brecha poderá salvá-lo»

VUL



Camila Moreira

O AMOR NÃO TEM LEIS

1ª Edição
São Paulo
Tribo das Letras
2014

O amor não tem leis© Copyright 2014 – Camila Moreira

ISBN: 978-85-67208-09-1

Todos os direitos reservados

Proibida e reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.

Antes de piratear esse e-book lembre-se:

Pirataria é crime!

Valorize o autor nacional!

Esta é uma obra de ficção qualquer semelhança,
com nomes, pessoas, locais ou fato,
será mera coincidência.

Direitos de Distribuição e Comercialização TDL

<http://www.tribodasletras.com>

“Todos os fins são começos, apenas não sabemos disso na hora” - Mitch Albom

Sonhos se tornando realidade? É possível.

Na caminhada até aqui recebi flores e espinhos, gostaria de agradecer imensamente aos dois, pois sem os espinhos não haveria as flores para embelezar minha estrada. Á família que merece toda minha gratidão, em especial a minha irmã Carine Moreira, por quem eu tenho um amor incondicional. Você é tudo, naninha! Meu agradecimento às primeiras leitoras que me incentivaram a encarar essa loucura: Denizia, Nayara, Patrícia Oliveira, Laiz, Bianca, Ana Luiza, Valéria, Karol e Patrícia Assunção, sem vocês nada disso seria real. A minha melhor amiga Maisa Fernandes. Sua amizade é ouro. A todos os meus leitores do Wattpad, devo o sucesso dessa obra a vocês. Nam, querida, obrigada por simplesmente ACREDITAR.

Ferraz

Atenção! Sabe aquele mocinho das histórias românticas e melosas que você adora ler? Isso mesmo, aquele com o cabelo despenteado pós foda, olhos azuis, uma pele morena clara sem nenhum tipo de imperfeição e um corpo de revirar qualquer pescoço? Pasmé! Ele existe. E adivinha?! Sou eu. Espantada? Curiosa? Excitada? Talvez até molhada? (Se para essa última pergunta, a sua resposta foi negativa, não se preocupe, pois esse momento vai chegar).

Meu nome é Alexandre Mendes Ferraz. Os mais íntimos me chamam de Xande ou Alê, tanto faz. No ambiente profissional, limite-se a Dr. Ferraz, mas se for entre quatro paredes, prefiro que me chame de... De... Foda-se! Entre quatro paredes, seu cérebro nem vai lembrar quem você é. O que dirá o meu nome.

Arrogante? Talvez. Confiante? Sim. Modéstia à parte. Eu sei do que sou capaz.

Tenho 35 anos, sou um renomado advogado criminalista e tenho um escritório que leva meu nome, de meu pai e meu irmão mais novo Diego. Vou pular a parte da apresentação onde digo que Diego é uma cópia autêntica minha. Porém mais novo e mais romântico. Ele também vai ter seu momento.

Mas agora, você deve estar se perguntando; por que eu, esse monumento todo que lhe foi apresentado, estou parado em frente a um prédio, sentado em meu carro, chorando como um bebê desmamado e olhando para esse maldito bilhete em minhas mãos? Além de ter em minha cabeça pensamentos homicidas? Vai por mim. Eu também me faço essa pergunta.

Porém, não irei deixá-las curiosas. É tudo culpa dela! Maldita! Filha de uma boa mãe! Implicante! Arrogante! Dissimulada! Provocadora! Gostosa! Linda! Inteligente! E a boca! Aqueles lábios carnudos... *“Epa! Epa! Pode parar por aí, Alê, você estava xingando a maldita e agora está elogiando-a? Concentre-se.”*

Bom, continuando de onde parei. Essa... Essa... Mulherzinha sobre a qual acabei de despejar todos os meus sentimentos se chama Clara. (Até o nome da infeliz é perfeito).

É uma conspiração só pode!

Há sete meses que essa maldita vem atormentando a minha vida...

Sete meses antes...

– *Ferraz!* – Brado ao telefone, não queria ninguém me incomodando aquele dia.

– *Umm! Desculpa, Dr. Ferraz, pediu para não ser incomodado, mas seu pai está na linha e disse que precisa falar com o senhor urgente. Ele tentou seu celular, mas disse estar desligado.*

Sentei em minha cadeira e inclinei o máximo possível para ter um pouco de conforto, algo me dizia que eu teria um dia difícil.

– Ana, se meu telefone está desligado, é justamente porque eu não quero falar com ninguém, e isso inclui meu pai. – Argumentei com minha secretária. “Deus! Meu pai se aposentou, não há necessidade de ligar para o escritório a cada meia hora”.

– Sim, Dr. Ferraz, eu passei o recado para o Dr. Nelson, mas creio que ele não ficou muito contente e pediu para que desse ênfase ao “urgente”. – Ana tentava disfarçar a preocupação em sua voz, mas era inútil, podia perceber que ela estava ficando constrangida com a insistência do meu pai. Liguei meu computador, enquanto pensava se atenderia ele ou não.

– Ok! Ok! – Quando papai diz que é urgente, vai por mim, o assunto pode esperar por mais uma semana, no mínimo.

– Olá, papai, como vão as férias na Argentina? Sei, sei. Claro que é frio, papai, vocês estão em uma estação de esqui, queria o quê, 40º graus? – soltei uma risada. Desde que se aposentou da vida jurídica, meu pai resolveu viajar pelo mundo. O único problema é que ele detesta frio, mas ama minha mãe, resumindo: se ela pedir para ele comprar uma passagem para o polo sul, os pinguins que os aguardem, pois o polo sul será a próxima parada deles. Nunca vi homem mais apaixonado.

– Papai, eu tenho um monte de processos para analisar. Então por favor, vá direto ao ponto. – puxei uma caneta e fiquei fazendo rabiscos aleatórios em um bloco de notas, enquanto meu pai me perguntava se eu já tinha analisado o currículo da estudante que havia me enviado.

A menina é uma grande amiga da minha irmãzinha Prí e precisa das horas complementares, que só um estágio supervisionado lhe proporcionaria. Pelo menos foi isso que ouvi meu pai dizer no almoço que tivemos na semana passada, pois logo minha atenção se voltou para a bela morena que estava na mesa ao lado.

– Pai, me livra dessa, eu odeio estagiário me rondando e você sabe disso. – Olhei para o teto, enquanto procurava meios de convencer meu pai. – E não me venha com aquela ladainha toda de que um dia eu também fui estagiário e que eles precisam de uma oportunidade para aprender e blá blá blá. – Pensei no quanto Prí ficaria chateada comigo e resolvi tentar amenizar a situação – Não estou negando o trabalho à garota, só peço que a coloque com outro advogado do escritório. Inferno! Coloque-a com o Diego. – suspirei chateado, um estagiário pegando no meu pé é o que menos preciso agora. – Claro que eu olhei o seu currículo – por favor Deus, perdoe mais essa mentira – é impressionante, por isso digo, ela e Diego se darão bem.

Enquanto falava com meu pai e tentava convencê-lo de que não queria perder tempo com uma adolescente universitária, ouço duas batidas na porta e sabia que se tratava de Ana ela era uma mulher com a minha idade, ou pouco mais nova talvez, tem uma estatura média, cabelos lisos e olhos castanhos bem expressivos, mas a maior qualidade da Ana é que ela nunca tentou dar em cima de mim. O que é o meu maior problema ao contratar uma secretária – Abafei o telefone e lhe dei permissão para entrar.

– Dr. Ferraz, desculpe interromper o telefonema. – seu tom de voz agora um pouco relaxado, fazia contraste com sua postura séria – mas tem uma moça na recepção que diz ter uma reunião com o senhor agora às 09h30min. Como não fui informada de nada, achei melhor vir verificar.

De repente, um estalo se fez na minha cabeça.

– Ana, qual o nome dela?

– É Maria, senhor. Ela também mencionou o nome do seu pai.

Inferno! A estagiária está aqui. – Por favor, Ana. Peça para aguardar.

Respirei fundo, tentando conter minha raiva, e voltei ao telefone.

– *Papai, me diga por que tem uma menina na minha recepção me aguardando para uma reunião que nem eu mesmo sabia que existia?* – perguntei ríspido.

– *Pois é, Alexandre. Tenho certeza que se você tivesse lido o e-mail que lhe enviei, com o currículo da moça, você estaria bem ciente dessa reunião, pois tratei desse assunto no final da mensagem.* – meu pai disse de forma acusatória. Putz! Fui pego em flagrante.

– *Desculpe papai. Está certo, pode ser que eu tenha passado pelo e-mail de uma forma mais rápida do que deveria.*

– *Alexandre, vamos fazer o seguinte: vou fingir acreditar que você ao menos leu o currículo da amiga da Prí, e você vai se aprontar para essa entrevista com mente e coração abertos.*

– *Tudo bem então, papai.* – respirei fundo e balancei a cabeça, não acreditando no que estava prestes a falar. – *Eu prometo dar a atenção necessária para a senhorita estagiária.* – me ferrei – *Manda um beijo para mamãe e para de reclamar do frio, ninguém mandou você fazer todas as vontades da Dona Graça, agora aguenta.*

– *Ah, filho, um dia você vai aprender que nada faz um homem mais feliz nessa vida do que agradar a mulher que ama.* – Só no dia de são nunca, pensei.

Após me despedir de meu velho pai, eu me preparei mentalmente para aquela entrevista. Maria.. Que nome mais antiquado! Quem no século XXI ainda tem esse nome? Ela deve ter o quê? Quinze; dezesseis anos? Inferno! Uma criança em torno de mim, provavelmente vai querer comprar *Milk shake* para o lanche. Era só o que me faltava.

Percebendo que não havia escapatória, liguei para a recepção. – *Ana, peça a menina para entrar e não saia da recepção.* – fiz uma pausa – *Provavelmente, você vai ter que lhe mostrar como gosto do meu café.* – Tá aí. Fazer meu café é um serviço que talvez essa garota possa aprender.

Ana pigarreou como se estivesse desconfortável. Por que ela estaria incomodada? Sei que ela tem um pouco de medo de mim, mas que se dane. Todos no escritório sabem que sou um chefe rigoroso. – *Sim, senhor Ferraz, ela já está a caminho.* – Ana respondeu.

Brincando com os meus polegares, esperei pacientemente a menina chegar a minha sala. Porém,

nada que eu fizesse poderia ter me preparado para o que eu vi.

Ana bateu na porta, eu me levantei. Minha secretária tratou de encaminhar a garota para dentro da sala e... OH, MEU DEUS, COMO ESTOU FODIDO!!!

Clara

MARIA CLARA GOMES BUENO

Eu estava sentada na recepção de um dos melhores escritórios de advocacia do país, aguardando uma entrevista com o Dr. Alexandre Ferraz.

Quando tranquei a faculdade para fazer um curso de inglês no Canadá, meus pais não ficaram muito satisfeitos, porém apoiaram minha decisão, porque quanto mais conhecimento melhor, não é mesmo? Mal sabiam eles que, na verdade, abandonei o curso e estava em turnê pela Europa com o cantor pop Dereck Mayer. Ainda ouço sinos quando me lembro desse nome. Dereck é um americano, filho de brasileiros, que sempre morou nos Estados Unidos. Eu o conheci quando estava em *pub* com minha amiga Laís. Mas resumindo, se você me perguntar se valeu à pena trancar a faculdade e partir com um cara quase desconhecido pelo mundo afora, minha resposta vai ser: Caro colega, se esse cara se parece com o M. Shadows, quente como o inferno, tiver um pau que te faz subir pelas paredes como uma “galartixa” e te dá orgasmos tão intensos que você fica de cabeça para baixo parecendo um “muguerço”. Sim, valeu à pena.

Se eu aprendi inglês? Depende. Se você acha a frase “*look at me all the time when I’m fucking you*”, vai me abrir alguma porta na vida... Sim, aprendi inglês.

Olhe para mim o tempo todo enquanto eu fodo você.

No resto, eu me virei. Dereck falava perfeitamente o meu idioma e me ajudava muito. Porém, na hora H, meu gatinho se tornava poliglota, eu o deixava tão louco que o cara falava até em russo.

Arrogante? Talvez. Confiante? Sim. Modéstia à parte, eu sei da minha capacidade.

Porém, dois anos se passaram e, apesar de gostar muito do Dereck, eu estava consciênte de que não iríamos nos casar e ter filhos, ou viver em uma casinha amarela com cercado branco não estava nos meus planos. Fala sério! Só de pensar já sinto o cheiro do mel, de tão pegajosa que essa cena é.

Não me levem a mal. Sou uma versão feminina do homem cafajeste. Sempre respeito às pessoas, principalmente quando estão casadas ou comprometidas. Mas gosto de sexo e vivo minha vida da forma mais desprendida possível. Não sou uma vadia sem escrúpulos, mas não estou a fim de me prender a ninguém.

Apesar desse meu jeito, meio avoadada e despreocupada com a vida, sempre fui uma excelente aluna e isso me ajudou muito na volta para a faculdade. Minhas notas eram excelentes, e quando voltei consegui eliminar algumas matérias, pagando bem a faculdade, é claro, ficando pendente apenas a apresentação das horas de estágio supervisionado equivalentes há oito meses.

Isso foi mole para mim. Minha melhor amiga Priscila, que agora mora na Espanha, com um bofe maravilhoso, diga-se de passagem, é filha do Dr. Nelson Ferraz, um dos advogados mais conhecidos do país e até no exterior. Assim que descobri do que precisava para pegar meu diploma, mandei um e-mail para Prí pedindo sua ajuda. Ela, alegremente, me respondeu dizendo que entraria em contato com seu pai, para que ele pudesse me oferecer um estágio na Ferraz Advogados. Eu poderia tentar encontrar um estágio por conta própria, mas não sou hipócrita em recusar a ajuda da minha amiga, somente pelo orgulho de conseguir algo por mim mesma. Portanto, aceitei de bom grado a oportunidade oferecida, afinal, quase tudo nesse país se consegue através de indicação mesmo.

Acordei com uma disposição incrível, pois era sexta-feira. Eu me vesti de forma profissional, mas nada careta. Sempre fui extremamente feminina e sempre gostei de realçar meus atributos. Calça preta social com camisa branca de seda e colar de pérolas que parava acima do meu decote em forma de V, nada muito insinuante, mas também algo que me deixava pronta para uma balada no fim do dia. Arquivei uma nota mental para ligar para Laís e marcar de ir ao barzinho no centro da cidade. Fiz uma maquiagem leve, realcei um pouco meus olhos com bastante máscara para cílios, isso os deixou ainda maiores. Sempre amei meus olhos cor de mel, esverdeados. Meu cabelo castanho claro estava preso em um coque meio bagunçado. Meus cachos são realmente lindos, tenho orgulho deles, pois meu cabelo é bem ondulado nas pontas. Olhando para meu sapateiro, havia ficado em dúvida entre sapatilha com “*strass*” ou saltos altíssimos vermelho-sangue. Adoro sapatilhas, pois sou bem mais alta, mas os saltos são minha arma secreta para impressionar. E eu queria impressionar. Finalizei com meu perfume favorito! Prontíssima.

O escritório Ferraz estava situado em um luxuoso prédio no centro. Entrei no elevador, e logo percebi vários olhos me admirando. É sempre bom começar o dia com olhares quentes, isso levanta a autoestima de qualquer mulher.

Parei no andar que pertencia à Ferraz e me apresentei para a recepcionista. Contou que não foi avisada sobre a reunião. Eu sabia que a entrevista não seria com o Dr. Nelson e sim com o seu filho, o Dr. Alexandre. O pai da Prí me ligou pessoalmente comentando sobre sua aposentadoria, mas que iria me deixar em boas mãos no seu escritório.

– Por favor, poderia verificar com o Dr. Alexandre? A reunião foi marcada diretamente com o Dr. Nelson, e talvez ele tenha se confundido com o horário. – Perguntei apontado para o computador na sua frente.

Claro que se confundiu. Ele deve estar meio velho. Quantos anos ele teria? Quarenta; quarenta e cinco? No mínimo, vai querer tomar chá durante a tarde.

A recepcionista me deu um olhar de “*você está louca, o Dr. Alexandre nunca se engana*”. Mas, foda-se. Preciso desse estágio e não vou arredar o pé daqui até ele falar comigo.

A mulher me pediu para aguardar e passou por uma enorme porta.

Aguardei ansiosa na recepção. Quando ela voltou e me disse que o Dr. Ferraz me receberia em alguns minutos, eu relaxei. Vi quando a mulher que se chamava Ana, “logo eu descobri”, travava uma luta ferrenha com a impressora e tentava atender ao telefone ao mesmo tempo. Então, ela colocou o telefone no viva-voz, para puxar a folha que a maldita máquina havia engolido. Uma voz grossa e em tom de comando ressoou do aparelho.

“Ana, peça a menina para entrar e não saia da recepção. Provavelmente, vai se obrigada lhe mostrar como gosto do meu café”.

Filho da puta se ele acha que serei sua moça do cafezinho. Vai sonhando, velhote.

Ana me deu um olhar de desculpa e me pediu para acompanhá-la. Quando entrei na sala e vi aquele homem na minha frente, perdi o ar.

“Nossa senhora da bicicletinha. Me dê equilíbrio”.

Ferraz

Eternos segundos se passaram enquanto eu olhava a bela espécie á minha frente. Deus do céu! Estava acontecendo uma festa nas minhas calças, só pode! Meu pau ficou duro no momento em que ela entrou na minha sala. Estava ferrado. *Calma, Alexandre! Você é um profissional, respira fundo, mantenha a postura e também suas calças.*

Vendo meu real desconforto, a menina na minha frente. Que de menina não tinha nada, tomou a iniciativa.

– Bom dia, Dr. Ferraz, meu nome é Maria Clara e estou aqui recomendada pelo seu pai para acompanhá-lo como estagiária neste ano.

Fala alguma coisa, Alê. Desembucha, infeliz! – Bom dia, Maria! Meu pai me deixou informado sobre sua necessidade de horas complementares para o seu curso – coloquei meu sorriso mais falso, e me sentei depressa, para que ela não notasse a barraca armada dentro da minha calça.

Ela se sentou na minha frente, cruzou as pernas. E que cruzada de pernas! Seus olhos cor de mel, arregalaram-se me desafiando a falar. O que ela está esperando?

O segundo estalo do dia veio em minha cabeça. *“Alexandre, seu burro! Você é o chefe, é você quem tem que conduzir a entrevista.”*

Eu me afastei da prisão que era o seu olhar e coloquei novamente um sorriso em meu rosto para começar essa bendita entrevista.

–Então... Maria... – comecei meu discurso, mas ela me interrompeu.

– Pode me chamar apenas de Clara, todo mundo me chama assim, Maria é muito sério. – E ela fez pela primeira vez algo que eu tive certeza, me assombraria pelo resto da vida: abriu o sorriso mais lindo que eu já vi no mundo. *“Esta manhã vai ser muito, muito longa.”*

– Ok! Então, Clara, você é amiga da Priscila há muito tempo? Não me recordo de você.

– Sim, nós somos amigas há mais ou menos dez anos. – a menina colocou uma mecha do seu cabelo que caia pelo rosto atrás da orelha e eu fiquei fascinado por aquele movimento – Eu o vi umas duas ou três vezes quando veio visitar sua família, geralmente nas festividades de fim de ano. Se bem me lembro, o senhor estava morando nos Estados Unidos, certo?

– Sim. Você está certa, assim que me formei, eu me mudei para Boston para concluir uma especialização, e acabei ficando um tempo por lá, mas há três anos, – bati com os dedos sobre a mesa – quando papai me ligou informando da sua aposentadoria, eu resolvi voltar e assumir seu lugar aqui na Ferraz. – Levantei os braços, mostrando as dependências da minha sala– Mas me conta o que te fez se interessar por Direito Penal?

– Direito nunca foi a minha primeira opção. – ela colocou a bolsa que estava em seu colo na

poltrona ao lado, ficando mais confortável – No começo, realmente, odiei a faculdade, tudo muito teórico e chato. Mas, assim que comecei a estudar direito penal, minha paixão pelas leis aflorou, e hoje não me vejo fazendo outra coisa. – ela sorriu outra vez. *“Querida, por favor, mantenha o seu sorriso para você ou eu não vou me responsabilizar.”* Foda-se! Estava pensando nisso de novo.

– Então... Clara, nosso escritório é um dos mais conceituados da cidade e eu espero de você nada menos que todo o seu empenho e seu esforço. – impus a minha filosofia de trabalho, deixando bem claro que o escritório não era local de passa tempo. – Nossos casos são grandes e de pessoas com grande influência e importância no país. Por isso, seu profissionalismo deve ser impecável. Está me entendendo?

– Claro! Desde que eu não precise fazer o seu café. – ela levantou uma das sobrancelhas como se quisesse dizer: *“E agora? Quero ver como você vai sair dessa”*.

– Hum, desculpe, o que disse? – questionei sem entender – O telefone da recepção estava no viva-voz, quando o senhor pediu para que sua secretária me enviasse. – ela se ajeitou na cadeira, ficando com uma postura mais ereta e eu poderia classificar aquele gesto como um desafio – Só queria deixar bem claro que sou extremamente competente em tudo o que faço e, se o Dr. Ferraz me quer somente para fazer o seu café, me avise, pois tentarei encontrar outro estágio.

Descarada! Estava me repreendendo na minha própria sala. Insolente.

– Desculpe a minha brincadeira, você sabe. Geralmente os estagiários são pegos para cruz. Eu só estava tentando extravasar um pouco os problemas de uma típica manhã, mas reconheço, foi de muito mau gosto da minha parte. *“Oh! Agora sei por que Ana estava estranha, vou matá-la por esse deslize.”*

– De agora em diante, vou te tratar como uma futura colega de trabalho. – sorri animado, tentando amenizar aquela situação.

– Tudo bem, Dr. Ferraz. Dessa vez, eu deixo passar. – e piscou. Serio!? Ela piscou para mim.

– Quantos anos você tem Clara? Não parece ter a idade dos outros estagiários que temos na empresa.

Ela se mexeu na cadeira, nitidamente incomodada com minha pergunta. Droga! Quando meu pai me ensinou a nunca perguntar a idade de uma mulher, eu deveria ter ouvido. Mas, merda, o que estou pensando? Isso é uma entrevista e não um encontro, eu tenho todo o direito de fazer algumas perguntas pessoais.

– Sim. Definitivamente, não sou uma adolescente como a maioria dos seus estagiários deve ser. Tenho 23 anos e estou dois anos atrasada para a prática do estágio. Eu tranquei a faculdade durante um ano... Hum... Por motivos pessoais, e é por isso a necessidade das horas complementares para compensar o tempo fora.

Bingo! Seu desconforto não era pela pergunta da idade e sim pelo motivo do seu atraso na

conclusão do curso. Mas isso, realmente, estava fora dos meus limites. Não vou me arriscar perguntando.

Enquanto eu viajava legal, tentando imaginar qual foi o motivo do seu afastamento dos estudos, ouvi sua voz me trazendo de volta para a realidade.

– Tenho certeza de que seu pai lhe enviou meu currículo, mas posso garantir que meu afastamento da faculdade não me torna incapaz ou inapta para fazer parte desta empresa. O senhor pode estar certo... – sua voz soava forte e decidida

– Por favor, Clara, pode me chamar de você e me tratar pelo meu primeiro nome quando estivermos sozinhos. – mudei meu tom de voz, soando um pouco mais gentil com a menina. – Claro que, na frente dos demais funcionários ou clientes, deve me tratar como Dr. Ferraz. Porém, como estamos em uma conversa informal, estou me sentindo um velho com esse tratamento todo.

– Certo. E me desculpa, mas você nem de longe se parece velho. Quer dizer, não tanto como eu pensei. – sua risada preencheu toda a sala.

– Você me imaginava velho? – Levantei meu olhar, questionando-a.

– Desculpe, não quis dizer isso, é que, às vezes em que nos encontramos, realmente nunca chegamos a nos falar. A Prí sempre me contava sobre suas conquistas nos Estados Unidos, mas eu nunca questioneei sua idade, e como passou vários anos no exterior, não sabia qual seria sua aparência.

– E o que achou? – perguntei sem nenhum pinga de vergonha na cara. Ela engasgou e me olhou como se eu fosse um E.T.

– Desculpe? – perguntou confusa.

– O que achou da minha aparência? – Senhor o que estou fazendo? Essa menina pode me acusar de assédio sexual sem nem mesmo ter começado a trabalhar. Para minha surpresa e espanto, em vez de sair correndo da minha sala me xingando, ela se inclinou para frente me dando um vislumbre do seu decote.

– Bem! Você não é ruim para se olhar, Dr. Ferraz.

Ok. Isto já estava passando dos limites. Meu pau não parava de se remexer nas minhas calças e eu estava extremamente atraído pela minha estagiária, que tem uma língua tão afiada quanto a minha. Já falei que estou fodido? Sim. Mas para deixar bem claro: EU ESTOU COMPLETAMENTE FODIDO.

Clara

Após me mostrar a sala que eu dividiria com outros dois estagiários, Alexandre seguiu para uma reunião. Não antes de eu lhe dar uma última olhada. Não imaginava que ele era tão gostoso assim! Que boca! Que corpo! E os olhos! ESTOU FODIDA!!!

No momento em que fui questionada sobre sua aparência fiquei na dúvida; se me fazia de desentendida e não respondia a sua provocação, ou se jogaria meu charme e deixava claro que dois podiam jogar esse jogo. Sem dúvida nenhuma, a segunda opção já estava na ponta da minha língua.

Alexandre logo se apressou em me tirar de suas vistas me apresentando a sala e aos outros estagiários. Perguntou-me se já poderia começar naquele instante e quando eu assenti tratou de me dar vários processos com as devidas instruções.

– Oi e aí tudo bem? Sou o Fernando, mas pode me chamar de Nando. – o carinha lindo se apresentou e me estendeu sua mão.

– Oi Nando, sou a Maria Clara, mas pode me chamar de Clara. – respondi da mesma forma.

– Bem vinda ao submundo. Estagiário só se fode. – ele disse sorrindo e me dando a visão de suas covinhas lindas. Com certeza íamos nos dar bem, pena que eu não gosto de pegar para criar porque ele mal havia saído das fraldas, deveria ter no máximo uns 17 anos, mas estava na cara que mais alguns anos ele estaria no ponto; pronto para colheita.

Nossa! Meus pensamentos às vezes me assustam.

Balancei a cabeça para tentar sacudir aquelas bobagens que estava pensando e acabei sorrindo junto com o Nando, mas então percebi a outra estagiária, uma loira, magra, estilo “Barbie”, e ela me examinava de cima a baixo.

– Oi. – ela me disse secamente – sou Patrícia, mas pode me chamar de Paty. – *Oh meu Deus que cara de piriguete.* Meu santo não bateu com o dela. Vou ficar longe dessa garota.

– Oi Patrícia – fiz questão de usar seu nome e não o apelido. *Sem intimidades, sua vadia.* – Como eu disse eu sou a Maria Clara.

– Então...Maria – ela retribuiu com o mesmo sarcasmo que eu havia usado – Você será estagiária do Alê? Ele nunca teve estagiário.

Fala sério! Alê? Já saquei qual era a dessa garota.

Expliquei que era uma grande amiga da filha do Dr. Nelson, e meu interesse no estágio era puramente acadêmico. Pedi silenciosamente que aquela simples explicação satisfizesse a curiosidade dela. O que não aconteceu.

– Quer dizer então que você é uma “Q.I.”? – Perguntou de forma cínica. Entendi qual era o ponto que ela queria chegar. Não, eu não era uma sanguessuga, mas colocaria essa mocreia no lugar dela.

– Sim. Estou aqui por indicação. Isso acontece quando se é bem relacionada. – Dei minha resposta final.

Nando soltou uma risada dissipando o clima daquela sala. Olhei em sua direção, e ele estava apontando a caneta para Patrícia.

– Ponto para ela Paty. Fala o que quer, ouve o que não quer, e já disse para parar de chamar o Dr. Ferraz de Alê, ele não te deu esse tipo de intimidade. – Nando chamou a atenção dela.

– Ainda – ela piscou aqueles olhos verde lentes e eu contive a minha vontade de esganá-la. Matar uma colega de trabalho no primeiro dia do meu estágio não seria uma boa forma de ingressar na carreira jurídica.

Quando a “Barbie” saiu de cena, eu iniciei a leitura de um processo de estupro. Estava concentrada nas palavras que dançavam a minha frente, quando Nando pigarreou e me olhou com seus olhinhos castanhos.

– Quer uma dica? – Ele perguntou eu assenti. – Ignore a Patrícia, ela realmente acha que vai sair daqui casada com o Dr. Ferraz, na verdade qualquer um que ela pegar está valendo. Quando não está se insinuando para o Dr. Ferraz, suas garras estão apontadas para Dr. Diego, seu irmão mais novo. Não a culpo por admirá-los, pois são dois deuses gregos a fim de nos tirar de órbita, mas ela exagera e está prestes a conhecer o olho da rua.

– Obrigada pela dica, mas tenho certeza, ela não vai querer bater de frente comigo. – comecei explicar. – Tenho uma personalidade muito forte e não deixo ninguém me abalar tão fácil. Patrícia perceberá que, é melhor morrer minha amiga do que tentar ser minha inimiga.

– Você é durona, eu gosto disso. –

Eita covinhas lindas.

Enquanto Nando falava eu observava uma leve caracterização em sua voz. Posso até não ter percebido de cara, mas tenho certeza. Ele é homossexual. Não me engano nunca a respeito desse assunto. Mas resolvi não dizer nada.

Voltei minha atenção para o processo em minha frente, e quando olhei no relógio já se passava das onze e meia, meu estômago começou a rosnar de fome.

– Nando qual é o horário do almoço? – Perguntei chamando sua atenção.

– Isso depende Clara, cada advogado faz seu horário, você deve combinar com o Dr. Ferraz. Nós tentamos sair no mesmo horário que eles, mas realmente nunca prestei atenção no horário nisso.

– Ele explicou e eu assenti me levantando da cadeira.

– Obrigada Nando. Acho que vou verificar com a Ana a respeito disso. – Agradei de forma gentil.

Andei pelo corredor do escritório a caminho da mesa da Ana quando escutei sua risada.

Quando cheguei à recepção do Alexandre me deparei com um cara lindo de morrer conversando com a Ana, eu juro que, pela segunda vez naquele dia meu coração parou de bater. Ele era PERFEITO. Na verdade ele era a cópia fiel do Alexandre. Só podia ser o tal do Dr. Diego pensei com meus botões.

Apesar de eu Priscila sermos muito amigas. Não conhecia quase nada dos seus irmãos, nós

tínhamos nos conhecido quando fui passar férias em uma casa de praia próxima a propriedade da sua família, depois disso nunca deixamos de manter contato e cultivamos uma amizade á distância, mas sempre estávamos presentes quando era necessário.

Ainda estava de boca aberta com a visão na minha frente.

Então ele sorriu.

Quase enfartei!

Clara você está no paraíso!!!

Ferraz

Caminhei de um lado para o outro na minha sala pela centésima vez planejando o que faria quando me encontrasse com Clara novamente. Essa maldita menina me deixou pensando em sexo durante toda a manhã. Eu gosto de sexo, mas essa infeliz me despertou de um jeito que jamais havia acontecido. Meu desespero era tão grande que estava a ponto de abrir a sala dos estagiários para que pudesse jogar aquela menina sobre a mesa, abrir suas pernas e ver meu pau entrar até as bolas dentro da sua buceta. Não dava a mínima para quem assistiria.

Meus pensamentos estavam agitados. Não podia seguir nessa direção, precisava me afastar do escritório até me acostumar com a ideia da Clara estar na sala a poucos metros de mim, e que eu não poderia tocá-la de forma alguma.

Resolvi chamar meu irmão para almoçarmos juntos, pois assim poderia sair daquela sala. Respirar um pouco de ar puro. Diego sempre me distraiu com suas conversas sem sentido. Isso me faria bem.

Liguei direto no celular do meu irmão. E pedi que ele adiantasse o horário para me fazer companhia.

Não era raro eu chamar Diego para almoçarmos juntos e vice-versa, nossa relação sempre foi a melhor possível desde criança, e apesar de ser oito anos mais novo, nossa cumplicidade sempre foi motivo de muito orgulho para os nossos pais.

Sabia que o Diego não me deixaria na mão apesar de nem saber o que estava me afetando.

Dei o tempo necessário para que Diego se aprontasse e decidi sair como um jato daquele escritório. Peguei meu casaco e me dirigi á recepção.

“Estou ferrado! Estou ferrado! Estou ferrado.” Foi tudo o que eu consegui pensar.

Clara estava na recepção com um sorriso deslumbrante, ela se abria toda enquanto mantinha uma conversa mais que empolgante com meu irmão. O olhar dele sobre Clara dizia tudo; estava interessado por ela.

Sem saber o que falar, pois não podia deixar ninguém saber o quanto a Clara estava me afetando, eu acabei sendo um idiota de carteirinha com ela.

– Mal começou e já está com conversinha pelos corredores? – Perguntei demonstrando reprovação.
– Desculpa Dr. Ferraz, estava indo em direção ao seu escritório para combinarmos meu horário de almoço. – Ela tentou se explicar com o olhar baixo e eu me amaldiçoei.

Diego deu mais um sorriso de cumplicidade para Clara, me olhou e deu duas batidinhas nas minhas costas, um pouco mais forte do que de costume, acho que ele queria mostrar desaprovação pelo que eu havia falado.

– Deixa disso mano. Está assustando a Clara, ela ira pensar que você é um chefe carrasco e vai querer fugir na primeira oportunidade. Eu só estava sendo gentil e me apresentando, já que você – Diego me apontou um dedo indicador acusatório – não mencionou a contratação de nenhuma estagiária na reunião mais cedo e nem fez questão de apresentá-la para o restante do escritório.

“Apresentá-la para esse bando de urubus. Nem morto.”

– Tudo bem! Desculpe se eu fui um pouco rude. Manhã difícil. Clara você pode ir almoçar. Estarei de volta em uma hora. – Tentei encerrar o assunto, mas Diego me interrompeu.

– Mano, na verdade eu convidei Clara para almoçar com a gente, ela não conhece nenhum restaurante pela região, então eu achei que seria educado da minha parte lhe apresentar um bom local. Espero que não se importe. – ele disse com um olhar sincero.

“Claro que ele iria convidá-la. Que dúvida a minha. Meu irmãozinho cavaleiro de armadura brilhante não podia deixar passar essa.”

– Sem problemas. Vamos lá então! – Tenho certeza que esse almoço me causará indigestão. *“Maldito Diego.”*

Durante todo o caminho para o restaurante limitei-me a responder apenas o necessário, como: *não, sim, talvez.* Ao contrário do Diego, que havia engatado uma profunda conversa com Clara. Eles discutiam sobre um caso recente de homicídio qualificado que havia chocado o país. Logo mudaram de assunto rapidamente e começaram a falar sobre cinema. Uma paixão do Diego. Ele amava filmes, principalmente os clássicos.

“Tenho que fazer algo. Não posso deixar meu irmãozinho, esse fedelho mimá-la com conversas a respeito de felizes para sempre e toda essa merda fodida.”

– Então Clara você tem namorado? – Parei todos os meus pensamentos para prestar atenção naquela resposta.

– Não, não tenho. Sou meio descrente com essa coisa toda de relacionamento sério, conto de fadas e felizes para sempre. Isso para mim é tudo história para boi dormir. – Clara respondeu um pouco desanimada.

– Tão nova e já está tão desiludida com o amor assim. – Diego insistiu.

Clara deu um meio sorriso e continuou.

– Não disse que não acreditava no amor Dr. Diego, apenas disse o que eu acho. É! Talvez isso tudo não seja para mim. – Defendeu seu ponto de vista e percebi que ela se parecia muito comigo, ou seja, para mim. Diego nunca se interessaria por uma mulher que não quisesse um relacionamento monogâmico e sério.

– Verdade? Nunca conheci uma mulher assim. Elas estão sempre esperando o seu príncipe encantado montado em seu cavalo branco. Preparado para resgatá-las do perigo e tirá-las da torre mais alta do castelo. – Diego falava com um ar divertido caracterizando sua voz como a dos

príncipes nos desenhos animados.

– Grande parte das mulheres sim, mas uma minoria, as que realmente sabem o que desejam, preferem o lobo mau. Elas estão preparadas para se jogar da torre e ver o que mundo reserva. – Com um sorriso e a voz doce ela terminou de explicar.

Clara sorriu levando Diego as gargalhadas, porém percebi seu olhar de canto para mim. O que isso significava? Que ela me achava um lobo mau? *“Oh minha querida se você quiser tenho uma boca enorme para te comer melhor.”*

– Talvez precise interpretar o outro lado da história da Chapeuzinho Vermelho. Estou vendo que as meninas não sonham mais com o valente caçador. – Diego ainda insistia e meu estômago se revirou. Não acredito que Diego realmente ainda flertaria com ela. O moleque estava realmente decidido.

Até que enfim chegamos ao bendito Bistrô.

Apesar de tudo o almoço correu bem, Clara era uma excelente companhia. Conversamos bastante, descobri um pouco mais sobre ela. Já sabia que morava sozinha e vivia de uns investimentos feito por seu pai em seu nome quando ela ainda era criança. Explicou que o pai era do ramo imobiliário e a mãe era bioquímica, mas abandonou a carreira, para cuidar da casa assim que Clara nasceu. Segundo ela, a mãe dedicou tempo integral para torná-la uma grande mulher.

– Devo dar os meus parabéns a ela então. – Diego a elogiou abertamente.

Clara olhou com ternura para um Diego embasbacado. Estava sendo muito difícil aguentar o flerte constante do Diego em cima dela, e mais difícil ainda era perceber o quão receptiva Clara estava.

Após trinta minutos de almoço, ela nos pediu licença para ir ao toalhete. Enquanto caminhava lindamente em direção ao banheiro me peguei olhando para aquelas curvas deliciosas.

– Que corpão. – Diego comentou. Olhei para meu irmão e juro, se eu tivesse a visão do Ciclope dos X-Man eu faria churrasquinho do Diego agora mesmo por esse comentário.

– Pare de flertar com ela Diego. Ela não faz o seu tipo. – tentei convencê-lo, mas foi em vão.

– Que tipo mano? Você mesmo me disse que tenho que aproveitar mais minha juventude. Está aí, não me importaria nem um pouco de usar esse tempo com a Clara. – Rebateu minhas palavras e eu já estava visivelmente incomodado.

“Senhor daí me paciência por que se me der força eu vou arrebentar esse moleque no cacete.”

– Relações amorosas não são permitidas entre advogados e estagiários, e eu não quero perder a Clara, ela me parece muito competente. – Rezei para ele cair nessa conversa, mas como os deuses não estavam ao meu lado, meu irmão não se convenceu com minha desculpa esfarrapada.

– Se não me engano, a política de não confraternização proíbe a relação do advogado com seu próprio estagiário, então como Clara é *sua* estagiária não vejo problemas em convidá-la para sair.

– Ele me lembrou, e eu concordei. Droga! Ele estava certo.

Diego ficou estático olhando para um ponto atrás de mim. Virei-me e Clara andava em nossa direção. Linda! Comecei a imaginar o que aquela camisa escondia. Senti meu pau ficar ainda mais duro ao imaginar como seria os seios dela.

Teria um sério caso de bolas azuis se não transasse o mais rápido possível.

Meu irmão estraga prazer me tirou do meu momento de luxúria quando atendeu o celular e começou a falar com sua secretária.

– Mano tenho que ir, um cliente está me esperando no escritório e eu preciso urgentemente falar com ele.

Clara

Fui obrigada a pedir licença para ir ao banheiro. Deus! Eu estava tão excitada, todos os gestos de Alexandre me parecia erótico, cada vez que ele levava a colher na boca e deslizava a língua pelo alimento, eu me imaginava com as pernas abertas e ele deslizando aquela língua pela minha abertura.

Tudo bem! Eu amava sexo, mas isso não me dava o direito de imaginar o meu chefe me fazendo sexo oral.

Diego era um amor. Tão sensível e alegre e estava visivelmente interessado em mim. Ele era lindo, olhos azuis como os do irmão, o mesmo corpo atlético e a pele morena clara, a diferença entre os dois era a idade, óbvio, eu daria uns dez anos a menos para o Diego. Apesar de aceitar todos os flertes de Diego a conexão sexual entre eu e Alexandre era palpável, o desejo estava irradiando sob os meus poros e eu sabia que ele também sentia o mesmo. Na verdade, eu dei uma boa olhada quando ele se levantou, para que eu pudesse me deslocar para o banheiro. Seu pau estava ficando duro. E isso era um bom sinal.

Cinco minutos no banheiro foram suficientes para escovar os dentes, dar uma retocada na maquiagem, e me acalmar um pouco. Esses dois estavam me dando uma explosão de hormônios.

Assim voltei para a nossa mesa eu vi que Diego já estava de pé. Ele explicou que um cliente o aguardava e se despediu me dando beijos no rosto.

– E aí podemos pedir o café? Sempre tomo café após o almoço. É um hábito. – perguntei para Alexandre assim que me sentei, Diego ainda estava ao nosso lado, tecando no celular.

– Clara te vejo novamente mais tarde, e se você cansar da conversa desse velhote me avise, eu venho te salvar. – Diego alfinetou seu irmão antes de sair do restaurante.

– Eu não sou velho. – Alexandre tratou rápido de responder.

– Claro mano. Você só está um pouco antiquado. – Diego partiu e eu não consegui segurar minha risada, Alexandre me olhou. E ele não estava contente.

– Então a senhorita está rindo de mim? – ele perguntou sério.

– Desculpe Alexandre. Eu achei engraçado você e seu irmão juntos, tenho a impressão que vocês se dão muito bem. – Respondi tentando abafar o meu sorriso.

– Sim! Nossa relação é muito boa, desde que ele não pegue o que é meu. – Engasguei com meu café quase o derrubando na minha camisa.

“Como assim seu? Ele estava falando de mim? *Longe disso senhor. Não sou sua e nem de ninguém. Sou potranca solta no mundo.*”

Terminamos nosso café e graças aos céus Alexandre se comportou, assim minha camisa saiu intacta daquele almoço. Só não podia dizer o mesmo da minha calcinha. Acho que, enquanto trabalhar na Ferraz eu teria um sério caso de calcinhas molhadas para resolver, melhor eu deixar um estoque delas caso necessitasse.

Voltamos para o escritório e durante toda a tarde eu analisei o processo que Alexandre havia separado. Dediquei-me a fazer as devidas anotações. E no fim da tarde eu passei pelo luxuoso banheiro da Ferraz e fiz uma bela higiene pessoal antes de sair. Não! Eu não pretendia transar com alguém, mas uma garota devia estar sempre preparada, limpa e cheirosa. Soltei os meus cabelos e passei um brilho labial.

Despedi-me da Ana, pois os outros estagiários já havia ido embora. Eu me empolguei tanto com o caso, que nem vi a hora passar. Provavelmente seria assim todos os dias. Estava muito feliz em aprender a prática jurídica naquele escritório, e sugaria tudo o que pudesse do Alexandre. Falando em sugar, pensamentos impertinentes voltaram a rondar minha cabeça. Peguei um táxi na porta do prédio e fui direto para o barzinho onde combinei de me encontrar com minha amiga Laís.

Já eram sete horas e nada da minha amiga. Quando escutei o som do assovio por cima da música notei uma mensagem no *WhatsApp*. Era dela. A mensagem dizia que ela não poderia aparecer. A mãe ficou no plantão de emergência e ela cuidaria do irmão. Eu respondi que perdoava porque adorava a mãe dela. Digitei algumas letras de despedida e coloquei o celular de volta na minha bolsa.

Além da Prí. Laís era uma das minhas melhores amigas, sua mãe era enfermeira em um hospital público da cidade. Ela ficou grávida de um canalha, e ele a abandonou assim que soube do bebê. Desde então Laís fazia das tripas coração para terminar a faculdade de arquitetura e cuidar do seu irmão de dois anos, enquanto sua mãe trabalhava. Enquanto tomava minha cerveja, um arrepio percorreu a minha pele e notei o vulto de alguém sentando ao meu lado.

Alexandre! O próprio! Em carne, osso e muitos músculos.

Então Clara, seu primeiro dia de estágio foi tão ruim assim? Está bebendo para esquecer o quão chato é o seu chefe? – Ele perguntou de maneira despojada, e sorriu. Mas seu sorriso não era puro como o do Diego, era carregado de malícia. Acredite em mim não era pouca.

– Mais ou menos isso. – eu brinquei. – Na verdade combinei com uma amiga, mas ela furou, então estou terminando minha “Bud” e já vou indo para casa. – Respondi da mesma forma.

Alexandre cruzou os braços sobre o balcão e fiz sinal para o garçom se aproximar.

– Já que está aqui e eu estou aqui, vamos beber mais algumas. – Ele me convidou e eu assenti concordando com ele. Que mal faria umas cervejas? Não era como se eu fosse transar com ele no banheiro feminino.

– Vamos brindar a que? – Perguntei levantando a minha garrafa para tocar na dele.

Ferraz me olhou e seus olhos refletiam um brilho diferente. Senti-me desconfortável pela intensidade do seu olhar.

– As garotas que preferem o lobo mau. – ele disse com a voz mais sexy possível, eu tremi e juro! Minha calcinha molhou. A segunda do dia.

“Droga! Definitivamente terei que fazer um estoque.”

– Ok! – Foi à única coisa que eu consegui dizer sem parecer uma completa demente.

A conversa de Alexandre era bem agradável, não consegui deixar de compará-lo com seu irmão novamente, ele não era engraçado e leve como Diego. Apesar de tudo, a conversa fluiu tão bem. Quando olhei no relógio já havia se passado duas horas e o álcool realmente começava a fazer efeito. Notei a mudança no barzinho, casais e grupos se juntavam na pista de dança ao som de uma música pop.

– Vamos dançar? – Alexandre me estendeu a mão e eu fiquei surpresa com o seu convite. Ele notou minha preocupação, mas não desistiu. – Vamos lá, não tem ninguém do escritório aqui. Você está segura. Eu prometo. – Concluiu tentando me convencer.

– Claro. Eu amo essa música. – Assenti me levantando e segurando em sua mão. Foda-se, eu nunca liguei para o que as pessoas dizem mesmo.

A voz da Rihanna estava em todo o ambiente, o Dj deu uma mixada legal na música Diamonds e eu adorei o arranjo.

“Você é uma estrela cadente, eu vejo.”

Uma visão do êxtase.

Quando você me segura, sinto-me viva.

Somos como diamantes no céu.”

Depois de três músicas paramos para buscar mais uma bebida, eu estava no meu limite, então eu disse para Alexandre que seria a última, ele concordou, mas colocou um sorriso predador no rosto.

Voltamos para a pista de dança e comecei a me liberar um pouco mais. Eu queria me comportar mas a música não ajudou. Bruno Mars cantava “Gorilas” e eu já estava perdendo o meu juízo.

“Mas nessa selva você não pode fugir

Porque o que eu tenho para você

Eu prometo é matador, você vai explodir em meu peito.

Bangue, banguê, gorila!

Você e eu amor, fazendo amor como gorilas!”

Não sei se foi influência do álcool ou da intimidade que se formou entre Alexandre e eu, mas meus movimentos se tornavam um pouco mais sexy. Estava de costa para ele quando senti sua mão na minha cintura, ele ainda não havia me tocado até aquele momento.

Quando ele se encaixou em mim eu senti seu tórax musculoso pressionando as minhas costas, porém fiquei mais me impressionada em sentir seu pau totalmente duro contra o meu bumbum. Ele me queria! Agora não teria mais como negar! *“Vem para mamãe vem!”*

Após sentir a excitação do Alexandre, meu corpo tomou ainda mais conhecimento dele, meus seios começaram a doer e juntei as minhas pernas enquanto dançava, pois meu clitóris estava praticamente gritando: *“ME LAMBE! ME LAMBE!”*

Era oficial eu precisava transar.

De repente, e com um único movimento Alexandre me virou para e eu olhei diretamente para ele. Minha altura e o tamanho dos meus saltos me ajudaram a ficar no mesmo nível dos seus olhos. Passei os braços em seu pescoço e me perdi naqueles dois lagos azuis. Foi quando ele abaixou um pouco a cabeça e... Oh céus, ele ia me beijar. *“Vem... Vem... Vem quente que eu estou fervendo gostosão.”* Mas então Alexandre inclinou a cabeça para o lado e beijou bem de leve meu pescoço. Sua voz grave sussurrou no meu ouvido me fazendo tremer da cabeça aos pés.

– Há quanto tempo você não tem uma boa noite de sexo Clara? – Engasguei e quase tive uma síncope no meio da pista de dança com sua pergunta.

– Muito tempo. – Eu soltei sem pensar duas vezes, - Desde que voltei para o Brasil não tive tempo livre para algo mais concreto. – Completei. – Mas posso saber o motivo da sua pergunta indiscreta?

Em nenhum momento Alexandre parou de me olhar ou de dançar, nossos corpos se moviam através da música e eu amaldiçoei o Bruno Mars com toda a força do meu coração. Alexandre deve estar de conluio com o Dj. Me certificaria em nunca mais confiar em um advogado com tesão.

Naquele momento eu não me lembrava mais de onde eu estava, ou do bolo que levei da minha amiga. Era só eu, Alexandre e os malditos gorilas.

– Querida! Você tem certeza que não sabe o motivo da minha pergunta? – Ele sussurrou no meu ouvido, fazendo minha pele se arrepiar.

Alexandre puxou todo o meu cabelo para o lado, facilitando seu acesso ao meu pescoço. Ele distribuía beijos ao longo da minha clavícula até minha orelha enquanto falava, sua voz me deixava grogue e seu cheiro de perfume importado misturado com sua própria essência estava me enfeitiçando. Não conseguia responder suas perguntas, da minha boca só saía gemidos.

– Seu corpo responde a cada toque do meu como se fosse gozar aqui mesmo na pista de dança, e só consigo me imaginar chupando seus deliciosos seios que estão tão durinhos para mim. Não vejo a hora de te preencher todinha. – Morri com aquelas palavras.

JESUS, MARIA E JOSÉ!!!! Ele tem a boca suja. Humm adoro homem boca suja. Fiz questão de encostar ainda mais, para que ele pudesse sentir o bico dos meus seios, pressionado contra seu tórax. Cheguei bem perto do seu ouvido com direito até a uma lambidinha.

– Pode ser! O senhor tem alguma solução para mim Dr. Ferraz? – Disse soando o mais sexy possível. Terminei de dizer seu nome e algo me atingiu como uma batida de trem. Sua boca! Nossa que beijo! Sua língua me invadia de forma dura e sem nenhuma paciência, e explorava cada pedaço dentro de mim. Seu beijo era animal e minutos depois quando se afastou, nos estávamos totalmente sem fôlego.

– UAU! – Foi a única coisa que o meu cérebro processou e minha boca conseguiu dizer. Alexandre soltava um sorrisinho perverso de menino levado querendo aprontar.

– Menina Clara – ele disse passando o polegar pelo meu rosto – vamos fazer um trato. Eu passei o dia inteiro pensando em te jogar em cima da minha mesa e te foder ate suas pernas ficarem bambas. Como agora eu sei o que você precisa. Um belo pau grande e grosso, estamos resolvidos. Eu fodo você a noite toda até te tirar do meu sistema e te prometo a porra dos melhores orgasmos de toda sua vida. – Enquanto falava, seus olhos percorriam todo o meu corpo. – Segunda-feira tudo vai voltar ao normal. Você trabalha para mim, ninguém fica sabendo de nada e você ainda vai se lembrar do melhor sexo que já teve. – Concluiu de forma presunçosa.

– Talvez se eu aceitar, também será o melhor sexo da sua vida. – disse para rebater sua audácia. Então ele saiu me arrastando para a saída de emergência nos fundos do bar – Veremos menina. Veremos.

Ferraz

Quando estava saindo do escritório ouvi Clara combinar com uma amiga de irem a um bar próximo da empresa. Quando me toquei já estava sentado em um banco do mesmo bar tomando minha cerveja de sempre, conhecia o dono. John era meu amigo e vira e mexe eu estava sempre ali.

Quando eu a vi chegar, meu sangue ferveu, Ela estava com a mesma roupa do escritório, porém havia passado um batom rosa nos lábios e os cabelos estavam soltos. Esse cabelo era o sonho de todo homem, grande, quase chegava à sua cintura, era de uma cor clara, mas não loiro, descia por suas costas de forma lisa ate terminar em vários cachos na ponta. Imediatamente me imaginei os puxando enquanto a fodia de quatro.

Esperei um bom tempo, nunca deixando de olhá-la. Vários homens já haviam notado a menina e seria uma questão de tempo para algum deles avançar.

Olhei para o relógio e já eram sete horas, Clara estava encarando o celular e trocava mensagens com alguém. Fiquei imaginando se ela estava aguardando alguém.

Havia visto dois homens passarem por mim indo em direção ao banheiro. Mas antes eu ouvi um deles dizer que cairia matando em cima da morena de camisa branca. Se era Clara eu não sabia, mas não ia esperar ele voltar para descobrir. Sem pensar duas vezes deslizei para o seu lado e engatei uma conversa; a conversa rendeu, porque logo estava eu, lutando para chegar ao escritório do John com as belas pernas da Clara enroladas em torno da minha cintura.

– Tem certeza de que é seguro Alexandre? Eu preciso desse estágio. – Ela perguntou preocupada, mas não deixava de me beijar.

– Claro menina! Além do mais eu sou o chefe, então tenho tudo no controle. – Tentei acalmá-la.

Passei pela porta e a tranquei. Coloquei Clara em uma poltrona.

– Agora fica aí nesse sofá. Eu vou te mostrar o que é ter um homem de verdade no meio das suas pernas. – Eu ordenei e ela soltou um suspiro concordando.

– Então Dr. Ferraz onde exatamente o Senhor me deseja? – Clara perguntou me provocando.

Continuava de pé a observando e sentia toda a adrenalina da noite tomar conta do meu corpo.

– Deite no sofá, encoste se para trás, abra as pernas porque eu vou lhe fazer muito bem, e depois que você gozar bem gostoso na minha boca, eu vou te comer de forma intensa e inesquecível. – Minha voz saia sem pausa, demonstrando a urgência em possuí-la.

A maldita deitou no sofá, mas não antes de abrir os botões de sua camisa e me deixar ver seus seios maravilhosos, mal cobertos por um sutiã branco de renda. A danada ainda ficou atijando os mamilos para me provocar.

– Querida você não deveria brincar com fogo. – eu a adverti.

Tirei minha camisa rapidamente, os dois últimos botões voaram longe. Minha calça social apresentava um grande volume. Sabe aquela coisa de filme pornô? Do tipo o cara nunca usa cueca para que seu pau pareça cinco vezes maior? Pois é, mas comigo foi um pouco diferente, pois eu usava cueca e mesmo assim meu pau parecia ter cinco vezes o seu tamanho. Tirei as calças ficando somente com minha boxer preta.

Abaixei lentamente, nunca desviando os olhos daquela menina, beijei sua boca deliciosa, e fui descendo até o seu pescoço, OS gemidos de Clara, pareciam súplicas e aquilo estava me enlouquecendo. Continuei com os beijos no seu pescoço, sentindo o seu aroma glorioso, quando Clara sussurrou com a voz cortada.

– Gostaria de adverti-lo que a nossa brincadeirinha na pista de dança me deixou muito excitada. Temo pela minha calcinha. – Aquela revelação me deixou louco, arranquei seu sutiã de forma grosseira e dei uma boa olhada nos seus seios lindos e durinhos. Estes apontavam diretamente para mim. Eles iriam ter que esperar mais um pouco.

Fiquei de joelhos tirei sua calça. – Não acredito em você menina, então vou conferir eu mesmo. – Tirei sua calcinha com brutalidade, assim como fiz com o sutiã. Se ela gostava de lobo mau, eu vou ser o que ela quer. Quando abri suas pernas e olhei aquela bucetinha rosa, pronta para mim, eu quase enfartei. Passei meus dedos por suas dobras, e ela realmente não estava mentindo, estava tão molhada, tão pronta.

Fiquei um tempo assim, olhando para uma das maravilhas do mundo, enquanto passava o dedo por sua entrada. Clara se contorcia mais que as artistas do Circo de Soleil.

– Alexandre você vai ficar aí me alisando ou vai me fazer gozar? – Questionou impaciente.

– Calma querida! Estou só admirando! – expliquei. – Passei o dia inteiro imaginando como seria essa sua bucetinha, e agora posso dizer que nunca vi nada igual, você tem uma bela buceta menina, você sabia disso? – Provoquei, enquanto brincava com o dedo indicador na entrada do seu sexo. Clara cada vez soltava mais gemidos, e meu pau já estava doendo pedindo para se libertar.

– Sabe o que eu imaginei também? – Retirei o dedo e ela resmungou um palavrão. – Se o seu gosto era bom? – Dizendo isso eu coloquei o dedo indicador na boca e chupei encarando seus olhos. Recebi de volta um olhar de pura luxúria. Minha menina realmente sabia desfrutar do prazer que estava recebendo.

– Hummmm... – gemi, saboreando. – Delicioso, como eu imaginei.

– Mas agora... – fui descendo o dedo novamente até chegar a sua entrada – Eu vou realizar o seu desejo. – Soquei o dedo bem no fundo da sua buceta, e Clara soltou um grito que poderia ter nos denunciado se eu não tivesse deixado John ciente sobre usar o escritório. – Gosta disso menina?

Meu dedo enterrado em sua pequena buceta? – Continuei minhas provocações.

Clara gemia e pedia mais. Meu pau gritava socorro enquanto eu a estocava. Mas então a consciência de que ela não transava há muito tempo me bateu, fazendo com que eu buscasse o prazer dela primeiro. Pedi silenciosamente para meu pau aguentar um pouco mais. Foi difícil. Mas essa noite pertencia a ela. Tudo para ela.

Ouvi Clara gemer mais alto. Ela estava chegando. Mas não antes de mostrar a ela a boca grande do lobo.

– Menina Clara você ainda não vai gozar. – ela me olhou como se quisesse me matar ali mesmo naquele sofá.

– Querida não se preocupe você vai gozar, mas quero você gozando na minha boca, vou te mostrar por que tenho essa boca tão grande. – Expliquei a ela e antes que ela pudesse falar alguma coisa, eu caí de boca na sua buceta, alcancei ambos os seus seios e comecei a apertar os mamilos enquanto lambia toda sua entrada. Clara realmente já estava perto do orgasmo, pois seu corpo começou a tremer. Deixei um de seus seios e com o dedo a penetrei novamente nunca deixando seu clitóris, enquanto eu chupava e lambia aquele ponto sensível, a única coisa que me vinha à cabeça era a vontade de dar prazer a essa menina. Como ela era gostosa.

– Estou quase Alê, continue me chupando. *Oh God! Don't Stop*. Foi a primeira vez que ela usou meu apelido, eu não sei do que eu gostava mais, do meu nome ou do meu apelido saindo daquela boquinha linda. Clara arqueou o corpo e eu a segurei mais forte. Ela puxou meus cabelos como se quisesse enfiar minha cabeça dentro da sua buceta, me prendeu com suas pernas colocando as cruzadas atrás do meu pescoço. Estava quase gozando em minhas calças somente por vê lá tão entregue a mim. Senti sua buceta se contraindo com meu dedo dentro. Putz como ela era apertada.

– Olhe para mim Clara, não desvie o olhar. –Ordenei. – Quero ver seus olhos, enquanto faço você chegar ao céu. – Ela se ajeitou um pouco mais no sofá para que pudesse me olhar. Introduzi um segundo dedo e chupei duro seu clitóris. Então ela gritou meu nome.

– Oh... Oh.. Alexandre...

Clara

PUTA QUE PARIU!!! Não sei se foi pelos meses sem sexo real – digo isso porque claro, meu vibrador sempre estava comigo, junto aos vídeos do Manuel Ferrara, para me dar uma forcinha – mas, aquele orgasmo foi alucinante, realmente Alexandre sabia falar árabe. O que esse homem fez com a língua não estava no gibi. Ele ainda estava de joelhos com os dedos dentro da minha buceta. Retirou lentamente e achei que iria lambê-los como havia feito antes, mas me surpreendendo ele se levantou, distribuindo beijos em todo o meu corpo, me deu um beijo de arrancar suspiros e levou os seus dedos para dentro da minha boca.

– Prove-se. – ele disse em um tom rouco. – Sinta seu gosto. É uma maravilha. – Completou.

Sem hesitar eu chupei e lambi seus dedos, porém comecei a fazer uns movimentos mais longos, colocando fundo, até eles estarem completamente em minha boca.

– Eu amo sexo oral. Adoro receber como também adoro fazer. – Alexandre abriu um sorriso como se tivesse ganhado na mega-sena e seus dedos começaram a acariciar o meu cabelo. Troquei de lugar com ele e o deixei sentar no sofá. Comecei a beijar aquele corpo maravilhoso que Deus fez. Quando cheguei ao seu abdômen, encarei aquele V perfeito. Senhor aquilo não era um V, era um alfabeto inteiro. Alexandre realmente era um homem muito lindo. Lindo e Grande. Quando cheguei a sua cueca notei o quão bem dotado ele era, nada muito exagerado, mas devia ser um orgulho e tanto para ele.

– Isso tudo é para mim? – Perguntei, acariciando seu belo pau por cima da cueca.

– Menina hoje eu sou todo seu. – ele me deu o consentimento necessário. Tirei seu pau para fora e dei uma leve lambida em torno dele. Não querendo me gabar, mas sexo oral era o meu forte. Novamente agradei ao Manuel Ferrara.

– Não tire os olhos de mim Dr. Ferraz. – Falei enquanto acariciava seu membro. – Quero ver seus olhos enquanto te engulo inteiro e quero sentir sua reação quando seu pau tocar o fundo da minha garganta.

Alexandre ficou surpreso com meu pedido, acho que ele não esperava uma amante tão desinibida como eu. Sexo é prazer e se me dá prazer não pode me trazer vergonha.

Suas mãos levantaram meu cabelo e eu lambi toda a extensão do seu pau, fazendo questão de umedecê-lo com minha saliva. Alê começou a suspirar e a movimentar seu quadril. Engoli tudo e ele rosnou – Puta... Que... Pariu... – ele gemeu alto.

Continuei com ele todo na boca, porém passei a sugá-lo e quanto mais seu pau entrava e saía, mais o ele gemia. Passei os dentes de leve para não machucá-lo.

– Menina você tem uma boca feita para chupar... –ele hesitou um pouco, mas depois completou –...meu pau.

Quando senti que ele estava quase chegando ao clímax eu tirei minha boca dele que imediatamente reclamou.

– Não para. – Disse com frustrado.

– Calma Dr.. O senhor está em boas mãos.. E boca... – acrescentei dando-lhe uma piscadinha.

Com as mãos coloquei o seu pau totalmente em sentido vertical, me agachei um pouco mais até que minha boca alcançasse suas bolas. Senti o Alexandre estremecer. Comecei a chupar suas bolas ao mesmo tempo em que trabalhava em seu pau com as duas mãos, uma na base e outra logo acima, encaixando assim em todo o seu comprimento. Nunca vi um homem pirar tanto, ele realmente estava precisando de um bom sexo oral. Quando ele começou a gemer mais alto,

percebi que todo o seu corpo tremia e suas bolas inchavam em minha boca. Ele vai gozar. Alexandre deu uma batidinha no ombro – um sinal universal do clímax – larguei suas bolas somente o tempo para perguntar, onde ele queria. Alê sorriu amplamente com minhas palavras.

– Seios! – Foi à única palavra que ele conseguiu responder. Dirigi seu pau rapidamente para o vale entre os meus seios, quando o Alexandre gozou intensamente, fazendo questão de conduzir seu pau provocando meus mamilos e me deixando ainda mais excitada.

– Descansa um pouco, preciso me recuperar. – ele me pediu me colocando de volta no sofá e decepção me atingiu. Cacete!!! Eu sabia que o cara não era nenhum super herói, para segurar uma ereção depois de uma gozada daquela, mas eu já estava pronta para sentir aquilo tudo dentro de mim.

Alexandre foi ao banheiro e voltou com uma toalha.

– Posso te limpar ou você mesma faz isso? – Me perguntou com um brilho de satisfação nos olhos. – Eu adoraria ter esse prazer, mas sei como algumas mulheres realmente se sentem envergonhadas.

Fiquei pensando o quanto aquelas palavras não combinava comigo.

– Dr. O senhor já deveria saber! Eu não tenho esse bichinho passeando no meu rosto. – afirmei divertida.

Alê ainda estava de pé em minha frente, totalmente nu.

–Que bichinho? – Ele perguntou confuso.

– O da vergonha. – Expliquei e Alexandre soltou uma gargalhada magnífica. Abri minhas pernas ficando escancarada para aquele deus grego.

–Você é muito gostosa! – Ele disse, enquanto me limpava e quando se levantou, notei sua ereção ganhando forma, altura e largura.

– Bom acho que seu pequeno Hulk, – aponte para o seu membro – não precisa mais de descanso. Ele olhou em meus olhos e um sorriso malicioso atravessou seu rosto.

– É Você quem me deixa assim sua safadinha. – Alexandre me advertiu e pegou sua calça no chão tirando dela uma camisinha, rolou o preservativo pelo seu magnífico pau, totalmente duro.

– O que você quer Clara? – perguntou levando sua ereção para a entrada da minha buceta. – Responde – ele falou em um tom mais alto quando não obteve resposta.

– Você! Quero seu pau dentro de mim. Agora! – Confirmei com palavras o que meu corpo pedia. Alexandre bradou um palavrão, quando eu o senti em um único golpe. Duro e rápido, assim como eu gosto.

– Porra, você é tão apertada. Sua bela buceta está me engolindo todo. Foda-se. Isso é tão bom. – Suas palavras sujas me excitavam ainda mais.

– Mais rápido Alê, eu preciso de rápido. – Supliquei por mais sem saber se conseguiria aguentar. Alexandre bufava como um touro. E juro, se fosse possível sairia fumaça de suas narinas. Ele colocou minhas pernas uma de cada lado de seu ombro e aquela posição o levou mais fundo dentro de mim.

– Merda Alexandre, se você for mais fundo vou te sentir na minha garganta. – Minha voz falhava com seus movimentos.

– Não era isso que você queria menina, sexo, quente, suado e duro? Eu estou aqui para te satisfazer. – Suas palavras eram tão poderosas quanto os seus movimentos.

Senti o orgasmo se construindo no meu interior, então levei a mão para alcançar o meu clitóris. Por mais que eu estivesse muito excitada, pouquíssimas mulheres conseguem um orgasmo somente com o movimento do pênis, e eu infelizmente não nasci com esse privilégio, precisava de estimulação. Quando cheguei ao meu ponto sensível Alexandre agarrou meu pulso com uma das mãos e me impediu.

– Menina, em outro dia você poderá se masturbar para mim, mas hoje somente eu serei a razão do seu prazer. – Ele disse e eu imediatamente me recolhi, mas não deixei de analisar suas palavras. Outro dia! Como assim? Segundos depois, eu já não pensava em mais nada, pois Alexandre começou a friccionar meu clitóris com os dedos, me fazendo contorcer com seu pênis no meu interior.

– Goza menina! Goza com meu pau enterrado em você. – Ele ordenou com a voz sexy.

– Ohhh Merda!!!! – Meu corpo convulsionou e pela segunda vez naquele dia, me derreti nos braços do Dr. Ferraz. Com mais algumas estocadas, senti que ele também estava chegando ao êxtase.

– Dê tudo para mim Alê, minha buceta hoje é toda sua. Goza gostoso. – Repeti o pedido que ela havia me feito.

– Droga vadiazinha. Eu vou gozar. Delícia. – Alê rosnou e eu senti o momento exato do seu gozo, enfiando bem fundo em mim.

– Você será minha perdição menina. – Disse após me dar um longo beijo.

Clara

Já eram quase duas da manhã. Nós estávamos completamente vestidos, ele insistiu em me deixar em casa, mas eu preferi pegar um táxi e ir sozinha.

Cheguei a minha casa por volta das três da manhã, tomei um banho e me espreguicei em minha cama. Adormeci rapidamente. Mas infelizmente meu inconsciente não concordava com meu corpo.

“Por que isso aconteceu comigo? Deus, por favor, me diz se isso é um castigo? Esse caixão, essas flores, nada disso era para estar aqui. Foi tudo minha culpa”.

Acordei sobressaltada, há tempos não sonhava com aquilo, olhei no relógio, quase dez da manhã. Dane-se o mundo. Virei-me na cama e voltei a dormir.

Quando acordei novamente o relógio já estava marcando onze horas. Infelizmente precisava me levantar. Não que meu corpo não quisesse mais umas duas horas de sono. Mas a fome bateu, e entre mais um pouco de sono e matar minha fome, meu estômago venceu a guerra interna entre meus órgãos. Preparei um almoço simples; frango grelhado, salada e um suco de laranja. Após terminar minha refeição, liguei para Laís e a chamei para um passeio no Shopping e talvez pegar um cinema mais tarde. Estava estreando um filme com o Henry Cavill, e assim que ela ouviu o nome dele, se animou rapidamente.

– Henry Cavill? Estou dentro! Ele me pegava fácil. – Brincou divertida.

– Vai sonhando “Alice”! – A chamei por um apelido que se referia a “Alice no país das Maravilhas”, para dizer que ela estava sonhando alto demais.

Pude ouvir a risada da Laís mais uma vez.

– Fala sério amiga sonhar não paga imposto né! Me pega as seis?

Deixei o horário combinado com a Laís e passei a tarde revezando entre fazer alguns trabalhos da faculdade e dar uma ajeitada na minha casa. Morar sozinha era uma maravilha. Amo minha privacidade, mas sentia falta das mordomias de morar com a mamãe.

Aprontei-me para o shopping. Nada muito extravagante, saia jeans curta, camiseta com estampa da Jack Daniels e uma sapatilha no pé, um rabo de cavalo na cabeça, minhas madeixas aderiram á onda de protestos no Brasil, via perfeitamente meus fios com plaquinhas e cartazes:

“Não Pertença a este corpo”. “Revolta Já”. “Todos para cima”. Ou seja, cabelo solto nem a pau Juvenal.

Peguei meu carro, um modelo popular e vinte minutos depois, Laís já estava pulando no lado do passageiro, essa minha amiga tinha uma alegria de viver que me dava gosto, por isso nos dávamos tão bem.

– E aí gata tudo bem? – Laís me saudou com a intimidade que só melhores amigas compartilhavam.

Dei partida no carro e antes de sair do estacionamento eu a repreendi.

– Claro, tirando o fato de ser abandonada em um bar sozinha, ter pesadelos quase à noite toda e ainda se obrigada a fazer serviços domésticos em pleno sábado. Estou ótima. – Usei de sarcasmo para provocá-la.

– Já me desculpei amiga. – Laís fez beicinho como se tivesse cinco anos.

– Eu sei lindinha, estou só te torturando um pouco. – a deixei saber que não estava brava.

Ela ligou o DVD do carro e colocou Capital Inicial para rodar, amávamos essa banda e logo a música soou nos alto-falantes, enquanto eu me dirigia para o shopping. Sem perder tempo cantamos juntas.

Eu já não tenho escolha

Eu participo do seu jogo

É tão certo quanto calor do fogo

É tão certo quanto calor do fogo

Fogo - Capital Inicial

– Devíamos nos escrever no The Voice Brasil. – Laís disse séria e dessa vez quem soltou uma boa gargalhada foi eu.

– Querida você sabia que o Daniel, Claudinha Leite, Lulu Santos e Carlinhos Brow são ícones da música brasileira, certo? Tipo assim os melhores no que fazem? – Perguntei e ela me olhou desapontada.

– Claro né amiga sou loira, mas não sou burra. – Respondeu um pouco chateada.

– Então lindinha, nós duas cantando no *The Voice Brasil* iria traumatizá-los. Os pobres nunca mais conseguiriam ouvir uma música novamente. – Expliquei tentando soar razoável.

– Credo Clarinha. – Laís tentou manter uma postura de zangada, mas acabou cedendo e entrou na brincadeira.

– Verdade né, eles precisam dos seus tímpanos para viver. – Concordei comigo. – Mas agora mudando de assunto, como terminou sua noite ontem? Você foi direto para casa ou rebocou algum gatinho para sua cama? – Questionou curiosa e eu fiquei sem uma resposta. Nesse momento meu rosto deve ter transmitido mais informações, pois ela me olhou do jeito, *“desembucha Clara, eu sei que você transou, sé me resta saber quem”*.

– Hmm... Eu saí com um gatinho, mas nada de mais, só uns beijinhos e uns amasso no carro. E você está cansada de saber. Eu nunca levo ninguém para a minha casa.

Não foi falta de confiança em minha melhor amiga, mas justamente por ela ser minha melhor amiga e tenho consciência de que quando ela está bêbada a “torneirinha” que filtra os

pensamentos até sua boca não funciona. Ela acaba despejando todos os seus pensamentos. Minha noite ardente de sexo com o Ferraz não precisava vir à tona no primeiro porre de Laís. Estacionei o carro e fomos direto comprar as entradas para o cinema, tentei escolher os melhores assentos disponíveis, pois a sala já estava quase cheia. Laís não me fez mais nenhuma pergunta a respeito do meu “*ficante*” da noite passada e eu agradeci por isso. Quase duas horas depois, o filme acabou e ainda era possível ouvir os suspiros femininos pelo Henry e os resmungos masculinos por tanta histeria pelo homem na tela em 3D. O resto da noite transcorreu muito bem, jantamos comida japonesa, fizemos compras e é obvio, aumentei minha coleção de livros. Soltamos ótimas gargalhadas e depois a deixei em casa, e fui para minha humilde residência. Alguns colegas da faculdade me ligaram para cair na noite, mas eu recusei, precisava descansar um pouco. Deitei em minha cama e logo peguei no sono.

Oh.. Dr. Ferraz...Assim ... Mais fundo... Não tenha pena... Me dê tudo...

Acordei no meio da madrugada, suada, com a calcinha molhada e com pensamentos do meu chefe me inclinando sobre sua mesa e metendo fundo em mim sem dó e nem piedade.

Estou perdendo o meu juízo! Ok! Maria Clara, seja racional, foi só uma noite e não vai voltar a acontecer. Agora seja uma boa menina e volte a dormir, sem pensar naquele abdômen sarado e aquelas coxas grossas, aquela boca maravilhosa com uma língua de matar, sem falar naquele pau enorme, totalmente duro e... SOCORROOO.

– Banho frio agora. – murmurei enquanto caminhava para o banheiro, mas pensei melhor, voltei e abri minha última gaveta, retirando um dos meus brinquedinhos lá de dentro.

– Vamos lá Dr. Faça o seu serviço direitinho. – Disse assim que o peguei em minhas mãos.

Trinta minutos depois estava pronta para voltar a dormir. Meu brinquedo nunca me deixava na mão, e como diz o ditado:

“Se o cachorro é o melhor amigo do homem. O vibrador é o melhor amigo da mulher”.

Ferraz

É obvio que não admitiria para aquela menina convencida, mas o sexo com a Clara foi além de maravilhoso, foi um dos melhores. Foda-se! A menina sabia como fazer. Céus, foder sua boca foi uma das melhores coisas que já fiz na vida.

Passei todo o sábado pensando nela, coisa anormal, concordei que seria uma única noite. Mas eu seria um filho da puta se não tentasse transar com ela novamente. Almocei com Diego em uma churrascaria e graça aos bons anjos ele não tocou no nome da Clara. Precisava dar rumo jeito de manter meu irmãozinho afastado sem revelar meu caso com ela.

Trabalhei em alguns processos em casa, quer dizer, tentei trabalhar. Não tive muito sucesso no quesito concentração.

Enquanto eu estava imerso nos meus pensamentos meu celular tocava sem parar.

– *Fala Brunão, o que você manda companheiro?* – disse assim que atendi.

– *Balada hoje. Topa?* – Recebi o convite e fiquei pensativo.

Nunca perdia uma balada com os caras, mas não estava nenhum um pouco animado para encarar uma maratona de cerveja e mulher. Bruno, um amigo meu e também colega de profissão recebeu meu silêncio com espanto.

– *Que isso camarada? Está doente? Hoje é sábado. Você nunca recusa uma boa noitada.* – estava tão espantado com minha atitude como ele. Tentei explicar a necessidade de descanso, mas não adiantou.

– Alexandre, você pode fazer o que quiser, mas fica longe de mim antes que esse troço me contagie também. – Ele disse divertido e rindo da nossa conversa nos despedimos. Por volta das dez horas a pizza que eu pedi para o jantar havia chegou. Meu apartamento era bem espaçoso para apenas uma pessoa. Sempre gostei de conforto e por isso amava viver ali. Sentei na bancada da minha cozinha, abri um bom vinho, liguei meu sistema de som e coloquei uma seleção de MPB para tocar. Djavan soava ao fundo enquanto eu fazia minha modesta refeição. Apesar de gostar de conforto eu sabia aproveitar os pequenos prazeres da vida.

Teus sinais

Me confundem da cabeça aos pés,

Mas por dentro eu te devoro.

Teu olhar

Não me diz exato quem tu és

Mesmo assim eu te devoro.

Eu Te Devoro – Djavan

Não conseguia entender, mas a maldita da Clara rondava minha mente novamente. Tentei arrastar meus pensamentos para fora quando escutei uma batida na porta, considerando o horário e o fato do porteiro não ter anunciado ninguém, só poderia ser Diego.

– E aí mano, beleza?! – Diego pegou minha mão e bateu seu ombro ao meu, um cumprimento típico dos homens.

– Já jantou? Eu pedi pizza. – Perguntei a ele querendo ser educado, mas estava a fim de ficar um pouco sozinho. Diego parou no meio da sala e me olhou de um jeito estranho.

– Hoje é sábado, certo? – Ele perguntou e eu dei de ombros.

Caminhei de volta para o balcão e peguei novamente a minha taça.

– Até meia-noite. – Tentei soar divertido, mas sabia onde meu irmão queria chegar.

– Você está doente? Alguém morreu? Roubaram todo o seu dinheiro? – Seu tom sarcástico me fazia revirar os olhos.

– Não, não e não! – Respondi secamente. Já estava começando a me irritar.

Diego não parou de questionar o motivo para eu estar em casa em pleno sábado comendo pizza.

Expliquei da mesma forma que havia feito com Bruno. Minha voz deve ter saído um pouco mais dura porque Diego levantou as mãos em sinal de rendição.

– Calma mano! Não está mais aqui quem falou, você está muito esquisito. – ele me apontou o dedo indicador. – Deixa para lá, vamos mudar de assunto. Olha essa foto. – Diego me passou seu iPhone.

Era uma imagem do interior de uma sala de cinema, nela estava a Marcela, uma garota com quem meu irmão estava saindo ultimamente.

– Ok! É a Marcela, mas e daí? – Perguntei sem entender.

– Não é a Marcela mano, olhe para algumas cadeiras atrás dela. – Disse me entregando o celular novamente.

A foto devia ter sido tirada antes do filme começar, pois as luzes ainda estavam acesas. Algumas cadeiras atrás da Marcela estavam duas meninas, uma loira espetacular e outra com um sorriso, que desde ontem de manhã me mantinha louco.

– Clara? – perguntei ao Diego.

Não acreditei que ele a encontrou.

– Sim! – Respondeu com um sorriso de orelha a orelha. – Quando a vi também não acreditei na coincidência, mas acho que ela não me viu, melhor assim. – Ele disse naturalmente.

– Por que melhor assim? – Estava ainda mais confuso.

Diego me explicou, tentando me convencer de que se a Clara o visse com a Marcela, suas chances com ela acabariam. Aquilo me deixou muito nervoso e eu rebati suas palavras.

– Que chances? – já havia tomado metade da garrafa de vinho e não estava gostando nenhum um pouco do rumo daquela conversa.

– Alexandre, ou você realmente está doente ou se esqueceu de como usar seu cérebro para pensar. Estou falando das minhas chances em convencer Clara a ficar comigo. – Disse aumentando o tom de voz.

Bufei sem querer. Mas o Diego já estava me dando nos nervos.

– Você precisava ver Alê – ele insistiu em falar da minha menina – Ela estava linda, sorridente, descontraída, toda vez que o ator "sarado" do filme, aparecia na tela ela e sua amiga soltavam gritinhos excitados. Perdi totalmente o tesão na Marcela, saí do shopping deixei ela em casa e vim direto para cá. – Ele terminou e eu não contive minha raiva. Pois, ouvir Diego pronunciar as palavras Clara, gritinhos excitados e tesão na mesma frase me deixou furioso.

– Diego você precisa tirar a Clara da cabeça, essa história não vai acabar bem. – *“Vai acabar com você de olho roxo”* – pensei sem deixar Diego perceber minha frustração.

– Que seja! Sei o que eu faço. – ele me respondeu se levantando da cadeira. – Estou indo, se cuida mano.

Meu irmão se despediu e foi embora. Terminei meu vinho, tomei um banho e caí na cama. Ainda estava cedo para dormir, principalmente baseado na minha rotina diária, sempre dormia de madrugada, porém quanto mais tempo eu dormisse mais a segunda-feira se aproximava e com ela minha linda estagiária.

“E o que você quer de mim Dr. Ferraz?”

Clara entrou em minha sala e após trancar a porta caminhou lentamente na minha direção. A maldita estava de saia. Deliciosa!

“Eu quero que você apoie suas mãos sobre a mesa e vire essa bunda gostosa para cima, meu pau está duro e eu vou te comer agora do meu jeito, rápido e forte”.

Aquela descarada fez exatamente o que eu pedi, meu pau cresceu ainda mais ao ver aquele rabo no ar, doidinho para levar umas boas palmadas. Levantei sua saia até chegar à sua cintura e notei sua calcinha toda molhada.

“Porra vadia! Já está molhada? E essa saia? Veio preparada para me provocar sua bandida?”

“Sim” ela ofegou demonstrando todo o tesão que estava sentindo.

Abaixei minhas calças, coloquei um preservativo e arranquei sua calcinha, comecei a inclinar meu pau para dentro daquela abertura quente e úmida, enfiei bem fundo e ao sentir que estava completamente dentro dela permaneci imóvel, coleí meu corpo ao dela para que pudesse alcançar seu ouvido.

“Será que isso é uma fantasia sua? – sussurrei arrancando-lhe suspiros, mas ainda sem me mexer – Ser fodida pelo seu chefe, na sua mesa enquanto ele ainda usa terno e gravata?”.

“Sim... Mexa-se Alexandre... Me dê tudo... Quero sentir você.”

“Tão linda implorando pelo meu pau. É isso que você quer minha menina? Meu pau socando sua pequena buceta até suas pernas ficarem bambas? Então toma porra!!!

Comecei a bombear sem piedade e forte. Dentro. Fora. Dentro. Fora. Clara gemia e gritava meu nome. Seu prazer aumentando e me levando junto. Acelerei o ritmo das minhas estocadas enquanto sussurrava palavras eróticas para minha menina. A cada palavra, eu sentia o quanto Clara se arrepiava. Minha menina gosta de um homem boca suja. E eu vou adorar ser o que ela quer. Alcancei seu clitóris e comecei a fazer movimentos circulares com a mesma intensidade em que a fodia, ela começou a gemer mais alto e senti sua liberação chegando “Goza minha menina.”

Clara chamou meu nome enlouquecidamente, aquilo me deixou ainda com mais tesão, saber que eu fui a única fonte do seu prazer fez com que meu clímax se aproximasse mais rápido. Estava pronto para gozar.

“Oh Droga! Vou gozar!”

Acordei suando frio e com um pau duro e melado do meu próprio esperma nas mãos. Havia

gozado com um sonho.

– QUE PORRA ESTÁ ACONTECENDO COMIGO?!

Clara

Passei o domingo tentando entender o porquê de ter deixado Alexandre ficar sob minha pele daquela forma. Cheguei ao ponto de me tocar pensando nele. Conclui que; porque ele é lindo de morrer, gostoso, inteligente, carismático, sedutor, interessante. Ou seja, o sonho de consumo de toda mulher. Menos o eu! Não que ele não seja meu sonho de consumo, mas nos últimos anos eu deixei de sonhar, deixei de esperar algo bom da vida, passei a viver sem pensar no futuro. Voltar para a faculdade foi mais uma forma de tentar passar o tempo, até que o fim chegue. Não, eu não estou morrendo – quer dizer, não agora – mas um dia isso vai acontecer e eu pretendo estar preparada, não quero ninguém sofrendo por minha partida. A dor de perder alguém que se ama é insuportável e o estrago dentro da alma, nos acompanha por toda vida.

Acredite em mim, eu sei. Já passei por isso.

Acordar na segunda-feira foi fácil, pulei cedo da cama, me arrumei de uma forma mais básica. Deixei meu cabelo solto, coloquei uma calça social, um modelo um pouco mais largo, mais confortável, uma sapatilha no pé e camisa com um blazer. Caprichei na maquiagem, leve e que me deixava com um ar de sofisticada.

Cheguei ao escritório um pouco mais cedo, detestava me atrasar, mas no momento em que entrei na minha sala de trabalho minha vontade foi de voltar para casa.

– Bom dia Patrícia! – Cumprimentei, por obrigação, mas fui educada.

Ela me olhou por cima do seu espelho de mão e balançou a cabeça como forma de cumprimento. A puta estava passando o batom mais *vermelho biscate*.

– Você também gosta de chegar cedo? – Tentei emendar um assunto, mas estava difícil.

Ela assentiu com a cabeça novamente. Não sei por que ainda tentava puxar assunto com essa vadia. Ela não gosta de mim, a recíproca é a mesma, então vou deixar para lá. *Cada uma no seu quadrado*.

Caminhei em direção a minha mesa, quando ouvi sua voz.

– Fique longe do Alê! – Suas palavras me fizeram cravar os pés no chão. Virei-me lentamente para olhar bem na cara da loira oxigenada atrás de mim.

– Ora! Ora! Então ela fala! – Usei todo o meu sarcasmo. – Achei que tinha perdido a voz no fim de semana, embora ainda esteja avaliando se gostei de ouvir você, me parece mais como uma gralha em uma manhã de segunda. – Alfinetei.

– Não banque a espertinha, eu vi você almoçando com eles na sexta-feira. Fique Longe. – Disse em um tom de voz duro, tentando me ameaçar, mas causou o efeito contrário.

Essa louca estava totalmente fora da casinha, minha vontade era de jogar na cara dela o quanto o

Ferraz gostou de estar dentro de mim naquela mesma noite. Foi meu nome que ele gritou quando gozou, foi minha boca que estava engolindo seu pau até as bolas. Essas lembranças me fizeram sorrir. Ótimas lembranças por sinal.

– Está rindo do que sua sonsa? Quem avisa amiga é. – Aquela puta teve a coragem de colocar o dedo diante do meu rosto.

“Oh querida não faça isso, você não sabe do que sou capaz.”

– Acontece querida Patrícia – elevei meu tom de voz – que você não é minha amiga. Meu nível de relacionamento é mais elevado. – Olhei com desdém para ela. Não costumava humilhar as pessoas. Tinha amigos de todas as classes sociais, mas essa metida merecia um sacolejo para descer do seu mundinho cor de rosa.

– Fique fora do meu caminho – foi minha vez de ameaçá-la – Não é da sua conta com quem eu almoço ou deixo de almoçar.

Patrícia engoliu em seco com medo das minhas ameaças, mas não recuou.

– Ok! Basta manter as pernas fechadas. – Rebateu cinicamente.

Essa menina realmente era maluca, estava pronta para mandar outra resposta à altura, quando o meu Dr. Delícia apareceu na porta.

– Bom dia, meninas. – Ele disse com um sorriso de arrancar calcinhas.

– Bom dia Dr. Ferraz. – Patrícia bateu os cílios, soando melosa. Revirei os olhos, pois ela era tão previsível.

– Bom dia! – Tentei soar da maneira mais calma possível, mas a irritação pelas palavras daquela garota e a surpresa ao ver Ferraz mais lindo do que nunca, deve ter abalado minhas cordas vocais. Alexandre percebeu, pois ficou me olhando com uma cara de preocupado.

– Tudo bem com você Clara? Parece estranha – Ele me interrogava somente com o olhar. E Deus que olhos! Poderia me perder neles novamente.

Ainda de pé em sua frente eu passei as mãos pelos meus cabelos, tentando me acalmar. Respondi que estava apenas precisando de um café e Alexandre assentiu.

– Tudo certo então. – Afirmou. – Preciso de você em minha sala, de lá eu peço para Ana nos enviar um café, enquanto discutimos suas anotações de sexta feira. – Seu olhar sugeria que íamos discutir algo mais, além das minhas humildes anotações.

Nem morta eu vou deixar ele me constranger aqui. Essa não sou eu.

Concordei com ele e antes de sair fui até minha mesa e peguei meu “tablet” para fazer alguma anotação se necessário. Caminhei com um Alexandre muito gostoso na minha frente e de onde eu estava tinha uma visão privilegiada de seu bumbum. *Delícia! O que? Eu disse que não voltaria a transar com ele, mas não mencionei nada a respeito de não poder cobiçar seu belo traseiro.*

Antes de passar pela porta, me lembrei da “piriguete”. Olhei por cima do ombro e notei uma

Patrícia bufando de raiva, como não sou boba nem nada, joguei um beijinho no ar para provocá-la. Essa sim sou eu.

Alexandre seguiu na minha frente. Entramos, e eu percebi que ele não estava em sua mesa. Olhei ao redor e nada, confusa olhei para trás ao ouvir o barulho da porta trancando. Antes de esboçar qualquer reação. Alexandre já estava com a boca na minha, me devorando de uma forma animal. Sua mão foi passeando pelas minhas costas ate chegar a minha cintura. Ele me apertou contra seu corpo e eu pude sentir seu pau roçando meu quadril. Fui me entregando as carícias maravilhosas daquele homem. Então me dei conta de onde estava e com quem estava. Eita porra! O que está acontecendo aqui?

– Alexandre você ficou louco? O que está fazendo? – Disse com espantada e tentei me afastar dele. Alexandre ainda não parava de me tocar e meus esforços para afastá-lo não chegavam a lugar nenhum. O cara era uma parede de músculos.

– Tentando transar com você. – Disse em um sussurro. – Deus como eu queria sentir seu gosto novamente. Meu pau está tão duro, no momento em que me enterrar em sua buceta apertada serei capaz de gozar. – Ele completou e eu me arrepiei.

Alexandre era uma bagunça de braços e boca. Ele me apalpava em todos os lugares, sua boca distribuía beijos por todo o meu pescoço e eu comecei a sentir um calor insuportável.

– ALEXANDRE MENDES FERRAZ, PARE AGORA. – Gritei e fiquei com medo de ter nos denunciado. Ele me olhou como se não estivesse entendendo nada. Porra! Quem estava perdida nesse momento era eu.

– O que foi menina? Eu tranquei a porta, ninguém vai entrar aqui. – Ele falava, enquanto tentava me beijar novamente. Com dificuldade consegui me esquivar e me afastar dele.

– Alexandre o ponto não é esse. – Fiquei séria. Aqui é o nosso local de trabalho e devemos respeitá-lo. E mesmo se não fosse, e estivéssemos em outro lugar, nós combinamos que seria um caso de uma noite apenas. – Defendi meus argumentos.

Alexandre mudou de confuso para desapontado e perdido. Definitivamente ele não estava acostumado a receber muitos não.

– Eu imaginei que após nossa maratona sexual, esse pensamento havia mudado. Nós nos divertimos. Você gostou, eu gostei. Não vejo mal em continuarmos nossa brincadeirinha? – Ele ainda insistiu.

Alexandre sorriu me deixando de queixo caído. Ele era lindo, não dava para negar o quanto ele me atraía, mas eu teria que manter minha palavra, Não importava o fato dele ser meu chefe, mas eu passaria muito tempo na Ferraz com ele e transar com uma pessoa, e vê-la todos os dias, poderia confundir um pouco as coisas. Eu não queria ir por esse lado novamente.

– Nosso relacionamento será estritamente profissional – comecei e ele arregalou os olhos – Nossa noite juntos foi espetacular, mas isso – balancei o dedo entre o seu corpo e o meu – nunca mais voltará a acontecer. E eu quero realmente dizer isso Dr. Ferraz.

Alexandre ficou de boca aberta enquanto eu falava. Ele parecia calmo, mas seus olhos azuis me secavam. Acho um galho de arruda me livraria daquele mal olhado.

– OK! Mais tarde eu te chamo, pode retornar para sua sala. – Disse com desdém.

Antes de sair eu joguei minha última cartada, não para magoá-lo, era mais como um aviso, para deixar claro com quem ele estava lidando.

– Só para o seu registro doutor, aquela foi a melhor noite de sexo que já tive na vida. – Acrescentei uma piscadela e saí.

Ferraz

Quando eu vi aquela menina entrando no meu escritório na sexta-feira, eu sabia que teria problemas para me controlar, ela tem todos os atributos que me atraíam em uma mulher – não só fisicamente – sua personalidade me encantava com cada palavra que saía de sua linda boca. Clara era uma mulher de atitude, percebi isso logo de cara, mas vê-la tão desinibida na cama, me deixou louco.

Descarada! Mesmo depois de me deixar na mão teve a petulância de falar que eu dei a melhor transa da sua vida. Essa menina estava brincando com fogo. Deus só pode estar me castigando!

Tentei me concentrar no trabalho, ainda havia vários processos para rever. Pedi para que Ana me trouxesse um café na esperança que a cafeína tirasse os pensamentos impertinentes da minha cabeça.

Quando comecei a leitura de um processo de estupro, o mesmo que Clara havia feito algumas observações, eu me esqueci do resto do mundo. Sempre quis ser advogado e apesar de que muitos dizem por ai; que advogado criminalista defende o crime, eu discordava totalmente, pois o advogado defende a pessoa do acusado e não o crime que ele cometeu. Levava também um pensamento convicto. Todos tinham direito a uma boa defesa.

Nesse caso específico havia muitas contradições entre as testemunhas. Começaria minha defesa por ali, onde há fumaça há fogo. Clara soube separar cada um dos pontos que eu poderia rebater no julgamento. Ela realmente era muito competente, será uma excelente operadora do Direito, pois muitos advogados formados ralariam bastante para achar as inconsistências que ela logo de cara percebeu.

Meu ramal tocou no exato momento em que estava encerrando minhas anotações.

– *Ferraz!* – Atendi formalmente.

– *Dr. Ferraz o Dr. Bruno está aqui na recepção, posso mandar entrar?* – Ana perguntou.

Bruno por aqui? Em plena segunda-feira? Estranho, nos encontramos no dia anterior ele não

mencionou que viria aqui no escritório. Pedi que Ana o deixasse entrar e com uma batida leve na porta Bruno já estava caminhando pela minha sala e sentando na minha frente, esse aí é folgado viu, mas gosto dele, ele é um bom amigo.

– Bom dia para você também Bruno. – Brinquei, mas ele estava um pouco sério, então comecei a me preocupar.

– Bom dia Alexandre, quer dizer quase boa tarde, estou com fome, vamos almoçar? – tentou desviar do assunto e eu pressenti encrenca.

– Bruno não enrola, qual é a encrenca dessa vez?- Perguntei de cara, pois ele sempre se metia em problemas. Era um excelente advogado, mas seu fraco para mulheres, principalmente as comprometidas colocava ele em cada roubada. Só Jesus na causa.

– Você me conhece muito bem em Alexandre? – Disse levantando o olhar e me encarando.

– Claro. Está escrito “*fiz merda*” na sua testa - apontei para a minha testa enfatizando minhas palavras. – Além do fato de você estar no meu escritório em uma segunda-feira de manhã. Bruno, nem o seu escritório vê a sua cara na segunda-feira de manhã. – Completei.

Bruno se endireitou na cadeira e antes de despejar o que estava deixando ele nervoso.

– Alexandre, preciso de um favor profissional do seu escritório. – Voltei a minha postura e cruzei os braços sobre a mesa. Pelo visto o problema era mais sério do que eu pensava.

– Como assim Bruno? – Questionei preocupado.

Bruno informou que não era com ele, e sim um amigo, este precisava de consultoria na área trabalhista.

– Sim estou entendendo, mas qual o problema de você representá-lo? Juridicamente não há impedimento nenhum. – Estava sem entender onde Bruno queria chegar.

–Alexandre provavelmente esse processo vai cair na vara do Dr. Arthur. – Bruno abaixou a cabeça e eu comecei a gargalhar, não conseguia me controlar aquilo estava além de mim.

– Alexandre para de rir, você sabe que o Arthur não vai com a minha cara, se eu representar meu amigo e o processo realmente cair lá ele vai se declarar suspeito para julgar o caso, e isso vai fazer com que o processo demore mais. – Bruno estava certo em seu raciocínio, mesmo assim não conseguia parar de rir.

– Não vai com a sua cara? – falei incrédulo, realmente o meu amigo estava perdendo o juízo- Bruno você comeu a mulher dele dentro do banheiro da subsede da Ordem dos Advogados, ele pegou ela com a boca em torno do seu pau. Você tem sorte de ter suas bolas ainda fazendo parte do seu corpo. – Apontei para ele.

A cena do Dr. Arthur procurando pelo Bruno no meio de um evento de gala voltava a minha mente e ela não era uma cena legal.

– Alexandre, tente entender. Não foi culpa minha – ele começou a se explicar, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo – ela me seguiu até o banheiro masculino e lá praticamente me implorou para fodê-la sem sentido. Cara eu não podia recusar uma mulata daquela, muito gostosa. Você precisava ver o que ela fazia quando eu...

– Pode parar por aí. – cortei ele na hora. – Muita informação, e quanto menos eu me envolver nessa história mais chances de ficar vivo eu tenho. – Eu o interrompi.

– Bruno, além de amigos, somos colegas de profissão e sempre que você precisar estarei aqui. Mas...

– Sabia que viria um “mas”. – ele disse, reprovando minhas palavras.

– Cara você precisa parar de se meter nessas confusões, parar com essa obsessão com mulheres comprometidas e principalmente parar de fodê-las em locais públicos. – Tentei por juízo em sua cabeça, mas não adiantava.

– Corta essa Alexandre. Já perdi a conta de quantas vezes vi você ao vivo e a cores comendo alguém em público. – Não queria dar um sermão no Bruno, aliás, não sei nem porque estava me preocupando com aquilo, então mudei de assunto.

Pedi para Bruno enviar o processo para minha estagiária, e depois eu repassaria ao Alberto, nosso advogado responsável pela área trabalhista. Mas assim que ouviu a palavra estagiária, Bruno tossiu e me olhou como se estivesse nascendo um terceiro olho na minha testa.

– Como assim estagiária? Estagiária de estudante? De direito? De faculdade? – Bruno não falava coisa com coisa, e eu já estava pronto para soltar minha fúria guardada desde a manhã em cima dele, mas como meu amigo era inocente, eu me segurei.

– Sim. Como todos os estagiários. Estudante de Direito que precisam das horas complementares, relatórios assinados por mim e toda essa merda. – Bruno ainda estava desconfiado então eu continuei – É uma amiga da Priscila e meu pai me enfiou ela goela abaixo. Satisfeito? Agora vamos almoçar? – Chamei já me levantando, com esperança de que ele calasse a boca – Só se for agora. Estou brocado de fome. – Sorriu passando as mãos pela barriga.

– Isso é porque você come como um bebê dinossauro. – Brinquei com ele.

Passei pela recepção e avisei a Ana que estava indo almoçar, Bruno contava uma piada sem graça e eu ria mais da sua tentativa de parecer engraçado do que da piada propriamente dita. Quando estávamos chegando, a porta do elevador estava se fechando. Bruno pediu para o ocupante segurar a porta. De onde eu estava podia ver uma mãozinha delicada forçando a porta aberta. Entramos no elevador e antes de olhar para a dona da mão – obvio era a Clara – eu notei a cara de cachorro esfomeado do Bruno e posso garantir, não era fome de comida. *Mais um para o fã clube dessa maldita.*

– Alexandre, meu amigo, eu deveria vir te visitar mais vezes. – Bruno deu dois tapinhas no meu

ombro e seu olhar encarava diretamente a bunda da Clara, meu sangue ferveu ao ouvir a risadinha da cínica para o flerte do Bruno.

Usei toda a educação recebida da minha mãe, e apresentei os dois.

– Nova advogada da Ferraz? – Bruno perguntou diretamente para Clara me ignorando totalmente.

Maldito elevador, dá para ir mais depressa.

– Quem sabe um dia, mas por enquanto, sou somente a estagiária do Dr. Ferraz. – Ela respondeu me encarando.

– Estagiária como uma estudante? – Bruno começou tudo de novo e eu não contive minha raiva.

– Merda Bruno, fecha a porra da boca, já não conversamos lá na minha sala? – Disse ríspido.

– Ok! Ok! – Bruno levantou as mãos em sinal de rendição – eu só estava confirmando.

O elevador chegou ao nosso destino. Eu estava ao ponto de ou sufocar Clara até ela me dizer um “sim, quero que você me foda” ou eu mandaria um dos meus melhores amigos para o hospital. E acredite, eu não poderia alegar legítima defesa.

Clara

Depois da minha pequena discussão com Patrícia e minha conversa definitiva com Alexandre eu voltei para minha sala. Somente Patrícia estava em sua mesa. Nando ainda não havia chegado e eu não sabia se conseguiria me controlar com aquela “piriguete” me encarando. Comecei a analisar um novo processo, e horas se passaram enquanto eu me concentrava na leitura, mal percebi quando Nando chegou. Ele me cumprimentou e seu tom de voz deixava claro que ele estava com problemas. Perguntei se precisava de ajuda, mas ele desconversou.

– Estou passando por um problema. Já falei com Dr. Diego, e essa semana eu mudarei um pouco os meus horários para tratar desse assunto. – Disse não dando muitos detalhes.

Fiquei com muita pena do Nando, ele realmente nem de longe se parecia com o cara alegre, que eu havia conhecido na sexta-feira.

– Nando, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, mesmo se for para chutar a bunda de alguém pode me chamar. Estarei aqui.

Ele se instalou em sua mesa e antes de ligar o computador me olhou.

– Gostaria de ver você chutando algumas bundas. – Nando me deu um sorriso mostrando suas covinhas e eu pude ver um resquício do Nando que conheci e gostei logo de cara. Mas tive a impressão de que ele estava enfrentando algo muito sério.

Começamos a trabalhar e Nando me contou sobre uma convenção que Diego participaria. Fiquei interessada, infelizmente Ferraz não iria, pois não havia me dito nada.

Percebi que estava chegando o horário do meu intervalo, e eu precisava encontrar um lugar diferente para almoçar. Peguei minha bolsa e quando estava quase saindo meu celular tocou. Era o número de um dos ramais do escritório, então eu atendi pensando ser Ana.

– *Oi Clara é o Diego.*

“Diego? Será que aconteceu algo?”

– *Bom dia Dr. Diego, está tudo bem?* – perguntei um pouco preocupada. Ele me ligando no celular estava me assustado um pouco.

– *Sim, estou bem, te liguei porque o Nando acabou de passar por mim e me disse que você estava indo almoçar sozinha. Quer companhia?* – Fez o convite e eu fiquei pensativa.

Trocar o Ferraz pelo Diego não estava nos meus planos, mas manter um bom relacionamento com ele aqui no escritório não me faria mal algum. Além do mais, Diego era uma excelente companhia.

Agradei o convite e aceitei. Quando estava dentro do elevador, alguém me pediu para segurar a porta aberta. E eu o fiz.

Assim que a dupla dinâmica entrou eu senti todo o ar do elevador sumir. Afinal, esse escritório era o que exatamente? Uma agência de homens gostosos. Fala sério! Isso não fazia bem para a sanidade mental de nenhuma mulher.

Alexandre me apresentou ao seu amigo e também companheiro de trabalho, Dr. Bruno e iniciamos uma pequena conversa, enquanto o elevador descia. Resumindo: Bruno flertou comigo. Alexandre não gostou. E eu pouco me importei.

Quando o elevador chegou Diego já estava a minha espera. Ele caminhou em nossa direção e apertou a mão do Bruno.

– E aí Bruno. O que faz por aqui? – ele se dirigiu ao amigo do Alexandre e eu pude notar a familiaridade compartilhada.

– Vim pedir um favor ao Alexandre, e estamos indo almoçar, você vai com agente? – Diego recusou o convite desconfortável.

– Na verdade, eu e Clara havíamos combinado de almoçar. Mas vamos marcar para uma próxima.

– Ele se explicou.

O descontentamento de Alexandre era nítido. Mas eu não podia fazer nada. Uma noite era uma noite e nos já tínhamos aproveitado a nossa.

Fiquei com um pouquinho de medo dele, mas logo Diego me direcionou para a porta segurando meu cotovelo para me guiar e eu esqueci completamente a tensão que se instalara entre Alexandre e eu.

O Restaurante era muito agradável e descontraído, mas, com certeza, não era um local frequentado por estagiários.

– Muito bom esse lugar Diego. Ótima escolha. – Elogiei educadamente.

– Obrigado. Clara, você começou recentemente no escritório, mas eu sinto que nós vamos nos dar muito bem. – Diego não parecia estar com segundas intenções, mas ele era sempre tão carinhoso e educado, flertava constantemente comigo, e ficava um pouco difícil decidir se ele estava falando como amigo ou tentando algo mais.

– Eu também acho, na verdade todos no escritório me receberam de braços abertos, você e seu irmão sabem como escolher os seus colaboradores. – Tentei desviar o assunto dele para todos do escritório.

– Com respeito a isso, Nando é uma excelente pessoa, apesar de passar por alguns problemas sérios, mas a Patrícia pode ser um pouco – ele tentou achar a palavra certa antes de continuar – Digamos....Difícil de digerir.

Agradei internamente não ser a única a perceber o veneno daquela cobra.

Durante o almoço, Diego me explicou que Patrícia era sua estagiária, mas ela começou a dar em cima dele, ele a trocou de advogado. Fiquei sabendo também sobre uma política de não

confraternização na empresa, que proibia o advogado de se relacionar com o seu estagiário.

– Obrigada pelo esclarecimento Diego, mas já deixei bem claro para Patrícia. Eu não sou uma garota de levar desaforos para casa. – Agradei após ouvir os conselhos dele.

– Verdade, eu me esqueci que você era a garota do lobo mau. – Ele sorriu lembrando da nossa conversa no outro dia.

Mudamos de assunto e terminamos nosso almoço evitei comer peixe, algo no meu sexto sentido me alertava sobre certo olhar me agourando.

Diego me convidou para um café e eu aceitei. Achei uma graça ele lembrar-se do meu gosto.

Tomamos o café e seguimos para o escritório. Enquanto caminhávamos senti Diego um pouco recluso, como se estivesse nervoso.

– Clara eu queria te fazer um convite. – Fiz uma cara de espanto e ele emendou. – Na verdade antes que sua cabecinha comece a pensar besteira, o meu convite é totalmente profissional.

Fiquei mais aliviada com sua resposta, porém a vergonha fez meu rosto corar. Eu imaginei que ele me chamaria para sair, mas Diego não tinha essa intenção.

– Tenho um congresso fora da cidade essa semana e o Nando não poderá me acompanhar, gostaria de saber se gostaria de ir comigo? – Fiquei pensativa com aquele convite. Um congresso? Fora da cidade? Com Diego?

Alexandre não gostaria nadinha dessa história, mas foda-se eu estava aqui para trabalhar e aprender e não para servir de bonequinha nas mãos do Alê.

– Eu adoraria Diego, mas o Alexandre não irá também? Preciso de autorização para me ausentar do escritório. – Quis saber sobre os detalhes.

– Não. O Alexandre não vai participar dessa vez, o congresso é sobre Direito internacional e desse assunto meu irmão já entende muito bem. Em relação a autorização, pode deixar. Eu me entendendo com ele, tenho certeza de que não irá se importar. – Diego disse e tudo pareceu muito fácil. *Melhor você não confiar tanto assim Dr. Diego.*

Chegamos ao escritório e fui direto para o banheiro fazer minha higiene bucal. Quando cheguei a minha mesa a Ana apareceu na porta.

– Clara Dr. Ferraz precisa de você na sala dele nesse momento. – Nervosa ela me chamou e eu levantei-me rapidamente, peguei meu “tablet” e fui andando atrás da Ana.

– Clara. Preciso te alertar, ele está cuspidando fogo. Quando ele saiu para o almoço com o Dr. Bruno ele estava agindo normalmente, mas agora voltou querendo comer o rabo de alguém. – Ana levou à mão a boca por ter dito um palavrão.

– Relaxa Ana eu também xingo como um marinheiro, e sei o quanto é difícil se segurar as vezes. – Tentei não deixá-la constrangida por algo tão comum.

Saber que Alexandre voltou irritado deixou-me inquieta. Pois eu sabia que o motivo dessa raiva toda era o meu almoço com o Diego. Na verdade sua raiva deve estar acumulada desde a parte da manhã. Ana estava certa, ele queria comer um rabo. O problema era: ele queria o meu rabo. Bati na porta e esperei a autorização para entrar. Vê-lo tão imponente atrás daquela mesa com um ar de superioridade me deixou ao mesmo tempo irritada por seu comportamento arrogante e excitada por saber que ele também era assim durante o sexo.

– O Senhor mandou me chamar Dr. Ferraz?

– Posso saber que porra esta acontecendo entre você e Diego?

Ferraz

Eu não podia acreditar. Ver Diego segurando o braço de Clara e indo em direção à porta do prédio me deixou furioso. Não sei como consegui passar pelo almoço com o Bruno sem explodir. Voltei para o escritório o mais rápido possível, passei pela recepção e deixei um recado para Clara. Eu a queria na minha sala assim que chegasse do seu almoço com meu irmãozinho. Encontraria um jeito de manter Diego longe dela. Aguardei impacientemente por quase vinte minutos, ouvi uma batida na porta. Era ela.

– O Senhor mandou me chamar Dr. Ferraz? – Ela perguntou com a cara mais cínica do mundo.

– Posso saber que porra está acontecendo entre você e Diego? – Cuspi sem me importar com meu tom de voz.

Eu não consegui me segurar. Clara levou um susto com minha voz autoritária, mas estufou ainda mais aqueles seios e não deixou se abalar pela minha fúria.

– O quê? – Com as mãos na cintura me olhou por cima e retrucou.

– Não se faça de desentendida. Eu quero saber que história é essa de sair somente com Diego para almoçar? – Comecei a falar em um tom mais alto, quase gritando.

– Você ficou maluco? Desde quando se acha no direito de me perguntar isso? Por acaso os funcionários dessa empresa não podem ter uma relação amigável? – Me questionava e eu estava cada vez mais furioso. Não acredito. Essa cretina jogando essa conversinha para cima de mim.

– Menina. Diego deseja qualquer outra coisa menos ser seu amigo. – Falei sorrindo sarcasticamente.

Clara me lançou um olhar furioso, e eu sabia que estava passando dos limites, mas não conseguia me conter; todos os acontecimentos daquela manhã voltavam como flashes fazendo minha raiva aumentar. Clara conseguiu fazer muito mais para me irritar em um dia, que as mulheres que já tive, fizeram em toda a minha vida.

– Olha aqui Alexandre – ela balançou o dedo em minha direção – Deixei bem claro para você hoje de manhã, que não teríamos mais nenhum tipo de relação a não ser profissional. E como continuo sendo a sua estagiária, não vejo problemas em sair para almoçar com Diego. – Seus olhos estavam

semicerrados – O que está dizendo? – Perguntei sem entender.

– Estou dizendo que você simplesmente deixou de mencionar que existe uma merda de regra que proíbe que os advogados se relacionem. – Me acusou, e eu me encolhi.

Droga! Ela estava certa, sua negativa em transar comigo essa manhã, atingiu-me em cheio, mas não desisto facilmente, porém deveria mudar um pouco minha estratégia. Essa história de homem das cavernas não parecia dar certo

– Desculpe, deveria ter colocado você a par da situação. – tentei soar mais calmo – Eu também me lembro das suas palavras, e o que aconteceu hoje de manhã, mas devido ao que já compartilhamos peço para não se envolver com Diego. – Eu pedi gentilmente já mudando de tática.

Clara arregalou ainda mais os olhos como se não tivesse acreditando. No mesmo momento em que as palavras pularam para fora da minha boca, tive a certeza; falei merda.

– Me toma por quem Alexandre? Uma vagabunda qualquer? – Gritou alterada.

Ela estava furiosa. Seu semblante era de pura raiva e mesmo estando vivendo um momento não muito agradável, não pude deixar de perceber o quanto ela era linda quando estava brava.

– Sabe o que vocês homens merecem? Uma mulher sonsa e sem graça na cama. – Ela começou a jogar as palavras no ar e eu tentei interrompê-la.

– Não... – tentei dizer algo a meu favor, mas ela me cortou.

– Vocês homens são tão babacas – continuou me agredindo verbalmente – vivem dizendo que mulher deve ser mais ativa, experiente, tomar mais iniciativa e quando acham uma garota que realmente sabe apreciar um bom sexo, desinibida sem medo ou vergonha de dar e receber prazer vocês todos agem da mesma maneira. Tratam-nos como vadias. – Quando terminou ela estava sem fôlego e eu de boca aberta.

– Não quis dizer isso Clara. – estava ficando desesperado para fazê-la entender. Eu a queria comigo e não com Diego ou com qualquer outro filho da puta.

– Não disse, mas pensou. Pensou que eu transaria com você na sexta-feira e treparia com seu irmão na segunda? – Sua voz ríspida não lembrava nada da Clara que eu havia conhecido.

Eu tentei balbuciar algumas palavras. Mas aquela menina me deixou mudo. Não quis soar como um canalha, mas por mais que ela tenha exagerado um pouco, eu confesso. Imaginei exatamente isso. Ela me trocando por meu irmão.

– Agora se o senhor não se importar eu vou para casa um pouco mais cedo, não tenho mais cabeça para ficar nesse escritório. E se o doutor não me quiser mais como sua estagiária me avise, pois realmente preciso procurar outro local.

Enquanto eu ainda tentava recuperar meu fôlego, eu analisava a paulada de verdades que ouvi de uma única pessoa. Clara bateu a porta e saiu. Pensei em segui-la, mas da forma que ela estava

nervosa poderíamos causar um escândalo nos corredores da Ferraz e isso era inadmissível. Eu ainda sou o chefe dessa empresa e devo manter a postura diante dos meus funcionários.

Nas quatro horas seguintes, participei de reuniões internas e entrevistei algumas testemunhas usaria em uma ação. Já era quase fim de tarde e eu estava me preparando para sair quando Diego entrou pela porta. Dei graças por já estar mais calmo, pois se não eu poderia arrancar a cabeça do meu irmão.

– Mano posso falar com você? – Diego perguntou e eu mostrei a cadeira a minha frente para ele se sentar.

– Senta aí Diego, vou demorar um pouco ainda. Precisa de algo? – Perguntei e voltei minha atenção para a tela do computador.

– Clara! – Uma única palavra fez meu cérebro congelar.

Todos os meus músculos endureceram com aquele pedido. Ele só podia estar brincando comigo. Eu queria dar um soco bem no meio da cara dele. Diego continuou falando.

Diego me pediu para liberar Clara para acompanhá-lo em uma palestra que ele participaria. Diego já havia me avisado que Nando não poderia ir, então pensou em levar Clara.

Diego + Clara + Fora da cidade + Sozinhos = nem passando por cima do meu cadáver.

– Não! – foi minha única resposta.

– Hamm? – Diego pareceu não escutar.

– Eu disse não! – respondi novamente sem deixar dúvidas – sexta-feira feira participo de um tribunal do júri e eu Clara vai me acompanhar. – Inventei aquela desculpa de última hora.

Diego não se deu por vencido e continuou tentando me convencer a liberar minha estagiaria para viajar com ele.

– Diego não insista. Ela não vai. – Dei minha resposta final.

Por mais que minha relação com Diego fosse de companheirismo, ele sempre respeitou minhas decisões, nunca as questionava e sempre me obedecia quando necessário. Ele sabia que eu era uma pessoa muito coerente e sempre pensava várias vezes antes de tomar alguma decisão.

Mas a partir do momento em que Clara entrou por aquela porta eu comecei a pensar com a cabeça de baixo. E isso não era bom.

– Tudo bem Mano fica para uma próxima então, vou avisar a Clara. – Ele disse cabisbaixo.

Diego saiu da minha sala descontente. Mas infelizmente eu não poderia fazer nada pelo meu irmãozinho daquela vez. Sempre tentei lutar suas batalhas. Ele e a Prí são tudo o que há de melhor em minha vida. Mataria e morreria pelos meus irmãos, mas não poderia deixar que ele tivesse uma chance como aquela, de se aproximar da Clara. Sozinhos, em outra cidade, tudo poderia acontecer, era uma oportunidade e tanto para Diego conquistá-la. Eu tinha plena consciência que

meu irmão era um dos melhores homens que já conheci, e assim como eu, ele sempre teve muitas mulheres sem muito esforço. Clara poderia não resistir a ele.

Do escritório fui direto para a academia. Todos os dias de segunda a sexta eu treinava *Muay Thai* perto de casa, esse é um esporte relaxante. Exige disciplina e concentração, mas principalmente me proporcionava à liberação do stress do dia a dia, além de manter meu corpo em forma. Assim que pisei no tatame eu fiz de tudo para esquecer completamente toda a merda fodida do meu dia. Clara estava tirando meu juízo, mas nunca fui homem de levar desaforo para casa, se ela pensava que poderia me fazer de gato e sapato ela não sabia conhecia Alexandre Mendes Ferraz. Eu lhe mostraria com prazer os meus lados mais ocultos..

– Jab Ferraz! – Meu técnico gritou. Foi preciso um único vacilo para ganhar um olho roxo.

Levei a luva até o olho machucado.

– Droga Paulinho. Preciso dos meus olhos para trabalhar. – Não choraria feito uma menina, mas droga! Doeu para cacete.

– Ferraz eu disse Jab, e você mandou um direto, onde sua cabeça está? Na lua? – Ele chamou minha atenção.

Meu técnico foi campeão dessa modalidade há alguns anos, mas após se envolver com drogas perdeu a chance de progredir no esporte. Felizmente ele estava recuperado. Hoje além de dar aulas de Muay Thai ele descobre novos talentos para o UFC. Sua vontade de repassar sua experiência de vida era tanta que ele criou um projeto para crianças e jovens carentes do qual sou fã e contribuo financeiramente para ajudar a mantê-lo.

– Minha cabeça está no lugar de sempre. Você não teve nenhum problema para achá-la – murmurei ainda passando a luva para acalmar a pancada.

– Ferraz, sua cabeça pode estar aí, mas sua mente está voando longe. E eu juro pelos céus se você me disser que está distraído por causa de uma mulher além de te deixar de olho roxo eu vou te castrar e servir suas bolas na lanchonete. – Disse divertido e eu sorri junto com ele.

– Droga Ferraz desde quando você deixa uma mulher mexer com sua cabeça? – Perguntou e eu não soube responder, pois pensando bem, isso nunca havia acontecido.

Paulinho tirou sarro de mim, e eu percebi que estava ficando mole mesmo viu. Até meu técnico tirando onda com minha cara.

– Concentração Ferraz. Jab, Direto, Cruzado, vamos lá, sem moleza – Começou a fazer os movimentos e eu o acompanhei.

Nas duas horas seguintes, minha concentração foi 100%. Juntei minhas mãos em sinal de oração e abaixei inclinando meu corpo para frente na direção do meu mestre. Um sinal de respeito pela arte marcial. Meu técnico se despediu e eu juntei minhas luvas e caneleiras para ir embora.

Estava preparando o jantar, que minha empregada deixou congelado. Deixei o micro-ondas

funcionando, enquanto conferia as ligações no meu celular. Duas chamadas não atendidas, um número desconhecido e o meu pai. Retornei a ligação para o meu velho e meu pai informou o horário em que ele e minha mãe estariam de volta, depois de muita discussão, o convenci a me deixar buscá-los, mesmo sendo madrugada. Meu pai era cabeça dura às vezes. Puxei isso dele. Então nos despedimos e eu verifiquei a outra ligação, não reconheci e ignorei. Se fosse importante me ligaria de novo.

Clara

Saí do escritório soltando fogo pelas ventas. Filho da puta, quem ele pensava que era para falar comigo daquela maneira. Não me conformei com a revolta de Alexandre por um simples almoço. Peguei o meu telefone e disquei o número da minha amiga. Assim que Laís atendeu, eu perguntei se ela estava em casa. Passei em uma mercearia que ficava no caminho e comprei um pote de Häagen-Dazs, nosso sorvete preferido. Meia hora depois estava batendo na porta do apartamento da Laís. Ela vestia um short jeans e regata. Linda até para ficar em casa. Levantei o pote de Häagen-Dazs e Laís entendeu tudo.

– UOU! Temos um “nível dois” aqui. – Não disse que ela sacou?

Fui entrando na sala e me jogando no sofá, minha amiga e eu tínhamos classificados nossos aborrecimentos diários em níveis.

Nível 3- “NÃO MEXA COMIGO”! Nesse nível estão compreendidos pequenos aborrecimentos do dia a dia. Para resolver as questões desse nível, uma barra de chocolate e um filme qualquer do Channing Tatum resolviam.

Nível 2- “TENHO UMA, FACA NÃO SE APROXIME”! Nesse nível intermediário está incluso a maldita TPM, sexo sem orgasmo, livros com continuações ainda não lançadas, trânsito caótico com motorista sem educação buzinando sem parar e porque não acrescentar discussão com o Dr. Ferraz. Neste nível o recomendado é sorvete Häagen-Dazs e filme de ação com o Vin “Gostoso” Diesel.

E finalmente chegamos ao nível máximo. Nível 1- “SANGUE NOS OLHOS”! Para o enquadramento nesse nível devemos mostrar o primeiro sinal de que estamos além dos nossos limites. Com vontade de arrancar a cabeça do primeiro ser vivente que aparecer.

Na verdade, pouquíssimas vezes chegamos a este estado extremo. A última aconteceu no aniversário do falecido – porém vivo – namorado da Laís. Depois de passar a tarde inteira organizando uma comemoração para o desgraçado, Laís percebeu que ele sumiu em sua própria festa, enquanto ela recebia os convidados por ele. O Filho da Puta comia a própria prima dentro do banheiro da empregada. Maldito! Até hoje sentia vontade de arrancar sua cabeça e enfiá-la no seu... Deixa para lá. Somente uma coisa nos ajudava a sobreviver quando chegávamos ao nível 1. Noitada regada a muita tequila.

Laís colocou o DVD de Velozes e Furiosos, buscou duas colheres, sentou no sofá e começamos a comer o sorvete do próprio pote.

– Desembucha Clarinha. – Ela disse enquanto levava a colher a boca.

– Problemas com o supervisor do meu estágio. Ele é um cara prepotente, arrogante, egoísta, convencido e filho da puta. – Soltei tudo em uma frase só. Alexandre me tirou do sério.

– Clarinha, aquele dia que fomos ao cinema ficamos tão vidradas no Henry. Eu acabei nem lhe perguntando do seu estágio. É tão ruim assim? Ele é feio ou velho? – Ela perguntou preocupada.

Pensei se era seguro falar pelo menos da aparência do Ferraz com Laís. Fiquei um pouco relutante, mas naquele momento eu meio que deixei rolar. Precisava desabafar.

– Feio? Lindinha...Imagina os olhos do Matt Bomer, o corpo do Henry Cavill e o cabelo do Ian Somerhalder. Imaginou? Então, o Ferraz é mais ou menos isso tudo aí. – Fiz uma mistura dos homens mais lindos do mundo, para explicar o que sentia quando via o Ferraz,

Laís engasgou e começou a me olhar como se eu fosse uma idiota.

– Amiga me desculpa, mas fala sério, depois dessa descrição, este homem definitivamente não soa como problema. Em minha opinião, seria mais como uma solução, a não ser....Merda Clara você já transou com ele. – Alterou o tom de voz nas últimas palavras e eu fiquei sem reação.

– Naná? – Aêeeee Dudu, ótimo timing meu pequenino. O irmãozinho da Laís acordou e estava caminhando sonolento em nossa direção, quando ele me viu abriu os bracinhos e me deu um sorrisinho meigo.

– Lalá. – eu o peguei no colo e baguncei o seu cabelo.

– Como vai o meu príncipe? – Perguntei a ele, tentando ignorar os olhares da Laís. Mas definitivamente aquele assunto não seria tão facilmente esquecido por ela.

Eu e a minha língua de trapo.

– “Sovete”. – Dudu apontava para o pote e eu dei minha colher para que ele pudesse saborear aquela maravilha.

– Vou colocar um DVD infantil pela milésima vez, e tratem de acabar com esse sorvete para que possamos esconder as provas do crime da mamãe. Laís acabou nos acobertando – Clarinha dorme aqui hoje? Metade do seu guarda roupa está no meu quarto mesmo. – Acabei aceitando o convite dela, pois não estava a fim de ficar sozinha em casa.

– Você sabe. Não vou te pressionar a falar nada, mas se quiser contar o que está acontecendo eu estou aqui, sempre. – Minha amiga estava preocupada comigo e eu fiquei me sentindo culpada por mentir para ela daquela forma. Mas como disse, Laís é a melhor pessoa do mundo. Exceto quando está bêbada, e agora que eu estava ciente da regra sobre não confraternização não poderia arriscar meu estágio e muito menos a carreira do Ferraz.

– Obrigada amiga, sempre pude contar com você, mas acredite em mim, não está acontecendo nada entre o Ferraz e eu. – Expliquei e ela assentiu sem me questionar.

Não deixava de ser uma verdade. Depois de hoje eu duvido que ele fosse querer alguma coisa comigo novamente. Mesmo sabendo que fiz o certo, eu não me sentia como a vencedora daquela discussão.

Provavelmente perderei mais do que eu acreditava que tinha.

Ferraz

Fiquei quase a noite toda pensando em como conseguiria trazer a Clara para minha cama novamente. Bater de frente com ela não estava sendo a maneira mais eficaz. Mas porra! Eu sou um advogado, o que eu faço de melhor é descobrir brechas e aproveitá-las. Já sabia que Clara era explosiva, independente e de personalidade livre. Precisava encontrar uma forma de trazê-la para mim. Pensei em algumas táticas e elaborei um plano. Cheguei ao escritório no horário de sempre e Ana já estava no seu posto. Ana era uma mulher agradável, morena de olhos castanhos e cabelos encaracolados. Muito bonita, mas também muito bem casada. Fora dos limites de qualquer pessoa que frequentava sua recepção. Cumprimentei-a e caminhei para minha sala. Meu dia iria ser estressante novamente.

Após escutar uma batida eu presumi ser Ana e autorizei sua entrada. Ela trazia uma xícara de café.

– Ana, você sabe que servir cafezinho não é uma de suas funções, por isso contratei a Sandra para cuidar da copa. – Eu a repreendi.

Ela colocou a xícara sobre a mesa e me sorriu gentilmente.

– Eu sei Dr. Ferraz eu não fiz o café, só trouxe aqui na sala para aproveitar e lhe transmitir um recado do Dr. Diego. – ela começou. – Ele precisou adiantar sua viagem para o congresso, e me pediu para que lhe avisasse, pois ele tentou seu celular e não obteve sucesso.

– Esqueci-me de colocar para carregar, vou ligar para ele agora. – Agradei.

Ana assentiu e saiu da sala com destino a recepção. Peguei meu celular e disquei o número do Diego.

– *Oi mano, enfim lembrou-se de usar o celular. O que foi? Está ficando caduco agora que não sabe como usar o telefone?* – Diego estava com as piadinhas afiadas hoje.

– *Vá à merda Diego! Por que antecipou a viagem. Você não pegaria o avião só amanhã?*

Diego explicou que desistiu de viajar de avião para aproveitar o caminho, pois iria dirigindo.

– *Tudo bem, menos-mal que não foi um motivo grave. Mas Diego pelo amor de Deus tome cuidado na estrada, se beber não dirija e use sempre o cinto de segurança.* – Disse como se ele fosse um adolescente.

Diego começou a dar risada do meu sermão, mas eu não pude evitar. Eu amava o meu irmão.

– *Sim senhor comandante.* – Respondeu do seu jeito brincalhão. Diego sempre esteve debaixo das minhas asas, apesar dele tentar furar meu olho com relação à Clara. Mas eu entendi, que em primeiro lugar, eu nunca tive e nem pretendo ter um relacionamento longo prazo com ela, e segundo, Diego não tinha a menor ideia do que aconteceu dentro da sala de negócios do John. E eu prometi a Clara que não contaria.

– *Até sábado!* – Me despedi dele.

– *Até mano, cuida da Clara até eu voltar.* – Tun... Tun...Tun... a ligação caiu.

Quando estou tentando ser um bom irmão, amoroso, carinhoso ele me vem com essa. Está pedindo para que eu esqueça tudo que pensei há alguns minutos e parta a cara dele. Olhei para o celular ainda incrédulo quando o meu ramal tocou.

– *Dr. Ferraz o Fernando está aqui e precisa falar com o senhor.* – Ana me informou.

O Nando era um dos “caras” mais gente boa que eu já conheci, super tranquilo, na dele e sempre competente. Nunca em todos os meses em que ele esteve auxiliando Diego, eu ouvi uma crítica a seu respeito, inclusive estávamos seriamente pensando em lhe dar uma vaga aqui no escritório, quando se formasse e obtivesse seu registro. Ele merecia.

– Bom dia Dr. Ferraz. – ao ouvir sua voz eu pude perceber que viria bomba dali. Oh! Dia!

Apontei a cadeira da frente e pedi para sentar-se.

– Bom dia! Algum problema com os clientes do Diego. – Meu irmão nunca viajaria sem deixar tudo 100% resolvido e o Nando estava muito sério, me deixando preocupado.

– Não Dr. Ferraz. Dr. Diego deixou tudo em ordem antes de viajar. Eu queria conversar um assunto particular com o senhor, se me permitir.

É. A bomba seria grande!

– Claro Nando! Estou a sua disposição, se estiver ao meu alcance eu resolvo. Se não, podemos esperar o Diego voltar. – Comecei dizendo, mas antes de terminar ele soltou o problema.

– Dr. Ferraz eu quero o meu desligamento do escritório. Não posso mais estagiar aqui. – Disse com uma voz embargada pela tristeza.

Não disse que a bomba era grande? Fiquei surpreso, pois em nenhum momento Nando se mostrou descontente com o escritório.

– Nando me desculpa, mas estou meio perdido aqui, o que aconteceu? Você encontrou estágio em um escritório melhor, foi isso? – Achava difícil ter um estágio melhor que o nosso, mas era a única explicação.

Nando ficou agitado e seu olhar tão triste agora estava com medo ou vergonha. Não soube definir muito bem.

– Não Dr. Ferraz, mesmo porque seria impossível. A Ferraz é a melhor firma de advocacia do estado e uma das melhores do país, estou aprendendo muito com todos vocês e principalmente com o Dr. Diego. Esses ensinamentos eu vou carregar eternamente. Aqui eu aprendi não só a prática jurídica, mas também a prática de muitos valores como ser humano. – Disse orgulhoso, me deixando ainda mais confuso.

Inclinei meu corpo para frente a fim de encará-lo e Nando desviou o olhar.

– Nando se você realmente sente tudo isso por todos aqui na Ferraz e eu posso dizer que a recíproca é a mesma, não vejo motivos para você se afastar do seu estágio. – Apontei para ele e fiquei aguardando um bom argumento para me fazer mudar de ideia.

Nando se mexeu muito na cadeira, ele estava visivelmente desconfortável, e então eu pude notar além da palidez, manchas vermelhas por toda a extensão de suas mãos, antebraços e sabe Deus até onde, porque a camisa dele estava escondendo quase todos os arranhões.

– Nando pelo amor de Deus, me diz o que está acontecendo. Você está todo machucado. Quem fez isso com você? – Perguntei me levantado.

Nando abaixou a cabeça e pensei realmente que ele fosse chorar, mas então ele tomou fôlego e começou uma história que me deixou de estômago embrulhado.

– Dr. Ferraz não sei se o senhor sabe mais eu sou homossexual. – Ele disse com uma expressão de culpa, e eu sentei novamente para escutá-lo.

– Nando a sua opção ou condição sexual nunca interferiu no seu trabalho, isso não me importa, basta continuar sendo esse cara esforçado. – Deixei bem Claro. Então a realidade de que poderiam estar discriminado Nando dentro da minha própria empresa abateu sobre mim. Fiquei possesso – Você está sofrendo preconceito aqui no escritório? Se for, me dê nomes agora, pois eles vão conhecer o caminho da rua no mesmo momento em que eu chutar suas bundas. – Não admitia discriminação de qualquer tipo. Era muito rígido com relação a esse tema.

Nando explicou que se sentia muito bem no escritório. Suspirou fundo novamente e eu sabia. Estava sendo difícil para ele, daria o tempo necessário para ele falar.

– Como eu disse Dr. Ferraz, eu aceitei minha condição de homossexual já há alguns anos. Nunca tive vergonha da minha escolha, mas também sei que não preciso espalhar aos quatro cantos a minha diferença em relação aos padrões “normais”. – Ele fez aspas no ar com os dedos – Além da minha mãe minha família não sabia dessa minha condição. Quer dizer, eles fingiam não saber, pois as evidências estavam todas ali. Meu pai fez a grande descoberta, e não lidou muito bem com o fato de seu filho estar se relacionando com outro homem, ele me espancou, me expulsou de casa e cortou o pagamento da minha faculdade. – Ele explicou e a raiva se apoderou de mim.

Vi a dor e a tristeza passar no rosto do Nando. E eu estava atento a cada palavra dita por ele.

– Não estou de maneira alguma reclamando de algo, mas a minha bolsa aqui na Ferraz não é suficiente para me sustentar e bancar meus estudos. Eu tentei de todas as formas uma ajuda da faculdade para concluir meu curso, mas eles me negaram. É por isso que estou aqui Dr. Ferraz, preciso trancar a minha faculdade sem previsão para voltar. – Seu tom de voz baixo mostrava a tristeza.

Não levei nem um minuto para tomar uma iniciativa. Não deixaria um filho da puta homofóbico, acabar com as esperanças de um jovem promissor como o Nando.

– Não! – Respondi encarando ele.

Nando arregalou os olhos, provavelmente sem entender o porquê da minha negativa. Então continuei. – Nando você não vai sair da Ferraz e muito menos da faculdade. Eu cansei de ouvir o Diego dizer o quão competente você é. E ele tem muitas expectativas a seu respeito. Juridicamente se você precisar da Ferraz para processar o seu pai eu vou fazer questão de pegar esse caso, mas, além disso, eu preciso lhe perguntar: seu salário hoje na Ferraz é suficiente para você se sustentar? – Queria todos os detalhes para poder ajudá-lo da melhor forma possível.

– Sim, a bolsa fornecida pela Ferraz é bem generosa e com ela eu poderia alugar algo e me manter morando sozinho sem depender dos meus pais. – disse meio hesitante – Mas Dr. Ferraz, sem a matrícula da faculdade eu não posso continuar como estagiário, e eu ainda não tenho registro para trabalhar. – Ele ainda estava preocupado e eu tratei de esclarecer tudo.

– Nando, não se preocupe. Me traga todos os boletos da sua faculdade com pagamento atrasado e os que ainda vencerão, bem como toda a lista de livros necessários para seus estudos. Vamos fazer um trato. Eu cubro todas as suas despesas enquanto termina o curso e quando você se formar, você presta serviços para Ferraz por um tempo como pagamento. Combinado? – Propus e Nando abriu um sorriso de felicidade, mas principalmente de alívio.

Faça o bem! Ele vem em dobro! Pude até ouvir meu pai sussurrando aquelas palavras no meu ouvido.

Nando se levantou, eu fiz o mesmo, ele apertou a minha mão, e parecia não acreditar no que estava acontecendo, começou a me agradecer, deixando sua paixão em exercer Direito. Disso eu não duvidava.

– Nando não me agradeça. Agradeça ao Diego, ele sempre me falou muito bem de você. E continue se esforçando. – Não podia deixar de incentivá-lo.

Nando já estava saindo pela porta quando eu o chamei.

– Nando, pense bem , o que o seu pai fez é crime, mas é você quem deve tomar essa decisão. – Ainda estava enojado ao ver as marcas no corpo dele.

– Vou pensar nisso Dr. Ferraz. – Ele respondeu e eu duvidava muito que ele tomasse uma atitude. Era comum isso acontecer.

– E Nando... – ele me olhou confuso, mas esperançoso. – Quem está perdendo é o seu pai. Lembre-se disso.

Ele assentiu e foi embora. Muito tempo depois da minha conversa com Nando, eu ainda pensava naquele assunto. Esse homem não merecia ser pai, e principalmente não merecia o filho esforçado, dedicado e competente que tinha.

Precisava fazer mais alguma coisa, então lembrei-me de Cristina; uma grande amiga e também psicóloga. Pedi para Ana marcar uma reunião com ela ainda naquela semana.

Quase onze horas e eu passei a manhã inteira resolvendo pepino. Nem me lembrei da conversa que queria ter com a Clara.

– *Ana conseguiu marcar o horário?* – liguei novamente para recepção.

– *Sim Dr. Ferraz, a Dra. Cristina poderá comparecer no escritório sexta-feira, como o senhor tem uma audiência de manhã marquei para o fim da tarde.*

Ainda era terça-feira, mas antes tarde do que nunca. Trabalhei com vários casos semelhantes ao do Nando e eu sabia que além de fisicamente machucado, seu psicológico poderia ser abalado de uma forma irrecuperável. Não deixaria isso acontecer, pediria a ajuda da Cris e daria todo o apoio necessário.

– *A Clara já chegou?* – perguntei a minha recepcionista.

– *Sim doutor, Tem algum recado para ela?* – Fiquei pensativo, mas já estava na hora de ter aquela conversa.

– *Peça para ela vir até minha sala.* – Pedi e desliguei o telefone aguardando aquele combate.

Repassei aquela conversa em minha cabeça mil vezes. Eu queria Clara na minha cama. Ela era uma amante estupenda, mas para isso acontecer, eu deveria ganhar a confiança dela, um pedido de desculpas era um bom começo para estar novamente entre suas pernas.

Não diz o ditado que todo advogado vai para o inferno? Então, estou fazendo a minha parte.

Clara

A noite na casa de Laís foi muito agradável. Como sempre sua mãe me tratava como filha, minha relação com elas era ótima. Acordei um pouco mais tarde, não queria chegar tão cedo na Ferraz naquele dia, então me limitei a cumprir meu horário estabelecido. Acho que mesmo inconscientemente estava tentando adiar aquela conversa, quando me peguei pensando nisso me assustei. Nunca fui mulher de correr de problema, mesmo que o problema fosse a encarnação da beleza e possuísse dois lagos azuis hipnotizantes no lugar dos olhos.

Diego me ligou avisado que Alexandre não havia me liberado para ir ao congresso. Não fiquei surpresa, pois não tinha dúvidas sobre a recusa do Ferraz.

Cheguei ao escritório sem atrasos, mas também não me adiantei. Antes de entrar em minha sala dei uma espiada para ver se o projeto de Barbie estava lá. Eu não estava nos meus melhores dias para lidar com a Patrícia.

Notei somente Nando em sua mesa, ele estava bem mais tranquilo que no dia anterior, deve ter resolvido o seu problema.

– Bom dia, viu passarinho verde hoje? – Nando levantou da mesa e caminhou rapidamente em minha direção. Pegou-me pela cintura, levei um susto e quando dei por mim ele estava me girando no ar e beijando meu rosto. Me colocou no chão antes de começar a falar.

– Passarinho verde não, mas um gavião de olhos perigosamente azuis fez meu dia... – ele parou para pensar um pouco – meu dia não, minha vida muito mais feliz.

Sentei atrás da minha mesa ainda pensando no que havia causado a alegria dele.

– Sobre quem você está falando Nando? Desembucha. Adoro boas novidades. – bati palmas, empolgada.

Ele ficou um pouco mais sério, mas sem deixar de transparecer toda a sua alegria.

– Clara eu quase não tenho amigos e realmente eu gostei muito de você desde que coloquei os olhos nesse seu sorriso perfeito. E se me permite, gostaria de compartilhar minha alegria contigo, mas acontece que para chegar a esse momento eu preciso te contar algumas coisas da minha vida pessoal. Almoça comigo hoje? O Dr. Diego não está então posso fazer meu próprio horário. – Ele me convidou e eu aceitei prontamente.

– Vou adorar ser sua amiga e eu amo quando os meus amigos estão irradiando felicidade, assim como você está. Mas agora estou morta de curiosidade para saber o motivo dessa alegria toda.

Nando mostrou suas covinhas lindas ao me dar um sorriso genuíno.

– A mulher que fisgar o Dr. Ferraz vai ganhar um coração enorme como prêmio.

Fiquei muito confusa com as palavras de Nando sobre Alexandre, mas precisava esperar até o

almoço para ouvir toda a história, não acreditava muito no grande coração do Ferraz como o Nando havia dito.

– Clara? – virei-me para ver a Ana na porta. – Bom dia querida, o Dr. Ferraz precisa de você.

– Bom Dia. Ok Ana estou indo. Obrigada pelo recado.

Respirei fundo. Aquela conversa seria inevitável, precisava decidir meu futuro na Ferraz e tratar das interferências de Alexandre no meu estágio.

Bati na porta e como sempre aguardei autorização para entrar.

– Bom dia, Clara. Como está? Sente-se.

Como estou? Confusa, eu pensei. Achei que ele viria com cinco pedras na mão.

– Bom dia. Estou bem. Obrigada por perguntar.

Alexandre abriu o sorriso. E, eu queria que o chão se abrisse e a terra me engolissem antes que ele visse o efeito que causava em mim.

– Na verdade Clara te chamei aqui para pedir desculpas.

Ãh? Em? Como? Por quê? Estava mais perdida do que cego em tiroteio com aquela conversa.

– Dr. Ferraz eu pensei bem, e cheguei à conclusão de que sou eu quem lhe devo pedir desculpas, não deveria ter tratado o supervisor do meu estágio daquela forma, e tenho plena consciência caso o senhor quiser me desligar do estágio e reportar insubordinação ao meu orientador estará plenamente nos seus direitos.

– Clara não se preocupe não faria nenhuma dessas coisas, e sim, eu preciso lhe pedir desculpas por minha atitude. Sempre soube apreciar um bom sexo, e o que fizemos foi... UAU!!! Mas você tomou sua decisão de não repetir aquela noite. Portanto irei respeitá-la.

UAU digo eu!

– Pode aceitar minhas desculpas?

– Tu...Tu... Tudo bem Dr. Ferraz. – comecei a gaguejar, porra, desde quando eu gaguejava?

– Se está tudo certo, pode voltar para a sua sala, deve ter muito trabalho a fazer.

Fiquei de boca aberta novamente, desde que entrei pela sala não consegui falar nada do que planejei, a atitude de Ferraz mudou da água para o vinho. E a arrogância do dia anterior simplesmente sumiu.

– Antes de ir Alexandre, eu gostaria de saber se a decisão de não me deixar participar do congresso com o Dr. Diego foi tomada sem nenhum tipo de influência pessoal?

Ferraz me encarou e em nenhum momento desviou os olhos de mim. Puta que Pariu, se ele usava esse olhar com as testemunhas que ele interrogava eu queria ficar bem longe de suas vistas quando isso acontecesse.

– Clara, antes de ser um exímio objeto sexual eu sou o manda chuva desse escritório, farei parte

de um tribunal do júri na sexta-feira e preciso de sua ajuda. Deve preparar tudo para essa defesa. Apesar dos acontecimentos, sua posição como minha estagiária não mudou. Então não pense que tudo gira em torno do seu mundinho. Preciso de você aqui, outros congressos melhores surgirão, e se eu achar pertinente, será um prazer liberar sua ida, até lá limite-se a obedecer, e eu garanto. Seu relatório será devidamente assinado por mim ao final do estágio.

Engoli um seco. Por essa eu não esperava.

– Obrigada Dr. Ferraz, se precisar de alguma coisa estarei à disposição.

– Eu sei. – ele me deu um sorrisinho torto e eu fiquei intrigada com aquilo tudo.

Saí da sala do Ferraz com uma cara visivelmente estranha, porque no caminho de volta, Ana e Sônia me perguntaram se eu estava bem.

Antes de entrar em minha sala dei de cara com a “piriguete” da Patrícia.

– Problemas no paraíso? – ela me perguntou cinicamente.

Oh Céus! Eu devo ter feito “strep-tease” na Santa Ceia. Isso é castigo.

– Não é da sua conta.

Passei como um raio por Patrícia. Acomodei-me na minha cadeira e comecei a mexer nos novos processos enviados. Pela primeira vez eu perdi minha concentração. Não estava lidando muito bem com as nuances de humor do Alexandre. E sua conversa me deixou de orelha em pé.

Será que ele não vai mais insistir? Era essa minha vontade não era? Então porque essa sensação de pé na bunda?

– Clarinhaaaaaa, planeta terra chamando marteeee. – Nando me tirou dos meus pensamentos contraditórios.

– Oi Nando, desculpa, pensando no processo. – tentei despistá-lo, mas ele era muito mais inteligente.

– Claro, deve ser por isso que você destacou a mesma palavra cinco vezes.

Nando apontou com a caneta para o papel em minha mão, e eu pude perceber a tinta da caneta marca texto passando para as outras partes do papel.

– Oh meu pai. Onde estava com a cabeça?

– No furto qualificado é que não era. – Nando sorriu e eu me juntei a ele.

– Hora do almoço, vamos lá?

– Claro só vou pegar a minha bolsa.

No caminho para o elevador passamos pela recepção e encontramos com Alexandre conversando com Ana. Ele balançou a cabeça em nossa direção e eu pude ver a troca de olhares entre o Nando e ele.

Só me faltava eu descobrir que Alexandre era bissexual.

Caminhamos até um restaurante próximo ao escritório..

– Nando eu já te disse que vou ter uma síncope de curiosidade, então melhor começar a desembuchar porque temos somente uma hora de almoço.

– Ok. Lá vai. – Nando puxou uma respiração funda e as palavras começaram a sair. – Clara eu sou gay.

Há. Ahá, eu sabiaaaa, comecei a cantar internamente e juro que se não tivesse em um local público faria a dancinha da vitória ridícula da Laís.

Apesar do meu baile interno Nando ainda estava falando.

– Quando eu te disse sobre meu problema, era porque o meu pai descobriu minha condição sexual e não aceitou ter um filho “bixa” como ele mesmo disse. Eu apanhei muito e fui tão humilhado. Pensei que nunca mais poderia levantar a cabeça novamente.

– Nando, me desculpe, não tinha noção da gravidade. Mas como você está? E sua mãe não te defendeu?

Fiquei perplexa com o que acabara de ouvir, preconceito em pleno século XXI, a ignorância desses seres idiotas não tinha limites, ainda mais vindo do pai. Esse deveria proteger seus filhos a todo custo.

– Minha mãe é uma coitada na mão do velho, ele é autoritário e praticamente um homem das cavernas, nunca a deixou trabalhar, e escolheu a dedo minha faculdade. Agradeço, pois sempre gostei de Direito. Mas muitas vezes tive a vontade de abandonar tudo só para irritá-lo.

As palavras de Nando não faziam sentido, meus pais eram de uma cumplicidade enorme. Com seus problemas como todos os casais. Mas meu pai era de uma generosidade ímpar.

– Então, continuando e resumindo, era ele quem bancava minha faculdade particular, pois eu não conseguiria pagar a mensalidade e bancar meus livros com a bolsa auxílio da Ferraz. Como você bem sabe nosso curso exige o estágio e as horas complementares, e dessa forma eu não conseguiria trabalhar em outro lugar para me sustentar.

Eu ouvia pacientemente tudo o que o Nando me dizia, mas ainda não estava entendendo onde o Ferraz entrava nessa história.

– E para piorar minha situação, ele me expulsou de casa alegando que eu era uma vergonha para sua família, disse preferir ter um filho morto a um filho homossexual.

– Nando que barra. – eu alcancei a mão dele sobre a mesa e comecei a fazer um carinho como forma de conforto. – mas e se você tentar um financiamento?

Nando abriu um sorriso maravilhoso e mudou totalmente seu semblante, acho que já descobri onde o Ferraz entrava nessa história.

– Clarinha eu não vou precisar de financiamento, hoje fui pedir o desligamento do escritório

diretamente com o Dr. Ferraz, mas saí de lá com a promessa de todas as minhas mensalidades pagas e ainda a aquisição de todos os livros até o final dos meus estudos.

Fiquei totalmente sem reação!

– Clara ele foi de um coração tão grande, de uma generosidade magnífica, em momento algum ele duvidou do que estava fazendo. E tem mais, para pagar essa “dívida” eu vou trabalhar na Ferraz por um tempo. Possivelmente até esse valor estar quitado, e o impulso disso no meu currículo é de outro mundo. Felicidade é o meu nome e alegria sobrenome.

Mesmo diante daquela bomba onde colocava todos os meus xingamentos para o Ferraz debaixo do tapete eu não pude deixar de compartilhar a alegria do meu mais novo amigo.

– Nando eu fico muito, muito, muito feliz por você, realmente não deve ser fácil o que você está passando, mas admiro sua garra e determinação.

– Você ficou um pouco estranha quando te contei tudo, foi muita informação para assimilar?

– Não. Eu só fiquei um pouco confusa, não esperava essa atitude do Alexandre, ele sempre me pareceu tão egoísta e preocupado com o próprio umbigo. Generosidade realmente não estava na minha lista de elogios para ele.

– Clara eu também não esperava essa resposta positiva ao meu problema vinda do Dr. Ferraz. Mas posso te garantir o Alexandre nunca foi egoísta, pelo contrário nunca vi homem mais preocupado com o bem estar dos outros, sua fama de rigoroso e autoritário é só para impor respeito dentro da empresa, mas ele tem um coração de ouro. Até financiar projeto de combate a drogas para adolescentes carentes ele financia, sem contar que pularia na frente de qualquer caminhão para salvar o Dr. Diego. Ele ama o irmão.

Precisava ter uma conversinha com minha amiga Priscila e questioná-la de como ela pode esconder o jogo sobre sua família daquele jeito. Definitivamente eu não conhecia nada do Dr. Alexandre Mendes Ferraz.

E depois daquela chuva de informações, a única coisa que eu poderia fazer era enrolar o meu rabinho e colocá-lo no meio das pernas.

Ferraz

Depois da minha conversa com a Clara eu realmente tive a certeza que se tivesse feito psicologia também teria sido um profissional bem sucedido. Principalmente no quesito mente feminina. A ideia de parecer um cara mais tranquilo, junto com o meu pedido de desculpas foi genial. Clara literalmente ficou muda, eu consegui deixar a menina veneno sem palavras. Inclinei-me para trás na cadeira e sorri para o teto. *Ponto para você Alexandre!* Era só uma questão de tempo para sentir o gosto daquela buceta deliciosa novamente. Só em pensar naquilo comecei a sentir algo endurecer mais embaixo.

Foco Ferraz! Ela virá até você!

Voltei a trabalhar e deixei de pensar na Clara. Ignorá-la um pouco também faria parte da operação. Vamos ver quanto tempo levaria para ela implorar pelo meu pau novamente.

A semana passou em um piscar de olhos. E quando percebi já era sexta-feira. Diego ainda estava fora, cuidei dos assuntos do Bruno repassando o caso para o Alberto e planejei feito um louco minha defesa para o julgamento que aconteceria naquela manhã.

Clara se comportou perfeitamente, me obedecia em todas as tarefas atribuídas a ela. Estava desconfortável com meu comportamento, pois só falei sobre assuntos de caráter profissional. Ela mudou sua postura, tentava me dar um sorrisinho aqui e ali, uma olhada mais longa, mas eu me mantive firme em meu propósito.

Ela virá ate você Alexandre, não se preocupe. Repetia, e aquela frase acabou se tornando um mantra. E ela não estava me ajudando muito, a cada dia ficava mais linda, e se produzia de uma forma que qualquer um ficaria louco por apenas uma noite de sexo. Droga! Eu estava ficando louco!

Peguei meu terno, minha pasta e caminhei até a recepção.

– Preparada para o seu primeiro tribunal do júri comigo? – Perguntei para Clara que já me aguardava na recepção. Tentei mudar meu foco do seu corpo perfeito em um vestido lindo, para uma conversa profissional.

– Ansiosa. – Ela me respondeu com um sorriso e eu amaldiçoei meu pai. O velho me paga por me obrigar a aceitar essa maldita.

– Vamos de táxi, o meu carro está na revisão. – Disse apontando para o elevador.

– Se o Doutor quiser, podemos ir no meu carro. Hoje eu vim motorizada para o escritório. Não é nada parecido com o Sedan que o senhor deve dirigir, mas dá para o gasto. – Ela ofereceu e eu aceitei. Espero não sustentar uma ereção pelo caminho.

Clara estava equivocada, mas não iria corrigi-la. Deixaria pensando que sou esse cara previsível e chato que ela está pintando.

Chegamos ao tribunal trinta minutos antes de começar a sessão. Passei por todos os procedimentos preliminares necessários e me encaminhei para a sala onde ocorreria o julgamento. Estava trabalhando naquele processo há algum tempo, meu cliente foi vítima de emboscada. Sua esposa se juntou com o amante para praticar o crime de latrocínio, roubo seguido de morte. Pelo fato do meu cliente ser vigilante de uma joalheira ele portava uma arma de fogo e infelizmente alvejou os dois supostos assaltantes. A esposa veio a falecer no local e seu comparsa e companheiro ficou em estado grave no hospital.

Com base em algumas supostas testemunhas e outros indícios que eu questionaria, a promotoria propôs ação de homicídio contra a esposa do meu cliente e tentativa de homicídio contra o amante dela. Apesar de defender criminosos de todas as espécies, dessa vez estava convencido da

inocência do meu cliente, e eu provaria tudo isso hoje.

– Então senhora Lúcia, por favor, conte-me como conheceu o casal? – Perguntei para a primeira testemunha e ela ficou visivelmente nervosa. Respondeu algo que eu sequer questionei.

– Dona Lúcia gostaria de lembrá-la sobre seu juramento diante deste tribunal. Prestar falso testemunho é crime. – Adverti fazendo-a repensar sobre suas palavras. Eu sabia que ela estava mentindo para o júri.

Ela tremia diante do meu olhar e eu achei que a mulher teria um ataque ali mesmo na minha frente. Mesmo ela tentando consertar, respondendo corretamente, o estrago já havia sido feito. Todos os jurados viram o quanto ela estava mentindo.

Sentei-me e não pude deixar de olhar para Clara. Ela estava totalmente hipnotizada por mim. Podia enxergar de longe o seu olhar de aprovação.

– Sr. Fabrício o senhor então alega categoricamente que a vítima falecida vivia uma relação extraconjugal? – Perguntei para a segunda testemunha e meu ponto era provar que a vítima mantinha um amante. O que foi confirmado.

– Sem mais perguntas meritíssima. – Disse olhando para a Juíza e me sentei.

Depois de uma pausa para o almoço, voltamos para o encerramento. Clara comeu apenas um sanduiche natural e estava muito retraída para o meu gosto.

Várias testemunhas e depoimentos depois. Ouvir a juíza sentenciar a absolvição do meu cliente me deixou extremamente feliz. Enquanto caminhávamos para o carro, Clara resolveu falar.

– Parabéns o senhor foi muito bem lá dentro. – Ela me elogiou e eu respondi um obrigado de forma seca.

Voltamos para o escritório e Clara estava ficando cada vez mais inquieta, o que estava acontecendo com aquela menina?

Já era fim de tarde quando chegamos a Ferraz, Clara foi direto para a sua sala e eu caminhei em direção a minha. Sorri ao ver Cristina me esperando na recepção.

– E aí meu amigo, como andam as coisas? – Ela me cumprimentou com um longo abraço.

Minha amiga era linda, alta, morena, magra, e com todos os outros atributos distribuídos perfeitamente. Infelizmente o meu amigo de longa data, – e seu amigo há três anos – Harry também achava isso. Ele viveu comigo nos Estados Unidos, era um australiano que estava fazendo doutorado em Boston.

– Arrependo-me amargamente de ter lhe apresentado ao Harry, você está cada dia mais linda Cris. – Elogiei como sempre fazia e ela me deu uma piscadela.

– Sempre galanteador Alê, mas você sabe que nunca daríamos certo, dois loucos por controle como somos, nos mataríamos na primeira oportunidade. Deixe-me com o Harry, ele me obedece direitinho. – Disse sorridente e eu a acompanhei, rindo da maneira carinhosa – porém sarcástica

– que ela falava da sua relação com seu marido.

– Alexandre eu preciso... oh desculpe, não sabia que estava acompanhado. – Aquela voz sexy me fez virar.

Clara entrou na sala como um furacão e eu puxei Cris para o meu lado, aproveitaria mais aquela oportunidade em mostrar para Clara o que ela estava perdendo.

– Clara está é a Cris, uma amiga. Cris esta e minha estagiária Clara. – Apresentei as duas.

Cris deu um passo para frente e estendeu sua mão para Clara.

– Muito Prazer. – Ela disse com educação para a menina morta de raiva na minha frente.

– Igualmente. – Clara respondeu e eu notei claramente seu ciúme. Mais um ponto para você Ferraz.

Quando Cris voltou ao seu lugar eu a puxei para o meu lado novamente.

– Harry vai te matar se pegar suas mãos em torno de mim. – Ela sussurrou no meu ouvido.

– Meu amigo confia em mim. – eu devolvi o sussurro.

– Ferraz nenhum homem deve confiar em você. – e sorriu entrando no meu jogo.

Os sussurros eram tão baixos. Não poderiam ser ouvidos da distância, ou seja, ela não fazia a mínima ideia do que estávamos falando.

– Clara. Pode ir embora. Eu e a Cris temos um compromisso. Até segunda-feira.

– Sim até segunda. – Ela disse para mim, mas não tirava os olhos da Cris. – Até mais Cristina, foi um prazer. – Se dirigiu a ela com um olhar de fúria.

Elas se despediram e Clara saiu. Cristina se afastou de mim e me deu um soco pesado demais para suas mãozinhas delicadas.

– Ai! – eu exagerei um pouco para irritá-la passando a mão por onde ela havia acertado.

– Sua estagiaria Ferraz, mesmo? Vocês homens são tão previsíveis. E vamos logo tomar esse café, depois do papelão que você me fez passar vai ser tudo por sua conta. E não esqueça. Harry vai saber disso. – Cris caminhou na minha frente ainda me repreendendo.

– Relaxa Cris. Foi por uma boa causa. – Mas espero não ter exagerado na dose.

Capítulo 10

Clara

A semana passou muito rápido. E somente uma coisa me intrigava: as atitudes do Ferraz. Meu Deus! Eu ficaria louca tentando entender aquele homem

Desde que o conheci suas atitudes demonstravam que ele estava totalmente na minha, mas agora? Eu não sabia o que estava acontecendo. Desde nossa conversa na terça-feira ele me tratava de forma... Normal?

Nunca mais tocou no assunto da nossa noite e principalmente nunca mais tentou alguma coisa comigo. Peguei-me várias vezes imaginando se estava ficando gorda, ou se algo estava errado com meu cabelo. Teria que passar em frente a uma obra qualquer, para testar minha sedução com um pedreiro, só para ter certeza que eu ainda era eu.

Fiquei preocupada, pois nunca deixei homem nenhum ditar minha vida, muito menos o que visto ou o peso do meu corpo. Precisava de um psicólogo urgente ou um pai de santo. Alexandre deve ter colocado meu nome na boca de um sapo ou outra coisa qualquer. Dessas que as pessoas fazem para trazer o amor em três dias.

Sexta de manhã eu ainda pensava no porque do Ferraz estar me tratando tão friamente, e decidi caprichar no visual. Coloquei um vestido sem nenhum decote, com um cinto marcando a cintura, ele descia um pouco aberto e solto até os joelhos e sua cor era uma mistura de azul, branco e cinza. Coloquei uma meia calça preta e saltos altíssimos. Fiz vários cachos nas pontas do meu cabelo e uma maquiagem com os olhos bem marcados.

Cheguei a Ferraz bem cedo e logo percebi que o problema não era comigo. Pois o porteiro me abriu um sorriso encantador e meus pensamentos foram diretos para o Alexandre.

– Chupa essa manga seu filho da mãe. – O porteiro me olhou confuso e eu percebi disse aquilo em voz alta.

– Desculpe Marcos, pensando em voz alta. – aponte com o dedo indicador para a minha cabeça, e ele deve ter pensando que eu era maluca.

Quando cheguei a recepção eu fui direto aguardar o Alexandre, eu sabia que não podia me atrasar. Estava muito ansiosa para vê-lo em ação. Alguns minutos depois a visão do céu ou do inferno, depende do contexto, apareceu em minha frente em forma de um homem. Alexandre vestia um terno bem cortado de cor escura, uma camisa muito linda da mesma cor e gravata roxa, me questionei intimamente sobre quem escolhia suas roupas. Ele estava perfeito. Fui obrigada a fechar minha boca e desviar o olhar. Estava surpresa com meus próprios sentimentos. Ferraz era maravilhoso e sabia como usar sua beleza ao seu favor.

Já no tribunal, o que eu vi durante quatro horas, foi um show de competência do Alexandre. Meu

Deus que homem! Ele estava com tudo ao seu favor, sua inteligência foi incrível. Ele foi incrível. Eu estava ficando excitada de vê-lo tão imponente e dominador naquela pose de “*eu mando aqui e você fala o que eu quero ouvir*” e parecia que as testemunhas entendiam aquele olhar, porque em menos de cinco minutos com ele, elas tremiam. E quando eu falo tremer não é no sentido figurado, elas tremiam mesmo.

Eu estava sem ação. Estava com tesão. Ferraz estava totalmente comestível, e eu não fazia ideia de que decisão tomar. Eu o recusei na sua própria sala e agora estava louquinha para sentir suas mãos em mim novamente.

Voltamos para o tribunal após a pausa do almoço e eu mal consegui engolir um sanduiche. Porra, eu estava ferrada.

Claro que o cliente do Ferraz foi absolvido, não havia dúvidas quanto aquilo.

Chegamos ao escritório e fui direto para a minha sala. Gastei alguns minutos para tomar fôlego, e decidi.

Chegaria lá e treparia com ele em cima da mesa. Não estava aguentando mais, era muito tesão reprimido.

Eu saí com um sorriso no rosto em direção a sala do Alê, pois sabia que assim que me jogasse para ele, o meu Dr. Delícia não aguentaria e me daria o que eu precisava. Então imagine minha cara de espanto quando eu o peguei com uma morena magnífica que mais parecia uma atriz de Hollywood na recepção. Pouquíssimas vezes na vida eu fiquei sem reação e essa semana já era a segunda vez.

Não sabia se ia embora, se ficava ou se chutava as bolas dele. Essa última opção pairou sobre a minha cabeça, mas graças a Deus meu cérebro ainda funcionava.

Nos próximos dois minutos uma pequena apresentação se fez e eu queria morrer ali mesmo de vergonha e raiva.

Filho da puta!! Eu pensando em transar com ele e o desgraçado emaranhando do lado dessa... Dessa... Girafa.

Depois do Ferraz praticamente me expulsar do escritório alegando um compromisso com a Srta. Pernalonga, eu corri como se tivesse em uma maratona para chegar ao meu carro. Minha vontade era arrancar a cabeça do primeiro que aparecesse na minha frente.

– É isso. – de repente tudo se iluminou e eu mandei um WhatsApp para Laís, “ALERTA NIVEL UM” como ela sabia do que se tratava, foi logo perguntando sobre a roupa.

“Qualquer uma para abalar a estrutura dessa cidade” – Respondi antes de dar partida no meu carro.

Cheguei em casa um pouco tarde, pois havia passado em um centro de estética. Coloquei minha play list de rock enquanto eu tomava banho. Quando sai do banheiro A7X, tocava no meu aparelho

de som eu comecei a me arrumar. Precisava esquecer os braços do Ferraz em volta daquela girafa de pernas grossas.

Coloquei um vestido de paetê preto, comportado na parte frontal, porém seu decote descia até quase mostrar o meu bumbum. Não havia usado ele ainda, mas me senti uma popstar com aquela peça. Coloquei um peep toe preto com saltos altíssimos. Minha maquiagem estava perfeita, sombra cinza esfumada, batom vermelho boca, e um blush para finalizar me deixando corada, mas de forma natural. Não mexi no cabelo, pois o salão fez um excelente trabalho. Sai de casa para passar o rodo geral na balada. Não voltava para casa sem transar nem a pau.

Enquanto eu aguardava a Laís descer, os olhos do Ferraz voltavam a minha mente.

– Fiu! Fiu! Amiga você está arrasando! – Laís brincou assim que entrou no táxi.

Eu estava bem produzida, porém minha amiga não ficava atrás, ela usava um vestidinho curto, amarelo, esvoaçante com um belo decote nos seios, e um par de sapatos azul, ela amava misturar as cores, e essa combinação ficou linda nela.

Enquanto o motorista dirigia para a boate escolhida para abalar a noite, eu e Laís conversamos animadamente sobre assuntos aleatórios.

– Chegamos. – Disse olhando para fila de pessoas na calçada.

Laís bateu sua mão na minha, pois ela estava mais empolgada que eu. Entramos para a boate badalada e fomos direto ao bar.

Pedi para o *barman* duas doses de tequilas para começar. Quando ele nos entregou, eu e Laís levantamos o copo em um brinde,

– Arriba! Abajo! Al centro! Adentro! – eu e minha amiga cantamos juntas. Essa era nossa preparação para a tequila. Depois de descer as primeiras doses fomos para pista de dança. Dançávamos ao som de David Guetta. A batida da música possuindo nossos corpos e nos transportando para outra realidade. Parávamos para tomar mais algumas doses da nossa bebida favorita. Quando uma das minhas músicas favoritas começou a tocar eu meio que surtei, imediatamente iniciei uma dança sensual enquanto sentia cada palavra que eu ouvia.

Sinto-me tão livre esta noite/ Como flores caindo do céu!/ Sinto-me tão livre esta noite, esta noite!

O vocalista cantava e eu podia sentir toda a energia daquele lugar. Laís se encostou contra mim e começamos a dar um show para todo, rebolando e mexendo como uma pantera pronta para dar o bote.

Sinta a vibe, e venha para pista de dança./ Eu quero dançar a noite inteira. O jeito que você dança./ Você me deixa fora do sério/ Eu digo: Eu quero você... Você diz: Venha/ Isso é música eletrônica com alma!

I feel So Free- Spyzer

Meu olhar passeava pela multidão. Quando eu percebi um par de olhos familiares me encarando.

Dr. Bruno. Dei um aceno o cumprimentando, e imediatamente ele fez o seu caminho em minha direção.

– Sabia que conhecia esse monumento de algum lugar. – Ele falou bem alto para que eu pudesse escutar através da música.

Eu o encarei e ele me devolveu um sorriso de iluminar o ambiente. Delícia!

– Lembra-se de mim? – Perguntei espantada, pois nosso encontro foi tão muito rápido e não acreditava que se lembraria de onde me conhecia.

– Meu anjo nunca poderia me esquecer de você. Estagiária do Alexandre. Acertei? Clara. Correto? – Ele fez as perguntas e eu assenti. Passei a mão para retirar meu cabelo do rosto e ele seguiu meus movimentos.

– Sim para todas as perguntas. Essa é minha amiga Laís. – percebi que a Lá praticamente salivava em direção ao Bruno, então a apresentei.

Bruno levantou a mão antes de cumprimentá-la e me olhou com um ar divertido.

– Ela é casada, namorando, enrolada ou qualquer outra coisa do gênero? – eu ri da pergunta sem sentido do Bruno.

– Não. Livre e desimpedida, assim com eu. Mas porque a pergunta? – Fiquei curiosa.

– Nada, só uma promessa. Me afastar de problemas. – Respondeu já levando a boca em direção ao rosto da Laís.

Assim que descobriu a situação amorosa da Laís eu notei uma química entre eles. Bruno era lindo e combinava perfeitamente com a personalidade alegre e entusiasmada da minha amiga. Dançamos mais algumas músicas acompanhadas por ele, que não nos deixou sozinhas nem por um momento.

– Então seu amigo Dr. Ferraz não veio? – Bruno desviou os olhos da Laís para me responder, tínhamos nos acomodado em alguns sofás mais afastados da pista de dança, o ambiente ali era mais calmo, portanto não precisávamos falar muito alto.

– Não. O Alê anda meio esquisito, deve estar em casa de pijama. – Bruno me respondeu rapidamente e voltou olhar para Laís.

Ele saiu enrolado na Pernalonga, e eu duvidava que estivesse sozinho.

– Eu duvido. Ele deve estar na cama de alguma piriguete. – Disse sem processar minhas palavras, mas todos perceberam o meu sarcasmo. Foda-se! Virei mais uma dose de tequila.

– Quer apostar? – Bruno propôs.

Nunca fugia de uma boa aposta, cerrei meus olhos e o encarei.

– Você escolhe o prêmio. – Bruno gargalhou e mudou seu olhar para um grande balcão perto de onde estávamos.

– Um Body Shot? – Bruno piscou e o álcool me deu coragem para concordar com ele.

– Vamos ligar para o Alê. – Levantei e fui até o sofá que eles estavam.

Bruno pegou o telefone e discou o número do Alexandre. Antes que a ligação fosse atendida eu tomei o celular da sua mão e voltei para o meu lugar, aguardando o Alê atender.

– *Fala Bruno...* – Ferraz atendeu.

– *Quem é Alê?* – Eu ouvi a voz de uma mulher do outro lado e acabava de ganhar um Body Shot no belo corpo do Bruno

– Ganhei Bruno, tem uma mulher. – Com o celular ainda na orelha, eu avistei uma massa de corpos se pegando no sofá. Laís e Bruno estavam em um beijo quase pornográfico.

– Alô? Clara é você? Porque diabos está com o celular do Bruno? – Alexandre falava do outro lado da linha, e já estava ficando irritado.

– Eca Bruno, tire sua língua daí. – Falei sorrindo para ele e escutei um Alexandre muito nervoso do outro lado da linha.

– Clara passa o celular para o Bruno AGORA! – Ele gritou comigo! O Desgraçado gritou comigo!

Muito bêbada eu caminhei até o sofá que os dois pombinhos estavam.

– Ele quer falar com você. – entreguei o telefone para o Bruno e me joguei no sofá entre ele e a Laís. Pedi mais três doses da nossa bebida enquanto Bruno falava com Alexandre. Ele também estava completamente bêbado, nos três tínhamos passado do limite. Bruno gargalhava e eu ainda estava são suficiente para saber que ele não estava entendendo as palavras de Alexandre .

Quando ele encerrou a ligação, pegamos nossos copos e ensinamos para o Bruno nossa música de preparação.

Ele aprendeu rapidinho. Então entoamos os três juntos entre soluços e gargalhadas.

– Arriba! Abajo! Al centro! Adentro!

Ferraz

Minha conversa com Cris foi muito promissora, apesar de ficar quase o tempo todo me esquivando de suas perguntas a respeito de Clara. Ela foi uma ótima companhia. Eu não queria o Nando se sentindo pressionado a se consultar, então eu combinei com a Cris que ela faria algumas reuniões e entrevistas com todos os funcionários da Ferraz. Assim ela poderia conversar individualmente com ele sem demonstrar que já sabia do ocorrido.

Naquela sexta-feira específica eu não fui treinar na academia. Meus pais chegariam no começo da madrugada e eu queria estar descansado para buscá-los.

Cheguei em casa, tomei um banho e decidi assistir a um filme qualquer. Meu celular tocou e novamente um número restrito, era a terceira vez somente naquela semana. Precisava tomar providências se isso continuasse se repetindo.

– Alô! – mudo assim como da última vez.

Desliguei sem falar mais nada, devia ser algum engraçadinho tirando onda com a minha cara.

Novamente o celular tocou.

– Que porra é essa?! – gritei, pois já estava ficando incomodado com esse filho da mãe.

– Uou! Calma, amigão, é o Bruno, lembra-se de mim, seu amigo quase irmão? – Bruno disse e eu passei a mão pelo meu rosto.

Estava tão estressado com aquelas ligações que acabei nem verificando o visor antes de atender.

Bruno contou que ligou me convidando para a inauguração de uma boate. Até fiquei animado com o convite, merecia mesmo sair depois da semana difícil que enfrentei, mas prometi buscar meus pais no aeroporto, então ficaria de plantão.

– Hoje não vai dar. – Respondi e ouvi sua risada do outro lado da linha.

Coloquei os pés sobre a mesa de centro e aguardei a piada.

– Alê se você quiser, na próxima visita posso te levar um bichinho de pelúcia, um coelhinho ou outra coisa para você se agarrar enquanto dorme às oito da noite, seu molenga. – Não disse? Previsível.

Expliquei meus motivos para Bruno antes que ele pegasse mais ainda no meu pé. Como ele adorava meus pais, acabou concordando comigo.

Cochilei alguns minutos e no horário combinado e eu fui para o aeroporto. Chegando, fui direto para área de desembarque, por onde eles saíam. Alguns minutos depois, pude ver um casal sorridente vindo em minha direção.

– Pensei em mandar a mudança de vocês para a Argentina. – Minha mãe sorriu ao me abraçar e meu pai bufou.

O abracei também, e eu aguardei suas lamurias.

– Nem morto que eu volto para aquele lugar congelante. – Disse chateado, meu pai não deixaria passar a chance de reclamar da temperatura.

Ao longo do caminho para a casa dos meus pais eu escutei pacientemente toda a conversa a respeito da viagem e o quanto a neve era maravilhosa, pelo menos minha mãe fazia questão de dizer. Meus pais não moravam muito longe do aeroporto. Assim que cheguei na porta de casa, meu celular vibrou. Bruno de novo.

– *Fala Bruno.* – Atendi no segundo toque.

– Quem é Alê? – Minha mãe perguntou.

– *Ganhei Bruno, tem uma mulher...* – eu ouvi uma voz feminina do outro lado e se não estivesse sonhando e nem louco poderia jurar. Era a voz da Clara.

MAS QUE PORRA É ESSA.

– Alô? Clara é você? Porque diabos está com o celular do Bruno? – Meu sangue fervia e tive vontade de colocá-la no meu colo e bater toda a merda fora daquela menina.

– *Eca Bruno, tire sua língua...* – Língua? Eu vou matar o filho da puta do Bruno, enquanto eu me preocupava com o Diego. Meu melhor amigo estava com a língua enfiada sabe lá onde na minha menina. Fiquei louco e comecei a berrar no telefone.

– Clara passa o celular para o Bruno AGORA!- Alguns minutos depois eu podia ouvir suas risadas, enquanto entregava o celular para o Bruno. Ele começou a falar eu notei que ele estava bêbado, na verdade percebi que a Clara também estava para lá de Bagdá.

– Bruno onde vocês estão? Estão ainda na inauguração? – Perguntei já retirando as chaves da caminhonete do meu bolso

Bruno gargalhava com cada palavra minha, e eu jurei quebrar o nariz dele.

– Alê, ela é muito gostosa, você deveria ter visto. Que beijo. – Sua voz arrastada misturada com as risadas. Ouvir aquilo me deixou furioso!

– Eu vou matar você seu desgraçado. Toque num fio de cabelo da Clara e eu vou arrancar cada membro do seu corpo com um cortador de unha. Está me escutando Bruno. NÃO-SAIA-DAÍ. Eu estou indo. – Vociferei cada palavra como um rosnado.

Voltei para dentro de casa só o tempo para me despedir dos meus pais. Entrei no meu carro e praticamente decolei no sentido da casa noturna.

Quando cheguei à boate a fila estava enorme, também pudera era uma inauguração.

Olhei para a entrada da boate e dei graças aos céus. O cara lá de cima resolveu me ajudar. O segurança que estava na porta era um amigo do Diego e em várias vezes havíamos nos encontrado no estádio para assistir futebol juntos.

– Andrei. Preciso de um favor. Minha namorada está lá dentro e eu preciso entrar para buscá-la. Ela não está muito bem. – Soltei sem analisar as palavras.

– Namorada? – ele me perguntou espantado.

Namorada? Eu mesmo fiquei surpreso com minhas palavras, mas foda-se não dava mais para voltar atrás. Passei a mão pelos cabelos, estava ficando perturbado com o que a Clara e o Bruno poderiam fazer dentro daquele local.

– Cara, é complicado, quebra essa depois te explico. – Pedi e ele assentiu liberando minha passagem.

– Claro Alexandre, pode passar por aqui. Mulher não é complicada mesmo. – Sorriu em cumplicidade ao meu sofrimento.

No meio daquela multidão estava difícil se mexer. Muitas mulheres me abordaram e eu tentei abrir caminho no meio delas.

Foi então que eu a avistei em um local mais reservado. Cristo Jesus, nunca vi mulher mais linda na minha vida. Eu fiquei paralisado apenas observando enquanto ela se mexia com o balanço da música.

De olhos fechados ela dançava de forma sensual, mas quando ela virou de costas, todo o sangue do meu corpo evaporou. Seu vestido deixava suas costas nua e imediatamente me imaginei passando a língua por toda aquela pele.

O homem das cavernas me possuiu e eu estava pouco me importando se ela estava com Bruno. Arrastaria ela daqui agora. Aproximei-me e ela levantou a cabeça notando minha presença.

– Olha quem está aqui. O Dr. Ferraz. Onde está sua Pernalonga? – disse com a voz arrastada e eu não entendi nada,

Clara estava muito bêbada, chegando a tropeçar e quase cair em minha direção. Eu a segurei e apoiei seus braços, lhe colocando de pé.

–Vamos por partes, menina, onde o Bruno está? – ainda estava muito nervoso, e ver Clara naquele estado de embriaguez me deixou ainda mais irritado.

– Isso depende do ângulo de quem vê. Alguns o veem dentro da Laís, mas alguns veem a Laís dentro dele. – Respondeu sorridente e aquilo não fazia sentido.

Clara deu de ombros olhando para o sofá perto de nós. Eu segui seu olhar. O que eu vi me deixou confuso. Bruno estava atracado com uma loira em beijos cinematográficos.

– Clara quem é aquela? – precisava ter certeza que ele não havia tocado na minha menina.

– Minha amiga Laís – Clara sorriu, mas continuou falando – desde quando te liguei eles estão fazendo aquela coisa nojenta com as línguas. – Explicou e eu fiquei aliviado.

Ok! Clara e Bruno não estavam juntos. Isso era bom, não teria uma morte para carregar nas costas. Mas ainda estava possesso pelo fato desses dois e agora três contando com a Laís terem bebido daquele jeito.

Arrastei a Clara pela mão ignorando seus protestos até que consegui chegar ao sofá.

– Bruno, seu filho da mãe. Vamos embora. – Ordenei e ele se separou da boca da garota e levantou cambaleando até onde eu estava.

– Alê meu amigo, você veio. – ele tentou me abraçar. Bêbado era pouco para ele. – Pantera, esse é o grande Alexandre Ferraz meu amigo irmão.

Bruno me dava tapinhas nas costas, enquanto Laís arregalava os olhos em minha direção. Clara não se mexia, e nem falava nada. Ainda bem, porque se ela me provocasse eu bateria no seu traseiro ali mesmo na frente de todos.

– Nossa senhora dos homens gostosos. Amiga você me disse que ele era um tesão, mas ele é o pecado em pessoa. – A garota disse na direção da Clara que deu de ombros.

Eu me senti orgulhoso por ela ter comentado sobre mim com sua amiga.

– Tudo bem, apresentações feitas, vamos para casa. Todos estão de táxi né? – Se me respondessem que estavam dirigindo seria mais um sermão

– Sim! – eles responderam em coro e eu amaldiçoei baixinho.

– Ei Bruno, eu ainda tenho que fazer um body shot em você. – Cerrei os olhos pelo comentário de Clara. Só se eu estivesse morto e enterrado.

– Querida. – falei no ouvido dela – eu tenho cinco marcas diferentes de tequila, e posso dizer que corpo para você lambar não vai faltar. O meu está a sua disposição. – Ofereci e ela engoliu um seco.

Clara apertou minha mão e estreitou os olhos, por mais que não quisesse se dar por vencida, eu sabia que ela adorava minhas palavras chulas e eu poderia jurar que ela estava ficando excitada. Saí da boate arrastando a Clara e ouvindo as risadas dos meus novos companheiros atrás de mim. Acenei com a cabeça para o Andrei. Ele olhou para a Clara e balançou a cabeça sorrindo. Pedi para os três pés de cana me aguardarem na calçada enquanto eu buscava meu carro.

Estacionei minha caminhonete e Bruno como conhecia meu carro abriu a porta e tratou de colocar a Laís para dentro. Clara estava parada na calçada enquanto eu tentava convencê-la a entrar.

– Clara entre na caminhonete, vou levar todos para casa. – Expliquei e ela continuou me encarando com um ar de superioridade.

– Uma 4x4? É óbvio. Você não poderia dirigir um carro normal como todo mundo. Você é Alexandre o Grande. – Ela começou a me provocar com todo seu sarcasmo.

Passei as mãos pelo cabelo, tentando me segurar. As pessoas a nossa volta começaram a nos encarar. Só faltava chamarem a polícia.

– Clara querida, as pessoas estão se preocupando, então minha linda entra na caminhonete antes que eu jogue você nas costas e faça você ir à força.

Ela ainda não arredava o pé da calçada. Garota mais teimosa.

– Posso pegar um táxi sabia? Não preciso de ninguém para vir me salvar.

– Clara não se preocupe, não é pelo fato de vir te buscar que deixarei de ser seu lobo mau. Agora entra na maldita caminhonete. – Aumentei o tom de voz.

Clara cedeu e graças aos céus entrou na caminhonete. Assim que entrei eu olhei pelo retrovisor.

– Droga Bruno, não é para transar no meu carro. – Briguei com ele olhando pelo espelho.

– Ei olha lá como fala com minha amiga, ela não faria isso. Clara disse me dando um soco no ombro

– Certo. Talvez você possa me responder por que a parte de baixo do vestido dela foi parar no

pescoço. – Apontei para trás.

Clara virou para o banco de trás e bradou com os dois. – Parem agora, imediatamente. – quase que última palavra não saiu.

Arranquei com minha caminhonete e comecei o meu serviço de entrega domiciliar. Primeiro o Bruno.

– Cara minha pantera precisa vir junto. – ele reclamava enquanto eu o acompanhava até a portaria do seu prédio. – Pedia quase chorando. Bêbado é foda!

– Bruno amanhã você liga para a sua pantera. Agora entra. Vigio até você chegar ao elevador. – Dei um tapa nele, para que pudesse entrar. Bruno me abraçou e me deu um sorriso de bêbado.

– Você é meu irmão. – ele apontava o dedo na minha direção. – o irmão que eu nunca tive.

Despedi-me do Bruno e passei para a próxima parada. Casa da Laís. A levei até a porta e esperei que entrasse. Assim como fiz com Bruno.

– Porra você é quente, o Bruno também é quente. UAU, só homens gostosos hoje. Minha amiga precisa de orgasmos, ela me disse. – Laís apontava em direção ao carro onde a Clara estava.

– Não se preocupe querida, vou cuidar dela. – Respondi sério.

Voltei para o carro e parti para minha última entrega. Clara.

O endereço? Minha casa.

Estava tentando uma tática mais sutil, deixei Clara pensar que não me importava com ela ou que esqueci a nossa noite. Até usei a Cris, – no bom sentido é claro – para deixá-la com ciúmes. – Mas porra, a noite de hoje mudou totalmente minha postura. Eu a queria na minha cama, e não esperaria mais nenhum minuto para realizar o meu desejo.

– Alexandre, esse não é o caminho para a minha casa. – Clara me olhou, enquanto eu dirigia.

Ela parecia estar mais consciente, o efeito do álcool estava passando.

– Não Clara, estamos indo para a minha casa. – Respondi sem tirar os olhos da rua.

– Alexandre, por favor, me leva para minha casa. – Pediu com arrogância e eu já estava começando a perder a paciência. – Querida, se você está pensando que eu vou deixar sua bunda bêbada fora das minhas vistas, pode tirar seu cavalo da chuva. Você vai para a minha casa, e esse assunto não cabe recurso. – Respondi de forma seca para não deixar dúvidas.

– Só para você saber, eu não estou tão bêbada assim Alê. – Ela me disse sorrindo de forma maliciosa. Maldita!

– Excelente! Quando chegarmos em casa, eu vou te foder até você perder os sentidos, e agora depois do que me disse eu fico feliz em saber que amanhã você se lembrará quem era o dono do pau que fodeu os seus miolos. – Soei convencido, mas foda-se.

Clara abriu a boca para falar algo, mas fechou imediatamente quando viu o meu olhar.

Durante todo o trajeto ela não soltou uma única palavra. No elevador tentei manter todo o meu autocontrole para não comê-la ali mesmo. Porém meu controle acabou no momento em que abri a porta do meu apartamento. Clara entrou, eu a pressionei contra a porta fechada e a beijei desesperadamente. Passei a semana inteira desejando aqueles lábios, então aproveitaria cada centímetro deles. Minha mão direita envolveu a garganta dela, não forte para asfixiá-la, mas na medida certa para deixá-la saber quem mandaria naquela noite.

– Olhe nos meus olhos. – a cretina me obedeceu rapidamente. – O que você fez hoje me deixou louco. Não foi nada legal Clara, eu quase matei o meu melhor amigo só por pensar nele te tocando. – Disse com um tom firme.

Passei minha mão livre nos seus seios por cima do vestido e Clara começou a soltar gemidos sufocados.

– Não Alê. – Sua boca negava, mas seus olhos diziam o contrário e eu me aproveitei dessa contradição.

– Nada de “não” hoje Clara, mais cedo ou mais tarde aconteceria, é inevitável. – Continuei acariciando, enquanto a convencia que não poderia lutar contra mim.

Deslizei minha mão do seu pescoço por toda a lateral do seu corpo. – Eu quero você e você também me quer. – Clara soltava gemidos cada vez mais roucos de desejo e eu continuei acariciando os seus mamilos.

– Agora seja minha boa puta e abra as pernas para eu ver o nível de sua excitação. – Dei um tapinha no interior da sua coxa e ela arfou de prazer.

Clara levantou sua perna direita e entrelaçou-a na minha cintura, deixando a outra apoiada no chão. Imediatamente afastei sua calcinha e coloquei um dedo em seu interior e senti o quanto ela estava molhada. Minha perdição.

– Uma puta! – Falei encarando seus olhos – É isso que você é minha menina, me deixou louco durante a noite toda e mesmo assim está encharcada para mim. – Fazia movimentos lentos.

Comecei a socar sua pequena buceta, mas antes dela chegar ao clímax eu retirei meu dedo e arrastei-a para o meu quarto.

– O banheiro fica a esquerda, pegue a toalha e tome um banho – Coloquei uma toalha nas mãos dela. A menina me fuzilou com o olhar e eu tive certeza. Era porque ela estava quase gozando quando eu parei de tocá-la.

– Minha linda, hoje eu vou te comer do jeito que eu quiser e quando eu quiser. Tome um banho e tire o cheiro daquele lugar do seu corpo, não quero nenhum perfume em você a não ser o meu. Vou te esperar aqui. – Ela não esboçou nenhuma reação e se dirigiu para o banheiro.

Aproveitei que Clara concordou por livre espontânea pressão em tomar banho, e fui para o

banheiro social tomar uma ducha. Enrolei uma toalha branca na parte de baixo do meu corpo e caminhei para o quarto. Clara já me esperava de costas para mim e usando uma das minhas camisetas que eu costumava deixar pendurada no banheiro.

– Você está linda com minhas roupas, pena que não vai durar muito tempo. – Colei meu corpo ao dela e senti o seu aroma, puxei todo o seu cabelo para o lado buscando total acesso ao seu pescoço. Comecei a beijá-la, desde a base da sua clavícula até sua orelhinha perfeita.

– Por favor, Alê me toque. – Puxei a camiseta pelo seu pescoço jogando-a no chão. Com a força do movimento, a toalha que me envolvia caiu, meu pau saltou totalmente ereto. Clara não usava calcinha e sentir seu corpo colado no meu, ainda fresco do banho me pôs em êxtase. Coloquei-a de frente e senti suas mãos delicadas descerem e subirem pelo meu peito. Seus olhos seguiam suas mãos me avaliando centímetro por centímetro.

– Você quer ser fodida pelo meu pau? – perguntei segurando meu membro enquanto o direcionava para a sua entrada deliciosa.

– Sim Alexandre! Estou cheia de tesão, por favor, por favor, pare de me provocar e me foda logo. – Praticamente implorou, e eu adorava quando ela implorava.

– Shhh! Shhh! – Coloquei o dedo em sua boca, impedindo-a de falar – Hoje você não fala, não pede e não manda. Hoje você apenas me obedece.

Joguei a menina na cama e subi em cima dela, levando meu pau para a sua boca. A safada sorriu prevendo o que aconteceria. Fiquei com medo de exagerar, mas a maldita estava adorando tudo aquilo. Amava sua liberdade na cama.

– Chupe! Me engula inteiro como da última vez.– Ordenei mais uma vez.

Clara não decepçionava no sexo oral. Ver meu pau desaparecer entre aqueles lábios, era uma sensação de outro mundo. Ela começou a massagear as minhas bolas enquanto meu pênis entrava e saía fodendo gostoso sua boquinha.

– Vai gozar em mim Dr. Ferraz? – ela afastou a boca para falar, mas imediatamente eu coloquei de volta em torno da minha ereção. Continuei balançado os meus quadris, enfiando cada vez mais fundo. Já estava a ponto de explodir.

– Vou e dessa vez, você vai engolir cada gota. – ela sorriu e começou a me chupar com mais velocidade.

– Caralho! Eu vou gozar! Abra bem a boca menina e tome tudo. – Minha voz já era só sussurro e a onda de prazer me atingiu de uma forma sobrenatural.

Clara lambeu cada milímetro do meu pau, limpando todo o esperma restante. Quando eu vi sua garganta fazer um movimento de deglutição eu me senti “o cara”, por saber que era minha porra descendo por ali. Depois de ter um orgasmo alucinante. Sentei-me ao lado dela na minha cama e a coloquei na minha frente, de costas para o meu corpo. Abri suas pernas e senti seu corpo tremer

apenas com o toque das minhas mãos.

– Abra para mim querida, eu vou tocar em você. Deixe-me te dar prazer, você deseja isso? Minha pequena vadia. – Disse, enquanto a sentava de costas para mim. Clara encostou a cabeça no meu ombro e eu comecei a acariciá-la, uma mão brincava com seus mamilos e a outra descia por seu ventre para alcançar seu clitóris.

– Olha esses seios, tão durinhos para mim. – eu sussurrava em seu ouvido, tão perto que ela poderia sentir o ar saindo dos meus lábios enquanto eu apertava seus mamilos.

– Eu adoro sua buceta – alcancei o seu clitóris e comecei a fazer círculos lentos. – Ela foi feita para o meu pau se enterrar nela. Você não acha? Não gosta de ver meu pau desaparecendo dentro do seu corpo? – Deixei que as palavras sujas alcançassem os ouvidos dela.

Clara começou a soltar gemidos mais altos e a senti ficar mais úmida, com um pouco de habilidade consegui colocar um dedo dentro dela ao mesmo tempo em que acariciava seu ponto sensível com outro.

– Oh Alexandre, eu vou gozar, me deixa gozar. Cacete... – Pediu se mexendo, e eu a segurei.

Clara tentava levantar seu corpo e eu passei um braço em torno de sua garganta novamente, naquela posição ela estava restrita e não conseguia fazer grandes movimentos.

– Isso aí goza! Quero ouvir você chamando “meu nome”, porque sou EU e mais ninguém quem está com o dedo enterrado em você. – Soei possessivo, mas naquele momento ela era só minha.

Ela se contraiu em volta dos meus dedos e eu tive certeza que ela estava gozando.

– Alexandre... Oh Céus. – Gritou. E o prazer em ouvir meu nome em sua boca, me deixou ainda mais excitado.

Ela gozou, e eu retirei meus dedos melados de dentro dela. Tesão!!! Não dei tempo para a menina respirar. – Fique de quatro querida, eu sonhei várias vezes em puxar esse seu cabelo enquanto te comia nessa posição. E hoje estou pronto para realizar esse desejo.

Enquanto eu abria a gaveta do meu armário, Clara ficou na posição que eu mandei, e com os cabelos caídos pelo seu rosto olhou em minha direção.

Linda! Deliciosa! E todinha minha! Na minha cama!

Enrolei o preservativo ao longo da minha ereção e caminhei de volta para cama. Posicionei-me atrás dela e conduzi meu pau para a sua entrada. – Linda me deixe entrar, relaxa, você está tão molhada. Tão louca pelo meu pau. – Retirei e entrei novamente. Minhas palavras foram alimentando o seu desejo e quando percebi já estava todo o caminho dentro.

– Vem aqui! – enrolei todo o cabelo dela em meu punho e puxei sua cabeça para trás de forma que todo o seu corpo ficasse esticado. Passei as duas mãos pelo seu pescoço e a fiz olhar para cima. Dei um beijo em sua testa e fiquei alguns segundos naquela posição. O rosto da Clara começou a ficar vermelho pela falta de ar e eu soltei, voltando a segurar o seu cabelo.

– Agora eu vou meter forte e rápido, me diga se for demais para você menina. – Fiquei parado esperando uma resposta.

– Alê pelo amor de Deus mexa-se! – Suplicou e eu comecei a me mexer.

– Implorando de novo sua vadia? – Bombava dentro dela, várias estocadas rápidas e uma forte e funda. Clara empinava sua bunda em minha direção, fazendo com que eu me confundisse. Já não sabia quem estava fodendo quem.

– Você ama que eu te chame de minha puta, não é? – Clara rebolava e eu tentava me segurar para não gozar tão rápido, continuei bombando, várias estocadas rápidas e uma forte e funda – É isso que você é Clara, minha puta... minha linda... minha vadia... minha estagiária e... minha menina. Goza gostoso. - Dei um tapa em sua bunda deliciosa.

– Eu vou gozar menina, vem comigo, me dá o seu prazer. – Chamei e ela me atendeu.

– Porra Alexandre! – Clara se contorceu quando eu me inclinei sobre o seu corpo alcançando o seu clitóris lhe estimulando. Ela levantou o corpo ficando apenas sobre os joelhos e levou as mãos para trás, por cima da sua cabeça me alcançando. Enterrei meu rosto no espaço entre seu ombro e pescoço e a mordi bem ali naquele local. Estávamos fodidos. Clara e eu gozamos ao mesmo tempo, e eu achei que as paredes do meu quarto desabariam sobre nós. Caímos os dois praticamente desmaiados na cama. Era bom de mais para ser verdade. Pegamos no sono e quando eu acordei, notei ainda estar com o preservativo, corri para o banheiro e fiz minha higiene. Quando voltei olhei para cama, nada no mundo parecia mais certo. Clara totalmente nua espalhada sobre ela. Dormindo e linda! Minha menina. Precisava planejar o que fazer. Nem morto a deixaria escapar dessa vez.

Capítulo 11

Clara

Acordar na cama do Alê, primeiramente foi um susto, mas logo me lembrei de suas palavras me ordenando a fazer o que ele queria e do sexo maravilhoso, então relaxei. Não culparia a bebida por ter obedecido cada ordem dada por ele. Eu quis aquilo. Meu Deus, desde o tribunal, eu estava louca para ser possuída daquela forma. Tive orgasmos maravilhosos. Sentia-me até mais leve naquela manhã.

Como eu estava sozinha. Aproveitei para fazer um tour pelo quarto. Seu closet era quase do tamanho do meu, e eu percebi que Alexandre gostava de se cuidar, pois havia muitos cosméticos e perfumes. Adorava seu cheiro. Peguei uma camiseta verde e fui tomar um banho. Incrível! Minha cabeça não doía tanto. Sexo com Ferraz provavelmente tirou todo o álcool do meu sistema antes mesmo que me fizesse mal.

Ainda embaixo do chuveiro, toda a noite passada voltou a minha mente. Ele chegando à boate. Delicioso! Lindo! Gostoso! E todos os outros adjetivos que podem enaltecer um homem. Vestia calça jeans, camiseta preta e uma jaqueta de couro para completar Totalmente casual. A noite de ontem entrou para o meu Top 10 fácil, fácil. Apesar de ainda estar chateada pela sua saída com a *Pernalonga* eu não resisti, Alexandre estava no modo advogado dominador e eu amei fazer suas vontades, Não posso me considerar uma submissa, na verdade tentei algumas relações envolvendo esse tipo de prática, mas não me saí muito bem, mas desde que vi o Alê no julgamento, à vontade de ser controlada por ele durante o sexo me incendiou. E é Claro! Ele não deixou a desejar. Suas palavras sujas me deixavam incontrolável. E eu sabia que aquela não poderia ser a nossa última vez, como ele comentou, aquilo era inevitável, mas eu precisava tomar cuidado para o sexo não ultrapassar as barreiras que eu coloquei na minha vida há muito tempo. Sequei-me em uma toalha muito confortável, Vesti sua camiseta e novamente não coloquei calcinha, não que estivesse pensando em alguma coisa, longe mim, não faria isso, quer dizer, quem sabe, só um pouquinho de provocação não faz mal a ninguém. Saí do banheiro e quando cheguei ao quarto eu quase tive um colapso, Alexandre estava usando somente um short de brim e sem camisa, deveria ser proibido aquele homem andar por aí assim.

– Bom dia, dorminhoca. – Ele disse com a voz sexy. *“Mate-me agora, por favor!”*

Ainda estava em pé, próxima ao banheiro. – Bom dia Alexandre! Espero não ter dado muito trabalho ontem. – Tentei sorrir, mas a visão daquele abdômem estava me tirando o fôlego.

Alexandre sorriu e eu segurei minha respiração, pois ele tinha um sorriso encantador.

– Foi um prazer – ele me olhou e piscou – literalmente.

Caminhei até a cama e sentei bem no meio dela com as pernas cruzadas, se eu caísse desmaiada

por aquele charme todo, pelo menos não racharia a cara no chão. Nos próximos minutos eu me revezei entre olhar para o corpo perfeito de Alexandre e tomar o café que ele preparou tão gentilmente para mim. Comecei com o suco, que era para hidratar meu corpo.

– Precisamos conversar. – Falamos juntos, e eu comecei a me assustar com aquilo.

– Primeiro as damas. – Ele disse apontando para mim. Acho que Alexandre poderia estar pegando algumas dicas com o Diego, apesar de educado ele nunca foi tão gentil assim.

– Na verdade precisamos conversar sobre ontem e de como será daqui para frente Alê, eu ainda sou sua estagiária. – Apesar de ter adorado a noite, ainda estava incomodada com aquela situação.

– Termine o seu suco e coma alguma coisa, eu vou fazer algumas ligações e já volto para conversarmos sobre esse assunto. – Se levantou após dizer e aguardou minha resposta, consegui dizer apenas um OK em tom baixo. Alexandre saiu do quarto e eu segui seu corpo perfeito com os olhos, mas antes de sair pela porta ele olhou por cima do ombro e me pegou no flagra. Sabe quando você até entorta o pescoço para o lado para poder ver um ângulo melhor? Pois é, foi bem assim.

– Gosta de algo Srta. Clara? – Ele era muito convencido, mas também com aquele corpo, ele poderia ser o que quisesse.

– Nada! Só constatando o belo traseiro do Sr. Ferraz. – Entrei na brincadeira e vi como ele gostou do meu atrevimento, pois sorriu balançando a cabeça em negativa e saiu.

Estou tão fodida.

Peguei um pão de queijo e terminei de apreciar meu suco, comi uma banana para dar força aos ossos, se faria aquilo – que eu ainda não sabia como chamava – com o Alexandre precisaria de forças.

Procurei minha bolsa, e a encontrei sobre criado-mudo ao lado da cama. Queria saber se Laís estava bem. Assustei-me com a quantidade de mensagens dela, certos xingamentos desconhecidos por mim. Laís estava claramente brava por eu não ter deixado ela com o Bruno. Liguei em seu celular e já fui ouvindo sermão.

– *Amiga faça-me o favor de conseguir o telefone dele, aquele homem me cheira bons petiscos, e eu o quero.* – Bradou comigo no telefone.

Ri alto, desviei o olhar e percebi que Ferraz já estava de volta, com um braço estendido no batente da porta, a outra mão no seu queixo como se estivesse me avaliando.

– *Amiga, daqui a pouco te ligo, tenho um assunto para resolver.* – quando falei a palavra assunto eu olhei Alexandre dos pés a cabeça. – *Na verdade Laís não espere minha ligação, esse assunto pode demorar um pouco.* – Alexandre sorriu presunçoso e eu desliguei o meu celular com Laís ainda gritando petiscos do outro lado.

– Então Dr. Estou bem alimentada, agora podemos conversar. Se vamos continuar fazendo isso... esse tipo de.. – não achava palavra para definir nossa relação.

Alê caminhou em minha direção e assim que chegou a cama segurou meu queixo delicadamente e me encarou.

– Sexo... Quente... Suado! – Ele disse retirando a mão do meu rosto e se sentando na cama ao meu lado. Tomei coragem e quando ele se ajeitou na cama eu subi nele, com uma perna de cada lado o montando.

– Assim eu posso olhar nos seus olhos enquanto falamos. – Alexandre começou a passar as mãos por ambas as minhas coxas, os movimentos subiam e desciam. Estava me deixando com comichões um pouco mais acima. *Concentre-se Clara.*

– Alê você já assistiu ao filme Sexo sem compromisso? – Perguntei ele fez uma careta e eu me amaldiçoei.

“Ótimo, Clara. Um advogado assistindo comédia romântica, sua estúpida, porque não pergunta se ele assiste os ursinhos carinhosos também.”

– Nathalie Portmam e Ashton Kutcher? – Perguntou notando meu desconforto.

Arregalei os olhos porque ele não parava de me surpreender, achei que não assistiria a aquele tipo de filme.

Alexandre levantou seu corpo e ficou colado ao meu, mordeu meu queixo de leve e voltou a deitar na cama.

– Por ter assistido esse filme, estou prevendo o que sua cabecinha está pensando. – Como se adivinhasse minhas dúvidas, explicou antes que eu perguntasse.

Bom, se ele já sabia o que estava por vir seria mais fácil. – Então, se vamos fazer essa coisa de... Sexo quente e suado – repeti as palavras dele – Eu proponho algumas regras. – Aquilo poderia dar certo, regras me ajudariam a manter as coisas bem separadas.

Alê ficou sério, franzido a testa. Ops!

– Acontece Clara, que não sou o Ashton Kutcher. Eu sou um advogado e tenho direito de questionar qualquer cláusula, minha menina. – Disse com o rosto sério, porém com a voz carinhosa. *“Eita homem contraditório.”* Talvez não fosse tão fácil assim.

Concordei com ele, mas expliquei que ele teria direito a somente uma regra excluída e outra modificada.

– Você é dura na queda. – Concordou divertido, ele não estava chateado, pelo contrário sorria lindamente.

Continuei montada nele e aquela posição estava me deixando muito excitada.

– Querido eu faço Direito e não serviço social. Vamos lá. Primeira cláusula. – Emendei antes que

desistisse daquela loucura. – Nós não teremos um relacionamento além da cama, o que implica poder ver outras pessoas. – Isso me daria tranquilidade de que o Alê não confundiria as coisas. Sexo é sexo e é só o que teríamos.

– Excluído! – Disse com um tom autoritário.

– Sério Alê, eu mal comecei.

– Linda... – passou as mãos pela lateral dos meus braços, e eu me arrepiei ao sentir o seu toque, – eu não tenho culpa que o primeiro quesito que você propôs está totalmente fora do meu alcance. Aprenda uma coisa – apontou o dedo indicador no meu rosto – eu não compartilho. Não tem ménage, *trénage* ou qualquer outra coisa. Quando estivermos na cama, no sofá, na parede, no carro, no chão ou na puta que pariu, eu serei o dono do seu prazer, assim como me entregarei por inteiro. Então, nada de outras pessoas. Isso está fora de questão. – Disse um pouco ríspido e eu somente assenti, colocando daquela forma eu poderia concordar, então parti para a cláusula dois.

2-Eu nunca levo ninguém para minha casa, então não insista, porque isso não vai acontecer. – Fazia isso há muito tempo, desde que... não queria pensar nele naquele momento.

– Ok. Posso sobreviver com isso. – Alexandre estava se divertindo com aquilo tudo, e eu amei vê-lo tão descontraído, totalmente diferente do escritório.

Cláusula três. Levantei três dedos para ele.

3-Nada de encontros. Odeio encontros melosos, onde o casal finge umas baboseiras, mas, na verdade, os dois estão querendo chegar logo na parte do sexo. Pulamos os jantares românticos e vamos direto ao assunto.

– Objeção. – Disse levantando o dedo. Sabia! Estava bom demais para ser verdade.

– Alê só te lembrando. Você já usou sua exclusão. – Avisei e ele deu de ombros.

– Sim, mas ainda posso modificá-la. – Cristo, se Alexandre não parasse com aquelas mãos subindo e descendo nas minhas coxas eu concordaria com cada maldita palavra dita por ele.

– Nada de encontros românticos, mas ainda posso te levar para fazer alguns programas diferentes. – Ele modificou e eu aceitei. Já estávamos na cláusula quatro, a qual eu dava minha total atenção naquele momento.

– De forma alguma teremos sexo dentro do escritório, aquele é meu local de trabalho e quero respeitá-lo. – Queria manter a normalidade no nosso dia a dia.

Alexandre assentiu meio a contragosto, mas ele também sabia que era a melhor opção. Ser pego transando com a estagiária não faria bem para sua reputação. Continuei com as cláusulas. – Sexo somente no final de semana. – sabia que ele não concordaria com aquela.

– Objeção. – ele levantou a voz como se realmente estivesse em um tribunal, e eu só pude rir da sua encenação.

– Alê dizer todo dia é a mesma coisa que excluir, e você não têm mais esse direito.

– Sexo no final de semana, e no meio da semana desde que o outro concorde. – Propôs e eu não achei nada mal, poderia me aproveitar daquela situação.

– Nosso acordo fica somente entre nós, não quero ninguém do escritório achando que eu estou me aproveitando do seu belo pau para fazer carreira. – Dei uma risadinha olhando para o seu membro. Já estava rígido abaixo de mim.

Rindo do nosso contrato eu levantei minha mão para celebrar o acordo, mas Alê a recusou.

– Oh querida tenho uma maneira melhor de registrar nosso contrato. – Um sorriso moleque estampou seu rosto. Alexandre levantou ficando sentado comigo no colo e tirou minha camiseta, meus seios já estavam duros pelas carícias que recebi durante toda aquela conversa.

– Porra Clara, você é tão gostosa. – Soltou como um palavrão, ele começou a acariciar meus mamilos e eu percebi que foi o melhor contrato da minha vida. O Alê voltou a deitar na cama e puxou minha cintura em sua direção.

– Venha. Coloque sua buceta no meu rosto. – Conduziu minha bunda. – Senta no meu rosto e rebola gostoso, enquanto o lobo mau te come com a boca grande. – Sua voz era um gatilho me empurrando.

– Oh Alê. Boca suja. – Disse em um tom o repreendendo, mas no fundo não queria que ele parasse.

– Querida, você ama minha boca, agora deixe eu te chupar porque eu não tive esse prazer ontem à noite. – Ele sabia como me ligar.

Fiz o que ele pediu e sua língua me invadiu no momento em que posicionei minha buceta diante da sua boca, Alê chupava e mordiscava meu clitóris enquanto suas mãos seguravam meu traseiro para baixo. Não conseguiria escapar, estava presa em uma névoa de prazer e o único homem responsável por me transportar a outro mundo estava literalmente com a cara enterrada em mim.

– Caralho Alexandre! Quero gozar com você dentro de mim, me deixa te montar? Preciso saber qual é a sensação de descer todo caminho pelo seu pau até suas bolas. – Estava amando sua boca, mas eu o queria em mim, com urgência, duro e rápido.

– Não precisa pedir duas vezes. – Alexandre se levantou, provavelmente para pegar um preservativo. Não coloquei aquele item em discussão, pois não abriria mão de segurança. E fodasse se ele não gostava. Minha saúde em primeiro lugar.

– Vou adorar ver de camarote meu pau se enterrando em você. Linda! Minha menina. – O apelido que ele me deu era totalmente de possessão. Minha. Alê voltou para cama e deitou-se. Posicionei-me em cima dele novamente e assim que minha buceta ficou na posição correta eu comecei a descer. Lentamente.

– Nossa Clara. Olha isso! – Praticamente rosnou. Ele não tirava os olhos dos nossos corpos se unindo, sua respiração estava ofegante e eu adorei vê-lo tão entregue a mim.

– Oh Alê, que delícia. – Estava muito excitada, a boca do Alexandre fez um belo trabalho, seu membro entrava e saía sem nenhuma dificuldade ou desconforto.

– Olhe-me Clara, não tire os olhos de mim. – ele levou as mãos até os meus mamilos e começou a estimulá-los. Eu me encaixei totalmente nele.

– Me cavalgue menina, mostra para mim como se monta. – Seu pedido foi imediatamente atendido. Comecei a subir e descer ainda de forma lenta, mas a estimulação que ele fazia em meus seios estava me deixando maluca. Acelerei o ritmo e quando ele percebeu que eu já estava ficando cansada, Alexandre segurou meus quadris no ar e começou a levantar seu quadril me estocando rápido.

OH meu pai, rápido de mais para que eu aguentasse.

– Clara eu vou gozar. Não aguento mais. Mas primeiro quero sentir você. – Ele estava pedindo que eu gozasse primeiro. Levei a mão até o meu clitóris e como da última vez Alexandre a puxou antes que eu o alcançasse.

– Meu! – Repetiu as palavras da nossa primeira noite juntos.

Com um braço ele ainda me sustentava e a outra mão me acariciava. Como ele fazia isso tudo ao mesmo tempo só Deus sabe, mas eu é que não reclamaria.

– Estou quase lá Alexandre. – eu não sabia se gemia, gritava ou explodia. Acabei fazendo todas as coisas ao mesmo tempo. Joguei a cabeça para trás enquanto chegava ao êxtase.

– Alê... – Meu Pai Amado, aquele homem iria me matar de tanto tesão. Isso era fato.

– Gosto de você assim... Louca de prazer! – A expressão no rosto do Alexandre era de pura luxúria, ele me possuía de uma forma como nenhum outro conseguiu.

– Vou gozar Clara. Você é tão macia e apertada, não aguento mais. Porra menina... – Disse antes de explodir. Senti seu corpo inteiro tremendo e quando ele chamou meu nome pela última vez, sua voz quase não saiu. Ele se afastou, retirou o preservativo e me pegou no colo andando em direção ao banheiro.

– Vamos tomar banho minha menina. Vou cuidar de você. – Comigo em seus braços ele caminhou até p banheiro.

Minha mente dizia que, aquela história não acabaria bem, mas meu corpo dizia foda-se.

Ele é meu!

Ferraz

O banho foi um pouco mais demorado. Não sei o que acontecia comigo, mas meu corpo implorava por Clara, minha vontade de permanecer dentro dela me tornava um louco insaciável. Ela ficou de costas e eu me encostei naquela bunda maravilha, o meu pau deu sinal de vida, e é claro, eu aproveitei para fodê-la sem sentido contra a parede. Uma delícia!

Após o banho eu a convidei para almoçar em casa mesmo, ainda não estava pronto para vê-la ir. Ela perguntou se eu iria cozinhar, teria que decepcioná-la nesse quesito, era uma negação na cozinha e se não fosse Marta minha governanta me cuidar tão bem, já teria morrido de fome. Marta era mineira e cozinheira de mão cheia, e sempre deixava pratos deliciosos para que eu mesmo pudesse preparar.

Clara era um refresco para o meu dia, totalmente diferente das mulheres que eu costumava me relacionar. Na verdade nunca fui muito bom com relacionamentos, esse acordo com a ela era o mais perto que cheguei de um namoro nos últimos anos.

Comecei a preparar nosso almoço, pelo menos operar um forno eu sabia. Clara estava de pé na cozinha me observando e aquela cena acabou mexendo um pouco comigo, uma vontade que aquilo se tornasse rotina me apertou. Mas não poderia soltar coisas como aquela, Clara fugiria na primeira oportunidade.

– Menina enquanto eu preparo nossa refeição você pode escolher uma música, um filme ou um livro, tenho vários na estante. – Apontei para onde costumava guardar tudo na esperança que ela não se entediasse. Realmente havia uma coleção enorme de livros, desde jurídicos a best-sellers atuais.

Clara caminhou lindamente até a sala, ainda vestia minha camiseta e eu sorri orgulhoso. Estava certo de que ficava melhor nela do que em mim, dessa vez ela não quis ficar sem calcinha e mesmo eu fazendo cara de gatinho abandonado ela estava vestida com uma das minhas boxer. Menos mal. De um jeito ou de outro eu estava junto a ela.

– Cinquenta Tons de Cinza Alê? – Ela me olhava com o livro na mão esperando qual seria minha reação.

E agora como me safar dessa?

– Culpado – Levantei as mãos em sinal de rendição. – De onde você acha que veio meu lado dominador? – Perguntei atrevido.

– Do Christyan Grey é que não foi. Você é melhor!

Ela colocou o livro de volta e pegou um de poesia da Martha Medeiros, se sentou no sofá e começou a ler. Poesia. Fiz uma nota mental, não poderia deixar passar nada. Deveria me agarrar a cada pedacinho exposto por ela. Clara era uma incógnita, muito difícil de ler. Enquanto ela estava absorta no livro, eu liguei meu sistema de som e escolhi uma música. Poderia ser romântico de mais, mas quero que tudo se exploda, sentia-me assim e estava tão bem, tão certo, que não admitiria pensar o contrário. Blake Shelton começou a cantar. Clara ouviu as primeiras palavras e levantou os olhos por cima do livro me encarando.

– Dança comigo Senhorita? – Me curvei levando o braço da cabeça para o meu quadril como se estivesse tirando um chapéu. Adorei ver sua cara de surpresa. Ela era linda. Sensível e forte ao

mesmo tempo, uma encantadora contradição.

– Dr. Ferraz dançando? Seus clientes conhecem esse seu lado artístico? – Perguntou sarcástica, mesmo assim levantou-se e segurou a mão que eu estendia.

– Sou um homem de muitos talentos menina. – Grudei meu corpo ao dela, segurando sua mão direita.

A música já estava em sua segunda estrofe quando começamos a dançar pela sala.

“Você não tem de ficar sorrindo continuamente, esse sorriso que está me deixando louco.”

Clara descansou sua cabeça em meu ombro e seu corpo se mexia de acordo com minha vontade.

“Você não tem de fazer com que me apaixone assim... Mas com certeza seria bom se você o fizesse!”

Tão certo! Era a tudo o que eu pensava. Não resisti em senti-la tão perto de mim. Afastei-me um pouco para observar seu rosto, e eu vi em seus olhos um brilho inesperado, ela também guardava todas aquelas emoções que explodiam em mim, mas era muito teimosa para admitir.

“Deixe sua mente pegar uma estrada escondida. Tão longe quanto você quiser ir. Baby, eu farei, o que quer que você quiser fazer.” Sure Be Cool If You Did- Blake Shelton.

Então, eu a beijei. Beijei como se não houvesse amanhã. Comecei com movimentos lentos e ternos, mas quando ela começou a acariciar minha língua com a sua, os meus desejos se apropriaram dos meus sentidos, a música ainda tocava, mas minha vontade de tocá-la era maior. Apertei seu corpo, Clara soltou as mãos e as levou para parte de trás do meu cabelo, inclinei seu corpo um pouco para trás e eu podia sentir seus mamilos duros. Coloquei ambas as mãos em sua cintura e elas passearam por suas costas por baixo da camiseta. Assim ficamos por alguns minutos. Em beijo demorado, mostrando todo o desejo que sentíamos um pelo outro.

– Alexandre... – ela se separou do meu corpo e eu relutei em deixá-la se afastar. Eu ainda queria mais, tudo era pouco com minha menina – Está ótimo aqui, mas seu forno apitou faz cinco minutos. – Disse em meio ao um sorriso.

– Merda. – Praguejei. Não queria parar aquele beijo, mas também não poderia deixar Clara ir embora sem almoçar. Abri o forno e retirei nosso almoço lá de dentro.

Clara ofereceu ajuda, e após minha relutância em aceitar, eu disse a ela que poderia colocar a mesa. Mostrei onde tudo ficava e ela caminhou até o armário. Quando olhei para cima eu notei Clara na ponta dos pés tentando alcançar o armário. Aquele movimento fazia com que a camiseta subisse um pouco, até mostrar um pedacinho da sua bundinha perfeita. Minha vontade de fodê-la na cozinha em cima do balcão se apoderou de mim. Mas me controlei e acabei lembrando-me de lhe perguntar algo que eu não tive tempo de questionar.

– Gostei da sua tatuagem. – Ela caminhou meio sem jeito em minha direção, trazendo dois pratos com ela.

– Pois é, aproveite o dia! – Respondeu desconfortável. Notei sua tatuagem na noite anterior. Uma

frase escrita com uma letra muito bonita bem acima do seu bumbum. Devia significar algo para ela, pois era uma frase muito profunda. Conhecia aquela música da qual ela retirou a frase, na verdade também era fã de rock, sou um cara muito eclético, então conheço de tudo um pouco. A frase dizia: *“aproveite o dia, ou morra lamentando o tempo que você perdeu”*.

– *Seize the day or die regretting the time you lost. – Avenged Sevenfold.*

– Faz muito tempo que você fez? – Clara havia se sentado à mesa, ao notar que ela estava ficando inquieta, notei que eu estava caminhando por um terreno perigoso. Clara desviou o assunto elogiando o cheiro da comida. Em outro momento talvez tentasse extrair algo mais.

– O Cheiro estava maravilhoso, mas o gosto... hummm é de comer de joelhos. – Ela lambia os lábios, enquanto saboreava a comida. Marta merecia um aumento depois dessa.

– Alê, eu preciso de um favor.

– Estou à disposição. – Entreguei a ela um copo de suco e fiquei aguardando. Faria tudo que ela quisesse.

– Na verdade, a Laís ficou muito interessada no Bruno e quer o telefone dele. Bom, eu não tenho, não sei se você concorda, mas eu acho o Bruno um cara legal. – Disse dando de ombros, não contive em sentir ciúmes em ouvi-la elogiar o Bruno. Eu também achava o Bruno um cara legal, mas o problema era que eu o conhecia bem de mais, e não sei se ele era o cara certo para Laís. Mas por outro lado, o Bruno me ligou que nem um louco essa manhã querendo saber o telefone da pantera dele. Eu o enrolei dizendo que tentaria falar com a Clara para conseguir. Nunca o vi correr atrás de mulher, mas era meu dever fazer um alerta; aqueles dois não poderiam atrapalhar meu relacionamento tão recente.

– Clara, os dois se engalfinharam ontem, mas não sei se o Bruno é o melhor cara para sua amiga, ele é um pouco volátil demais. – Fiz meu alerta e agora era com ela. Clara começou a sorrir e eu fiquei sem entender. Então ela me explicou que era mais fácil o Bruno se queimar com a Laís, pois a amiga era fogo.

– Alê eu prefiro aguardar um pouco mais para contar a Laís. Ela pode ser uma torneirinha de asneira quando bebe. Ela não faz por mal, mas acho melhor a gente tomar um pouco mais de cuidado devido a sua carreira e o meu estágio. – Explanou sua preocupação.

Lembrei-me da conversa com a Laís sobre a Clara necessitar de orgasmos. Ela realmente era fogo. Sorri e expliquei para Clara o que eu ouvi de sua amiga.

– Bandida! Eu vou matá-la. – O sorriso da Clara mostrava o quanto o laço entre as duas era firme.

– Deixa para lá, eu já cuidei disso. – Convencido? Nem um pouco.

Terminamos de almoçar e juntamos a louça. Clara estava no quarto se trocando, enquanto eu tentava convencê-la a ficar e passar a noite, mas ela recusou alegando que precisava visitar os pais no dia seguinte. Acabei concordando com ela. Caminhei para o meu closet a procura de uma

camiseta, pois a que eu usava não era adequada para sair. Eu planejava visitar Diego assim que deixasse Clara em casa.

– Não precisa Alexandre, eu pego um táxi. – Clara disse enquanto me vestia.

Olhei para ela incrédulo. A maldita estava vestida com aquele pedaço de pano que mal cobria sua bunda e deixava toda a suas costas nuas.

– Com essa roupa? – Apontei para o vestido e ela assentiu. – *Nem que a vaca tussa!* – Dei a ela meu olhar mortal e Clara concordou com minha carona. Quando chegamos ao seu prédio. Ela se despediu apenas com um beijo no rosto e saiu da caminhonete. Enquanto caminhava pela portaria eu a observei e tentei imaginar quando eu realmente conseguiria conhecer a verdadeira Clara.

Ferraz

– Mano? Alexandre? – Diego me chamou e eu voltei para a realidade.

– Opa, desculpa Diego estava com a cabeça na lua. – Na verdade minha cabeça estava em Clara e no pensamento do que ela estaria fazendo.

Estávamos sentados no sofá, e um jogo da Eurocopa passava na TV.

– Tudo bem cara. Estava lhe perguntando do congresso. Você vai aceitar o convite da ordem para palestrar no próximo evento? – Diego perguntou com curiosidade.

Eu olhava para o cartão branco com letras douradas que Diego me trouxe, nele havia um convite, talvez irrecusável. A ordem dos advogados me queria como palestrante convidado do próximo congresso brasileiro de Direito Internacional. Desde que voltei para o Brasil sempre era convidado para este tipo de eventos, mas como havia acabado de chegar sempre agradecia a consideração e recusava.

– Não sei ainda Diego, até terça eu envio uma resposta. Mas e você, como foi de viagem? – Desviei o assunto para ele.

Deixei Clara em casa eu me dirigi para o apartamento do Diego, ele havia chegado recentemente, sua mala ainda estava fechada.

Diego adorou a paisagem da Serra, e acabou me convencendo de que precisávamos marcar uma viagem, assim que minha irmã Priscila chegasse. Quando Diego tocou no nome dela eu me lembrei, que minha irmã chegaria essa semana. Ela me pediu para contar aos meus pais e nem aos nossos amigos, somente eu e Diego sabíamos de sua volta da Espanha. Segundo seu e-mail ela faria uma surpresa. Diego apostou em várias possibilidades; casamento, gravidez, separação, não necessariamente nessa ordem. Minha irmã vivia com um Espanhol dono de uma rede de hotéis localizados na América Latina e Europa, não tínhamos ideia do que aqueles dois estavam aprontando. O jeito era esperar para saber.

– Essa semanatem o seu aniversário. Temos que planejar algo grande. Não é todo dia que

comemora-se trinta e seis anos. – Diego disse sorrindo.

Eu nem me lembrava do meu próprio aniversário e muito menos gostaria de comemorar a aproximação dos meus cabelos brancos. Não poderia dizer que estava insatisfeito com minha vida. Profissionalmente estava realizado, tinha uma família linda, irmãos que eu amo incondicionalmente e pais que sempre me amaram e protegeram. Mas minha vida sentimental foi abalada. Uma morena de olhos esverdeados, com uma personalidade forte e um jeito de menina, estava tirando os meus pés do chão. Pela primeira vez em muito tempo a palavra relacionamento voltou a fazer parte do meu vocabulário. Queria Clara para mim, mas não fazia ideia do que fazer e de como agir, essa foi uma das poucas vezes em que não achei saída para um problema.

– Por favor, Diego, sem festas. Não estou a fim de ficar babando ovo para um bando de gente que só fala comigo de ano em ano, e ainda tem a cara de pau de aparecer dizendo o quão admirado estão com meu trabalho. – Realmente não queria comemorações, mas Diego não concordava muito com meu ponto de vista.

– Nem um barzinho com os caras? Poderíamos sair só nos, como nos velhos tempos. – Ele insistiu e eu não tive como negar.

Não queria decepcionar o meu irmão, então resolvi aceitar o seu convite. Mas deixei claro que era somente um barzinho, já que todos nós trabalharíamos no dia seguinte. Diego assentiu, mas me deixou de orelha em pé quando disse que combinaria tudo com o Bruno.

– Pelo amor de Deus, se você deixar a comemoração do meu aniversário nas mãos do Bruno, ou vamos todos acordar presos ou em uma casa de stripper dopados e estuprados. – Adverti. E apesar dele dar risada da minha explicação, eu soei sério, pois realmente queria dizer aquilo. O Bruno era um chamariz de problema, eu às vezes tentava imaginar como ele conseguia conciliar sua carreira jurídica e sua profissão de “meter o pé na jaca”.

Meu celular vibrou e eu já estava um pouco apreensivo em atender, as ligações de número restrito me deixaram ressabiado. Graças a Deus ou infelizmente, depende de qual fosse o assunto, quem estava me ligando era Bruno.

– *Cara conseguiu o telefone da minha pantera?* – Perguntou sem nem ao menos dizer oi.

– *Sim, consegui. Vou te mandar uma mensagem, mas...* – Comecei adverti-lo e ele me cortou.

– *Você e seus “mas” Alexandre, eu não sou criança.* – Respondeu um pouco chateado.

Me levantei e saí da sala, para falar com Bruno. Diego entrou em seu quarto e eu fiquei olhando a vista de sua janela.

– *Bruno toma cuidado com a Laís, ela é muito amiga da Clara e eu realmente não quero me indispor com ela por causa das suas mancadas.* – *Se Bruno magoasse sua amiga aquilo respingaria em mim.*

– *Falando em Clara. Alexandre, eu ainda estava consciente quando e ouvi “certa” ameaça que envolvia a perda dos membros do meu corpo se eles estivessem em contato com uma “certa*

estagiária”. – Bruno brincou e eu o cortei.

– *Mas tarde falamos sobre isso Bruno, estou no Diego. Depois te ligo.* – Desliguei sem esperar sua resposta e ao vira-me, notei que Diego me encarava de forma estranha.

– Você falou com a Clara hoje?- Ele estava um pouco desconfiado, mas não deu para perceber se estava ligando os pontos. Odeio mentir para o meu irmão, e se abrisse o jogo logo seria até mais fácil manter ele afastado da Clara, mas prometi para minha menina não contar para ninguém, pelo menos por enquanto.

Inventei uma desculpa, sobre uma carona para ela e a Laís após encontrá-las na boate. Emendei que o Bruno ficou louco pela amiga dela, e por esse motivo falei com a Clara.

– O Bruno de quatro? Essa eu quero ver. – Diego se divertiu com o relato sobre o Bruno.

– Eu também. Mas parece que a menina é uma dor na bunda, ou seja, Bruno arrumou sarna para se coçar. Bem feito, quem sabe agora ele não sossega. – Contei sobre o que Clara disse sobre a personalidade da Laís.

– Então a Clara também estava bêbada? Putz e eu perdi essa. Como ela estava? Aposto que linda. – Diego mudou de assunto e esse não me agradava nem um pouco.

A lembrança da Clara dançando e metade da boate babando por ela me voltaram à mente, apertei minhas mãos em punho, pois minha vontade foi de arrebentar cada um. Não sei quando me tornei tão possessivo, mas só de pensar em outra pessoa dentro daquele corpo me deixava louco. Clara era minha, ela ainda não sabia disso, mas era uma questão de tempo. Minha menina não conseguiria resistir a mim. Fala sério! Quem resistiria?

– Sim. Ela estava bem bonita. – Respondi objetivamente. – Vou indo. – conclui já caminhando até a porta.

Dirigindo para minha casa eu novamente ouvia minha lista de MPB. Cassia Eller cantava o Segundo Sol e eu nem percebi o tempo passando.

*Quando o segundo sol chegar
Para realinhar as órbitas dos planetas
Derrubando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam
Se tratar de um outro cometa.*

Estacionei minha caminhonete, e quando cheguei à portaria eu dei de cara com Bruno. Ele andava de um lado para o outro passando as mãos pelo cabelo e eu senti que ele estava... desesperado?

– Bruno, cara o que faz aqui? – Perguntei espantado.

– Alê eu estou fodido! – Bruno me respondeu e realmente ele estava desesperado.

– Vamos subir, lá em cima você me conta o que aprontou dessa vez. – O chamei e ouvi seus passos me seguindo até o elevador. Enquanto estávamos no elevador, Bruno tentava me explicar que dessa vez a culpa não era dele, mas eu ignorei, pois conhecia aquela ladainha de cor e salteado.

– Quer beber algo? – Deixei o Bruno no sofá enquanto buscava uma bud.

– Cachaça! – parei em frente à geladeira, esperando ele terminar a frase com um “estou brincando, pode ser cerveja”, mas então quando eu comecei ouvir os grilinhos fazerem “cri, cri, cri” por causa do silêncio do Bruno, eu fechei a geladeira e fui para o bar em um canto da sala. Preparei uma dose de Jack Daniels e entreguei para Alê.

– Você não vai dirigir na volta? – Apesar de tudo, eu me preocupava com ele quase da mesma forma que me preocupava com Diego. Bruno podia ser desmiolado, mas sua história de vida me fascinava. Filho de pais separados ele sempre viveu com a mãe e nunca teve notícias do seu velho. Sua mãe fez das tripas coração para não perder Bruno para a criminalidade. Baseado onde viviam esse era o caminho mais fácil. Com muita garra e determinação ele terminou a faculdade, se tornado um advogado brilhante com um escritório pequeno, mas muito bem montado. A força de uma mulher pode transformar qualquer vida. Bruno venerava sua mãe, e eu o admirava por isso.

– Cara, foda-se! Eu durmo aqui. – Ele já tinha virado a primeira dose do Whisky e levantou-se para preparar outro.

– Eu liguei para minha pantera. – Disse enquanto segurava a garrafa de cabeça para baixo em seu copo.

– E? – eu perguntei – não era por isso que você me pôs louco? Por causa do número dela.

Bruno levou o copo a boca e tomou mais uma grande dose.

– Eu a chamei para vir ao meu apartamento hoje. – ele falava entre uma dose e outra de Jack. E eu queria bater a merda fora dele por enrolar tanto.

– Porra Bruno, desembucha cara. – Gritei com ele, o que parece que o acordou.

– Não! Alê, ela me disse não. Meu Deus eu nem lembro quando foi à última vez em que pedi para uma mulher ir ao meu apartamento, muito menos ter recebido um não. – Ele desabafou e eu não sabia se ria ou se socava o rosto do Bruno. Optei pela primeira alternativa.

– Alexandre você não pode rir. Eu estou desesperado aqui, eu quero aquela mulher, ela me deixou... Deixou... Não sei definir. Mas mano eu quero fodê-la, e dormir com ela. Espera... – Bruno parou de falar por alguns segundos. – Dormir com ela? Alexandre eu nunca durmo com elas. Estou ficando maluco?

Bruno caminhava pela sala e eu ainda não conseguia parar de rir, ela o fisgou em torno do seu dedinho assim como eu estava em torno do da Clara. Droga! O que acontece com essas mulheres e esses dedos mágicos?

– Bruno você se sente como se precisasse olhar para ela o tempo inteiro só para que seu dia se torne mais alegre? E quando ela sorri seu pulmão e fígado, trocam de lugar em uma dança de felicidade dentro do seu corpo? Seu coração acelera cada vez que ela fala o seu nome. E seu pau não te obedece mais, ficando duro só de pensar na maldita? – Praticamente me descrevi para ele.

– Cara é bem isso mesmo. Como você sabe?- Bruno me perguntou sentando largado na poltrona em frente a minha. – Meu Deus Alexandre, a Clara também te prendeu meu companheiro? – eu assenti com a cabeça, pois não adiantava mais. – Porra Alexandre! Faz apenas um dia que eu a conheci e me sinto como se ela fosse... Fosse... Minha? – Ele me olhou incrédulo e eu estava totalmente ciente do que era aquele sentimento de posse. Levantei-me e preparei um drink e reabasteci o copo do Bruno.

– Bem vindo ao meu mundo! – levantei o copo em sinal de brinde. – Eu demorei exatos cinco minutos para descobrir que a Clara chutaria minhas bolas. Estávamos os dois na sala olhando para os nossos copos e após alguns minutos de silêncio Bruno mais calmo resolveu falar.

– E agora Alexandre? O que faremos? –

Era algo novo para ambos. Inclinei meu corpo para frente apoiando os cotovelos na perna e olhei diretamente para o meu amigo desolado na minha frente.

– E agora Bruno? Nós fazemos o que todos os homens normais fazem. – Expliquei. Estávamos confusos. Mas também, mulher nenhuma teve o poder de controlar nossos paus, e infelizmente isso aconteceu comigo e o Bruno ao mesmo tempo. – Simplesmente rastejar e implorar. – Completei.

Bruno arregalou os olhos, pois assim como eu ele estava mais de fora que bunda de índio no quesito “conquistar uma mulher”.

– Não sei fazer isso Alexandre. Eu estou lascado dessa vez. – Disse balançada a cabeça, derrotado.

– Você quer a Laís? – Perguntei.

– Claro, minha pantera é tudo de bom. – Bruno respondeu decidido.

– Então eu sugiro que aprenda. E rápido.

Clara

Não foi nada fácil sobreviver mais um dia tentando afastar as memórias. Ao mesmo tempo em que queria esquecer, eu me odiava por viver uma vida que não era minha, que não me pertencia. Esquecer tudo significava esquecer Felipe eu nunca permitiria que isso acontecesse. Ele foi o primeiro e será o único a ter o meu coração, por isso o sexo sem compromisso, por isso os homens aleatórios, o não me apego a nada e nem a ninguém. Qualquer um poderia ter o meu corpo, mas só Felipe teria o meu coração.

“– Eu e você contra o mundo Felipe.” Fiz mais uma vez aquela promessa silenciosa da qual me recusava a quebrar. Estava em casa jogada no sofá esperando a chegada da Laís. Avisei sobre meu retorno, devido ao meu desespero no telefone. Assunto? Bruno.

O som da campainha tocou, estava praticamente em outra dimensão, mas então coloquei novamente minha armadura de garota fria, insensível e calculista adquirida há alguns anos. Laís sabia do meu sofrimento sobre algo em meu passado, mas eu nunca quis lhe explicar qual era o motivo do meu calvário. Os únicos além da minha família que sabiam dos acontecimentos eram Priscila e Dereck. Era muito difícil me abrir, compartilhar aquela dor, detestava ver os olhares de pena e as palavras de consolo nada adiantavam e só faziam aumentar a minha culpa. Dessa forma eu virei perita em me esconder e esconder os meus sentimentos, mas não se engane eles existem, apenas não estão expostas na vitrine da minha vida.

Cumprimentei Laís na porta ela entrou e sentou-se no chão. Ela adorava se jogar entre minhas almofadas espalhadas pelo meio da sala.

– Clara. Bruno me ligou e me convidou para ir ao seu apartamento e eu disse não. – Jesus! Laís soltou a frase toda em uma única respiração. Foi difícil de acompanhar, fiquei sem fôlego só de ouvir.

– Laís querida, fica calma. Se eu precisasse escrever o que você me disse não colocaria nenhuma vírgula, muito rápido para um raciocínio completo. – Pedi que ela se acalmasse e me explicasse melhor.

– Me desculpe amiga, estou nervosa. – Laís assentiu mais relaxada..

Antes de sair da casa do Alexandre na tarde anterior eu troquei os telefones da Laís e do Bruno com ele. Bruno era rápido no gatilho, mas pelo que eu entendi da conversa d’flash da Laís, ela caiu fora. Sentei-me ao lado da Lá no chão mesmo, mas antes peguei uma caixa de chocolate para amenizar um pouco os ânimos exaltados. Ela me explicou que após ter me ligado, pesquisou Bruno no facebook e descobriu que o cara era o maior mulherengo e por isso o rejeitou.

– E daí Laís, qual o problema? Você não procura um candidato a marido e sim um pau amigo. –

Tentei entender em qual o ponto ela queria chegar. Laís esfregava a testa com o polegar e o dedo indicador, e aquilo era um sinal de que algo não cheirava bem.

– Eu sei Clara, mas, poderia sair algo a mais do Bruno além de petiscos. Estou cansada de me sentir sozinha, caras como ele, o Guilherme e todos os outros, só me fizeram sentir como um objeto descartável. Tudo bem, eu também soube me divertir com eles, mas porra Clarinha desde o fodido do Guilherme, eu não tenho alguém para me fazer cafuné, ter um encontro romântico ou simplesmente para me cuidar quando eu estiver triste ou carente. – Minha amiga desabafou me pegando de surpresa. Laís fazia biquinho enquanto falava. Entre um chocolate e outro, foi quase uma caixa inteira. Eu fiquei de queixo caído com aquela revelação, mas eu apoiaria incondicionalmente e de forma alguma questionaria a decisão dela, mas baseado no que descobri sobre o Bruno através do Alexandre, caberia a eu adverti-la. Expliquei se ela estava mesmo procurando algo mais, Bruno não era o cara para ela. Laís deitou-se no chão e cruzou os dois braços sobre o rosto, como se aquilo fosse um casulo para os seus pensamentos.

– Eu sei Clara, por isso eu disse não e recusei o seu convite, mas estou morrendo de vontade de ligar de volta e estourar os seus tímpanos com um sonoro sim. Ele é muito gostoso, e falando em gostoso Dona Maria Clara – Laís se pôs sentada rapidamente e jogou uma almofada em minha direção, da qual eu consegui me esquivar – como você consegue resistir aquilo tudo Oh meu Deus, o cara cheira tesão por onde passa, o Bruno é quente – ela abanava o rosto com ambas as mãos como se sentisse calor – mas o Ferraz querida é o Deus do sexo em pessoa. Nessas horas tenho vontade de abandonar arquitetura e me bandear para o lado das leis.

Dei de ombros. Só espero que Laís me entenda e me perdoe por ter lhe escondido o meu caso com Alexandre. Mas infelizmente ainda estava muito cedo para abrir o jogo com ela.

Chamei Laís para dormir comigo, mas ela disse ter a aula no primeiro horário do dia seguinte, não podendo ficar, nos despedimos e ela foi embora.

“Eu não tenho alguém para me fazer cafuné, ter um encontro romântico ou simplesmente para me cuidar quando eu estiver triste ou carente.” Fiquei pensando nas palavras da Laís.

Olhei para o meu apartamento e me vi sozinha mais uma vez. Pensei em Felipe.

– Quero o nosso casamento no campo, ou em um jardim enorme assim como o da sua mãe. Cheio de flores, plantas e rosas coloridas. Mas eu vou ter um problema.

– E o que seria?

– Corro o risco de perder você misturada às rosas, pois você é tão bela quanto elas.

– Você é tão romântico Lipe.

– Tudo para você minha linda.

– Eu e você contra o mundo?

– Eu e você contra o mundo. Para sempre minha Princesa.

Meu celular apitou e o sinal de uma mensagem de texto tirou o Lipe dos meus pensamentos. Era de um número que eu não estava em meus contatos.

Só passando para desejar uma excelente noite, minha menina. =)

Já sabia quem era, mesmo antes dele se revelar, somente pelo “minha menina”, mas me fiz de desentendida.

Eu: *Quem é?*

O seu lobo mau.

Perfeito! Estava em um beco.

Ferraz

No domingo, quando voltei do almoço com meus pais eu passei a tarde inteira lendo um romance policial, e após terminá-lo resolvi organizar as músicas no meu iPhone. Aproveitei que estava com o celular na mão e resolvi mandar um SMS para Clara, enquanto Nando Reis tocava, eu escrevia para minha menina.

Por onde andei?

Enquanto você me procurava

Será que eu sei?

Que você é mesmo

Tudo aquilo que me faltava...

Trocamos algumas mensagens e Clara fingiu não saber quem era, mas logo ela entrou na brincadeira do lobo mau. Nando Reis ainda tocava, e a música me fez sorrir, pois lembrava minha menina, tão cheia de vida e alegre.

Estranho seria se eu não me apaixonasse por você

O sal viria doce para os novos lábios

Colombo procurou as Índias, mas a Terra avistou em você

O som que eu ouço são as gírias do seu vocabulário

Estranho é gostar tanto do seu All Star azul

All Star Azul - Nando Reis

Nas minhas últimas mensagens enviadas eu pedi para Clara abrir mão da regra de não transar no escritório. Sabia que ela negaria. Infelizmente minha fantasia de fodê-la em cima da minha mesa ficaria para outra ocasião, quem sabe em um fim de semana com o escritório vazio. Só de pensar naquela cena eu já me animava, mas Clara era muito profissional, nessa questão ela tinha mais juízo do que eu, porque se dependesse de mim eu a comeria nos quatro cantos do prédio da Ferraz. Eu estava totalmente de quatro por essa garota, e ai de quem atravessasse o meu caminho. Clara é minha e eu vou convencê-la disso. Mas antes eu precisava convencer a mim mesmo dos meus sentimentos. Nunca fui um homem de relacionamentos, eu dormia com várias mulheres por puro prazer, meu trabalho estava em primeiro lugar e tomava praticamente todo o meu tempo, portanto era muito mais cômodo transar sem compromisso, uma ação puramente

instintiva, saciar o corpo e os desejos, era exatamente isso. Mas Clara caiu de para quedas em minha vida, e eu desejava algo mais, algo que eu ainda não conhecia, mas sabia que envolvia Clara nua em minha cama e de preferência todos os dias.

Cheguei ao escritório e a primeira pessoa em minha frente é minha menina, linda como sempre. Eu tive vontade de segurá-la em meus braços e beijá-la até seus lábios ficarem inchados e vermelhos pela pressão da minha boca, mas trato era trato, não poderia quebrar nosso acordo, precisava da Clara e se eu não aceitasse suas regras nem o pouco que eu possuía eu conseguiria manter.

– Bom dia, Clara. – dei um sorriso, e recebi de volta o olhar mais doce que eu conhecia.

– Bom dia Dr. Ferraz. – Ela respondeu alegremente.

Afastei-me dela e caminhei para minha sala, precisava conter os pensamentos impertinentes instalados em minha cabeça. Pedi um café para Ana e comecei a trabalhar. A segunda-feira era sempre recheada de problemas, mas eu estava pronto para resolver cada um dos pepinos que me aparecesse.

Diego me ligou informando sobre os preparativos para minha festa. Esperava que essa festinha não envolvesse mulher, não estava nenhum um pouco a fim de me explicar porque nenhuma mulher mais me interessava. Aquela maldita menina estava me estragando para o resto do mundo. Outras mulheres que passaram pela minha vida nem de perto despertaram o interesse que Clara despertou em mim. Parecia um feitiço ou uma maldição.

A segunda-feira havia passado como um borrão, eu estava pronto para deixar o escritório quando resolvi falar com minha menina, sexo era proibido, mas quem sabe tentar uns beijinhos, com ela sentada em meu colo. Delícia!

Liguei na recepção e pedi para Ana chamá-la. Já estava preparando meu poder de persuasão. Quando ela chegasse eu beijaria aqueles lábios deliciosos, até poderia levá-la para o meu apartamento, não via a hora de estar dentro dela novamente, sentir seu cheiro de excitação e ver seus olhos semicerrados pela luxúria enquanto ela goza lindamente ordenhando meu pau. Deus eu precisava tê-la de qualquer jeito.

– Dr. Ferraz, a Clara já saiu, segundo a Patrícia ela acabou de descer no elevador acompanhada pelo Dr. Diego. – Ana respondeu alguns minutos depois.

Juntei todas as forças para não correr atrás dela e possuí-la bem na frente do Diego, assim todos e inclusive ele, saberiam que Clara tinha dono e ele não estava nenhum um pouco satisfeito com essa saída dos dois. De tanto falar sozinho e respirar fundo acabei relaxando, precisava confiar na Clara, um rompante de ciúmes afastaria minha menina de mim, e eu não seria capaz de contornar a situação dessa vez. Estava sufocado e comecei a me libertar dentro da sala, tirei o blazer, abri os

dois Primeiros botões da minha camisa, arregacei as mangas fazendo com que elas se tornassem três quartos e tirei a gravata, peguei minha maleta e saí. Tentaria descontar todo o meu stress em cima do Paulinho. Hoje o Muay Thai seria o meu escape.

Despedi-me da Ana e caminhei para o elevador, encontrei-me com Patrícia seguindo o mesmo caminho e fiquei constrangido por seus olhares nem um pouco inocentes. Estava acostumado com aquele tipo de olhar, aonde eu ia as mulheres praticamente se serviam em bandejas para me satisfazer, mas Patrícia nunca me interessou, ela é o tipo de mulher que passaria por cima de qualquer um para realizar seus desejos, e eu não gostava desse tipo de atitude, porém até o momento ela se mostrara competente em suas funções e desde que sua falta de caráter não atrapalhasse suas responsabilidades, seu estágio na Ferraz estava garantido. Mas eu estava de olho.

Ela me deu boa noite, e estava a ponto de arrancar sua própria roupa, pois seus seios já estavam praticamente pulando fora do seu decote. Nunca tive muito critério para escolher as mulheres que foderia, não fisicamente: loira, morena, ruiva, baixa, alta, gordinha, magra, nova, experiente, eu já me envolvi com todas, mas de uma coisa eu não abria mão: Personalidade! E isso faltava aos montes a Patrícia. Abrir seu decote e praticamente colocar seus seios em meu rosto não me agradava. Mulher com personalidade, assim como a Clara, me prendia com o olhar, com um sorriso, uma palavra, ou seja, precisava ser ela mesma e não um projeto de vadia. Devolvi o cumprimento e fiquei em silêncio até que Patrícia resolver falar novamente.

– Dr. Ferraz por acaso o senhor sabe onde fica o café que o Dr. Diego e Clara foram? Eu gostaria de me juntar a eles, mas os dois saíram tão distraídos um com o outro não tive tempo para perguntar o endereço. – Perguntou e eu senti o sarcasmo em sua voz. Aquelas palavras me faziam explodir por dentro, mesmo sabendo que era a intenção da Patrícia causar intrigas ou manchar a reputação da Clara. Respondi que não sabia, mas que deviam estar pela redondeza.

– Tudo bem! Fica para uma próxima, na verdade pela forma como saíram daqui, provavelmente eles não queriam companhia. – Patrícia continuava com as insinuações. Uma tentativa inútil de me provocar

– O que pretende dizer com isso Patrícia? – Perguntei ríspido, mas ela não se deixou assustar. Me jogou um sorrisinho cínico e eu amaldiçoei não poder mandá-la embora por um motivo pessoal, essa era uma política da Ferraz e eu não poderia quebrá-la.

– Nada Dr. Ferraz. Bem, desde que a Clara chegou ao escritório, é nítido o interesse do Dr. Diego por ela. Na verdade eles formam um lindo casal. O senhor não acha? – Sua voz cínica estava me deixando furioso.

O elevador chegou ao térreo, e quando as portas se abriram e estávamos ambos fora, eu virei-me e dei um aviso para Patrícia.

– Se você deseja manter seu estágio e ter seu relatório assinado no fim do semestre, eu sugiro que mantenha suas suposições a cerca da vida pessoal dos advogados dessa empresa para você. Caso contrário, eu infelizmente reportarei para sua faculdade o motivo do seu desligamento. Passar bem Patrícia.

Ela me olhou e seu queixo quase ia ao chão, na certa ela não esperava por essa minha atitude. Patrícia pode até ter me tirado do sério com suas insinuações sobre o Diego e a Clara. Mas acima de tudo eu era um advogado e o que eu aprendi nessa minha profissão foi esconder minhas emoções quando necessário. Saí da Ferraz e fui direto para academia. Fiquei quase uma hora esvaziando minha mente entre socos e chutes. Estava difícil de me acompanhar.

– Que isso Ferraz. Que pique é esse companheiro? – meu técnico estava impressionando com minha vontade de lutar.

– Só...um dia ruim...mas já....contornei a situação. – eu falava entre uma respiração e outra, pois meu fôlego estava começando a ficar curto.

– Acredito! Você é Alexandre Ferraz, me diz o que você não resolve? E a mulher? Também já resolveu? – Tocou no assunto sobre a Clara.

– Sim. – Paulinho estava me observando enquanto eu distribuía socos e chutes no saco de areia. Após o treino quando eu já me alongava recebi um envelope do Paulinho como presente de aniversário, ele confessou ser mais como um agradecimento, pela minha ajuda na fundação.

– Dois ingressos para o UFC? – Paulinho sabia que eu adorava ir a esse tipo de evento quando disponíveis na cidade, eu fiquei impressionado com os lugares, praticamente os melhores da arena.

– Quem sabe sua garota não goste de ver dois brutamontes sem camisas se entrelaçando durante alguns minutos em uma gaiola. – Ele respondeu bem humorado.

Sorri olhando para os ingressos enquanto meu mestre se afastava. UFC? Será? Foda-se, ela não queria encontros diferentes, esse era um bom começo.

Cheguei em casa, esvaziei os bolsos em um tipo de bandeja que ficava sobre a mesa de centro, tomei um banho demorado, fiz um lanche. Como de costume meu celular ficava no silencioso durante o treino. Quando fui conferir se havia perdido alguma ligação, uma mensagem chamava minha atenção. Minha menina se manifestou. O orgulho me bateu por saber que ela estava pensando em mim.

Clara: Então o lobo mau faz aniversário amanhã? Será que devo preparar uma cesta de doces?

Pelo horário da mensagem não fazia muito tempo que ela havia enviado então me atrevi a responder.

Eu: O único doce que me interessa está entre suas pernas. Vou ter a honra de saboreá-lo?

Clara: Paciência. Se você for um bom menino quem sabe ganhará uma surpresa amanhã. Boa noite!

Maldita! Só de pensar nessa descarada aprontando meu pau começou a endurecer. Já podia imaginar ele entrando em sua pequena abertura feita sob medida. Virei-me de bruços e coloquei o travesseiro sobre a cabeça na esperança de conseguir dormir.

Nunca em toda a minha vida esperei tanto pelo meu aniversário.

Clara

Minha segunda-feira estava cheia de trabalho a fazer, mas eu não reclamei nenhum um pouco, estava muito animada. Alexandre me enviou algumas defesas para editar e eu estava adorando entrar em seu mundo. Lembrei-me da nossa troca de mensagens na noite anterior. Ele se mostrou tão descontraído e alegre. Foi impossível não entrar em sua brincadeira. Suas defesas eram praticamente perfeitas, pouca coisa precisava ser modificada, Alexandre realmente tinha um dom.

– Bom Dia. – Patrícia havia chegado e ao menos tentou ser educada dessa vez me cumprimentando.

– Bom Dia. – Não custava retribuir o seu esforço.

Alguns minutos após a Patrícia o Nando chegou, estava um pouco abatido mais eu imaginei que não era realmente fácil passar por todos aqueles problemas que ele vivenciava no momento.

– Bom dia, linda. – ele passou por minha mesa, mas não antes de me dar um beijo na testa e sorrir. Ai... eu ainda morro com essas covinhas.

Perguntei se estava tudo bem, de uma forma que não parecesse ser intrometida. O fato de eu não me abrir e não conseguir compartilhar os meus problemas, fazia com que eu também não me intromettesse com a vida alheia. Ele disse que sim, e eu não me convenci, mas resolvi não insistir.

Continuei trabalhando e ainda imaginando como Alê poderia ser um homem de muitas facetas, advogado brilhante, super amigo, família acima de tudo, benfeitor, deus do sexo, dominador, dominado, ciumento, relaxado. Meu Deus a cada palavra eu me apaixonava cada vez mais pelo Dr. Ferraz, quer dizer, apaixonada pelo seu trabalho e não por ele.

Almocei sozinha. O fato de Diego não ter conhecimento do meu envolvimento com seu irmão deixava Alê um pouco inseguro.

Quando voltei do almoço Nando veio até minha mesa querendo conversar. Eu estava adorando aquela nova amizade, ele realmente era um cara de bom coração.

Nando perguntou se eu sabia de algum local para alugar, fazia uma semana que ele estava procurando e não encontrava nada, pedi para ele aguardar alguns minutos. Pensei em juntar o útil ao agradável, estava detestando morar sozinha, aquela solidão estava me matando e Nando precisava de um lugar para ficar, mas antes por mais que eu tivesse minha opinião formada sobre ele, achei melhor ter um papinho com o Diego.

Pedi para Joana, – a recepcionista geral – avisar o Dr. Diego que eu estava aguardando para falar com ele, quase nunca falava com a Joana.

– Pode entrar Clara. Dr. Diego está aguardando. – Joana era uma mulher um pouco mais de idade,

mas muito educada.

Bati na porta assim como fazia na sala do Ferraz e entrei. Diego abriu um sorriso de orelha a orelha e eu fiquei um pouco constrangida, mas logo contornei a situação.

– Clara querida, eu te disse que você se cansaria do velhote do meu irmão. – Diego era sempre um cara muito bem humorado.

– Bom tarde Dr. Diego. Não, eu ainda estou aguentando firme e forte. – Achei melhor entrar na brincadeira dele, Diego ainda não havia me dado motivos para eu pedir que se afastasse.

– Pena! Já estava pronto para chutar a bunda do Nando. – Ele falou de um jeito carinhoso, eu sabia que aquilo estava fora e cogitação. Nando e Diego se davam muito bem.

Diego se sentou e ficou me olhando.

– Na verdade o assunto que eu tenho para tratar com o Senhor é justamente sobre o Nando. – Diego indicou a cadeira a sua frente e eu me sentei. – Diego em todos os meses que o Nando trabalhou aqui, você notou alguma coisa estranha, algo que pudesse o considerar perigoso ou de difícil convivência? – Perguntei para tirar minhas dúvidas.

Diego inclinou para trás em sua enorme cadeira e cruzou as mãos sobre a mesa.

– Clara. Ele está passando por algumas dificuldades pessoais, mas eu nunca tive nenhum problema com ele, nos nunca nos desentendemos e ele se mostrou uma pessoa muito social, é obvio, nunca conhecemos totalmente as pessoas, mas se você me perguntar se tenho algo a me queixar do Nando, não eu não tenho. – Respondeu sem dúvida alguma, algo que já sabia. Ferraz não apoiaria Nando daquela forma sem ter certeza no que estava investindo.

– Sobre o seu problema pessoal ele me contou e eu achei louvável a atitude do Dr. Ferraz, na verdade eu fiquei até um pouco surpresa, poucas pessoas agem com tanta generosidade. – Elogiei o meu chefe e Diego assentiu.

– Eu não esperava uma atitude diferente do meu irmão. O Alexandre pode ter aquele jeito de durão, mas seu coração é enorme. – Falou com uma voz gentil e um brilho no olhar. Era nítido o orgulho e o carinho que ele sentia por Alexandre. Era maravilhoso poder presenciar aquele sentimento em sua forma tão natural.

– Mas porque esse interesse no Nando? – Provavelmente estávamos os dois pensando em Alexandre e sem perceber ficamos em silêncio.

– Na verdade ele está procurando uma casa para morar, e eu estou procurando alguém para dividir o meu apartamento. – Expliquei.

Diego analisou minhas palavras e parecia um pouco receoso. Contou sobre o comportamento exemplar de Nando dentro da empresa, mas aquela era uma decisão que somente eu poderia tomar.

Agradei de forma carinhosa a preocupação de Diego. Mas já havia tomado minha decisão, a

tomei antes mesmo de entrar na sala, eu só queria mesmo uma confirmação. Levantei-me e despedi. Diego levantou a mão para me cumprimentar e eu aceitei. Saí da sala e ao encaminhar-me para a minha eu cruzei com a Patrícia pelo corredor. Ótimo! Assim poderia falar com o Nando a sós.

– Nando, eu sei de um lugar que você pode ficar. – Avisei assim que cheguei a nossa sala.

Ele me olhou por cima da papelada que estava em suas mãos e o brilho de esperança atravessou seus olhos. Não. Eu não poderia me enganar tanto, Nando seria um ótimo colega de quarto.

– Então fala Clarinha, me passa o número do telefone dessa pessoa que eu vou ligar agora mesmo.

– Ele estava empolgado e eu me segurei para não sorrir.

Escrevi o número do meu celular e entreguei a ele, no mesmo momento ele tirou o aparelho do bolso e digitou os números com um sorriso de menino. Meu celular tocou e o Nando me olhava surpreso. Atendi de forma séria.

– Se você precisa de uma bebida disque um. Se você procura alguém para lhe fazer companhia disque dois. Se você precisa de alguém para dar palpite no seu *look* disque três. Mas se você quer tudo isso e ainda uma companheira para dividir um apartamento, por favor dirija-se a mesa a sua frente e beijo os pés da sua colega de estágio. – Brinquei com ele e Nando sorria com cada frase que eu pronunciava. Assim que terminei de falar ele correu em minha direção e me deu vários beijos melados no rosto.

– Eca Nando! Eu falei nos pés. – Bati em seu ombro e ele se afastou para me olhar.

Nando não acreditava, então eu expliquei que não estava brincando. Meu apartamento era enorme para apenas uma pessoa. Ele precisava de um lugar para morar. E eu, de uma companhia. Tudo resolvido.

– Me escuta. – pedi que ele se sentasse e fiz o mesmo. – O apartamento é meu, você não precisa se preocupar com aluguel, mas como você fez questão de dividir as despesas, eu vou aceitar que você pague as taxas de condomínios e despesas como luz e internet. Combinado? – Sabia que ele estava passando por dificuldades, e não seria justo cobrar aluguel já que eu não pagava um.

Ele me abraçou de novo e mais beijos melados eram distribuídos no meu rosto. Era impossível não se contagiar com a alegria dele.

Nando precisava organizar suas coisas e no máximo em dois dias estaria em minha casa. Sua presença em meu lar e na minha vida era muito bem vinda, já me sentiria menos abandonada com ele por perto.

Quase na hora de encerrarmos o expediente Ana chegou em nossa sala para uma conversa. Ela encostou-se a uma das mesas com um envelope nas mãos e começou a falar.

– Gostaria de pedir a todos vocês que venham preparados para ficar até um pouco mais tarde amanhã. Como vocês todos estão aqui há poucos meses creio que ninguém sabia que amanhã o

Dr. Ferraz comemora seu aniversário. – Lançou a notícia e eu me apavorei. Ana alheia ao meu desespero continuou. – O Nando e a Patrícia sabem como funcionam as comemorações por aqui. O escritório faz uma cota para o presente e eu organizo uma pequena comemoração ao fim do dia com todos da empresa. – Explicou e eu notei que a piriguete oxigenada me olhava de uma forma que eu fiquei sem saber por que, mas definitivamente precisava andar com um galho de arruda na bolsa. – Clara? – Ana me tirou dos meus pensamentos ao me entregar um envelope. – A tradição na Ferraz é que o estagiário compre o presente para o advogado aniversariante. Eu sempre me encarreguei disso já que o Dr. Ferraz nunca teve uma estagiária, mas como agora você está aqui, a bomba é sua. – Entregou o envelope em minhas mãos.

Fiquei surpresa e desesperada. Jesus, o que eu poderia comprar para aquele homem que tinha tudo.

– Clara use a criatividade dentro dessa cabecinha, o dinheiro não é muito, mas é suficiente para uma boa lembrança. – Ela disse aumentando o meu desespero.

Eu assenti e mil ideias começaram a surgir em minha mente. Até amanhã eu precisava descobrir algo que fosse digno do Dr. Ferraz.

Ana estava saindo pela porta quando soltou a última bomba que cravaria o punhal em meu peito.

– Ah... Clara, você entrega o presente e também faz o discurso de felicitações em nome do escritório. Então, acho bom preparar algo memorável. – Deu uma piscadela e saiu.

Nando ria da minha cara de espanto e somente eu não estava achando graça nenhuma naquela história. Patrícia também me encarava, acho que ela não estava feliz em me ver discursando para o Dr. Delícia.

– Relaxa lindinha – Nando tentou me consolar – Dr. Ferraz é um homem fácil de agradar, você vai pensar em algo legal. Agora que tal tomarmos um cappuccino para comemorar minha casa nova? – Disse colocando um sorriso no rosto.

Guardei o envelope dentro da bolsa e aceitei o convite do Nando, mais tarde pensaria no que comprar para Alexandre.

Patrícia desligava seu computador e nem a pau que eu iria chamá-la para se juntar a nós.

– Opa! Ouvi a palavra comemorar. – Diego estava de pé a porta com sua maleta na mão e o blazer jogado no braço. Lindo como sempre, mas nada que comparasse ao seu irmão. Ferraz realmente era um acidente da natureza.

– Estamos comemorando minha mudança para a casa da Clara Dr. Diego. Quer se juntar a nós para um cappuccino? – Nando fez o convite que o Diego prontamente aceitou.

Saímos os três e encontramos com uma Patrícia voltando para a sala. Achei que essa vaca já tinha ido, me enganei. Dei um aceno me despedindo dela, enquanto caminhava no meio de dois dos três homens mais lindos que eu vi na vida.

Ferraz

Eu estava em minha sala de boca aberta, paralisado. Clara fez foi algo inesperado, somente em meus melhores sonhos aconteceria uma cena como aquela. Ela me proporcionou um dos melhores dias da minha vida, e não digo isso somente pelo maravilhoso sexo oral que acabara de receber.

Quando eu entrei todos os colaboradores da Ferraz começaram a me aplaudir, eu sorria grato pelo carinho e meus olhos passearam por todos eles a procura da minha menina, assim que eu bati os olhos nela, minhas pernas tremeram.

Ela era perfeita para mim. Estava usando uma calça em tom de cinza e uma camisa de mangas curtas de cor preta, um babado descia pela frente como se fosse um cachecol. Seus cabelos estavam soltos em cachos que pendiam às suas costas, segurava uma caixa nas mãos. Quando ela começou a falar eu senti uma gota de suor descer pelo meu pescoço. Sentimentos desconhecidos passaram por mim, mas eu deveria aprender a vivenciá-los, pois tinha certeza que sentiria aquele turbilhão de emoções em cada momento ao lado da Clara.

Ela falava e eu via uma sinceridade imensa em suas palavras. Elas realmente tocaram meu coração de uma forma inexplicável. Mas o pior ainda estava por vir. Assim que ela me entregou a caixa, eu comecei a ler o bilhete pensando ser a assinatura de todos como de costume. Me esqueci que Clara não faz o previsível. Ela não era igual a ninguém e não seguia as regras impostas pelos outros.

Tive vontade de mandar todos embora fodê-la ali mesmo, enquanto derramava champanhe por seu belo corpo. Nos minutos seguintes eu fiz um enorme esforço para manter os meus pensamentos presos na minha cabeça, sem transformá-los em ações concretas.

Quando ela me abraçou eu segurei seu corpo junto ao meu o tempo necessário para avisá-la que estaria em minha sala aguardando-a.

Dentro da minha sala Clara me surpreendeu mais uma vez. Eu gozei tão forte. Minhas pernas ficaram bambas e eu agradeci por estar sentado. A única coisa que me tirava do meu momento sublime, era o fato de Diego estar na minha frente enquanto Clara possuía meu pau jorrando porra em sua boca. Tentei ao máximo esconder minha menina enquanto mandava Diego para fora da sala. Quando ele saiu, eu estava pronto para fodê-la, mas minha ficha caiu que eu não poderia simplesmente dar uma mancada daquela com meu irmão sem uma boa explicação. Clara se ajeitava, enquanto eu fazia o mesmo, mas meus pensamentos giravam em torno de qual desculpa inventaria para Diego.

Foi quando ela se despediu e saiu pela porta me deixando mudo.

– Droga! Maldito Diego! Maldita festa! – eu esmurrava a mesa e sentia um vazio enorme, como se

precisasse da presença dela para respirar normalmente. Resolvi descer e acabar com a palhaçada. Mas, quando eu desci, todos os meus amigos estavam me aguardando. Puta merda! E agora? Todos eles davam tapinhas nas minhas costas desejando-me felicidades, mas a minha alegria não estava comigo, e acredito que não a encontraria hoje depois da recepção.

– Vamos! As gatas nos esperam. – Bruno levantou a voz e eu sabia, aquela comemoração seria uma tortura, depois da saída da Clara então, seria praticamente um inferno. Como não tive alternativa eu os segui. Dividimo-nos em grupos para aproveitarmos os carros disponíveis. Puxei Bruno de lado antes dele se sentar na minha caminhonete.

– Droga Bruno, eu não quero mulher nenhuma. – Disse exasperado. Só desejava uma, e ela acabara de sair da minha sala.

Bruno me olhou, notei que ele não estava surpreso. Ele explicou que diante da insistência de Diego ele não pode dizer não, pois não saberia explicar.

Chegamos ao bar. E a coisa era pior do que eu esperava. Os caras fecharam o Pub e várias garçonetes vestidas em pequenos uniformes insinuantes, nos esperavam com uma variedade de bebidas nas mãos. Antes que eles pudessem me ver, eu rapidamente peguei uma dose de tequila e uma cerveja. Joguei o líquido da garrafa em um vaso de planta ali perto e coloquei a tequila na boca, enquanto todos gritavam e batiam palmas para mim eu fingia beber minha cerveja. Mas, na verdade eu jogava a tequila que estava em minha boca dentro da garrafa. Precisaria me manter sóbrio e encontrar uma maneira de ir atrás da Clara.

– Eu sei o que você está fazendo Dr. Ferraz. – Bruno estava ao meu lado, e juntos observávamos os caras se engraçando para as mulheres.

Passei as mãos de forma nervosa pelos cabelos.

– Preciso ir atrás dela Bruno. – eu pedi que o meu amigo me entendesse, meu desejo pela Clara estava explodindo meus miolos.

Ele virou a garrafa de cerveja na boca. E eu estava estranhando seu comportamento racional, diante da minha revelação.

– Eu sei mano, mas dá um tempo primeiro. Se você sair agora, todos vão encher o seu saco para saber o motivo. Relaxe, depois eu te ajudo. – Disse e saiu andando em direção ao meu irmão Diego, no caminho afastou todas as mulheres que tentaram o alcançar. Realmente a Laís estava fazendo a cabeça do Bruno, ele seria a última pessoa que eu pediria ajuda, para ir atrás de uma mulher e seria a primeira a rir da minha cara.

Fiquei por quase uma hora disfarçando minhas bebidas e entrando na conversa dos meus amigos. Resolvi mandar uma mensagem para Clara.

Eu: O que está fazendo minha menina?

A resposta veio imediatamente.

Clara: Provando uma lingerie azul. Combina com sua gravata. Mas estou tendo dificuldades em desatar o laço do fio dental. Acho que vou procurar ajuda.

Puta merda! Ela queria me provocar e estava conseguindo.

Eu: Chego aí em 20 minutos, não tire essa maldita calcinha.

Clara: Estou indo para o seu apartamento. Não demore.

– Bruno! Bruno! – Eu gritei e ele veio correndo. – Foda-se cara! Se vira com o pessoal aí. Clara tem um problema com sua calcinha e eu preciso ir para casa, agora. – Mal terminei de falar e já estava saindo.

Bruno só assentiu com um olhar divertido e eu saí sem me despedir de ninguém. Eu me entenderia com Diego outro dia.

Quando cheguei ao meu apartamento eu a avistei saindo do carro. Cheguei até ela e entrelacei nossas mãos. Entramos no elevador e eu a beijei desesperadamente. Éramos os únicos naquele lugar. Mas o ar que respirávamos era pouco para ambos.

– Por favor, me diga que não tirou a calcinha. – Pedi cheio de tesão. Clara se moveu dentro do elevador e ficou de costas para onde estava a câmera. Ela abriu o casaco e eu quase surtei. Somente um sutiã e uma pequena calcinha estavam adornando o seu corpo. Ela sorriu presunçosa e fechou o casaco novamente. Saí do elevador e praticamente a arrastei comigo. Ela me puxou pela gravata, graças aos céus lembrei-me de colocar. Estava com a promessa do seu bilhete em mente, e se ela fizesse tudo aquilo, eu realmente mandaria emoldurar aquela gravata.

– Resolveu buscar o resto do seu presente Dr. Ferraz? – ela dizia enquanto caminhava de costas para o meu quarto.

– Sim. – eu murmurei ofegante. Não duraria um minuto dentro dela. Clara exalava sensualidade e eu quis lamber cada centímetro daquele corpo delicioso. Inclusive sua tatuagem.

– Você foi um garoto malvado Alê. Me deixou com muito tesão e saiu para farrear. Isso não foi legal. Não. Não. Não. – Ela dizia de modo provocativo e eu já estava por um fio.

Quando ela retirou o casaco, meu primeiro extinto foi tocá-la. Mas Clara se afastou.

– Sentado na cama Dr. Ferraz, o aniversariante assiste de camarote, não acha? – Merda ela estava me matando.

Tirei os sapatos e meias e me sentei na cama, não tirava os olhos daquele demônio a minha frente e meu corpo se preparava para receber a onda de prazer que estava por vir.

– Deite-se. – Ordenou e eu obedeci. Ela estava no comando e eu permanecia louco para fodê-la ate os ossos.

Clara saiu do quarto e quando retornou, estava com um litro de tequila em suas mãos. Ela colocou a garrafa no chão e começou a me despir.

– Sou louca pelo seu corpo. Às vezes quanto te vejo no escritório, tenho vontade de te comer todinho. – Sua voz sexy falando aquilo me deixou ainda mais excitado. Meu pau estava cada vez mais duro, e eu poderia gozar em minhas calças se aquilo durasse muito tempo. Ela retirou a gravata a colocando do meu lado, retirou minha camisa jogando no chão, e logo minhas calças tiveram o mesmo fim. Estava somente de boxer na cama quando Clara começou a me lambar. Sua língua iniciava o movimento acima da minha cueca e deslizava até a minha boca.

– Dispensando o sal e o limão. – Disse, enquanto bebia uma dose de tequila da garrafa mesmo e tornava a refazer todo o movimento da língua em minha pele, eu já começava a me contorcer. Aquilo estava sendo demais para mim. Clara saiu da cama e me chamou com o dedo indicador.

– Como eu disse, não consigo tirá-la. – minha menina virou-se de costas para mim e meu olhar foi direto para aquela bunda perfeita que abrigava o seu fio dental. Sentei-me na beirada da cama alcançando o seu corpo. Abri o seu traseiro e a beijei bem no seu buraquinho ainda inexplorado por mim. Dei um tapa em sua bunda. – Gostosa! – Murmurei com uma voz rouca de tesão. Com ela de costas desfiz o feixe que prendia a parte de cima do seu conjunto e passei as mãos pela frente agarrando os seus seios. Seus mamilos saltavam e endureciam cada vez mais, ao meu toque.

– Vire-se. Deixe-me chupá-los. – Não aguardei ela me obedecer, a virei bruscamente. Minha menina colocou os seios em meu rosto e eu passei minha língua de leve sobre eles. Primeiro um e depois tratamento igual para o outro.

– Oh meu Deus. – ela falava em um tom de sussurro. Vi o quanto Clara estava ficando excitada com aquelas carícias, comecei a fazer um movimento de sucção em seus mamilos e quanto mais eu chupava, mais Clara se contorcia. Puxei-a para baixo e coloquei-a montada em uma das minhas pernas. Clara começou a se esfregar em mim e eu notei que na minha perna ficavam rastros de sua excitação. Ela estava incrivelmente molhada e eu podia sentir um ponto mais duro dentro da sua calcinha.

– Você é maravilhosa. – eu não podia deixar de falar o quanto ela era incrível. Seus seios estavam totalmente sensíveis, levantei Clara do meu colo e a joguei de quatro na cama, ela virou o corpo tentando chegar até mim e eu a segurei naquela posição.

– Shhh! Shh! Minha menina, eu vou te agradar.

Desatei um lado de sua calcinha e fiz o mesmo do outro lado, mesmo assim ela não descia, pois o traseiro perfeito da Clara a prendia. Assim que puxei aquele fio do seu bumbum eu caí de boca no seu corpo. Eu passava minha língua por toda a sua abertura, desde o seu ânus até sua buceta perfeita. Minha menina tentava se afastar e eu a segurava ainda mais forçando sua cintura em minha direção.

– Vem para mim Clara! Goza gostoso, minha menina. – Chamei por ela. Coloquei o polegar em sua buceta e no mesmo momento ele ficou melado com seus fluídos. Agachei-me para alcançar o seu

clitóris e comecei a chupá-lo.

–Alexandre... – isso mesmo. Grita meu nome, pois você é minha.

Enquanto chupava e lambia seu ponto sensível eu levei meu polegar até o seu orifício apertado e comecei a provocá-la. Inicialmente Clara se afastou, e me questionei se ela já havia recebido prazer por aquela entrada. A retenção de Clara passou e eu aprofundei meu dedo. Clara rebojava seu rabo em meu rosto e eu aumentei o ritmo dos meus movimentos.

Então ela começou a tremer, encostou seu rosto na cama e ela soltava gritos abafados pelo colchão.

– Alexandre... Porra... Foda-se. – Seus palavrões sem pudor demonstrava o quanto estava se perdendo.

Clara gozou em minha boca e eu senti meu rosto todo melado. Excitante de mais. A virei na cama e enquanto eu fui colocar uma camisinha aproveitei e peguei o meu iPhone para ligá-lo ao sistema de som. Ne-Yo cantava meu amor sexy e nada poderia ser tão perfeito.

Minha doce menina você me faz dizer...

Eu amo Fazer amor com você.

Garota você sabe que é meu Amor sexy!

Deitei-me ao lado de Clara e ficamos em uma posição de conchinha, passei uma de suas pernas por cima da minha. Deixei-a aberta e esperando pelo meu pau.

– Minha menina! Minha doce menina. – sussurrava em seu ouvido e quando meu membro encontrou sua abertura eu me senti em casa. Era perfeito demais. Delicioso demais. Tudo com a Clara era demais. Virei seu rosto para que pudesse olhar em seus olhos.

– Olhe para mim Clara. – minha menina me obedeceu e eu comecei a me mexer devagar, os movimentos do meu quadril eram lentos e toda vez que meu pau entrava e saía eu sentia o meu coração bater mais forte. Clara me olhava dentro da alma e sussurrava meu nome. – Alexandre... – Putz aquilo me matava.

– Shhh! Apenas sinta minha menina. – aumentei o ritmo, mas continuei suave, pois se bombeasse com toda a força que eu desejava, não conseguiria segurar e gozaria antes dela. Enquanto eu olhava em seus olhos eu cantarolava a música somente para ela.

“Digo que estou sonhando por estar louco de amor. Não posso me controlar.”

Levei minha mão ao clitóris de Clara e comecei a estimulá-la. Movimentos lentos assim como era o do meu pau entrando em sua pequena buceta. Virei seu rosto novamente e a beijei profundamente. – Goze para mim novamente menina, você fica tão linda se perdendo por mim, me dá o seu prazer. – eu sussurrava a em seu ouvido e ela começou a gritar.

– Alexandre. Oh meu Deus... – o restante da frase ficou no ar, porque Clara apertava meu pau em um gozo maravilhoso, me apertando e me sugando para dentro dela. Aquilo foi demais para mim.

Segurei Clara mais forte e comecei a meter duro e rápido.

– VOCÊ – É – MINHA!!! – Não sabia por que soltei aquilo, mas a vontade de marcar Clara como minha propriedade foi maior do que o meu bom senso. Meti fundo e rápido, estava tão duro que chegava a me causar uma dor, mas uma dor que me trazia ainda mais prazer. Algumas estocadas depois e eu enchi o preservativo. Minha vontade era jorrar sêmen em seu interior, mas aquilo estava fora de cogitação. Pelo menos por enquanto.

Fui a banheiro, retirei o preservativo, me limpei e voltei. Cheguei na porta do meu quarto e senti novamente aquela sensação de posse quando vi Clara espalhada pela cama.

– Minha. – dessa vez falei baixo para que ela não escutasse.

Deitei-me na cama e puxei Clara para os meus braços, ela estava caindo no sono, mas antes de fechar os olhos murmurou lindamente. – Você faz aniversário e eu ganho o presente?

– Meu presente é você minha menina. – Respondi ela aninhou a cabeça em meu peito e fechou os olhos.

– Estou apaixonado por você. – olhei para ela e seu corpo já estava em repouso. Agradei. Aquelas palavras iriam assustá-las.

Foi fácil dormir. Clara ao meu lado me dava segurança, e sentir seu corpo nu colado ao meu era a melhor coisa do mundo.

No meio da madrugada eu comecei a sentir sensações estranhas, tentei levar minhas mãos ate o meu pau para ver o que estava acontecendo, mas não consegui me mexer. Acordei assustado e vi meus braços amarrados a cabeceira da cama pela maldita gravata azul.

Tentei levantar um pouco meu corpo vi a descarada com o maior sorriso do mundo já enrolando um preservativo pelo meu pau que estava totalmente ereto. Nem controle do meu corpo eu tenho mais.

– Clara? – perguntei confuso.

Ela se levantou e olhou eu meus olhos.

– Achou que não ganharia seu presente Dr. Ferraz? – ela foi descendo lentamente pelo meu pau e eu quase enlouqueci por não poder tocá-la.

– Meu Deus, Clara. – fechei os olhos, pois a sensação de me ver completamente dentro dela, e assistir seus movimentos, me engolindo centímetro por centímetro, era espetacular.

– Olhe para mim Alexandre, quero ver seus lindos olhos azuis enquanto eu fodo você. – Novamente ela me deu ordens. Fiz o que ela mandou. Clara subia e descia em uma velocidade frenética, seus olhos estavam grudados aos meus e eu tenho certeza que vi paixão passar por eles. Não poderia estar tão enganado assim.

Minha menina levou as mãos aos cabelos e os segurou acima da sua cabeça, ele nunca parava de subir e descer cavalcando em mim.

– Alê... ela gritava enquanto seus seios balançavam com o movimento e eu tenho certeza que os meus vizinhos podiam ouvi-la dali. Sempre cumprindo suas promessas.

Clara levou a mão até o seu clitóris e eu tentei alcançá-la, aquilo era meu, somente eu poderia dar prazer a ela.

– Clara me desamarra. – ela me ignorou totalmente e começou a se tocar. Uma mão em sua buceta e outra apertando o seu próprio mamilo. Quase arranquei a cabeceira da cama, mas a Maldita fez um nó de marinheiro ao amarrar as minhas mãos.

– Clara, me solta. Preciso tocar em você. – Supliquei e ela sorriu. Um sorriso perverso.

– Dessa vez não Dr. Ferraz. Somente assista. – Suas palavras me fizeram crer que eu não sobreviveria aquela noite.

– Droga Alexandre, estou tão perto, tão excitada, vem comigo. – ela ainda saltava sobre o meu membro e eu comecei a mexer meu quadril em sua direção.

– Puta! – Eu disse cerrando os dentes, sentindo o orgasmo se aproximar. – Você me paga sua maldita!

– Clara sorria e fazia um movimento em seu interior que apertava ainda mais meu pau. Senti que o seu corpo se acalmava e quando olhei em seu rosto, um semblante saciado estava estampando-o. Clara estava gozando e eu continuei a meter em seu interior até alcançar meu próprio clímax.

–VOCÊ É MINHA!!! Foi mais como um rosnado, mas soltei aquela frase enquanto me enterrava em sua buceta, gozando pela terceira vez naquele dia. Clara me desamarrou e eu tirei a camisinha e a descartei no chão, o medo fazia meu coração praticamente capotar em meu peito. Dessa vez ela ouviu e saíra correndo. Assim que me ajeitei na cama, para minha surpresa, Clara jogou uma das pernas sobre as minhas e levantou seu corpo.

– Feliz aniversário Alê! – e me deu um beijo. Um beijo carinhoso. Abri um sorriso enquanto acariciava seus cabelos, vendo a adormecer em meus braços.

Não! Eu não estava errado.

Clara

Acordei assustada sem saber exatamente onde estava. Mas então eu senti um braço sobre minha cintura e uma respiração pesada no meu pescoço. Alexandre! Existia melhor forma de acordar? Acho que não. Quer dizer, tenho certeza que não.

A noite passada foi uma loucura, enquanto eu saía da sua sala eu me amaldiçoava por não ter ao menos verificado se ele comemoraria o aniversário em outro lugar. Quando as portas do elevador se abriram, eu tive certeza que ele teria uma noite excelente. Bruno e vários outros homens aguardavam na recepção do prédio, todos eles estavam animados e alegres. Festinha masculina! Já sabia no que ia dar. Mal troquei duas palavras com o Bruno e fui direto para casa. Passar o resto da noite imaginando o Alê cercado de mulheres não me agradou, mas aceitar que estava sentindo ciúmes dele também não.

Por não querer reconhecer aquele sentimento eu deixei passar a história da Cristina Pernalonga e também a fulana que eu ouvi no celular no dia em que eu liguei da boate. Desejei que o pau dele caísse. Depois de algum tempo, trocamos algumas mensagens provocativas e o resultado disso tudo: uma deliciosa, maravilhosa e prazerosa noite de sexo com meu lobo mau. Meu pai amado, cada vez ficava melhor. Alexandre sabia onde me tocar, onde me beijar e cada palavra, cada sussurro que saía daquela boca maravilhosa mexia com meus sentimentos. “Você é minha”, lembrei-me da frase dita por ele, e naquele momento minha cabeça disse “corre”, mas meu coração e meu corpo diziam, “sim, eu sou sua”, depois de muito tempo batalhando eu resolvi ouvir meu coração e fiquei.

Tentei me mexer, mas o aperto de Ferraz em torno do meu corpo se intensificou, ele não queria se afastar, não era um simples abraço, havia um sentimento de posse naquele gesto como se eu fosse... Fosse dele.

Seu sono era muito pesado, prova disso foi que eu o amarrei na cama e estava provocando o seu pau sem que ele despertasse, mas quando ele abriu os olhos eu fui ao céu e voltei... Sorri. Aquela cena estava entre as melhores em se tratando do filme Ferraz e Clara. Movimentei-me outra vez, precisava me levantar, não sabia que horas eram e não podia simplesmente esquecer que era quarta-feira e um estágio me aguardava.

– Dorme minha menina. – Ele sussurrou em meu ouvido.

Nossa senhora das mulheres desesperadas! Aquela voz rouca de sono era a coisa mais sexy que eu ouvi. Nada se comparava com a voz sonolenta do Alexandre e o efeito que ela causava em mim.

– Alexandre, precisamos ir. – Disse, mas ele murmurava hummm e hãms e hummm de novo e de novo no meu pescoço. Caralho! Pode isso produção?!

– Quarta-feira. Ferraz Advogados. Isso te lembra alguma coisa? Algo envolvendo trabalho? – Tentei convencê-lo.

Alexandre mexeu-se na cama e em um minuto ele estava ao meu lado e no outro como um gato sorrateiro ele estava em cima de mim, pressionando a famosa ereção matinal masculina entre minhas coxas. Eu estava nua, ele estava ... gloriosamente nu. Que corpo perfeito! Beijos eram distribuídos no espaço entre meu ombro e minha orelha.

– Preciso de você agora! – ele sussurrava. Mas que merda havia com aqueles sussurros malditos?! Juntei minhas pernas em torno dele. Fala sério, ninguém é de ferro, muito menos eu, não dispensaria aquele deus.

– Vamos tomar um banho? Assim nós já saímos prontos e vamos trabalhar. OK! – Acabei cedendo. Ele assentiu sorrindo, pois o desgraçado sabia ter ganhado aquela batalha. Pedi alguns minutos para fazer minha higiene bucal antes que ele entrasse. Alexandre concordou e eu peguei minha bolsa me encaminhando para o banheiro.

Deixei minha bolsa no armário do banheiro, liguei o chuveiro e esperei Alexandre entrar. Logo eu senti algo duro pressionar contra a minha bunda e braços fortes me apertando. Alexandre ficou colado em mim daquela forma deliciosa, joguei a cabeça para trás, encostei-me em seu peito.

– Você está tão linda toda molhada, está molhado aqui também? – ele desceu o dedo ate minha entrada e começou a brincar com minha buceta. Sua outra mão estava acariciando o meu pescoço, mas logo ele me forçou a virar o rosto para ele. Alê me beijou de uma forma deliciosa e eu senti um gosto maravilhoso de menta vindo dos seus lábios.

– Quero foder o seu traseiro. Você tem uma bunda deliciosa. Deixe-me comer você assim? – Falou me olhando com desejo, depois me inclinou para frente até que meus seios tocassem o azulejo frio do banheiro. Eu praticamente estava de quatro em pé. Com aquela posição, Alexandre teria total acesso à minha outra entrada, mas eu não estava preparada para aquilo. Ainda.

Já havia tentado sexo anal outras vezes, mas realmente nunca achei alguém que me desse o conforto necessário para que aquele tipo de sexo se tornasse prazeroso. Como Alexandre era praticamente perfeito na cama talvez, fosse o momento certo para tentar novamente, mas não hoje. Estávamos atrasados e eu precisaria me preparar para que algo extremamente erótico não se tornasse um terror.

– Talvez outro dia lobo mau. Hoje quero você em minha buceta. – Ele entendeu meu recado e saiu do box. Previ que ele havia ido colocar o preservativo. Ele era insaciável e eu estava me tornado uma capetinha por causa dele. Alexandre voltou e se encaixou em mim novamente, mas agora ele procurava minha buceta, que praticamente implorava por ele. Eu não mudei a minha posição, queria que ele me tomasse daquela forma.

Lentamente ele começou entrar em mim. Ele era grande e levava um tempo para acomodá-lo por

inteiro, mas assim que eu relaxei, eu o senti totalmente em meu interior. A água quente fez com que todo o banheiro ficasse embaixo de vapor. Era uma sensação excitante. Senti-me a Rose dentro do carro no filme Titanic, faltava só passar a mãozinha na janela, mas havia uma diferença entre nós, meu lobo mau dava de dez a zero no Leonardo de Caprio.

– Você gosta assim minha menina, ou você prefere que eu diga minha vadia? – Alexandre começou a se mexer e ele sabia que suas palavras sujas me excitavam. Ele usava e abusava desse poder, me deixando totalmente desestruturada.

– Foda-me. Você é tão grande. Posso sentir você lá no fundo. – Alexandre intensificou os seus movimentos, mas eu não sei por que diabos ele ainda estava lento.

– Forte Alê. Mais rápido. – Ele atendeu o meu pedido, suas mãos seguravam meus ombros e eu estava com os seios e o rosto colado na parede. Alexandre metia fundo, mas segurava os meus ombros para que aqueles movimentos não machucasse meu rosto. Porra! Como ele conseguia pensar no meu bem estar ao mesmo tempo em que me fodia como um louco. Eu mal lembrava o meu nome.

– Você é tão gostosa, poderia te comer o dia inteiro. – Declarou e eu não reclamaria.

Viver de sexo. Ótima maneira de viver. Morrer de sexo. Ótima maneira de morrer.

Alexandre deslocou uma de suas mãos pelas minhas costas, traçou um dedo na minha tatuagem e a posicionou em minha cintura.

– Acho que estou aproveitando bem o dia. – ele disse fazendo referência a minha tatuagem. – Você está perto minha menina?

Eu perdi minha fala. Alexandre levou às mãos para o meu cabelo e puxou minha cabeça em sua direção.

– Diz que você é minha? – ele falava de forma sexy e eu quase atendi o seu pedido, mas não pude falar o que ele queria ouvir, Alexandre já estava se confundindo e me confundindo, precisaria manter nosso acordo.

– Foda-me Alexandre! – Senti que ele deu uma parada, mas logo estava de volta, fechei os olhos, pois sabia que aquele meu comentário o deixou chateado.

– Você vai dizer Clara. – ele começou a meter ainda mais forte. – Não se esqueça. Você vai dizer as palavras que eu quero. Três palavras apenas. – ele levou a mão até o meu clitóris e eu não consegui me segurar.

Gozei. Novamente. E mais uma vez tomada pelo homem que estava revirando meu mundo de cabeça para baixo. Algumas estocadas depois, eu senti Alexandre tomar um longo suspiro antes de me chamar.

– Minha menina. Minha menina... Oh! ... Cacete. – ele amaldiçoou e seu pau soltava espasmo que eu podia sentir através das minhas paredes internas.

Alê saiu de mim e descartou a camisinha no lixo que estava do outro lado do boxe. Não me disse mais nenhuma palavra e aquele silêncio já estava me matando.

– Alexandre. – Ele me olhou enquanto ensaboava seu corpo perfeito, encarei sua barriga tanquinho e um V de dar água na boca, sua visão me tirou o ar e eu quase esqueci o que estava falando.

– É... hummm... noite passada foi... – Tentei me explicar, mas ele não me deixou falar.

– A noite foi ótima. Não precisa se explicar. Fazia parte do acordo, “trepas” no meio da semana se o outro consentisse. Foi isso que aconteceu. Não foi Clara? – Ele disse de forma acusatória e eu senti a raiva em suas palavras. Ele queria que eu o corrigisse, dissesse que foi algo mais.

– Sim foi isso. Uma “trepada” de aniversário. Foi exatamente isso. – Quando concordei com ele, Alexandre bufou. Decepção passou por seus olhos e eu me questionei se aquele acordo daria certo. Pouco provável.

Alê terminou de se lavar, e praticamente me ordenou a vestir uma camiseta dele por baixo do meu casaco, prometeu me levar em casa antes de irmos para o escritório. Ele estava no modo autoritário. Mal me olhava, enquanto falava ele se secava em uma toalha. Ele saiu me deixando que nem uma barata tonta embaixo do chuveiro.

Que porra era aquela? Em um momento ele estava fodendo meus miolos e agora... Droga, ele continua fodendo os meus miolos.

Terminei meu banho, enrolei me na toalha e sai em direção ao quarto. Escutei a voz de Alexandre e o procurei pela sala, ele estava olhando pela janela e vestindo apenas uma boxer preta. Ele falava com alguém ao celular.

– *Lana querida, podemos falar sobre isso pessoalmente?* – Sua voz melosa ao telefone me causou repulsa. Lana? Será que era a piranha que estava com ele no dia da boate?

– *Eu sei, eu sei Lana, por favor não posso falar agora, eu ligo para dizer o local, conversaremos sobre isso a noite ok?* – Ele marcou com ela, e eu praticamente rosnei de raiva. Filho da puta! Depois da noite e da manhã que tivemos ele estava marcando encontro com outra? Sua cama ainda estava quente. Desgraçado!

Voltei para o quarto sem ser notada. Eu ouvi sua conversa e comecei a juntar minhas coisas. Meu coração quase pulava para fora do peito e eu não podia acreditar na raiva que eu estava sentindo. “*Você vai dizer as palavras*”. Lembrei do que ele me disse há poucos minutos. Vou o cacete! Eu era dele, mas o desgraçado podia galinhar por aí.

Amarrei o meu cabelo para cima em um coque muito desarrumado, nem me dei o trabalho de penteá-lo, sai do quarto carregando minha bolsa e encontrei-me com o Alexandre na cozinha.

– Aonde você vai? – Eu vou para casa me trocar para trabalhar. – ele me olhou com os olhos semicerrados e eu não acreditava. Ele ainda se achava no direito de ficar bravo. O desgraçado

acabou de marcar encontro com uma sirigaita bem na minha frente, quer dizer, ele não sabia que eu estava ouvindo, mas isso não importava. Foda-se, eu praticamente ainda estava em sua cama.

– Vem tomar café da manhã. Já disse, eu te levo. – ele ainda estava mandão e eu revirei os olhos.

– Você esqueceu? Eu vim de carro. – Acho que ele estava tão cego quando chegou ontem. Mal notou que eu havia estacionado meu carro na rua. Espero que ele ainda esteja lá.

– Ok! Primeiro tome um café antes de sair. – ele mudou um pouco o tom de voz. Estava sendo mais gentil.

– Não precisa. Estou sem fome. Na verdade, algo deve ter tirado o meu apetite essa manhã. – ele me olhou confuso e eu queria jogar em sua cara que escutei a conversa dele com a “Lanabisgóia”, mas me segurei. Não daria esse gostinho a ele.

– Só por curiosidade Alexandre. Onde você estava quando te liguei do celular do Bruno aquele dia da boate? Quem era a mulher com você? – Perguntei, mas me arrependi.

Ele me encarou e sorriu amplamente.

– Ciúmes minha menina? – Disse, se divertindo com minha pergunta. Eu sabia que ele iria se achar com aquela pergunta. Mas minha língua de trapo não cabe dentro da boca. Virei o mais rápido possível em direção à porta, Alexandre ainda gargalhava da minha pergunta, mas antes de sair pela porta ele me chamou. Virei-me só para ouvir as palavras do babaca.

– Minha mãe. – Disse secamente e eu fiquei sem entender.

– O que tem sua mãe? – perguntei irritada. Não era uma boa hora para falar de mães.

– Havia acabado de buscar os meus pais no aeroporto. A mulher junto a mim, era minha mãe. – Explicou me dando um sorriso de canto.

OH MEU DEUS QUE VERGONHA!!!

Ferraz

A sensação que me tomou após a pergunta de Clara foi surreal. Ciúmes! Acreditem se quiser, minha menina estava com ciúmes de mim. Maravilha! De repente a raiva que eu estava sentindo por sua negação no banheiro, havia dado lugar a um sentimento de esperança. Se ela estava com ciúmes, era porque alguma coisa eu consegui tocar dentro daquele coração, e isso era um grande passo para mantê-la definitivamente em minha vida.

Arrumei-me para o trabalho e fui direto para o escritório, já estava bem atrasado e com certeza Ana estava ficando louca com minha agenda. Mas valeu a pena cada segundo aproveitado. Minha noite e manhã compartilhadas com Clara, foi... UAU, de perder o juízo! Tirando o seu problema em aceitar que era minha, e o telefonema da Lana, o resto foi perfeito. Eu e Clara fomos feitos um para o outro.

Quando os pensamentos sobre Lana retornaram, eu reconheci. Precisaria me preparar para

resolver aquele assunto sem magoá-la. Ela era apaixonada por mim há anos, e me confessou isso em uma noite, mas eu nunca a enganei e sempre deixei bem claro que teríamos apenas sexo e nada mais. Lana concordou que não insistiria em qualquer tipo de compromisso e em aceitar o que eu pudesse oferecer no momento, ou seja, sexo sem envolvimento. Ela foi minha última foda antes da Clara, depois que ficamos juntos pela última vez, ela viajou e eu não tive mais notícias suas até aquela manhã. Ao telefone eu deixei bem claro o fim da nossa relação que não poderíamos mais nos ver. Lana quase surtou e eu aceitei vê-la à noite, para deixarmos tudo esclarecido. Apesar de não ter laços concretos com ela, Lana era uma ótima pessoa, uma promotora de justiça excepcional e antes de tornar minha amante era minha amiga.

Ao chegar ao escritório eu fui informado por Ana que o horário todos os meus clientes foi remanejado, agradei sua eficiência e antes de ir para minha sala resolvi procurar Diego e me explicar. Seria mais fácil se eu tomasse a iniciativa. Talvez ele nem tenha percebido minha escapulida. Cumprimentei Joana, secretária geral da Ferraz, e bati na porta de Diego já entrando. – E aí Diego? – Aproximei e já senti que o meu irmão não estava nos seus melhores dias.

– E aí? – ele me olhou com raiva. – Você me deixa plantado com todos os seus amigos na sua própria festa de aniversário, vai embora sem dar nenhuma satisfação para o seu irmão, você sequer atendeu o celular e depois de tudo vem me perguntar, e aí? – Diego praticamente cuspiu as palavras na minha cara. Estava encrencando. Mas, os fins justificam os meios. Naquele caso específico, eu poderia ressaltar. O fim era mais que justificável, era perfeito.

Tentei explicar que tive um contratempo, mas Diego não mudou a sua postura. Encostado em sua poltrona ele continuou me atacando, e eu não gostei. Não estava acostuma a receber duras do meu irmão fedelho.

– Desde quando uma piranha qualquer é contratempo? – eu paralisei no momento em que Diego soltou aquela frase. Será que ele sabia sobre a Clara? Impossível. Ele não teria a cara de pau de chamar Clara de piranha na minha frente.

– Piranha? – perguntei incrédulo, esperando sua resposta.

Diego batia sua caneta em um bloco de papel, enquanto falava.

– No mínimo né Alexandre. Depois que você saiu, eu tentei te ligar e nada de você me atender. Bruno não sabia explicar direito onde você estava, e eu fiquei preocupado. Recebi uma chamada de número confidencial e pensei que havia acontecido alguma coisa com você. Fui até o seu apartamento e o porteiro me disse que você subiu de mãos dadas com uma mulher, então fui embora. – Diego esclareceu, mas minha mente paralisou no momento que ele me disse número confidencial. O resto passou despercebido, pois aquilo me intrigou bastante. Não poderia ser coincidência. Nós dois recebendo esse tipo de ligação não era normal.

– Diego, você me disse número confidencial? É a primeira vez que você recebe esse tipo de

chamada? – Perguntei preocupado.

Ele me olhou um pouco mais calmo e sentiu minha preocupação, sentei-me a sua frente, pois precisaria discutir seriamente aquele assunto.

– Mano, tem alguma coisa acontecendo para você se preocupar assim? Já recebi umas três ligações dessa forma, mas nunca falei com ninguém. Fica mudo e depois desliga. – Diego relatou exatamente o que estava acontecendo comigo. Estava ficando mais nervoso a cada palavra. Seria possível que a Ferraz estava recebendo algum tipo de ameaça? Será que estávamos em perigo? As possibilidades começaram a me atormentar. Expliquei para o Diego sobre as ligações que também estava recebendo. Não achava aquilo coincidência. Meu irmão puxou seu celular e começou a discar um número.

– Vou ligar para o Rogério, aquele meu amigo investigador e verificar o que podemos fazer.

Assenti e me levantei, já voltava para minha sala quando o Diego me chamou.

– Quem é ela mano? – meu irmão não deixaria aquele assunto pendente, mas ainda não poderia contar a ele sobre minha menina.

– Você saberá na hora certa. Só por favor, não a chame de piranha novamente. – Não aceitaria aquilo, mesmo vindo dele.

Diego ficou paralisado com o seu Iphone na mão enquanto eu saía da sala, provavelmente ele se surpreendeu em me ver defendendo uma foda, acontece que a Clara não era simplesmente uma foda. Ela era minha menina.

Um monte de trabalho atrasado me esperava e eu não perdi tempo, comecei a verificar os meus processos e realizar as defesas que ainda estavam pendentes. Pedi um lanche para Ana. Estava sem disposição para almoçar fora, então ficaria pelo escritório mesmo e aproveitaria para colocar tudo em dia. Alguns minutos depois meu ramal tocou.

– *Dr. Ferraz, o senhor tem uma visita. A Dra. Lana está aqui, posso mandar entrar?* – Ana informou.

Puta merda, a Lana aqui. Não era possível que ela estivesse pensando em fazer uma cena dentro da Ferraz. Lana não era esse tipo de mulher. Mas...Se tratando de mente feminina, melhor não arriscar.

Saí da minha sala na intenção de levar Lana para almoçar, assim eu evitaria um escândalo, caso ela estivesse planejando fazer um.

– Lana querida. – Ela se levantou e eu levei um baque com sua beleza. Esqueci-me completamente o quanto ela era exótica. Fascinava todos os homens a sua volta. Mas algo havia mudado, eu não a olhava mais com desejo, só conseguia imaginar minha menina nos meus braços e mais ninguém.

– Alexandre, me desculpe vir sem avisar, mas tenho um assunto para tratar com você. – Disse nervosa, eu sabia qual era o assunto, mas não chamaria sua atenção por não aguardar o meu contato. Eu não era esse tipo de homem. Sempre respeitei as mulheres que fodia, não as

enganava, e tudo que fiz na minha vida foi totalmente consensual.

– Vamos almoçar? Assim nos teremos mais privacidade. – Falei de forma natural, para não levantar suspeitas na frente da Ana.

Eu acabava de falar e ouvi uma tosse seca atrás de mim. Sim, a maldita tinha que ter um *timing* perfeito. E agora eu estava ferrado.

– Desculpe-me Dr. Ferraz, Ana me avisou que o senhor não almoçaria e pensei que poderíamos discutir alguns pontos da sua próxima defesa. – Ela olhava para Lana e depois para mim. Fiquei sem saber o que fazer e resolvi apresentá-las. Agora estava com medo que Clara fizesse um escândalo. O olhar dela poderia matar qualquer ser vivo naquele momento, senti medo por Lana ao meu lado. Clara estava pronta para atacar, apesar de tudo eu adorei ver sua reação territorial. Nenhuma das duas levantou a mão e eu tive certeza que Deus só podia estar de brincadeira comigo naquela manhã.

– Lana? – Clara murmurou com desdém, e eu fiquei sem entender o que se passava naquela cabecinha. As duas mantinham o olhar fixo uma na outra e eu resolvi intervir para que um banho de sangue não acontecesse bem no meio da recepção da Ferraz, com Ana de testemunha.

– Clara eu tenho um assunto para resolver com a Dr. Lana, e por isso vamos almoçar juntos. Discutiremos esse processo quando eu voltar. – Tentei dar a entender que somente almoçaria com a Lana para resolver o maldito problema, mas como eu disse, cabeça de mulher é foda.

Recebi somente um OK. Logo ela deu meia volta e saiu caminhando em direção ao banheiro. Conduzi Lana até o elevador e pedi que me aguardasse na portaria, pois precisava resolver um assunto antes de sair. Ela me olhou com desgosto, mas acabou cedendo ao meu pedido. Assim que as portas do elevador se fecharam eu fui atrás do meu assunto. Maria Clara!

Verifiquei se havia alguém no corredor que levava para o banheiro, como não avistei nenhum funcionário por perto eu esperei Clara sair. Quando ela saiu não perdi tempo, a puxei para uma sala onde ficava os processos mais antigos e assim que chegamos em seu interior eu a beijei.

– Mas, o que você está...? – Calei sua boca com outro beijo. Às vezes Clara falava demais. Meu pau estava ficando duro, e eu tive que deixá-la, pois caso contrário a comeria ali, dentro daquela sala empoeirada.

– Eu sei o que você está sentindo Clara. – disse acariciando o seu cabelo e encarando-a. – Você está com ciúmes de mim, minha menina. – senti a raiva fluir do seu corpo, mas seu olhar não me enganava, sua expressão era de posse, a mesma que eu sentia quando qualquer filho da puta punha os olhos em cima dela.

– Você está louco Alexandre! Deixe-me sair daqui. – ela tentava se afastar e eu preendi seu corpo contra a porta.

– Diga-me as palavras, Clara. Eu quero ouvir – segurava seus braços e olhava em seus olhos. A

confusão em seu semblante deixava óbvia sua luta contra os seus próprios sentimentos. – Diga-me e eu deixo tudo para trás e voltamos agora para o meu apartamento e eu te fodo o dia todo, minha menina. – Era tudo o que eu mais queria. Saber que ela era minha.

– Nunca seu desgraçado, eu praticamente ainda estava na sua cama quando você marcou encontro com essa... essa... *Lanabisgóia*. – Ela alterou o tom de voz, quase gritando. – E agora você simplesmente quer ouvir que sou sua? Vai para o inferno seu babaca. Você exigiu exclusividade. E agora você me aparece com essa daí. – Clara bufava e eu fiquei confuso, pois não podia imaginar que Clara havia escutado minha conversa com a Lana. Estava explicado o seu comportamento frio e distante, antes dela sair do meu apartamento. Clara achava que eu estava marcando uma foda. Deus, ela entendeu tudo errado.

– Clara deixe-me explicar... – meu celular tocou bem na hora e eu atendi sem olhar para o visor.

– *O que foi?* – eu gritei no telefone e Clara aproveitou minha distração para escapar do meu aperto e sair da sala.

-Mano! Alec cometeu suicídio na penitenciária há duas semanas!

Congelei!

Alec foi um dos meus Primeiros casos, logo que retornei para o Brasil. Filhinho de papai e playboy irresponsável, Alec voltava de uma festa *rave* quando perdeu o controle do seu carro, atravessou a ciclovia, atropelou e matou um ciclista que passava por ali no momento, além de estar alcoolizado, ele estava drogado e evadiu-se do local sem prestar socorro à vítima. O resultado desse julgamento não foi muito satisfatório, ele foi condenado há 15 anos em regime fechado por homicídio doloso, aquele em que há intenção de matar. Segundo o juiz, ele assumiu o risco do que poderia acontecer ao pegar o volante naquele estado. Seu pai, um magnata da indústria petrolífera, acabou surtando ao ver seu único filho e herdeiro do seu império atrás das grades. Araújo me acusou de não ter realizado de forma eficiente meu trabalho e pôs a culpa em mim pela condenação do seu filho. Porém, o problema não ficou por aí, além de me agredir verbalmente, ele me agrediu fisicamente dentro do tribunal frente a várias testemunhas. Ele estava descontrolado. Movi uma ação de lesão corporal e ameaça contra o Araújo e pedi uma ordem de restrição para que ele não se aproximasse de mim. Nunca mais ouvi falar do Alec ou do seu pai. Até hoje.

– *Está aí mano?* – Diego me perguntou ainda no telefone.

Apoiei o braço na porta, enquanto recuperava minha respiração.

– *Sim, eu só fiquei um pouco surpreso com a notícia, ele ainda era um garoto, vinte e três anos, toda a vida pela frente.*

– *Mano, eu sei que é triste um jovem desistir da vida assim, mas no momento estou preocupado com você. Você falou com o Araújo novamente? Ele voltou a te procurar?*

Uma chamada em espera no meu celular me indicou que Lana estava tentando entrar em contato

comigo. Depois da conversa com Clara e agora com o Diego, eu esqueci completamente dela.

– Diego daqui a alguns minutos eu estarei em sua sala para conversarmos com calma. – Despacharia Lana e verificaria com o Diego as providências que deveriam ser tomadas.

Desliguei o celular e segui em direção ao elevador. No momento em que cheguei ao térreo, eu avistei a Lana inquieta. Meu Deus, como um dia tudo pode ser perfeito e no outro a merda toma conta de mim.

– Lana. Infelizmente não poderemos almoçar juntos hoje. Surgiu um problema e eu preciso subir para resolver. – Aliás, vários problemas, Clara era um deles. Mas teria que manter a calma e resolver uma coisa de cada vez.

Ela colocou as mãos na cintura impaciente.

– Você me deixou plantada aqui na recepção enquanto saiu salivando atrás da sua estagiária e agora me dispensa, assim sem nenhuma explicação? – ela disse aquelas palavras bem perto do meu rosto, ninguém fazia ideia do que estávamos conversando. Eu sabia que Lana não seria uma mulher de barraco, sua reputação também estava em jogo, e ela não arriscaria. Porém não estava gostando nenhum pouco das suas reclamações.

– Precisamos discutir nosso futuro Alexandre. Por isso estou aqui. Não consegui aguardar sua ligação. Você não pode me deixar Alê. – Ela finalmente confessou o motivo da sua visita.

Naquele momento eu perdi a paciência. Estava com muitos problemas para resolver e ter a Lana no meu pé dando uma de namorada traída não estava me agradando.

– Em primeiro lugar Lana, você não deveria ter vindo até o meu local de trabalho, eu lhe disse que ligaria marcando um encontro, você devia ter aguardado. Em segundo, eu não sou seu, você não é minha e nunca tivemos uma relação, isso é paranoia da sua cabeça.

– Mas eu... - ela tentou falar e eu a cortei.

– Lana, esse não é o momento e nem o local para discutirmos esse assunto. Se quiser aguardar minha ligação, ainda poderemos ser bons amigos. Se não, eu só posso lhe dizer passar bem.

– É ela não é? Sua estagiária? Você está fodendo aquela vadia? Eu vi a troca de olhares entre vocês. – Suas palavras foram a gota d'água.

– Quem eu fodo ou deixo de foder não é da sua conta Lana. Agora saia daqui antes que eu peça os seguranças para te escoltarem até a porta. – ela arregalou os olhos e eu mantive minha postura, Lana realmente precisava entender que eu estava dizendo a verdade, não pensaria duas vezes antes de tomar uma atitude.

– Você não faria isso Alê. – ela estava chateada e decepcionada ao mesmo tempo.

– Quer pagar para ver? – perguntei sério, pois já estava cheio da Lana até o pescoço.

– Aguardo sua ligação. – foi sua resposta antes de sair batendo os saltos. Assenti sem dizer uma palavra e entrei no elevador. Problema número um resolvido.

Bati na porta da sala do Diego e já fui entrando.

– Como você ficou sabendo Diego? – Araújo pai do Alec poderia ter ficado chateado e desolado na época, mas me recusava a acreditar que ele também atribuiria o suicídio do filho a mim.

– Liguei para Rogério para saber o que poderíamos fazer a respeito das ligações, e ele é claro me informou o que eu já sabia. Por enquanto não podemos fazer nada. Não temos nenhum vestígio ou algo que realmente leve a crer que essas ligações podem ser uma ameaça. Antes de desligar ele me perguntou se você ainda era o advogado da família Araújo, eu contei que ele o dispensou assim que o filho foi condenado. Rogério disse que Alec foi encontrado morto em sua cela enforcado com o lençol da própria cama.

Fiquei atônito. Alec era muito jovem, por mais que ser um ex-presidiário ainda seja uma barra no nosso país, ele possuía condições de refazer sua vida. Seu psicológico deveria estar destruído para tomar uma atitude extremista como aquela.

– Diego você acredita que Araújo tem algo a ver com essas ligações que estamos recebendo? – não aguentava mais de ansiedade.

– Mano, eu... – Diego esfregou as mãos no rosto, pois ele também estava muito nervoso. Na época todos ficamos apreensivos, com medo de algo mais grave acontecer devido às ameaças recebidas. – não sei. Talvez seja alguma foda, ou alguém tirando onda com a nossa cara.

– Você realmente acredita no que está dizendo? – estava na cara que ele queria me acalmar, mas Diego era um péssimo mentiroso, ainda mais se tratando em esconder algo de mim. Conhecia todos os seus trejeitos e sinais.

– Não. Quero que tome cuidado meu irmão, se Araújo realizou essas ligações, ele deve estar aprontando algo. Não dê mole Alê. – Ele advertiu. Sentia a mesma coisa em relação a Diego. Se ele estava recebendo ligações anônimas como eu, pode ser que Araújo esteja planejando algo que o envolva. Não poderia e não deixaria nada de mal acontecer ao meu irmão.

– Você pode buscar Priscila no aeroporto amanhã? Tenho uma audiência e pode ser que eu atrase. – mudei de assunto por que realmente teríamos que aguardar algum tipo de prova para saber se o pai do Alec estava iniciando uma vingança.

– Sim, deixa comigo. Eu busco a pentelha no aeroporto. – Diego já estava mais relaxado e eu gostei disso. Odiava ver o meu irmão tomando minhas dores e se preocupando comigo. Sempre era o contrário e eu gostaria que continuasse assim.

Levantei para sair e Diego chamou minha atenção com uma pergunta.

– Era a Lana?

– O que? – não entendi muito bem seu questionamento.

– No seu apartamento ontem. Era a Lana que estava com você? Por isso ela apareceu na Ferraz

hoje? – Diego sabia que Lana era minha foda corriqueira, por isso havia chegado àquela conclusão.

– Não. Era outra pessoa. Lana só apareceu aqui porque me ligou hoje de manhã e eu disse que não nos veríamos mais. Ela meio que não lidou bem com a rejeição e resolveu vir tomar satisfações.

Diego arqueou as sobrancelhas e eu estava cada vez mais inquieto em ter que esconder minha relação com Clara.

– Fui tomar um café com Clara na segunda-feira e ela estava toda nervosa sem saber o que comprar para te dar, eu e Nando demos algumas dicas, mas parece que ela te surpreendeu devido a sua cara de surpresa, nunca pensei que você era tão ligado a gravatas assim. – Diego insinuou. Como assim? O Nando também estava junto naquele dia. Então não era um encontro. Se eu pudesse eu esganava aquela Patrícia.

– Vocês saíram juntos? – questionei só para ter certeza.

– Sim. Nando vai morar com Clara, ela o chamou para dividirem o apartamento. Eles estavam indo tomar um cappuccino para comemorar e eu acompanhei. Por que, algum problema? – Diego estava nitidamente desconfiando de algo e jogava um verde para tentar colher maduro.

Respondi que era só curiosidade, pedi para me manter informado e que tomasse cuidado. Resolvido o problema número dois. Por enquanto.

Passei pela sala dos estagiários e notei todos concentrados em seus trabalhos.

– Clara venha até minha sala por um minuto, preciso falar com você. – todos levantaram seus rostos me olhando e eu notei um olhar cansando e triste na minha menina. Apesar daquela casca de durona eu já começava a decifrá-la. Clara possuía os olhos muito expressivos, eu me atentava a eles quando queria descobrir algo que ela tentava camuflar. Ela me acompanhou sem emitir nenhuma palavra, não gostei do seu silêncio, por mais que Clara estivesse magoada ou com raiva ela sempre guardava uma resposta afiada na ponta da língua. Chegamos a minha sala e eu tranquei a porta. Segurei seu rosto em minhas mãos e dei um selinho em seus lábios.

– Por favor, fale comigo. – ela não retribuiu meu beijo e virou o rosto para longe de mim.

– Alexandre, eu acho que não... – a calei novamente com um beijo mais envolvente, não poderia deixá-la terminar aquela frase. Nem que eu tenha que beijá-la pelo resto da vida, não permitiria que Clara me deixasse.

– Por favor, me ouve. – ela assentiu e meu coração se encheu de esperança.

– Sim. Lana é uma ex foda. – falei com os olhos fechados com medo de sua reação, ela tentou sair das minhas mãos e eu a segurei. Estava com medo de que se a soltasse nunca mais a teria novamente.

– Alexandre, eu não sei por que você está se explicando. Nós não temos nenhum tipo de relação. Você não me deve nada. – Disse chateada.

– Você disse que me ouviria. – ela confirmou com a cabeça e eu continuei.

– Lana me ligou hoje de manhã e queria marcar um encontro. Eu disse não. – Clara tornou a olhar em meus olhos, e eu pude ver o alívio que ela sentia. Puta merda, quando ela admitiria que éramos um do outro.

– Mas você marcou um encontro com ela... – assim que ela falou eu pude notar que ela havia se arrependido, mas já era tarde. Acaricieei seu rosto, ela aceitou minhas carícias sem reclamar ou se esquivar.

– Minha menina, antes da Lana ser minha... amante, nós éramos amigos, eu nunca a enganei prometendo algo que eu não podia dar naquele momento, mas, com certeza vejo que ela esperava mais de mim. Eu não quis magoá-la ainda mais a dispensando pelo celular, então eu marquei de conversamos. – Expliquei, mas Clara ainda estava relutante.

– E o que ela estava fazendo aqui? – Clara me perguntou em um tom de voz um pouco mais alto, eu gostei. Essa era minha menina.

– Eu não sei. Acho que ela não quis esperar até a noite. Nos não conversamos, tive um problema para resolver com o Diego e a mandei embora. Prometi que conversaria com ela outro dia. – Assim que terminei de falar meu ramal tocou e eu soltei minha menina para atender. Coloquei em Viva voz e Ana começou a falar.

– *Dr. Ferraz, a respeito do congresso, o representante da ordem me ligou e quer uma confirmação do senhor.* – me esqueci de dar a resposta ao convite que o Diego trouxe e Ana acabava de me lembrar. Coloquei no mudo e virei-me para Clara.

– Vamos comigo? Serão apenas três dias. Domingo estaremos de volta. – Eu convidei minha menina, rezando para ela aceitar.

Clara estava insegura, mas acabou concordando. Depois de toda a merda fodida, até que enfim algo bom aconteceu. Pedi que Ana confirmasse, mas que deixasse a parte da hospedagem para que eu pudesse resolver.

– Estamos bem? – perguntei para me certificar que não havia ficado nada pendente entre nós.

– Tudo ok. – ela me respondeu com um sorriso e eu agradeci silenciosamente.

– Então vamos trabalhar. – virei-me para ir ate minha mesa e fui surpreendido com um grande tapa na bunda.

– Essa foi pela “Lanabisgóia”. – ela saiu sorrindo sem me dar tempo de reação.

– Minha perdição. – disse sorrindo pelo seu atrevimento, pois era a pura verdade.

Capítulo 15

Clara

Emputecida! Essa era a palavra que estava me definindo na porra do dia que eu estava vivendo. Primeiro, eu constatei o que eu já sabia, Ferraz é um filho da puta convencido. Assim que caiu sua ficha que eu estava com ciúmes ele se achou o rei da cocada preta. Segundo, eu arrancaria pena por pena da galinha da Patrícia, ainda ouço sua voz na minha cabeça. Ela me tirou do sério pela manhã com suas insinuações a cerca do Alexandre.

“Ai Nando, adivinha quem está no escritório visitando o Dr. Ferraz. A Lana, aqueles dois não se desgrudam.”

Argh!!! Queria ter voado no seu cabelo falso, arrancando cada fio daquele aplique mal feito. Porém, por mais que eu quisesse fazer picadinho da Patrícia, se eu cometesse um assassinato naquele dia não seria contra ela.

Lanabisgóia. Eu quis matar aqueles dois quando os vi juntos. Ela era linda, alta, cheia de curvas, cabelos brilhantes, grandes olhos castanhos e uma bunda de dar inveja em qualquer mulher viva na face da terra. Sem falar que ela praticamente se jogava no chão para o Alexandre pisar e cima. Que ódio! Eu estava pronta para mandar aquele maldito acordo com o Alexandre pelos ares. Eu sabia que aquilo nunca poderia dar certo, mas enquanto pensava em como tomar essa decisão ele apareceu, lindo maravilhoso como sempre me arrastando para sua sala, beijando meus lábios e de quebra me convidando para passar o final de semana com ele em um congresso na praia. E o que a idiota fez? Aceitou é Claro. Que dúvida. Ainda não fazia um mês que eu estava estagiando na Ferraz e eu posso dizer que antes de completar os oito eu piraria. Alexandre estava me deixando louca e minha aceitação ao seu convite para o congresso era prova disso.

Nando disse que se mudaria no dia seguinte, ainda estava lidando com alguns problemas com a mãe, mas estava tudo praticamente resolvido.

– Não vou morrer se passar mais uma noite sozinha e abandonada naquele apartamento frio e solitário. – dei uma de dramática só para provocá-lo.

Nando apontou a caneta que estava segurando em minha direção.

– Você está sozinha e abandonada por que quer. - não entendi muito sua resposta, mas quando olhei em direção a porta vi o Diego entrando.

– Nando, terminou minha petição? – ele estava estranho, parecia preocupado.

– Sim. Está aqui Dr. Diego. – Nando lhe entregou uma pasta contendo a referida petição e Diego me encarou, mas ele parecia diferente, antes ele me olhava com carinho, agora não sentia mais isso. Que estranho.

– Tudo bem Clara? Não a vi hoje. Chegou atrasada? – ele me perguntou ainda analisando os

papéis.

– Sim. Tive um problema com o carro. – Droga! Amaldiçoei Alexandre por me fazer atrasar, detestava as pessoas chamando minha atenção. – Não vai se repetir Dr. Diego. – Completei.

Ele me deu o sorriso encantador de sempre e me acalmou. – Não se preocupe Clara. Acontece com todos.

Diego devolveu a petição ao Nando e saiu da nossa sala.

– Querida... – Nando disse bem baixinho, pois a Patrícia ainda estava em sua mesa. – Esse aí está doidinho para ser um corpo quente no seu apartamento frio e solitário.

– Deixa de besteira Nando. – ele sorriu e começou a digitar em seu computador.

Terminei meu horário um pouco mais tarde para compensar o meu atraso, não vi Ferraz o resto do dia, mas eu sabia que ele receberia vários clientes durante a tarde. Resolvi visitar Laís antes de ir para minha casa, o trânsito estava péssimo e quando eu consegui chegar já estava noite. Toquei a campainha do apartamento da minha amiga e quase caí de costa quando a porta abriu.

– Dr. Bruno? – Bruno ficou branco como um fantasma, ele estava vestido de forma social como se tivesse acabado de sair do escritório, porém sem gravata e blazer, mas o que mais me impressionou era que o Dudu estava em seu colo.

– Lala. – Dudu dizia se inclinando em minha direção, eu o peguei em meus braços e o Bruno ainda sem articular uma palavra.

– Quem é tigrão? – Laís perguntou saindo do quarto e eu segurei uma risada. Tigrão? Que ridículo.

– Oi Clarinha. – Minha amiga olhava para Bruno e me olhava. Ela também tentava não rir. Ele estava apavorado dentro daquele apartamento.

– Bruno tem banana no seu cabelo. – apontei para sua cabeça, assim que falei ele despertou do choque de me ver e se apressou em juntar suas coisas que estavam no sofá.

– Tenho que ir. Na verdade eu vim visitar um amigo que mora no apartamento de cima, vi Laís pelo corredor então eu entrei para... Para... – ele olhava de um lado para o outro sem saber o que falar, então eu o ajudei.

– Você entrou para... Cumprimentá-la? – Bruno assentiu e eu continuei. – mas ela teve um problema e foi ao quarto e você segurou o Dudu até ela voltar? – ele continuou confirmando com a cabeça – então o Dudu ficou com fome e você deu uma banana para ele?

– Foi isso mesmo que aconteceu. – ele disse e se encaminhou para porta correndo de mim como o diabo foge da cruz.

– Tchau Clara e tchau Pan... é... Laís. – quase que ele disse pantera, quando Bruno saiu pela porta eu comecei a gargalhar sem parar.

– Tio Buo – Dudu sussurrou e eu não conseguia me controlar.

- É sim Dudu. Tio Bruno, agora o que ele estava fazendo aqui é que a Lala ainda não sabe. – coloquei Dudu no chão onde estava alguns de seus brinquedos jogados e me dirigi a Laís.
 - Quer dizer que a Dona Geralda sua vizinha de cima, do alto dos seus oitenta e sete anos e dez gatos, consegue ter amigos como o Bruno. Interessante.
 - Aí amiga, para um advogado ele é um péssimo mentiroso né? – Laís respondeu caímos na gargalhada de novo, mas não deixaria minha amiga sair dessa sem uma boa explicação. Laís explicou que Bruno apareceu do nada e ela o recebeu, uma coisa levou a outra, eles se amassaram no sofá, até que Dudu acordou e acabou com a festa.
 - Okay Laís Maria, até aí eu entendi, mas qual a explicação para o Bruno estar com banana no cabelo e o Dudu no colo atendendo sua porta? – Ainda estava impressionada com aquela cena.
 - Meu celular tocou e ele estava carregando no quarto, pedi o Bruno que segurasse o Dudu para que eu pudesse atender, a campainha soou e o resto da história você viu. – Laís começou a rir novamente. – Mas eu não sei como foi parar banana no cabelo dele. – Completou divertida.
- Quando questionei se eles se divertiram, Laís disse que estava com medo de se machucar, mas parece que Bruno estava disposto a conquistá-la. Tirando uma ligação estranha que ela disse que Bruno recebeu enquanto estava no apartamento, me parece que ele estava sendo sincero.
- Mas ele te deu algum tipo de satisfação? Falou quem era?
 - Claro que eu não perguntei né lindinha, é a segunda vez que nos vemos. Eu não queria parecer uma psicopata neurótica, mas ele me disse que era estranho, pois era a terceira vez que ele recebia ligação de número Privado. – Explicou e eu fiquei mais calma em relação ao Bruno, acredito que não se tratava de uma namorada ou amante.
 - Relaxa Lá, deve ser algum problema de operadora ou *telemarketing*. Recebi algumas ligações assim nos últimos dias e nem por isso tenho um ex foda atrás de mim. – Lembrei-me das ligações mudas que eu havia recebido.

Passei mais um tempo conversando com ela e brincando com o Dudu. Despedi-me da Laís, dei um beijo no Dudu e fui embora, já estava ficando tarde e eu precisava dormir cedo. Alexandre teria uma audiência pela manhã e eu queria deixar tudo preparado para que não ocorresse nenhum imprevisto.

Cheguei ao escritório e deixei tudo pronto para a audiência, estava adorando ver Alexandre em ação e tenho certeza que aquela seria mais uma oportunidade de aprendizado que teria com ele. Nando chegou me cumprimentando com um beijo na testa, e avisou que sua mudança estava pronta, ele estava animado, e eu realmente estava feliz por ele e por mim que ganharia o melhor companheiro de quarto possível. Eu o avisei sobre o meu final de semana fora, mas deixei claro que a casa também era dele e que poderia ficar à vontade. Nando começou a pegar no meu pé pela

viagem.

– Congresso? Com o Dr. Pecado? Prevejo coisas acontecendo nesse final de semana. – Nando ria, mas minhas expectativas dos dias a sós com o Ferraz realmente eram grandes.

– Não vai ter nada de coisas acontecendo. Agora mova sua bunda, vai trabalhar e me deixe em paz. – Brinquei com ele.

Nando sentou em sua cadeira, mas cruzou os braços sobre a mesa e continuou me encarando.

– O príncipe e a fera. Quem conquistará o coração da nossa indomável? – ele ainda brincava com aquele assunto quando percebemos a presença indesejável e intragável de Patrícia.

– Que príncipe? – ela perguntou se metendo onde não era chamada.

– O *Shrek*. – respondi ouvindo a risada do Nando. – aluguei o DVD para assistir com o Nando.

– Patético! – ela disse.

Vaca! Algo me dizia que essa garota aprontaria para o meu lado. Maldito Alexandre e suas bucetas mal comidas.

Agradei a Ana por escolher aquele momento para entrar em nossa sala. Ela nos avisou que o Dr. Ferraz preocupado com o nosso ambiente de trabalho, contratou uma psicóloga para realizar conversas mensais com todos os funcionários do escritório. Seriam conversas informais, mais como um bate papo. Concordei relutante. Primeiro, porque Cristina era a “Pernalonga” que estava abraçada ao Alexandre. Segundo, porque eu detestava psicólogos. Meus pais tentaram me convencer várias vezes que eu precisava de ajuda, mas eu recusei todas elas. Ninguém poderia me ajudar. Nem eu mesma. Ana saiu e ninguém mais deu uma palavra. Acho que todos estavam preocupados com a tal conversa com a psicóloga.

– Bom dia. – A voz de Alexandre ressoou pela sala. Minha Nossa Senhora da Bicicletinha, me dê equilíbrio. Eu nunca me acostumaria com esse homem.

– Clara, hoje não precisa me acompanhar na audiência. Cristina vai falar com vocês e eu realmente quero que todos aproveitem essa oportunidade, nem que seja só para conversar, Cristina é uma excelente profissional, tenho certeza que vocês e a Ferraz só tem a ganhar com essa parceria. – Ele explicou e eu fiquei decepcionada por não acompanhá-lo, mas tive que concordar. Ele mandava. Entreguei todos os documentos que ele usaria na audiência. Alexandre agradeceu e saiu.

Quase chegando a hora do almoço. Coincidência ou não, eu fui a última a ter a conversa com a Pernalonga. Precisava parar de chamá-la assim, não poderia cometer a gafe de soltar esse apelido na sua frente.

Assim que entrei fui recebida com um sorriso. Cristina não parecia como uma “piriguete” atrás do Alexandre. Sentei em sua frente e aguardei suas perguntas decoradas para que pudesse lançar minhas respostas ainda mais decoradas.

– primeiramente eu gostaria de lhe pedir desculpas pelo outro dia. – Ela começou a falar me pegando desprevenida. Oi?

– Está na cara que o Alexandre quer você. E de mulher para mulher, depois da sua reação eu posso dizer que você também o quer. Nunca tivemos um relacionamento mais sério. Alexandre me apresentou ao meu marido, somos amigos há anos e eu o repreendi por me usar para lhe fazer ciúmes. – Cristina explicou e eu fiquei sem fala. Confesso que por mais que aquele assunto fosse pessoal, eu fiquei feliz em saber que ela não queria Alexandre.

– Acho que esse assunto não está em pauta Cristina. E além do mais, eu não costumo ter esse tipo de relacionamento. – Expliquei a ela.

– E que tipo de relacionamento você tem? – Ela perguntou por cima do seu bloco de anotações. Estava em alerta com aquela conversa, não queria revelar mais do que o necessário.

– De mulher para mulher, ou de psicóloga para paciente? – Cristina levantou os olhos e me analisou por alguns segundos. Ela entendeu meu recado e mudou de assunto, mas eu senti que me analisava de forma profunda. Meia hora depois eu saí da sala de reunião.

– Ai meu Deus, que saudade amiga! – Uma voz familiar atingiu meus ouvidos. Não acreditava no que os meus olhos estavam vendo. Maldita, nem me avisou que estava chegando.

– Priscila. – dei um enorme abraço em minha amiga, ela estava mais linda do que nunca. – Por que não avisou que chegaria hoje?

– Quis fazer uma surpresa. Amiga do céu, você está muito gostosa. – Priscila e sua língua disparada, ela nunca mudaria. Uma voz grossa chamou nossa atenção e ambas nos viramos já sabendo quem era.

– Esse escândalo todo só poderia vir da minha pimentinha. – Ferraz chegava e Prí não perdeu tempo em correr para os seus braços. Era emocionante ver o carinho entre eles. Cada dia que passava eu descobria uma nova faceta de Alexandre e sentia que ficava mais difícil de me afastar desse bendito acordo.

– Vou para o almoço. – disse me afastando para que os dois irmãos matassem a saudade.

– Ótimo. Assim almoçamos todos juntos, pena que Diego teve que sair, então iremos os três. Alexandre e eu nos olhamos e sabíamos que não teríamos escapatória.

– Será um prazer Prí, eu estou morrendo de saudades. – Concordei e ela grudou em meu braço e saiu me arrastando porta à fora.

Olhei para o Alexandre pedindo socorro. Ele deu de ombros e sorriu para mim.

Mais uma Ferraz para me enlouquecer.

Ferraz

Ficar longe da minha menina estava sendo uma tortura, na noite anterior, adormeci planejando

qual seria o meu próximo passo. Foram muitos acontecimentos nos últimos dias e eu precisava manter a calma para não afastá-la. O congresso veio na hora certa, faria de tudo para conquistar um pouco mais aquele coração duro

Pela manhã participei da audiência sem a presença de Clara. Cristina começaria suas reuniões com os funcionários e realmente queria que todos participassem.

Assim que retornei da audiência, ouvi a voz da minha irmãzinha preenchendo o escritório, e ela estava falando algo que eu sabia muito bem.

– Amiga do céu, você está muito gostosa. – ela dizia para a Clara.

Cumprimentei com um abraço caloroso a pentelha da minha irmã, e estava convencido que sua visita seria uma alegria para todos. Clara também sentiu isso, pois sem pensar duas vezes, Prí saiu nos arrastando para acompanhá-la em um almoço. Concordei, mas lembrei-me que precisava falar com Cris. Pedi que as duas seguissem e eu as alcançaria em alguns minutos. Elas assentiram e saíram conversando. Vendo esse encontro eu me perguntei; como eu pude passar tanto tempo sem saber da existência da Clara?

Bati na porta e entrei. Cris já estava recolhendo seu material de trabalho.

– Bom dia querida. – Cumprimentei e ela me devolveu um grande sorriso, Cris era uma amiga incrível. Uma das poucas do sexo feminino que eu mantinha em minha vida.

– Bom dia Alê. Tudo certo por aqui, eu já deixei marcada a próxima visita com a Ana. – combinamos que suas visitas seriam mensalmente, mas deixei em aberto para que ela marcasse consultas extras se achasse necessário.

– E como foi Cris? – Nando estava mais alegre e fiquei feliz em saber que Clara dividiria o apartamento com ele, quer dizer, no começo mesmo sabendo da sua condição sexual, não pude evitar sentir ciúmes. Afinal, ele conviveria com minha menina por muito tempo. Muito mais tempo do que eu.

– Foi ótimo Alê. Fernando realmente é um bom garoto, você acertou em disponibilizar ajuda para o seu problema. Ele ficou um pouco tímido no começo, mas no fim se abriu mais. Acho que vamos fazer progressos. – Cris explicou e eu suspirei aliviado. Era isso mesmo que eu queria. Não deixarei o filho da mãe do pai dele ou qualquer outro homofóbico atrapalhar o futuro de Nando. Ele tem que confiar em si próprio e não deixar o preconceito ditar sua vida.

Estava pronto para me despedir da Cris, minhas meninas deviam estar impacientes a minha espera. Prí era uma pimentinha, nunca parava quieta e esperar não era o forte da minha irmã.

– Alexandre... tem mais uma coisa. – Cris chamou minha atenção antes de sair. – Acredito que Clara esteja passando ou passou por algum problema. Eu percebi que ela estava retraída. Suas respostas eram secas e evasivas. Foi muito difícil extrair algo dela, espero que na próxima vez ela

se abra mais. – Meu instinto protetor ficou em alerta com aquelas palavras da Cris. Fiquei inquieto, será que minha menina estava passando por algo grave? Não suportava saber que ela não confiava em mim a ponto de não pedir minha ajuda.

– E o que você descobriu? – Cris me olhou com advertência.

– primeiramente, não sou nenhum tipo de investigador para procurar e descobrir alguma coisa. Segundo, isso é sigiloso. Só estou te dizendo por que sei que seus olhinhos brilham quando você ouve o nome dela, e por mais que você negue eu dou graças a Deus que o cupido te acertou em cheio meu amigo, pois já estava na hora de você amar alguém. – Disse divertida e eu bufei desviando meu olhar dela.

– Tudo bem Cris, desculpa se me intrometi, só peço que a ajude da melhor forma possível. Não meça esforços. E a respeito de cupido e amor, você está enganada. Posso até estar gostando dela, mas até chegar e se chegar ao nível de amor vai demorar. – Tentei me convencer daquilo, mas não acreditava mais em mim.

– Continue se enganando Alexandre, enquanto isso, eu quero assistir de camarote quando você se der conta que ama essa menina. Não perco essa por nada nesse mundo. – Cris sorria enquanto falava e por mais que eu quisesse rebater por me falar essas besteiras, eu tive que concordar um pouco com seu raciocínio. Poderia ainda não amar Clara. Mas estava apaixonado por aquela menina.

Saímos da sala conversando sobre Harry e despedi-me da Cris, ela ainda falaria com Ana antes de sair, então eu desci sozinho.

– Até que enfim, achei que teria que subir e te arrastar pela gravata. – Prí me repreendeu. O que eu disse? Ela já estava quase tendo um filho de tão nervosa.

– Ei! Eu tenho minhas responsabilidades, isso aqui não é casa da mãe Joana não.

Prí e Clara sorriam com cumplicidade e meu coração disparou ao ver a alegria da minha menina.

– Maninho, sua única responsabilidade agora é levar duas gostosas para almoçar. Vamos. Estou varada de fome, aqueles biscoitinhos do avião são o óohh...– Seguimos em direção ao estacionamento enquanto ela não parava de falar.

Chegamos ao restaurante e ela pediu quase tudo o que estava no cardápio. Só pude rir das suas gulodices.

– Clara. Como está o estágio? O maninho não está sendo um pau na sua bunda? – Prí perguntou e eu cuspi na mesa todo o suco acabara de beber.

– Priscila, isso é algo que se diga? – Clara arregalou os olhos em minha direção e abriu um sorriso, pelo visto o único a ficar envergonhado na mesa era eu.

– Maninho. Deixa disso. Eu e Clara somos amigas há muito tempo. Ela está acostumada com meu jeito de falar. Na verdade eu aprendi muito com ela. – Ela piscou em direção a Clara que sorriu

maliciosa para mim.

– Prí seu irmão vai achar que eu a corrompi. – Clara chamou a atenção de Priscila.

Prí mudou de assunto e enfim soltou a novidade. Ela se casaria com o Espanhol.

– Ai meu Deus amiga, que tudo. – Clara sorria e mudou de cadeira para que pudesse abraçar minha irmã. Depois de um tempo as duas se soltaram do abraço e me encararam, já que eu ainda não havia me pronunciado.

– E quando aquele espanhol de merda vem pedir sua mão ao papai? – estava feliz pela minha irmã, mas antes dessa união acontecer eu iria ler a cartilha para o gringo pegador.

– Pedir? Deixa de ser careta Alexandre. Papai e mamãe já sabem. Mas de qualquer forma o Juan chega na semana que vem, vamos noivar em um mês. – Disse e depois virou-se em direção a Clara. – Clarinha. Precisarei da sua ajuda. – Completou.

– Claro! Estarei com você para o que precisar. – Clara se prontificou.

– Óbvio que vai, madrinha serve para isso. – Prí sorria de orelha a orelha e eu já imaginei como a Clara estaria no altar. Mas sacudi minha cabeça para dispersar os pensamentos. Em vez de imaginá-la como madrinha eu a imaginei como noiva. Esse assunto de casamento não estava fazendo bem para minha sanidade.

– Madrinha? Tem certeza amiga? – Clara ainda estava surpresa com a declaração da Prí.

– Clarinha, a distância nunca fez com que perdêssemos nossa amizade, e eu não vou aceitar não como resposta. – disse enquanto segurava a mão de Clara com carinho – Quero você do lado do maninho no altar, segurando meu buquê enquanto faço meus votos. Dessa vez, fui eu que fiquei surpreso.

– Espera. Esse maninho por acaso sou eu? – Priscila me olhou como se eu tivesse falado a maior idiotice do mundo.

– Alexandre, desde quando eu chamo o Di de maninho? – Seu olhar me acertou em cheio.

– Nunca! – e ela estava certa, era sempre maninho para mim e Di para o Diego.

– Você e a Clara vão ser os meus padrinhos, Juan vai trazer o irmão e uma prima para apadrinhá-lo. Falando em irmão... – ela voltou sua atenção para a Clara... – eu já tratei de falar de você para o Lorenzo. Eu acho que vocês irão se dar muito bem, se é que você me entende. – Prí piscou para minha menina, que ficou totalmente pálida.

Sério que teria que ficar aqui, ouvindo minha irmã falar de outro cara para minha menina?

– Clarinha, ele é lindo, simpático, tem um corpo perfeito e uma voz de arrepiar até o cabelo de você sabe onde. – Continuou falando do maldito enquanto Clara me olhava de canto.

– Clara não precisa de mais ninguém. – soltei sem pensar, mas não aguentava mais aquela conversa.

– Alexandre – Clara bradou e eu tive que retroceder, pois ela estava correta, não deveria ter falado daquela forma.

– O que está acontecendo aqui? – Priscila perguntou mudando seu olhar de mim para Clara.

– Nada amiga. Preciso que ir, o meu horário de almoço acabou. Depois do escritório eu te ligo. – Clara despediu-se e saiu.

Observamos Clara sair do Restaurante. Ela acenou para nós através do vidro antes de atravessar a rua. Eu ainda mantinha meus olhos presos a ela quando a Prí soltou uma tosse seca.

– O que foi? – perguntei.

– Com todas as bucetas do mundo, você foi foder justo minha melhor amiga, que ainda por cima é sua estagiária Alexandre? Juro que esperava mais de você. – Ver Priscila colocando a situação daquela forma me assustou. Passei as mãos nos cabelos, impaciente, pensando no que falar.

– Estou apaixonado pela Clara. – soltei sem pensar nas consequências que aquela declaração me traria.

– Puta merda Alexandre! – ela gritou.

– Priscila! Cacete, fale baixo. Estamos em um restaurante lotado. – olhei disfarçadamente ao redor. Agradei que todos estavam concentrados em suas próprias vidas e não notaram o escândalo da minha irmã.

Ela pediu desculpas fazendo biquinho. Aquele bico já arrancou várias coisas de mim, me deixado em muita encrenca. Ela sabia disso. E digo mais. Priscila sabia como usá-lo na hora certa. Prí tirou algo da bolsa, parecia uma imagem, e a beijou sussurrando.

– Obrigada minha santinha. Acenderei milhões de velas para a senhora. – Acho que minha irmã pirou. Questionei o que ela estava fazendo e a resposta reforçou meu pensamento. Ela estava doida.

Minha irmã me olhou com carinho. Priscila era a mais amorosa da nossa família. Por onde passava ela distribuía afeto e ternura. Herdou isso de nosso pai. Tanto em personalidade como fisicamente. Enquanto eu Diego possuíamos os olhos azuis herdados da mamãe. Os dela eram castanhos escuros. Igualzinho aos do nosso velho.

– Maninho, eu pedi para Nossa Senhora Desatadora dos Nós, dar uma desenrolada em sua vida e te trazer uma mulher. Porra! A bichinha foi arretada. Ela não trouxe “uma” mulher Alê. Ela te trouxe “A” mulher. Você apaixonado pela Clara, saiu melhor do que a minha encomenda. Eu fiz até novena.– Ela falava e bebia seu suco como se aquilo não fosse nada demais.

– Eu sabia! – falei em um tom mais alto. Ela me olhou engraçado por ser eu quem estava quase gritando naquele momento.– Eu sabia. – abaixei meu tom de voz. – Só poderia ser macumba nessa história.

– É novena Alexandre, não macumba. – ela me corrigiu. Prí estava muito abusada depois que voltou da Espanha.

O que aconteceu com as mulheres na minha vida? Droga! Eu só estava levando no rabo

ultimamente.

– Seja a porra que for. Eu sabia que essa atração tinha um dedo sobrenatural. Não é normal eu precisar da Clara para respirar. Ou meu coração bater que nem um louco quando vejo o seu sorriso. Além do fato de ter me tornado um homem das cavernas de tanto ciúmes. – Praticamente me abri para minha irmã.

– Para um brilhante advogado. Você sabe ser um excelente idiota. Isso que você está sentindo não se chama atração meu irmão. Isso é amor. – Ela apontou o dedo no meu rosto.

Amor. Era a segunda vez no dia que ouvia aquela palavra. E elas foram ditas justamente pelas pessoas que mais me conheciam. Cristina e Priscila. Estava realmente amando a Clara?

– Impossível Priscila, eu posso até estar apaixonado, mas amar? Sem chances, eu conheço a Clara a menos de um mês.

– Escuta Alexandre! – Prí me olhava nos olhos e eu não tive outra opção a não ser escutá-la. – O amor não tem hora para chegar meu irmão, ele vem sem avisar, e sem pedir licença.

Coloquei os cotovelos sobre a mesa, e descansei meu rosto nas mãos.

– Não sei o que fazer Prí. – pela primeira vez eu desabafei, contei para minha irmã sobre o meu medo em não conseguir manter a Clara em minha vida.

Priscila me olhava com um misto de carinho e pena. Não queria aquele olhar, mas eu sabia... Estava ferrado. E ela também sabia.

– E ela? Sente algo por você maninho? – Questionou sobre os sentimentos da Clara, e eu não tive uma resposta.

– Não sei. Clara é muito confusa. Em um momento ela deixa entender que tem ciúmes de mim e no outro me trata com indiferença. Não deseja um relacionamento de verdade. Mas dorme abraçada em mim. – Expliquei. – Estou ficando louco, me diz como entendê-la. – Naquele momento não me importava mais o meu almoço. Perdi o apetite quando Clara saiu pela porta.

– Maninho. Clara precisa de um tempo para se acostumar com esse seu sentimento por ela. Faz alguns anos que ela se isolou de todo e qualquer tipo de grandes demonstrações de afeto. Você mesmo percebeu, por mais que ela esteja alegre por mim. Um pouco da Clara ainda vive no desconhecido. Realmente não me cabe contar sua história. Creio que ela o fará quando se sentir preparada. Mas eu tenho um conselho para te oferecer. – Prí levantou um dedo para cima. Ótimo! Estou recebendo conselhos amorosos da minha irmã caçula, no meio de um restaurante, na hora do almoço. – Lute por ela. Clara é uma guerreira como eu nunca vi igual. Por mais que o caminho seja difícil, confuso ou complicado. Uma coisa é certa, ela vale a pena Alexandre. Clara vale muito a pena.

Isso eu já sabia. Agora eu teria três dias para convencê-la de que estar comigo também valia a pena. E eu não jogaria limpo!

Clara

No momento em que vi o olhar desconfiado da Priscila eu resolvi sair de cena. Não estava preparada para confessar para minha amiga que estava fodendo o seu irmão. Mas Alexandre estava com uma língua que não cabia dentro da boca.

As horas passaram e quando eu notei já estava chegando o fim do meu expediente. Estava quase saindo quando recebi o recado de Ana, deveria passar na sala de Alexandre antes de ir embora.

– Quería falar comigo Alexandre? – O chamei pelo primeiro nome, como ele havia pedido.

– Sim Clara. Primeiro gostaria de pedir desculpas por minhas palavras durante o almoço. Não foi legal da minha parte. – Não discutiria com ele. Cedo ou tarde Priscila precisaria saber. Não conseguiríamos esconder esse fato dela por muito tempo. Só não queria estar presente quando ela surtasse e resolve nos casar na manhã seguinte. – Mas eu não te chamei aqui por isso, queria discutir nossa viagem. Você ainda me acompanhará certo? – Não sei por que ele ainda duvidava.

– Não mudei de ideia Alexandre. Uma hora Priscila descobriria. Você mesmo sabe que é impossível esconder alguma coisa dela.

Alexandre concordou e continuou a falar do congresso. Ele estava sentando em sua mesa e eu de pé em sua frente.

Alexandre me explicou que sairíamos de manhã, me passou o cronograma das palestras e eu fiquei bem animada em saber que seria em uma praia. Fiquei surpresa também ao receber um convite para uma festa formal. Questionei se ele queria mesmo a companhia de uma estagiária em um evento como aquele. Alê me olhou com reprovação e eu sabia que aquele tema não estava em discussão. Ferraz tinha o dom do convencimento e usava-o contra mim sem nenhum tipo de pudor.

– Amanhã por volta das nove horas estarei em seu apartamento. – Disse sem deixar brechas para dúvidas.

Cheguei a casa e preparei tudo para chegada do Nando.

– Pelo visto cheguei na hora certa. – Laís foi entrando, me ignorou totalmente e andou na direção de Nando. – Então é você que deseja roubar meu posto de melhor amiga? – Ela deu um abraço caloroso no Nando como boas vindas. – Seja bem vindo, Clara fala muito bem de você.

– Obrigado. Você deve ser a Laís? – Ele perguntou.

– A própria. Em carne e osso e sem nenhum silicone. – Laís respondeu como sempre.

Os dois riram juntos provando o que eu já sabia. Nando e Laís se dariam muito bem.

– Bom. Apresentações feitas. Nando venha comigo, eu vou instalar você no seu novo quarto. Laís abre um vinho e nos serve, por favor? A pizza que pedi para o jantar deve estar quase chegando.

Duas horas depois estávamos sentados no chão da sala, satisfeitos e um pouco embriagados pelo vinho maravilhoso que bebemos.

Pedi ajuda dos dois para arrumar minhas malas.

– Ainda acho muito injusto. Além de ter todos esses homens lindos ao seu redor todo santo dia, você passará três dias na praia com o Dr. Pecado. Por que eu não tenho essa sorte? – Laís fazia biquinho e Nando ria de nós duas.

– Por que você tem seu próprio advogado gostosão aos seus pés. Falando nele, Bruno voltou a te procurar? – Perguntei esquecendo-me que Nando também conhecia o Bruno.

– Bruno? O Dr. Bruno? – Nando perguntou incrédulo.

– É uma longa história... – enquanto arrumava minha mala, Laís contou todo o seu suposto relacionamento para o Nando. Ele assim como todos nós. Não acreditava que Bruno fosse sossegar com uma garota só, mas Laís estava disposta a tentar, então a apoiamos.

Tomei um banho e capotei na cama, logo que Laís se foi. Nando estava muito cansado pela mudança e também se recolheu para descansar.

Acordei cedo para me preparar. Tomei banho, fiz uma maquiagem bem leve, na verdade só um *gloss*. e um corretivo para esconder as olheiras. Troquei de roupa. Vesti um shortinho jeans, uma t-shirt e calcei uma sapatilha. Fiz um rabo de cavalo e coloquei óculos escuros. Estávamos indo de carro e como Alexandre mesmo me avisou, iríamos para o litoral, o clima seria quente.

Nove horas em ponto eu desci puxando minha mala e carregando o vestido que usaria na festa na outra mão. Alê me esperava e eu me surpreendi. Deduzi que ele estaria em sua imponente caminhonete, mas não. Um conversível me aguardava.

Suspirei. Ele realmente estava se superando.

Alê vestia uma camiseta cinza que abraçava muito bem os seus músculos. Calça jeans surrada, sapatênis e de quebra ainda mantinha uma barba por fazer. Ele estava lindo e de tirar o fôlego. Eu ri quando vi minha vizinha do apartamento de cima, estática na calçada, olhando para o deus na sua frente.

– Bom dia. Preparada para um final de semana inteiro comigo. – Ele me deu um sorriso que poderia ser considerado de um milhão de dólares.

– Com você e mais meio mundo de gente Alexandre. – comentei desviando um pouco a conversa.

– Querida... – ele alcançou a mala, mas antes segurou a minha mão e me olhou nos olhos. – nem que fosse o mundo inteiro, farei o possível para ser o único a ter sua atenção.

Engasguei. Era a única coisa que poderia fazer naquele instante.

Durante a viagem me senti mais confortável. Alê estava descontraído e conversava sobre o seu tempo no exterior. Eu escutava tudo que ele me falava enquanto apreciava a viagem. O que eu queria mais? Um caminho perfeito, onde podia sentir a brisa do mar se aproximando, músicas de

bom gosto. Uma seleção de MPB que estava me encantando e o mais importante, o homem mais lindo e sexy do mundo ao meu lado.

Eu amo você, menina...

Eu amo você...

Eu amo você, menina...

Eu amo você...

Alexandre cantava junto com Tim Maia, mas continuava concentrado na estrada. Ele sabia que aquela música mexeria comigo. Droga! Por causa do seu, “menina”, toda vez que ouvisse me lembraria dele.

Três horas de viagem e muitas canções românticas depois, havíamos chegado a um luxuoso hotel – O congresso será aqui? – perguntei, pois não via nenhum tipo de informação que remetia a realização de um evento de tão grande porte.

– Não minha menina. Esse é um dos hotéis mais afastados. O centro de eventos onde acontecerá o congresso fica há uma hora daqui, não quis que nos hospedássemos na redondeza. Quero privacidade.

Já estávamos fora do carro. Alê me puxou pela cintura, grudando meu corpo ao seu e colou nossos lábios de forma carinhosa. Teria que ter a força do *He-Man* para suportar seus encantos nesse fim de semana. E algo me dizia que Alexandre veio preparado.

Caminhamos para dentro do hotel e eu fiquei de boca aberta com a beleza daquele lugar. Muitos espelhos, uma decoração impecável e funcionários bem treinados.

– Suíte em nome de Alexandre Mendes Ferraz, por favor. – A recepcionista ainda estava com os olhos no computador, mas no momento que ela o notou, um sorriso apareceu em seu rosto. Biscate!

– Claro Sr. Ferraz, está tudo pronto, esperamos que tenha uma boa estadia em nosso hotel. O senhor e sua... – ela me olhou sem saber o que dizer.

– Esposa. – completei e Alexandre sorriu.

– Desculpa Sra. Ferraz, é que não vi aliança então presumi... – Cortei a menina no ato, pois não deixaria à vadia se desculpar.

– Tudo bem, é que nossas alianças estão em outra parte do nosso corpo. – Pisquei para a garota na minha frente e ela corou até a última geração.

– Aqui está o cartão de vocês. – Ela nos entregou a chave, mas não se atreveu a olhar em nossa direção. Sorri pela minha brincadeira. Estávamos a caminho do elevador e Alexandre me encarava, não estava bravo, na verdade ele até sorria.

– O que? – Perguntei.

– Já te disse que seu sobrenome deveria ser problema? – Ele levantou uma sobrancelha. Esse

homem era lindo em qualquer variação de humor.

– Ela mereceu. – Disse antes de entrar no elevador.

Nossa suíte não ficava devendo nem um pouco para o restante do hotel, decoração suave, objetos de bom gosto, roupas de cama macias e em perfeito estado, tudo do bom e do melhor. Discutir com Alê a respeito de quartos separados, foi uma perda de tempo. Alexandre estava obstinado a manter-me junto a ele todo o fim de semana.

– O hotel tem um restaurante maravilhoso. Você gosta de frutos do mar? – Ele me perguntou. Eu estava no quarto desfazendo minha mala e ele verificava se o restante estava em perfeitas condições.

– Amo frutos do mar. Vou tomar um banho e descemos. – Respondi animada.

Antes de entrar no banheiro, senti Alexandre colar seu corpo ao meu e distribuir beijos em todo o meu pescoço.

– Se não fosse pelo almoço, eu iria te dar o prazer da minha companhia durante o banho. Mas como eu sei que se entrar com você nesse banheiro não sairemos tão cedo, vou abrir mão de você. – Ele virou meu corpo de frente para ele e me beijou avidamente. – Só por agora minha menina. – Disse assim que recobramos o fôlego.

Meio atordoada eu virei-me novamente em direção ao banheiro, e fui surpreendida com um belo tapa na bunda.

– Isso é por deixar-me louco. – Ele sorriu e eu me juntei a ele.

Tomei um banho rápido, pois só queria me refrescar um pouco e tirar o suor acumulado durante a viagem. Assim que sai do banheiro, Alê estava de costas para mim, tentando abotoar seu relógio.

– Quer ajuda? – Perguntei e quando ele se virou eu respirei fundo.

Estava lindo. Bermuda cargo e uma camiseta branca com a marca *Calvin Klein* estampada na frente. Até trapo de chão ficaria perfeito nele. Ele agradeceu e estendeu o braço. Ainda estava de toalha e assim que terminei, Alê me pegou no colo, andando alguns passos ele me jogou na cama.

– Alê e o que aconteceu com o “almoço” e o “não podemos nos atrasar”? – Ele me encarou, e seus olhos estavam tomados pelo desejo. Amava a forma como ele me olhava, sempre como se fosse à primeira vez.

– Deixa eu te dar carinho? – Alê retirou a toalha que cobria o meu corpo e começou a distribuir beijos pela minha cintura. A excitação começava a tomar conta de mim. Com Alexandre não precisava de muito. O simples toque de sua mão já me deixava acesa.

– Você é tão gostosa Clara. – Ele sussurrou aquele elogio como se fizesse uma oração. Agarrei os lençóis, me segurando para não quebrar tão rápido.

– Oh Meu Deus Alexandre! – sentia sua boca descer por meu ventre e sua língua se apossou do meu umbigo, como se estivesse entrando em minha abertura.

– Abra as pernas, minha menina. Quero sentir seu cheiro, seu gosto. – Direto como sempre Alexandre abriu minhas pernas, inclinando os meus joelhos de forma que a minha bunda ficou na beirada da cama e minhas pernas mantinham-se dobradas. Ele se ajoelhou e começou a respirar perto da minha buceta.

– Por favor Alê... – eu suplicava e cada vez sentia-me mais excitada.

– Adoro você implorando, saber que é a mim que você quer. – Ele disse aquelas palavras segundos antes de passar a língua pela minha entrada. Eu tremi. Não suportaria muito. Estava com a sensibilidade a flor da pele.

– Minha menina, eu vou te chupar agora e quero que goze para mim. Só para mim. Entendeu? – Como se eu pudesse contrariá-lo.

Assim que ele começou a abaixar a cabeça, meu corpo todo ansiava pelo que estava por vir. Sua boca chegou ao meu centro e ao mesmo tempo em que me chupava e gemia, ele não tirava os olhos de mim.

Suas mãos estavam segurando minha cintura, mas alguns segundos depois uma delas passeou pelo meu corpo com destino ao meu seio. Tremi de excitação quando ele começou a beliscar os meus mamilos.

– Minha menina gostosa. Minha puta deliciosa. – Ele retirava a boca da minha buceta, para proferir aquelas palavras.

– Alê... - não conseguia falar. Levei minhas mãos para o seu cabelo e comecei a puxá-lo em minha direção. Se pudesse enterrava todo o seu rosto dentro de mim. Era sensacional nada se comparava aquela sensação. Alexandre mudou sua boca em direção ao meu clitóris e introduziu um dedo dentro de mim. Seu ritmo no início era lento, mas logo suas estocadas começaram a se intensificar. Ele levou seu corpo para meu lado na cama e continuou com o movimento do dedo em meu interior.

– Quero tanto você. – Ele olhava em meu rosto e eu me preendi naquelas duas piscinas azuis. Meu corpo se contorcia e eu estava chegando para ele. Ele sorriu, pois sabia que eu iria me quebrar em sua mão novamente.

– Isso menina. Vem para mim. – seu dedo não parava de me foder e Alê colou os seus lábios aos meus em um beijo delicioso.

Gozei gritando o seu nome. Assim que o meu corpo se acalmou, Alexandre tirou os lábios dos meus, abriu seus olhos e eu tive vontade de sair correndo. Seu olhar invadia minha alma. Queria parar o tempo naquele instante, para que pudesse ficar para sempre presa naquele sonho repleto de sentimentos.

– Não tem imagem mais linda do que seu rosto quando goza. Nem um pintor seria capaz de reproduzir tanta beleza. – Ele soou de forma carinhosa.

Estava totalmente saciada, mas o volume na bermuda do Alê mostrava que ele precisava de mim. Levantei-me da cama e o montei, assim que levei as mãos para desfazer o botão que prendia aquilo que eu desejava avidamente, ele me segurou.

– Mais tarde minha menina. – Ele nos levantou e beijou minha boca.

– Mas e você? – Ele me olhou de forma carinhosa.

– Fico feliz em te satisfazer. Agora vamos almoçar. Eu ainda tenho que me preparar para a palestra de hoje á noite.

O almoço foi espetacular, conversamos muito e o Alexandre me deixou a par de tudo que faríamos no fim de semana.

Voltamos para o quarto, Alê passou a tarde relendo e organizando os slides que usaria em sua palestra. Para passar o tempo eu li um romance policial, que me deixou totalmente presa à história.

Estava quase na hora da sua apresentação. Enquanto Alexandre se arrumava eu babava, observando ele colocar sua gravata perfeitamente.

– O que está pensando menina? – Ele me perguntou olhando através do espelho. Como levaria mais tempo, havia arrumado minhas malas antes dele. Então já estava pronta.

– Nada. Só estou imaginando como posso dar os parabéns aos seus pais. Eles mereciam um prêmio por fazer filhos tão lindos. – Eu disse e ele sorriu deliciosamente.

Chegando ao centro de eventos pude perceber a grandiosidade do que se tratava. O hotel era tão luxuoso quanto ao que tínhamos nos hospedado. Muitas pessoas se empenhavam para receber todos os participantes e o vai e vem de fotógrafos e jornalistas era constante. Após pegar o meu crachá, eu me encaminhei para o auditório, na expectativa do que surgiria a seguir. Olhando ao redor verifiquei que além de universitários, muitos jovens advogados estavam presentes. Com certeza todos sabiam que era uma grande oportunidade para ouvir os melhores. E Alexandre era um deles.

Sua palestra teria como tema: O TRIBUNAL PENAL INTERNACIONAL SOB A ÓTICA DA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA. Nem precisava falar o quanto estava animada para ouvi-lo.

Após o mestre de cerimonia abrir o congresso, discursando sobre a importância dos tratados internacionais na nossa legislação, ele convocou os convidados para se dirigirem a mesa de honra. A maioria dos palestrantes eram mais velhos, portanto assim que Alexandre ocupou o seu lugar, começou o burburinho feminino.

– *Meu Deus, que cara mais lindo.*

– *Com um advogado desse eu estava bem assessorada, em todos os sentidos.*

– *Queria mostrar minha brecha para ele.*

Argh! Que raiva dessas “breteiras” jurídicas.

Um tempo depois Alexandre começou sua palestra e eu não desgrudei meus olhos dele. O problema era que todas as mulheres e até alguns homens presentes no auditório, seguiram o meu exemplo.

“O Tribunal Penal Internacional foi criado pelo Tratado de Roma de 1998...” Assim ele começou.

Duas horas depois e muitas olhadas de Alexandre em minha direção, a palestra terminou. Caminhei com o fluxo em direção à saída e notei que Alê teria dificuldade em seguir o mesmo caminho, pois muitas pessoas andavam em sua direção. Seja para parabenizá-lo ou somente para ter o prazer em falar com o principal palestrante da noite.

Fiquei na porta um pouco afastada, e um tempo depois pude sentir que ele estava se aproximando. Ele se desculpou pela demora e pegou minha mão me puxando em direção ao carro.

– Vamos lá. – ele deu o braço para que eu pudesse segurá-lo. –Tenho uma surpresa para você.

Entramos no carro e quando eu imaginei que estávamos indo em direção ao hotel, Alexandre desviou por uma estrada escura e estreita. Olhei confusa para ele, mas não o questionei. Alê estacionou perto de alguns carros e eu notei uma fogueira acesa. Um som de violão podia ser ouvido ao longe. Além do local de onde vinha o som eu não podia avistar mais ninguém ao redor.

– Quer deixar seus sapatos aqui? – Alexandre me disse enquanto tirava a gravata e deixava a camisa mais confortável, abrindo os primeiros botões e arregaçando as mangas. Ele tirou os sapatos, as meias e dobrou sua calça até perto dos joelhos. Alê parecia ter saído de um comercial de desodorante. E eu me delicieei com a cena perfeita.

Eu estava usando um vestido social, meia calça e um “*scarpin*” de saltos altos. Assim como ele, eu retirei os sapatos e também a meia.

Alê entrelaçou os dedos aos meus, caminhamos em direção a lado oposto do luau. Por mais que eu soubesse que aquilo não fazia parte do acordo, me permiti deixar ser conduzida por ele. A noite estava linda, o céu estrelado e o clima fresco. A música ainda podia ser ouvida e Alexandre com sua voz deliciosa começou cantarolar.

Demorei muito pra te encontrar

Agora quero só você

Teu jeito todo especial de ser

Fico louco com você...

Fabio Jr. – Só Você

– Muito propícia essa música Alexandre. Você não acha? – Ele deu de ombros sorrindo em minha direção.

– Espero que não tenha se esquecido do acordo? – Tentei fazê-lo entender que aquele final de

semana unia trabalho e sexo. – Nada de encontros românticos.

Antes de terminar de falar meu corpo estava suspenso no ar. Alexandre me pegou no colo e caminhou em direção ao mar.

– E quem disse que isso é um encontro romântico? Estou louco para dar uns amassos nesse seu corpo delicioso dentro da água.

– Alexandre não! – Gritei, mas foi em vão. Alê se jogou na água me levando junto, assim que eu emergi vi o seu sorriso.

– Você é linda minha menina. – Disse beijando meu pescoço. Ele alcançou minha boca e me perdi no seu beijo, nada poderia ser tão perfeito. O mar estava calmo, mas as pequenas ondas que nos alcançava fazia com que meu corpo se apertasse ainda mais ao dele.

– Eu quero você. – Sabia que aquilo era verdade. Mesmo dentro da água eu podia sentir o seu pau roçando contra minha calcinha molhada. Joguei minha cabeça para trás e olhei para o céu. Uma lua enorme nos iluminava. Alexandre gemia cada vez mais, e eu não entendia o meu próprio corpo. Precisava dele. Queria suas mãos e sua boca, seus braços e seu corpo. Queria que ele me possuísse da forma como sempre fazia, desvendando não só o meu corpo mais também a minha alma. Sabia que estava indo por um caminho sem volta. Mesmo assim eu caminhava sem olhar para trás.

Poderia dizer que tele transportei. Em um momento estava na praia e sem ter noção do caminho que fizemos. Pois o desejo me consumia como a chama consome a vela, eu já estava de volta ao nosso hotel. Nua sobre a cama e com Alexandre se conectando a mim. Seu pau entrava e saía de forma lenta e gemíamos quando nossas bocas se encontravam. Éramos uma bagunça de braços, pernas e bocas. Eu me agarrava em Alexandre. Suas mãos acariciavam meus seios, e toda a minha pele se arrepiava ao sentir seu toque. Suas palavras incoerentes eram gatilhos me empurrando para o precipício.

Assim que cheguei à beirada. Um único toque de sua mão em meu ponto sensível me fez pular. Pulei de olhos fechados, por que sabia que teria alguém que me seguraria. Alexandre!

Estava perdidamente apaixonada por ele!

Acordar ao lado de Alexandre era maravilhoso. Mas acordar com ele dentro de mim era... UAU! Sem palavras.

– Meu Deus Alexandre. – Sentia toda sua ereção dentro do meu interior. O vai e vem dos seus movimentos não encontraram nenhuma barreira. Mesmo dormindo meu corpo reconheceu o dele. Eu estava preparada para sua invasão.

– Não resisti. – Ele respondeu, enquanto bombava cautelosamente e começou a passar a língua por toda a extensão do meu pescoço. – Você estava tão deliciosa, nua ao meu lado, que assim que

abri os olhos e vi você. Meu pau sentiu vontade de voltar para o seu lugar preferido no mundo. – Completou.

Abri mais as pernas para recebê-lo por inteiro. Suas mãos e cotovelos estavam apoiados à cama, uma de cada lado do meu rosto, isso dava o impulso necessário para que os seus movimentos me preenchessem inteira.

– Alê...Eu quero você. – Minha voz saía entrecortada. Naquele momento só conseguia me concentrar em seu pau me possuindo.

– Isso é música para os meus ouvidos. – Ele puxou uma respiração profunda e sorriu. Suas estocadas ficaram mais severas e eu sabia que ele estava pronto para me foder como eu gostava.

– Olhe para mim Clara. – Sua voz me arrastava para os seus olhos. – Deus como você é linda. Poderia te olhar por toda a vida.

Alê se apoiou somente em uma mão e levou a outra até o meu clitóris.

– Puta merda, Alê. Eu vou gozar. – Não aguentava mais. O toque lento de sua mão em contraste com a ferocidade das suas investidas, estava me provocando um orgasmo arrebatador.

– Desejo você com cada grama do meu corpo. – ele falava encarando os meus olhos, enquanto metia mais fundo dentro de mim. – Eu sou seu, minha menina. – Ele me confessou com um sussurrar carinhoso ao mesmo tempo em que seus olhos refletiam desejo. Como não respondi sua declaração ele continuou. Por mais que eu soubesse que meus sentimentos por ele existiam e estavam pairando sobre o nosso acordo, não me sentia preparada para dizê-lo em voz alta. Talvez nunca chegasse a esse ponto.

– Espero o tempo que for preciso. Você vai me dizer. – Ele sussurrava, passando o nariz pelo meu pescoço, fazendo minha pele se arrepiar. Estava pronta para gozar. Suas palavras me excitavam e cada vez que ele se mexia eu sentia o clímax se aproximando.

– Você... É... Minha. – Ele vociferou e foi tudo o que eu precisei ouvir para quebrar em mil pedaços. Com mais algumas estocadas Alê se libertou sussurrando o meu nome. Ele deixou seu corpo cair sobre o meu, mas sem deixar que todo o seu peso ficasse sobre mim.

– Que tal um banho? – Perguntei enquanto acariciava o seu cabelo.

– É tudo o que eu mais quero. – Ele disse desconectando seu corpo do meu. Imediatamente eu senti o vazio tomando o seu lugar.

Foram dois banhos. Após se lavar e me lavar, Alexandre me colocou em cima do balcão do banheiro e me fodeu de forma desesperada. Ele necessitava do meu corpo, como se aquele toque fosse o último e fosse preciso aproveitar cada parte do meu ser. Devagar. Rápido. Suave. Forte. Tudo e de qualquer forma com o Alexandre era sinônimo de prazer.

Como acordamos bem tarde resolvemos pular o café da manhã, partindo direto para o almoço. Ao verificar o vestido que usaria logo à noite, percebi que alguns vincos se formaram devido à

viagem. Liguei para recepção e pedi que a lavanderia do hotel o buscasse. Queria que o vestido estivesse em perfeito estado para a noite de gala. Estava muito animada por participar daquela festa, ainda mais acompanhando Alexandre.

Para o almoço eu coloquei um vestido longo, porém leve. Sua cor era de um azul claro, e o tecido combinava com o local que estávamos. Alê vestia novamente uma bermuda cargo, mas agora sua camiseta era uma polo azul, assim como os seus olhos. Delicioso. Ele me olhava do sofá por cima do seu “*tablet*” e me explicou que iríamos almoçar fora do hotel.

Alguns minutos depois estávamos em frente a uma parte belíssima da praia, em um restaurante típico do litoral. O lugar era agradável e confortável. Pedimos peixe e tomamos somente uma taça de vinho branco para acompanhar. Em algumas horas Alê repetiria sua palestra para um grupo de estudantes americanos. Dessa vez ele faria a palestra na língua inglesa, demonstrando aos estudantes daquele país o nosso ponto de vista diante do Tribunal Internacional Penal. Após o almoço pedimos um café, e antes de deixarmos o restaurante, Alexandre me sugeriu que não o acompanhasse na palestra da tarde. Tentei convencê-lo, pois realmente eu queria acompanhá-lo.

– Eu sei, mas queria que você tirasse a tarde para se preparar para festa. Tomei a liberdade e marquei um horário para você em um dos salões do hotel. Deixei em aberto para você fazer o que quiser. Sei que vocês mulheres adoram fazer todas aquelas coisas com cremes e escovas. – Ele disse me dando um sorriso torto. Achei graça. Não imaginava Alexandre ligando e marcando salão para uma mulher. Não combinava com ele.

– Você será a mulher mais linda dessa festa. Terei que manter os olhos em você durante toda a noite. – Ele disse sorrindo. Não era minha intenção ir para um salão. Mas como ele fez questão. Eu aceitei.

Assim que chegamos a nossa suíte. Alexandre começou a se preparar para a sua palestra. Era incrível como ele mudava de postura sempre que necessário. No momento em que ele colocou o terno e a gravata, o cara descontraído mudou para o advogado profissional e sério. E eu gostava de todas as suas personalidades.

Ele despediu-se com um beijo carinhoso e passou a mão em meus cabelos. Alexandre pareceu um marido que se despedia da sua esposa antes de sair para o trabalho e isso me incomodou um pouco.

– Volto no fim da tarde. A festa começara às nove horas. Eu farei um discurso em agradecimento ao Dr. João Guilherme. Então não posso chegar atrasado. – Ele me explicou e eu garanti que não iria me atrasar, mas Alê não acreditou muito, e saiu fazendo uma piada de que se não tivesse certeza desconfiaria da minha feminilidade.

Sozinha naquele quarto, senti-me mais uma vez perdida. Ultimamente essa sensação de solidão estava me perseguindo. Resolvi ligar para o Nando para saber como ele estava se ajeitando em

nosso apartamento. Nando zombou de mim. Dizendo que eu estava encantada por Alexandre. Tentei convencê-lo do contrário, mas acho que meu amigo percebeu o que estava acontecendo. Encerrei a ligação e resolvi buscar pessoalmente meu vestido antes de descer para o salão. Dessa forma sairia um pouco do quarto.

Cheguei à recepção da lavanderia e pedi a senhora que estava no balcão pelo meu vestido. Com meus dados em mãos e após verificar o computador, ela voltou com um ar confuso em minha direção.

– Senhorita Maria Clara, eu não sei o que está acontecendo. Os dados no nosso sistema informam que a Senhorita pediu que entregasse o seu vestido diretamente no quarto, há mais ou menos uma hora.

– Como é que é? – Não acredito que essa mulher estava me dizendo que o meu vestido havia desaparecido. – Você está me dizendo que o meu vestido, meu único vestido, que eu usaria essa noite desapareceu? – Estava a ponto de explodir. Como isso aconteceu?

– Senhorita... Nós ...Não... – Ela balbuciava e ainda não havia me explicado onde diabos estava o meu vestido.

– Olha aqui dona... – parei para verificar o seu crachá. – Lurdes. Eu tenho certeza que não liguei para a lavanderia pedindo o meu vestido. Então eu não quero saber o que você vai fazer para trazê-lo de volta. Mas eu o quero aqui. – A mulher tremeu e deu dois passos atrás com medo das minhas ações.

– Sim senhorita, eu realmente peço desculpas. Abrirei uma investigação interna, e se não pudermos encontrar o seu vestido devolveremos o seu valor integral. Por favor, preencha esse formulário... – Não acreditava no que essa mulher me falava.

– Puta que pariu. Será que eu não estou sendo clara? Eu não quero o dinheiro. Tenho um evento de gala em quatro horas e preciso do meu vestido. – Comecei a gritar e todos ao redor começaram a reparar no meu pequeno show. Para o inferno todos eles. Não estava me importando com nada.

– Senhorita, infelizmente essa é a política do hotel. Por favor, se acalme. Farei de tudo para encontrar o seu vestido. – Ela tentava me acalmar mas eu estava fervendo.

Saí do local batendo o pé e bufando, e quando eu achava que o meu dia não poderia ficar pior eu estava enganada. Dei de cara com a “Lanabisgóia.”

– Então é aqui que Alê está te escondendo? – Perguntou sarcástica. Não acredito que essa puta estava aqui.

– O que você está fazendo aqui? – Perguntei sem usar nem um pinga de educação, pois Lana já estava afiando suas garras em minha direção.

– Querida, Alexandre e eu vivemos no mesmo mundo, sou convidada de honra da festa de hoje. – As palavras dela sobre a festa me desarmaram. Não acredito. EU QUERO O MEU VESTIDO. Não

poderia deixar o Alê com essa vadia no mesmo local, ainda por cima sem a minha presença. Precisava pensar em algo.

– Me de licença! Não tenho nada para falar com você Lana. – Ela me olhou de cima embaixo e eu já estava chegando ao meu limite.

– Dra. Lana para você. – ela deu dois passos para frente e segurou o meu braço. – Vou avisar somente uma vez: Alexandre é meu. Esperei muito tempo para que ele sossegasse e resolvesse ter um relacionamento sério. – Ela levantou o queixo de forma superior. – Não fique no meu caminho.

Puxei meu braço, nem morta que essa vaca iria me humilhar, ela não sabe com quem está mexendo.

– Pelo visto, ele está louco para ter um relacionamento sério. Pena que ele não escolheu você para ser a felizarda. Sabe... – cheguei bem perto do seu rosto, imitando sua ação de antes – Adoro quando ele dorme agarrado ao meu corpo, quando ele me chama de menina e diz que é somente meu... ah... Sinto-me nas nuvens. Mas algo me diz que você não tem ideia de como seja isso. Não é mesmo Dra. Lana? – Eu provoquei a onça com vara curta, mas era isso mesmo que eu queria.

– Você não sabe com quem está se metendo sua piranha. Acha que eu não conheço tipos como você? Mas você é esperta, eu pensei que deveria me preocupar com a vadia da Patrícia, mas você com essa cara de santinha, não perdeu tempo em abrir as pernas para o Alê. – Lana praticamente cuspi as palavras em minha direção. Mas, eu não fiquei atrás. Já estava explodindo de raiva pelo meu vestido e não teria pudor em soltar todo o meu ódio nessa idiota. – Olha aqui... – ela tentava falar algo, mas eu a cortei.

– Olha aqui você, sua mal comida. Não interessa o que você teve com o Alexandre no passado. Ele não te quer. Devia parar de se humilhar. Não fica bem para uma promotora pública rastejar por um homem que não se importa. – Deixei bem Claro que aquele homem era meu.

Já estava preparada para a sua resposta. Então ela recuou e me olhou cinicamente. Muito estranho.

– Você tem razão. Não fica bem para uma mulher com o meu status discutir com uma reles estagiária na porta de um hotel. Tenho mais o que fazer. Preciso me preparar para a grande festa de hoje. Terei que estar impecável, afinal, meu lugar na mesa é ao lado do homem mais sexy que existe. – Ele piscou e me deu um sorriso que me fez tremer.

Argh! Puta! Puta! Puta! Ela já estava saindo, mas voltou atrás e levantou os olhos em minha direção. – Sinto muito por seu vestido. Espero que tenha trago um reserva. Seria horrível você perder a festa por um erro inaceitável como esse. Bye! – Disse com desdém. Eu entendi tudo, e eu quis matá-la.

Desgraçada. Lanabisgóia deu sumiço em meu vestido. E agora?

Enquanto eu andava de um lado para o outro no quarto pensando em como resolveria aquela situação meu celular tocou. Quando li o nome no visor um fio de esperança surgiu. Priscila! Após contar todo acontecimento e ouvir minha amiga amaldiçoar mais que um marinheiro em um dia ruim. Priscila me pediu para manter a calma e que não deixasse Alexandre saber de nada. Disse que seria minha fada madrinha. Nunca gostei de ser princesa e sempre detestei a Cinderela. Uma história superficial que te ensina que o príncipe somente terá olhos para você se estiver usando um belo vestido junto com um sapato de cristal. Mas, naquele dia especial não reclamaria. Já estava me dando por vencida, e mais uma vez Priscila apareceu para salvar o meu rabo. Achei que não conseguiria me virar dessa vez. Aquela vadia sabia bem o que estava fazendo ao roubar meu vestido. Tenho que admitir que foi uma tacada de mestre, pois ela sabia que eu pensaria em trazer um reserva. Fato que a partir de hoje seria mudado em minha vida. Nunca mais sairia somente com um vestido. Afinal, deveria estar sempre preparada para qualquer ataque psicopata que viesse.

Fiz como Prí pediu. O que minha amiga estava aprontando eu não fazia a menor ideia. Antes de descer para o salão deixei um bilhete avisando Ferraz que por um problema no meu vestido iria me atrasar. Pedi a ele que não me esperasse. Contratei o serviço de transporte do hotel para me levar ao centro de eventos.

Dona Lurdes me ligou informando que realmente não haviam encontrado o meu vestido. Claro que não! “Lanabisgóia” deve tê-lo deixado no fundo do mar. Vadia!

Ferraz me ligou. Presumi que ele viu minha mensagem e queria verificar se estava tudo bem. Contei que um imprevisto havia ocorrido, mas não mencionei a Lanabisgóia. Fiquei com receio dele não acreditar em mim. Mas o que era dela estava guardado. Como diz a música: Roar da Kety Perry que estava tocando:

*"Você me derrubou, mas me levantei
Já tirando a poeira
Você ouviu minha voz, você ouviu aquele barulho
Como um raio vou fazer o seu chão tremer
Você me derrubou, mas me levantei
Prepare-se, porque já cansei
Eu vejo tudo, eu vejo agora"*

Oito horas e nada da Priscila. Estava em meu quarto e evitava as ligações do Alexandre. Não podia deixar que atrasasse o seu discurso. Mais uma ligação dele, eu respondi com um SMS dizendo que já estava a caminho. Fiquei com medo de que viesse atrás de mim. De repente a porta e o meu celular soaram ao mesmo tempo. No celular havia uma mensagem da Prí.

"Espero que você goste. Faça-me um favor. Arrase! "

Quando eu abri a porta, um homem que não parecia ser funcionário do hotel estava de pé em minha frente, segurando uma capa de plástico, e assim que ele me entregou eu abri em sua frente

mesmo. Levei minha mão para a etiqueta. Puta que pariu! Um Dior Preto. Fechei a porta e me troquei. Uma última olhada no espelho. E eu estava me sentindo poderosa. Cabelos presos em um coque, olhos bem marcados com sombra preta e na boca um batom nude. *Peep Toe* preto com detalhe em vermelho e um par de brincos de rubi completava o meu look. O vestido era um deslumbre a parte. Teria que agradecer muito o meu salvador. Ou melhor, minha salvadora.

Cansei de ser boazinha, Lana não sabia com quem se meteu. Promotora ou não, iria colocá-la em seu lugar. De preferência bem longe do meu homem.

Ferraz

Oito e meia e nada da Clara. Tentei várias vezes entrar em contato e ela não estava atendendo o celular. Já estava pronto para mandar o discurso à merda e ir atrás da minha menina. Sua justificava de atraso era que algo sobre o seu vestido. Mas não sabia o que havia acontecido. Fiz mais uma tentativa no seu celular, e mais uma vez ela não me atendeu. Passei as mãos pelo cabelo e quando estava indo em direção à porta meu celular vibrou.

Clara: Estou a caminho. =)

Respirei fundo e decidi aguardar.

– Alexandre, querido. – Virei-me na direção de quem me chamava, mas minha vontade foi de ignorar. Lana estava com um sorriso mais cínico do mundo estampado no rosto.

– Olá Lana. Não sabia que estava aqui. – Clara não gostaria nada de vê-la na festa, mas eu não sabia que ela foi convidada. Espero que minha menina não surta achando que eu escondi esse detalhe dela.

– Posso ser sua acompanhante hoje? Não queria ficar sozinha nessa festa. – Antes mesmo de Lana terminar de falar, ela foi enlaçando o seu braço ao meu.

Tirei meu braço sem levantar alarde e Lana me olhou furiosa.

– Desculpe-me Lana, mas eu já tenho acompanhante para essa noite. – Eu temia por minhas bolas caso Clara me encontrasse ao menos perto da Lana. Seu ciúme por ela foi bem óbvio.

– Sério? E quem seria essa sortuda? Não vejo ninguém por aqui. – Lana falava de modo irônico e eu tentei imaginar o porquê da sua atitude.

– Como eu disse, eu já estou acompanhado e ela deve estar chegando, agora me de licença, vou cumprimentar algumas pessoas. – Sai deixando Lana sozinha. Em poucos minutos seria chamado ao pequeno palco para que recitasse o meu discurso ao Dr. João Guilherme, um grande doutrinador e jurista brasileiro.

Nove horas. Horário marcado para o início da festa e Clara ainda não havia chegado. Decidi fazer meu discurso e ir atrás da minha menina.

Discursei de forma breve, mas não deixei de ressaltar a importância dos operadores do direito nesse país. Advogar é uma das profissões mais antiga e tão importante quanto qualquer outra. Dr.

João Guilherme foi um grande mentor para todos aqueles que assim como eu, decidiram trilhar esse caminho tão difícil.

Já estava fora do palco quando encontrei com dois casais de amigos. Não podia sair sem pelo menos cumprimentá-los.

– Dr. Alexandre. Belo discurso. – Raul, um homem de meia idade e grande amigo do meu pai me elogiou. Ele estava acompanhando por sua esposa Sônia, uma professora universitária. Do lado deles estavam, Dr. Pedro e sua esposa Dra. Suzana, ambos advogados conceituados no estado. Cumprimentei todos, e eles conversavam animadamente sobre vários assuntos que realmente não me interessavam. Tudo que eu queria era ir atrás da Clara.

– Dr. Rodrigo e o seu dom de farejar lindas mulheres. – Virei-me para ver do que o Pedro falava e praticamente congelei no meu lugar. Porra!

Rodrigo era um juiz de direito com fama de ser conquistador. Suas histórias eram conhecidas em todo mundo jurídico. Casado três vezes e com três ex-mulheres, ele não conseguia manter-se em um relacionamento monogâmico. Mas o que me deixou petrificado foi ver quem era a vítima da vez. Clara tentava se desvencilhar das investidas de Rodrigo, era nítido que ela estava desconfortável com o interesse dele. Assim que recuperei do meu choque inicial eu decidi buscar minha mulher. Vi que ele colocava a mão nas costas dela para falar algo em seu ouvido. Clara se afastou e essa era minha deixa, se ele encostasse novamente a mão na minha menina, eu seria um advogado com a ficha suja, pois iria matá-lo. Senti meu rosto queimar e minhas mãos já estavam em punho, pois qualquer passo em falso do Rodrigo eu quebraria a cara dele. Antes de chegar ao destino que eu queria Lana agarrou o meu braço.

– Não acredito que você vai dar um vexame no meio de uma festa como essa, por causa da piranha da sua estagiária. – Eu que não acreditei que ela teve a coragem de se dirigir a Clara daquela forma.

Lana percebeu meu olhar mortal, afrouxou um pouco a mão, mas não soltou o meu braço. – Desde quando você se tornou um homem das cavernas Alê? – Ela perguntou algo fácil de responder.

– Desde quando estou apaixonado. – Puxei meu braço e caminhei em direção a Clara. Teria que por um ponto final na paranoia da Lana de uma vez por todas. Consegui fazer o meu caminho entre as pessoas e já estava a poucos centímetros de Clara. Tão perto que consegui escutar a conversa mole do Rodrigo.

– Uma mulher tão linda como você, não deveria estar sozinha. Você merece um homem de verdade ao seu lado. – Ele disse e foi o meu momento de agir.

Coloquei-me ao lado da Clara e me dirigi a Rodrigo de forma firme.

– Também acho Dr. Rodrigo e é por isso que eu estou aqui. – Clara estava surpresa. Sua boca abria e fechava e eu sabia que ela estava gostando da minha aparência. Não tinha nada de muito

diferente. O evento pedia traje de gala e era assim que eu estava. Smoking preto, camisa branca e gravata borboleta.

– Desculpe-me pelo atraso. – Ela disse baixinho somente para que eu pudesse ouvir.

– Sem problemas. O importante é que você está aqui. – Disse colocando a mão em suas costas, que por sinal, mais uma vez estava nua.

– Sua acompanhante? – Achei que Rodrigo havia se retirado. Mas o infeliz ainda pairava como um urubu em cima da minha menina.

– Sim, Rodrigo. Obrigada por entretê-la até que ela me encontrasse. – Disse educadamente. Filho da Puta tire seus olhos de cima da minha mulher.

– Tenha cuidado Dr. Ferraz. Não se deve deixar uma mulher tão bela como essa a solta. Você sabe que existem muitos gaviões por aí. – Além de falar aquela asneira ele teve a petulância de piscar para a Clara. Desgraçado!

– Ficarei atento. Apesar de ter certeza que nenhum deles está à altura do que ela já tem. Peço licença Dr. Rodrigo, apresentarei Clara a alguns amigos. – Deixei Rodrigo falando sozinho e entrelacei meus dedos aos de Clara.

Ela me olhava e eu percebi que apesar de tudo estava gostando do meu jeito possessivo. Não podia me conter. Em se tratando dela, não conseguia nem imaginar outra pessoa a tocando.

– Belo concurso de mijada. – Ela sorria ao falar. A descarada estava achando graça enquanto meu sangue fervia em minhas veias.

– Estou guardando sua punição por me fazer ciúmes para mais tarde querida. – Ela colocou o seu rosto mais perto do meu para sussurrar.

– Promessas. Promessas. – Seu sorriso era lindo e cada dia que passava eu estava mais enfeitiçado por essa mulher, com jeito de menina.

– Aquilo foi o que eu chamo de um excelente resgate. – Suzana dizia em referência ao percalço da Clara com o Rodrigo. Dei de ombros sorrindo.

– Clara. Esses são Raul e sua esposa Sônia. – ela os cumprimentou com um breve aperto de mão. – E Pedro e sua esposa Suzana. – Ela repetiu o cumprimento.

– Clara é minha acompanhante para a noite de hoje, mas infelizmente por causa de um problema inesperado, ela conseguiu chegar somente agora. – Expliquei.

– Alexandre, dessa vez você se superou. Que garota linda. – Sônia dizia, e ela estava sendo totalmente sincera.

– Obrigada. Fico envergonhada de receber um elogio como esse vindo de uma bela mulher como à senhora. – Clara respondeu com sua gentileza de sempre.

– Querida, pode me chamar de você. Já passei dos cinquenta, mas isso não precisa se espalhar. – Ela piscou de forma alegre para Clara.

As duas sorriram e começaram a conversar envolvidas em um assunto qualquer. Minha mão não deixou as costas de Clara e minha vontade era de descer um pouco mais até alcançar aquele seu traseiro perfeito. Estava louco para dar alguns tapas naquela bunda deliciosa.

– Olá querida. – Alguém cumprimentou Clara.

Ouvir a voz da Lana naquele momento me deixou furioso.

– Olá Dra. Lana. – Clara respondeu sem nenhuma surpresa, parecia que ela já sabia que Lana estava na festa. Entretanto, eu vi faíscas de raiva passar em seu olhar.

– Vejo que subiu de posto. Continua estagiando na Ferraz? De estagiária a acompanhante. Foi um belo salto. – Não acreditei que essa ordinária estava tentando humilhar Clara na frente de todos. Suzana e Sônia se olharam e depois mudaram os seus olhos em direção a Clara. Estava abrindo minha boca para defendê-la quando ela mesma se pronunciou.

– Sim, Dra. Lana. Ainda estou como estagiária do Dr. Ferraz. Na verdade é uma honra e privilégio ser estagiária de um dos melhores advogados desse país. É realmente inspirador. Sem falar que trabalhar ao lado de um dos homens mais lindos desse mundo não é nada mal. – Ela piscou em direção as mulheres que a estavam encarando. Silêncio se formou e eu fiquei preocupado com a reação de todos, até que Sônia resolveu falar.

– Querida, tenho que concordar com você. Se esse homem depender de beleza para ir ao céu. Uhulll os anjos que o esperem. – Todos riram da brincadeira da Sônia, menos Lana, que estava vermelha de raiva.

– Infelizmente tenho que concordar com você senhorita. – Raul se pronunciou. – Nós do meio jurídico morremos de medo de perder nossas mulheres para Alexandre. Ele é como aquele flautista encantador, porém de mulheres.

– Impossível Raul. Sônia nunca te abandonaria. – Eu me envolvi na brincadeira.

Incrível como Clara era esperta e conseguia reverter qualquer problema a seu favor.

– Não me diga que a Dra. Lana também não adoraria estar no meu lugar? – Clara se dirigiu especificamente a Lana. Ai! Ela vai ficar possessa com essa.

– Claro. Quem não gostaria, não é mesmo? – Lana respondeu e se aquele sorriso fosse um pouco mais forçado congelaria sua face.

Clara estava toda sorridente e eu ainda mais em pensar que minha menina estava defendendo nossa relação, por mais complicada que ela fosse.

– Me daria o prazer dessa dança? – Perguntei. Estava cansando de dividi-la. Na verdade não via a hora de irmos embora para que pudesse fodê-la até o amanhecer. Assim que Clara se virou para que pudéssemos nos encaminhar em direção à pista, um burburinho feminino começou.

– Minha nossa! – Suzana disse. Clara e eu nos viramos preocupados e ela estava com as mãos na

boca. Lana estava com os olhos arregalados e a boca aberta. – Desculpe-me, não queria assustá-los, mas não me contive, afinal não é todo dia que vejo um legítimo *Dior* em minha frente. – Ela apontou para um pingente que pendia no vestido da Clara.

Clara sorriu em agradecimento. – Obrigada, posso dizer que tive uma fada madrinha hoje.

Lana saiu batendo o pé sem se despedir de ninguém. Poderia até entender que ela estava chateada, mas suas atitudes estavam demonstrando um lado dela que eu não conhecia. E não perderia tempo em tentar entender.

Uma música belíssima estava tocando, e eu não hesitei em tirar Clara para dançar. Já estava ficando louco, e ao menos a música me daria à brecha necessária para que pudesse tocar o seu corpo.

Eu não posso prosseguir

E eu não posso desistir

Tenho perdido tempo demais

E eu não sei por quê

Não consigo tirar meus olhos de você

You and Me- Lifehouse

O cheiro dela era incrível. Não se comparava com nenhum outro que eu conhecia. Segurei sua mão direita, enlacei a outra em sua cintura e começamos a balançar ao som da música.

– Desculpe-me novamente Alexandre. A lavanderia do hotel sumiu com o meu vestido, e eu tive que dar meus pulos para chegar até aqui. – Ela se explicou sussurrando em meu ouvido.

Eu sabia que havia acontecido um problema, mas nunca imaginaria que teria sido o sumiço do seu vestido. Clara usava um vestido preto com as costas nuas, aquilo me deixou louco. De um ombro ao outro no espaço sem tecido, havia umas correntes com enfeites. Havia também um pingente com as iniciais da marca. *C.D.* Seu cabelo estava preso e ela usava joias de excelente gosto. Perfeita! Minha menina estava maravilhosa. Porém não gostei de saber que ela teve que resolver esse problema sem minha ajuda. Teria que trabalhar sua confiança em mim, mas agora o que me intrigava era que a ajudou. Lá estava o homem das cavernas tomando conta de mim novamente. Questionei Clara e ele me explicou que não sabia como o vestido havia chegado, mas havia sido obra de Priscila. Teria que agradecer minha irmãzinha. Ela sabia que eu estava preparando esse final de semana para tentar trilhar o meu caminho até o coração da Clara. Ainda bem que ela apareceu. Clara ficaria decepcionada em não poder comparecer a essa festa.

– Só perdoo porque foi a Priscila. Mas quero que saiba que estou aqui. Quando algo desse tipo acontecer não hesite em me procurar. Ok? – Ela assentiu e continuou dançando. Outra música, tão linda quanto a anterior começou a tocar. Uma que eu fiz questão de cantarolar o refrão.

Não desistirei de nós.

Temos muito a aprender

Deus sabe que somos dignos

Não, eu não desistirei.

I Won't Give Up- Jason Mraz

Clara começou a respirar fundo e eu sabia que estava conseguindo atingi-la. Era esse o meu plano, mostrar a ela que podemos dar certo, que somos bons um do lado do outro. Que éramos um casal perfeito. Sabia que não seria fácil, mas as palavras de Priscila não paravam de ecoar em minha cabeça. “Ela vale a pena”.

O jantar transcorreu de forma tranquila, os únicos problemas foram os olhares mortais que Lana lançava em nossa direção e a vontade que estava de sair à francesa para terminar de aproveitar a noite com a minha menina. Clara também não ajudava, ela estava me provocando todo momento, seja fazendo gestos que me remetiam a sexo, ou acariciando minha coxa por debaixo da mesa, quase chegando a tocar meu pau.

Fim do jantar. Graças aos céus. Despedi-me de todos e caminhei com Clara até o Carro. Não via a hora de chegar ao nosso quarto. Preparei uma surpresa. Seria minha cartada final.

Resolvi que minha última noite com Clara naquele final de semana seria especial. E foda-se que seria romântico demais. Clara precisava entender que nossa relação não era mais só sexo. Eu estava apaixonado, como nunca estive na vida. Antes de sair da festa, havia deixado Clara por alguns minutos e feito uma ligação para o hotel. Pedi um pouco de tudo e aproveitei para marcar uma reunião com o gerente pela manhã. Ainda estava inconformado com o sumiço do vestido da minha menina. Eles teriam que me dar uma boa explicação. Ligação feita, eu peguei Clara e dirigi de volta para o hotel. Concentrei-me no caminho e pude notar que Clara estava incomodada com o meu silêncio. Não podia explicar, não podia olhá-la, se a tocasse então, iria me perder. Precisava esperar, por que se não minha surpresa não teria propósito nenhum. Assim que chegamos, eu a conduzi para o quarto, mas antes de abrir a porta eu retirei algo que trazia no bolso e andei em sua direção.

– Vire-se. – Ela me olhou confusa, mas não hesitou em me obedecer. Tirei a gravata azul que ela havia me dado, a mesma que eu fui amarrado enquanto ela montava em mim.

- Lembra quando eu te disse que você iria me pagar?- Colei meu corpo ao da Clara e tenho certeza que ela percebeu que meu pau já estava totalmente ereto, pois ela se ajeitou apertando ainda mais seu traseiro contra o meu corpo. Estendi a gravata diante dos seus olhos e ela suspirou.

– O que você vai fazer? – Me perguntou curiosa. Ainda me esfregava em sua bunda e agradeci por estarmos sozinhos. Estávamos dando um show de preliminares no meio do corredor do hotel.

– O que eu vou fazer? – Alcancei o seu ouvido para que pudesse sussurrar. – Eu não vou fazer

nada. – Ela tentou se virar, mas a segurei no mesmo lugar. – Nós vamos fazer amor. Lento e devagar. – Depois de falar eu cobri seus olhos com a gravata e amarrei.

– Alê... – Não a deixei que falasse.

– Shhhh! Hoje farei amor com você, e durante todo o tempo você estará com os olhos vendados, em nenhum momento você poderá ver o que está acontecendo.

– Mas Alexandre...– Virei seu rosto e a calei com um beijo.

– Sabe por que farei isso Clara? – Ela estava ofegante, o beijo que tínhamos dado era carregado de desejo. – Por que eu quero que você sinta. Não quero que olhe o que estamos fazendo, pois o olhar nos engana. Você tem que ver com o seu coração, com sua alma.

Após alguns eternos segundos em que aguardava sua aprovação, Clara balançou a cabeça em sinal de confirmação e eu abri a porta do quarto. Ela não podia ver, mas todo o quarto estava cheio de flores e velas. Tenho certeza que ela podia sentir, pois o clima daquele local se transformou. Coloquei o sistema de som para funcionar e a conduzi até a cama. Sentei-a na beirada e pedi que me aguardasse. Sabia qual era sua música favorita, e por isso iria usá-la. Havia encontrado uma versão acústica do Rock que ela mais gostava, aquele que deu origem a sua tatuagem.

Servi duas taças de champanhe e entreguei a Clara à taça que lhe pertencia. Já havia tirado a minha gravata e Clara permanecia imóvel no mesmo lugar.

– Beba. – Estava louco para amá-la, mas precisava manter a calma. Clara lambeu os lábios após o primeiro gole da bebida e eu não resisti. De frente para ela, mas sem me encostar em seu corpo eu passei o dedo sobre seus lábios, primeiro o inferior e depois o superior, eles estavam molhados pelo champanhe e meu pau doía com a lembrança de estar dentro da sua boca.

– Alexandre, essa música é... – ela não terminou de falar. Eu sabia que significava algo para ela, mesmo assim eu fazia questão de colocá-la.

– Eu sei que significa algo do seu passado, e por isso a coloquei. Eu quero tudo de você Clara. Presente, passado e futuro, e aceito tudo que você tiver para me dar. Sinta o cheiro... – Pedi, e ela respirou fundo.

Eu faria qualquer coisa por um sorriso,

segurando você até nosso tempo acabar.

Nós dois sabemos que o dia irá chegar,

mas não quero te deixar...

A música ainda tocava e eu analisava a letra olhando a menina que estava na minha frente.

– O que você está fazendo Alexandre? Por que não vem até mim? – Ela estava ficando impaciente.

– Estou admirando sua beleza. – Levei o líquido que ainda restava a minha boca. Estava sentado em uma poltrona de frente para cama. O desejo queimava em minha pele somente por admirá-la. Aproveitei que estava sentando e tirei os sapatos junto com as meias. Levantei-me e desabotoei a camisa. Descartei-a na poltrona agora vazia e caminhei em direção à mulher linda que me aguardava. Retirei a taça já vazia de suas mãos e coloquei em uma mesa que ficava ao lado esquerdo da cama. Levantei seu vestido até suas coxas, mas fazendo o possível para não tocá-la. Fiquei entre suas pernas e levei suas mãos até meu corpo.

– Toque-me. – Clara começou a passar sua mão delicada por todo o meu abdômen e as levando em direção ao meu peito. Acabei soltando um gemido, pois seu toque era minha perdição. Clara sorriu.

– Quero ver você. – Ela pediu, mas levei um dedo em sua boca a impedindo de falar.

– Apenas sinta. – Suas mãos começaram a descer um pouco mais e eu senti que seus dedos roçavam meu pau por cima da calça. Afastei-me, pois não aguentaria por muito tempo se ela fosse por aquele caminho.

– Levante-se. – Foi uma ordem e minha menina obedeceu. Devido a seus saltos ela estava praticamente na mesma altura que eu.

A primeira música da play list havia terminado. Agora Leoni cantava o quanto um garoto pode se perder em uma mulher.

Seus olhos e seus olhares.

Milhares de tentações.

Meninas são tão mulheres.

Seus truques e confusões.

E era assim que eu me sentia em relação à Clara. Perto dela eu era só um garoto. Sem direção e sem rumo. Tirei o seu vestido e como eu previa, ela não estava usando sutiã. Sua calcinha era simples, sem muitos detalhes. Seus mamilos estavam rígidos. Levei minhas mãos até seus seios e com uma mão em cada um eu comecei acariciá-los. Devagar. Essa era minha palavra de ordem da noite.

– Alê eu estou com tanto desejo, por favor. – Ela começou a implorar por mais, mas eu ignorei o seu pedido.

– Dança comigo? – Mesmo sem ver os seus olhos eu pude perceber sua confusão.

– Assim, sem roupa? – Perguntou confusa, como eu senti que ela estava.

– Assim. Deliciosamente sem roupa. – Embalei Clara em meus braços, e diferentemente da nossa dança na festa, eu levei minhas duas mãos a sua cintura enquanto ela enlaçava as delas no meu pescoço.

– Você cheira tão bem. – Ela passou o nariz pelo meu pescoço me cheirando e pela milésima vez

naquela noite eu amaldiçoei esse meu plano maldito de levar as coisas de forma lenta. Ter Clara nua em meus braços enquanto dançávamos, foi uma das melhores sensações que já experimentei, mas não aguentava mais de tanto desejo.

– Deite-se. – Clara soltou dos meus braços e antes que eu a encaminhasse até a cama eu tirei os grampos que prendiam o seu cabelo. Ela deitou com as costas na cama e eu me deleitei com aquela visão. Era como uma miragem. Uma gota de água para um viajante no deserto. Mas uma gota era muito pouco, eu queria me embriagar dela.

Levantei uma de suas pernas e distribui beijos ao longo de seu tornozelo até sua coxa, retirei sua sandália e repeti todo o movimento em sua outra perna.

Peguei um óleo corporal que a Prí havia me ajudado a escolher. Abri o vidro, deitei-me ao lado da Clara na cama e levei o frasco até o seu nariz. Assim que ela sentiu o cheiro um sorriso se abriu no seu rosto.

– Chocolate? – Senti que ela havia gostado. Minha intenção naquela noite era privar Clara de sua visão, fazendo com que ela usasse os seus outros sentidos. Comecei com o paladar ao lhe oferecer o champanhe. A audição estava sendo aguçada com as músicas que havia escolhido a dedo. E agora usaria o seu olfato junto ao tato.

– Vire-se minha menina, vou lhe fazer uma massagem. – Clara mexeu-se na cama, ficando na posição que eu havia pedido. Ajoelhei-me ao seu lado e comecei a passar a mão por todas as suas costas, tracei meu dedo em toda a extensão de sua tatuagem, enquanto repetia mentalmente que estava aproveitando o dia. Clara gemia e fazia sons que me deixava louco.

Derramei quase todo o frasco do óleo em seu corpo e comecei a massagear. Claro que eu não era uma massagista profissional, mas sabia fazer alguns movimentos básicos.

– Que delícia! – Clara murmurou. Ela estava divina, nua, com o corpo lambuzado e escorregadio do óleo. Minhas mãos desciam pelas suas costas até que eu alcancei sua bunda deliciosa. Afastei o seu traseiro e derramei óleo pela sua entrada. Todo o corpo da Clara começou a se arrepiar.

– Por favor, Alexandre. – Estava na hora de começar a satisfazê-la.

– Você quer que eu te toque aqui? – Afastei os lábios de sua buceta e comecei a provocá-la. Clara se contorceu lindamente. – Ou você quer que eu te toque aqui? – Introduzi a ponta do dedo indicador em sua outra entrada. Aquela, ainda inexplorada por mim. – Diga o que você quer Clara. – Alterei o meu tom de voz.

– Toque minha buceta. Me possua. Quero sentir os seus dedos dentro de mim. – Pediu com uma voz rouca de tesão.

Suas palavras me provocavam e a visão de seu corpo tão entregue a mim me deixava cada vez mais duro. Introduzi um dedo em sua buceta e comecei a meter bem devagar. Deus! Como ela estava molhada.

– Isso tudo é para mim? Minha menina gosta que eu lhe diga como ser minha boa puta? – Seria romântico essa noite, mas não deixaria de ser quem eu era. Além do mais, sabia o quanto minhas palavras sujas a excitava. Essa era uma arma da qual não abriria mão. Nunca!

– Alexandre, eu não aguento mais. Preciso de você dentro de mim. – Eu sabia que aquilo tudo estava sendo demais para ela, pois me sentia da mesma maneira. Tudo que eu havia preparado deixava a sexualidade de Clara a florada. Seu corpo estava quente, sua buceta estava encharcada e tremores já davam sinal que o tesão a possuía. Estava na hora de penetrá-la. Sai da cama, peguei um preservativo e voltei para ela. Tirei minhas calças e sem perder tempo fiquei sem minha boxer. Enrolei o preservativo pelo meu pau, que estava duro como rocha. Acho que eu nunca fiquei tão excitado em toda minha vida.

– Fique deitada querida, vou subir em você. – Clara ficou rente à cama e eu me ajoelhei no colchão, com uma perna em cada lado de sua bunda. Inclinei meu pau para a entrada de sua buceta e comecei a penetrá-la. Clara gritou e eu fiquei com medo de gozar antes mesmo de fazer todo o meu caminho dentro.

– Tão apertada. Tão gostosa. Tão minha. – Centímetro por centímetro eu invadia seu interior. Meu corpo tremia e a vontade de fodê-la rápido e forte me torturava cada vez mais.

– Rápido Alê, eu preciso disso. – Ela suplicava, mas eu neguei.

– Não! – Por mais que fosse doloroso demais, eu queria convencê-la de que queria mais que somente o seu corpo e para isso precisava manter as coisas lentas. Assim que senti todo o meu comprimento em seu interior eu respirei fundo e tentei me acalmar.

– Linda! – Falei em um tom baixo, enquanto passava as mãos em suas costas, ainda escorregadia pelo óleo. O cheiro de chocolate estava no ar. Clara levou as mãos até a gravata, mas eu a adverti.

– Não. Não minha menina. Apenas sinta – Ela colocou as mãos novamente na cama e eu comecei a me mexer. Puta merda! Eu sabia que não duraria, mas seria mais rápido do que eu pensei. Bombeava devagar, trazia todo o meu pau quase o tirando para fora e a penetrava novamente em um único golpe. Clara estava tão apertada que mesmo através do preservativo eu podia sentir o calor do seu corpo me aquecendo. Levei o meu dedo até o seu traseiro e comecei provocá-la. Assim que ela sentiu meu toque começou a gemer ainda mais alto.

– Menina, eu não suporto mais – Estava no meu limite. Já sentia o êxtase tomar conta do meu corpo.

– Estou quase gozando Alexandre. – Sua voz não era nada mais que sussurros. A música que agora tocava já estava na metade e eu não pude deixar de perceber que ela era perfeita para o momento em que estávamos.

Porque eu não quero perder você agora

Estou olhando bem para a minha outra metade

O vazio que se instalou em meu coração

É um espaço que agora você guarda

Sai de dentro da Clara para que pudesse virá-la na cama, por mais que a quisesse de olhos fechados eu não podia gozar sem ver seu olhar. Seus olhos revelavam os seus sentimentos, e eu precisava saber o que se passava na cabeça da minha menina.

– Por Favor, não pare. – Clara reclamou assim que meu pau estava fora do seu corpo.

– Vire-se. Preciso ver os seus olhos enquanto te faço gozar. – Clara ficou de barriga para cima e eu não resisti ao ver sua buceta tão molhada. Já estava quase gozando, mas precisava sentir o gosto da minha menina. Escorreguei na cama e consegui alcançá-la. Afastei seus grandes lábios e antes que ela pudesse reagir eu comecei a chupar o seu clitóris. Clara ergueu o quadril retirando sua bunda da cama, eu a segurei no ar e comecei a chupar com mais força.

– Vem comigo Alê. Quero gozar com você dentro mim. – Seu pedido era uma ordem.

Levantei-me e antes de penetrá-la novamente eu tirei a gravata que cobria os seus olhos.

Ontem é história

E amanhã é um mistério

Posso ver você olhando de volta para mim

Mantenha seus olhos em mim

Mantenha seus olhos em mim

Seus olhos brilhavam como dois diamantes e eu vi algo que não esperava. Uma lágrima solitária desceu em seu rosto e eu levei minha mão para que pudesse secá-la. Preocupação me atingiu e eu não sabia o que fazer.

– O que foi Clara? – Tentei me afastar do seu corpo e levantar da cama, mas ela segurou meu pulso me fazendo parar.

– Não pare. Volte a me possuir. Eu preciso de você. – Pediu e mesmo preocupado com o que estava acontecendo eu fiz o que ela havia me pedido. Voltei a me fundir a ela. Completamente em seu interior eu comecei a intensificar as minhas investidas.

Com uma das mãos eu segurei seus braços acima de sua cabeça e a outra levei até um dos seus seios. Abaixei minha cabeça e dei-lhe um beijo. Deixei que minha língua fizesse o caminho dentro de sua boca. Desesperado. Era assim que definia aquele beijo.

– Linda! Maravilhosa! – Desgrudei os nossos lábios e levei a mão que estava em seu seio para seu rosto. Acariciei sua bochecha e senti as paredes da sua buceta se contraírem. Ela estava gozando.

– Alê eu vou gozar! – Ela me encarou e eu fiquei preso em seus olhos.

– Goza Clara. Eu sou seu, minha menina. Goza para mim. – Soltei seus braços e levei minha mão até o seu clitóris. Também estava a ponto de explodir, mas queria que ela viesse junto. Seu corpo se arqueou e ela cravou as unhas em meus ombros. Era delicioso vê-la gozar. Segui o mesmo caminho e gozei olhando em seus olhos.

– EU.SOU.SUA!

Paralisei ao som daquelas palavras.

“Você é... Você é o amor da minha vida.”

Mirrors- Justin Timberlake

Clara

Passaram-se dois meses desde que eu disse as benditas palavras que o Alexandre queria ouvir. Depois de tudo que ele fez, eu não consegui suportar os meus próprios sentimentos pedindo para serem libertados. Enfim, acabei dizendo o que há tempos eu já sabia que era verdade. O que mudou? Tudo e nada. Tudo, por que se antes Alê achava que tínhamos uma relação, agora ele estava ainda mais certo disso. E nada, por que eu ainda não conseguia abrir meu coração para que ele entrasse completamente. Algumas regras do nosso acordo ainda estavam de pé, ninguém além de Prí e Bruno sabiam do nosso relacionamento. Ferraz ainda não conhecia o interior da minha casa e os encontros românticos estavam fora da lista. Para esse último, Alexandre se superava a cada dia, encontros com ele nunca eram chatos e previsíveis.

Fomos assistir uma luta de UFC. Aquela noite foi uma loucura, já havia assistido esse tipo de luta pela TV, mas nada se comparava com a coisa ao vivo e real. No começo eu fiquei vidrada na entrada dos lutadores. Nunca senti tanta vontade de lavar roupa na vida. Jesus! Maria! José! Tanquinho era pouco para eles. Alê notou meu queixo caído, e beliscou minha costela para que pudesse prestar atenção nele. Achei que ele brigaria pela minha análise, digamos que, um pouco mais crítica sobre os lutadores. Mas que nada, ele abriu um sorriso perfeito e me deu um beijo em público. Ainda não estava acostumada com suas demonstrações de afeto na frente de todos, mas de vez em quando eu o permitia ter essa liberdade. Assim que a luta começou, todo o meu deslumbramento foi por água abaixo. Socos, chutes, empurrões, sangue, machucados. Pai amado! Na TV eles não pareciam se machucar tanto. A cada round eu pedia que um deles caísse logo, para que aquela tortura acabasse de uma vez. No fim, acabei me escondendo atrás de Alexandre cada vez que percebia um novo golpe se aproximando. Alê gargalhava o tempo todo do meu medo. Sério! Acho que depois daquela experiência, luta de UFC, somente pela TV.

Depois da luta fomos para o apartamento dele, transamos como loucos a noite inteira. Começamos no sofá e acabamos no banheiro. E essa era uma regra que havia caído. Quase todos os dias, Alexandre me buscava para que eu passasse a noite em seu apartamento. Algumas vezes eu voltava para dormir em casa e em outras não. Sexo com Alexandre estava cada vez melhor. Cada toque, sussurro, palavra e pulsar de seu corpo dentro do meu, me deixava ainda mais atraída por aquele homem. Ele não cobrou mais aquelas palavras de mim. Eu não repetia sempre, ainda estava assustada com aquele sentimento, mas algumas vezes sentia necessidade de colocá-lo para fora. Quando isso acontecia, imediatamente todo o corpo de Alexandre entrava em combustão. Sentia que ele precisava ouvir aquelas palavras, para reafirmar ainda mais sua posse sobre mim.

Os dias na Ferraz iam de vento e polpa. Aprendia cada vez mais com o Alexandre e ele fazia

questão de me ensinar cada “artifício” ou “truque” que eu pudesse levar para prática.

Nando, assim como eu pensei, estava sendo um refresco no meu dia a dia. Sua presença tornava minha vida muito mais alegre e minha casa preenchida. Eu até esquecia um pouco a solidão. Mas de vez em quando ela voltava, e nesses dias eu recusava os convites do Ferraz e me trancava no quarto. Chorava por horas ouvindo minha música favorita, que agora não só me lembrava de Felipe, mas também de Alexandre.

Nando não me questionava. Nem pelos meus dias de melancolia e nem com quem eu passava minhas noites fora. Acho que Laís deu algumas dicas para ele, de “como ser meu amigo sem se intrometer em minha vida”, afinal, ela fazia isso muito bem.

E falando em Laís; ela e o Bruno estavam como cão e gato. Depois do nosso encontro vergonhoso, em que peguei Bruno com o Dudu no colo e banana no cabelo, havia encontrado com ele algumas vezes. Vire e mexe ele aparecia onde a Laís estava. Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas pelo que Laís havia me contado, ele a pediu em namoro, mas ela ainda estava com um pé atrás em relação a sua promiscuidade. O engraçado era que ela não conseguia evitar ficar sem ele, pelo menos sexo eu sabia que rolava ali. E pelos relatos da Laís, ela estava certa quando disse que Bruno cheirava bons petiscos. Minha amiga estava no céu.

Apesar da normalidade, apenas Diego me intrigava. Pelo menos duas vezes na semana saíamos para tomar café após o expediente. Ele era uma excelente companhia, conversávamos sobre vários assuntos. Apesar de sua cordialidade de sempre, Diego estava um pouco estranho. De vez em quando recebia um flerte vindo dele, e outras vezes ele me interrogava de maneira superficial mais sem ser invasivo demais. Sobre quem era o sortudo que estava em minha vida. Sabia que ele estava desconfiado de algo. Havia comentado com Ferraz e estávamos preparando para confessar a ele e a Laís sobre nosso “relacionamento”. Eu apenas pedi um tempo para me acostumar com a ideia de todos a minha volta saberem que eu baixe a guarda.

Patrícia se mostrava a biscate de sempre. Se insinuando para tudo que possuía um pau e que tivesse menos de sessenta anos. Apesar da sua beleza, que infelizmente eu reconhecia, pois ela era linda. Não acreditava que Diego, Bruno ou Alexandre, se envolveriam com ela. Eles sabiam que uma noite de sexo com Patrícia poderia trazer consequências amargas. Ela nunca dava ponto sem nó e ainda me encarava como se soubesse algo a meu respeito e estivesse preparando o bote. Cobra!

Lana não apareceu mais. E isso sim, me preocupava. É muito melhor uma mulher rejeitada que faz escândalo, do que uma mulher rejeitada que fica somente a espreita. Estava mantendo um olho em Ferraz com essa mulher. Ela não me cheirava coisa boa. Mas ele me garantiu que após o congresso, a única coisa que eles tiveram foi uma ligação, onde Alexandre colocou um ponto final na história deles. Mas eu, não acreditava que Lana desistiria assim tão fácil. Ela se mostrou disposta a fazer da minha vida um inferno se eu continuasse com o Alê. E como eu não estava

nem aí para porra nenhuma, o que ela me disse entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Vadia!

As consultas com Cristina na Ferraz estavam me deixando incomodada. Ela remexia cada vez mais em meu passado. E eu me sentia invadida, mas acabava contando algo aqui e algo ali. Cristina era esperta. Eu sabia que ela estava me analisando, mas como todos os funcionários eram obrigados a passar por aquela conversa eu não podia evitá-la.

Quarta-feira e depois de caminhar por duas horas no parque perto do meu apartamento, eu resolvi voltar para casa. A playlist de rock nacional que eu sempre ouvia ao correr ainda tocava alto no meu *iPod*. No momento, uma música que eu amava da Legião Urbana tocava e eu cantarolava junto, enquanto entrava em meu prédio.

*Então me abraça forte e,
Me diz mais uma vez
Que já estamos distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo,
Tempo Perdido - Legião Urbana*

Assim que entrei Nando fez questão de cantar as últimas palavras comigo. Perguntei me jogando no sofá, o que havia deixado ele feliz. Lembrei que estava toda suada, então escorreguei pelo sofá me sentando no chão. Nando começou a explicar que estava de bem com a vida, ainda mais agora que encontrou duas melhores amigas, bati em seu braço fingindo ciúmes da Laís.

– Lindinha você é a melhor, mas não posso me esquecer da minha “furacão”. – Ele explicou. Ri alto do apelido que Nando colocou em Laís. Ele começou chamá-la assim desde o domingo em que ela chegou como uma louca em nosso apartamento, após ter passado a noite com Bruno. Laís estava descontrolada. Eu e Nando não conseguíamos para de rir do seu desespero.

– E para provar que você é a melhor. A diva das divas...– ele fez uma pausa – eu tenho um presente para você.

Bati palmas como uma criança. Tem coisa melhor que ganhar presentes? Ops! Tem. Transar com o Ferraz. Delícia!

– Vamos? O que você está esperando? Adoro presentes. – Nando sorriu, mas não se moveu.

– Calma lindinha. Seu presente vai ser sábado. Estamos preparando algo de abalar as estruturas. Só lhe peço que: Compre um vestido *bafo* e reserve sua noite de sábado para mim, pois vou lhe usar.

– Ok! Senhor “clichê de novela”, mas posso saber a quem você se refere quando diz “estamos”?

Olhos de quem estava aprontando estavam em minha frente me encarando.

– Eu e Laís. Agora você não vai arrancar mais nenhuma palavra da minha boca. – Nando imitou um fechar um zíper e se calou.

Ferraz

Dois meses! Dois meses que eu ouvi as palavras mais esperadas da minha vida. Quando Clara

disse que era minha eu congelei, tive vontade de gritar e sair correndo, avisando para o mundo inteiro ficar longe da minha menina. Ela me pertencia. Foi inexplicável o sentimento que tomou conta de mim. Clara ainda estava receosa de repetir aquilo, mas eu sabia que muita coisa havia mudado depois daquele final de semana. Ela estava mais entregue, mais aberta, mais consciente dos seus sentimentos. Obvio que as coisas não mudariam de uma hora para outra, mas eu estava no caminho certo. Cada dia eu me esforçava ainda mais, para entrar no coração da minha menina. Estava trabalhando muito nos últimos dias. Vários casos novos surgiram e Clara se mostrava cada vez mais integrada no escritório. Eu fazia questão de passar todo o meu conhecimento para ela. Minha menina seria uma excelente operadora do Direito... Eu não tinha dúvidas. Sua inteligência, rapidez e perspicácia são notáveis.

Minha irmã Priscila retornou para Espanha. Foram obrigados a adiar o casamento, devido a um problema de saúde com a mãe de Juan. Minha irmã não ficou feliz, mas ela nunca abandonaria seu noivo em um momento como aquele.

Ainda estávamos à procura do maldito que tinha feito às ligações. Eu mantinha um olho em Araújo, nada me tirava da cabeça que ele estava planejando algo contra mim ou contra minha família. Mas, como não conseguimos nenhuma prova, recuei e até pensei em outras possibilidades.

Eu estava no shopping tentando comprar um presente de aniversário para Diego, Diego dispensou qualquer tipo de festa, na verdade ele fez algo muito solidário: pediu para seus amigos comparecerem na Ferraz, e combinou com todos os funcionários e colaboradores do escritório, que durante o dia do seu aniversário haveria uma campanha de doação de sangue na empresa. Ele não queria presentes e sim que todos doassem sangue para o Hemocentro da cidade. Todos concordaram e parabenizaram Diego por sua atitude. E eu claro, senti um orgulho enorme do meu irmão fedelho. Mesmo sabendo que ele não queria presente, e que eu faria parte da campanha desenvolvida por ele, eu resolvi lhe presentear com algo que tenho certeza que meu irmão ficaria louco. *Playstation 4*. Diego além de ser fissurado por cinema, amava jogar vídeo game. Ou seja, acertaria em cheio o presente.

Quando sai do shopping mandei uma mensagem para Clara, perguntando se poderia buscá-la. Meu desejo por ela nunca cessava. Havia noites em que transávamos muito. Era até engraçado como nossos corpos se encaixavam e sentiam vontade de estar cada vez mais perto. Se nos fundíssemos um ao outro ainda seria pouco. Quando Clara respondeu eu já estava em casa.

“Clara- Sem clima hoje. Desculpe =(“

Decepção me atingiu, mas eu estava consciente, forçar seria pior. Nesses três meses com Clara, aprendi que ninguém entrava em seu passado, ela tentava esconder, mas eu sabia que algo de

muito grave havia acontecido. E minha intuição dizia; esse passado era algo que poderia afastar minha menina de mim.

Trocamos mensagens nos despedimos e eu sorri pelo apelido que ela me deu. Lobo mau. Adorava esse nosso jogo de gato e rato. Era excitante.

Deitei-me cedo, mas acontece que dormia bem mais fácil e de forma tranquila com Clara em meus braços. Mesmo quando eu a levava de volta ou ela voltava por conta própria, era mais fácil pegar no sono. A melhor coisa era seu cheiro em meu corpo e em minha cama. Após horas tentando dormir, enfim eu consegui adormecer.

Cheguei ao escritório cedo e fiquei impressionado, pois a equipe do Hemocentro já estava se instalando. Cumprimentei a equipe e passei direto para a sala de Diego.

– Ei... – Diego estava sentado, mas quando me viu com aquele embrulho enorme nas mãos, ele sorriu... – Estou vendo um cabelo branco aí? – Provoquei.

Diego se levantou e veio em minha direção já de braços abertos. Coloquei o presente em cima da cadeira e envolvi meu irmão em um abraço fraterno.

– Feliz aniversário Diego. – Bati nas suas costas. Desejei todas as coisas boas do mundo para ele, pois Diego merecia todas elas. Levantei o embrulho e o entreguei em suas mãos. – Tenho muito interesse ai nesse presente. – Disse me sentando na cadeira, aguardando enquanto Diego abria seu presente.

Os olhos dele brilharam ao ver o vídeo game. Meu irmão era um molecote mesmo. Ele me agradeceu novamente e eu saí em direção a minha sala. No meio do caminho, encontrei com minha menina conversando com uma das enfermeiras do Hemocentro.

– Bom dia, Clara. – Cada vez que ela sorria meu mundo se tornava melhor. Estava parecendo uma mulher de saias. Foda-se essa porra. Eu não me importava.

– Bom dia Dr. Ferraz. Louvável essa iniciativa do Dr. Diego. Eu nunca pensaria em comemorar meu aniversário ajudando quem precisa. – Assim como todos ela elogiou meu irmão.

– Isso é bem a cara do Diego mesmo. E então, já doou? – Perguntei apontado para a sala. Clara estava tensa enquanto observava a enfermeira. Será que minha menina estava com medo?

– Não. Ainda não. Acabei de fazer os testes para saber se está tudo bem comigo e se estou apta para doar. Estou aguardando os resultados. – Disse e olhou novamente para a enfermeira. Tive vontade de perguntar o que estava acontecendo, mas antes que fizesse isso, Clara avisou que voltaria para sua sala e então saiu. Fiz todos os testes necessários e aguardei o resultado. Negativo para hepatite, HIV e qualquer outra doença que pudesse me impedir de ser doador, então eu fiz logo minha doação para poder voltar ao trabalho.

O dia como eu previ, foi uma loucura. Passei muito tempo sem falar com Clara, foi um entra e sai de gente em minha sala, fiquei estressado. Mas todos queriam prestigiar Diego, então me acalmei.

Fim do dia e Clara já havia saído antes que eu pudesse voltar a vê-la. Infelizmente passaria mais uma noite sem minha menina. Minha mãe estava fazendo um jantar em homenagem ao Diego e eu não poderia faltar.

Passei em casa, tomei um banho rápido e me vesti de forma casual. Calça jeans e camiseta preta de manga, pois à noite estava um pouco fria. Oito horas e eu estava na casa dos meus pais. Mamãe me recebeu com um puxão de orelha por ter ficado tanto tempo sem visitá-los, mas logo me abraçou de forma carinhosa. Papai estava conversando animadamente com Diego em uma mesa ao redor da piscina, quando eu os interrompi.

Ficamos algum tempo conversando e logo, minha mãe nos chamou para jantar.

Eu e Diego apostamos corrida para ver quem chegaria primeiro. Ao chegarmos à porta ao mesmo tempo ficamos brigando para entrar. Minha mãe perdeu a paciência, mas ela não conseguiu segurar a cara de brava por muito tempo. Levamos uma reprimenda seguida de um sorriso. Eu sentia falta desse ambiente familiar, mas com a vida que eu levava era praticamente impossível estar ao lado deles diariamente. O jantar correu de forma descontraída, acompanhado da deliciosa lasanha da Dona Graça. Quando terminamos, papai nos chamou para uma conversa.

– Eu e sua mãe estamos pensando em descer para aproveitar a serra, vocês não querem ir? – Meu pai nos convidou e eu fiquei inclinado a aceitar, mas a possibilidade de passar todo o final de semana longe da Clara me deixava agoniado. Estava pronto para recusar quando Diego se pronunciou.

– Não vai dar. Combinei de sair com alguns estagiários da Ferraz no sábado. Se o senhor tivesse feito o convite antes. – Quando ouvi as palavras de Diego fiquei em alerta. Será que ele sairia com Patrícia? Impossível. Ele não cairia na lábia dela. Então, só restava Nando e... não! Recusava-me a enxergar Clara saindo com Diego sem comentar nada comigo.

– Você acha prudente se misturar de forma tão pessoal com os colaboradores da Ferraz? – Meu pai questionou Diego.

– Se fosse qualquer outro estagiário, eu diria não, mas Nando e Clara são pessoas confiáveis. – Não acreditava nisso. Diego confirmou o que eu mais temia.

– E aonde vocês irão? – Perguntei me sentindo um idiota.

– Nos vamos a um show. Na verdade é uma surpresa. Nando está preparando para Clara, devido a ajuda que ela está oferecendo para ele. Vai ser legal. Ela não ficará sabendo de nada até chegar ao local. – Ele explicou, mas me olhou receoso e continuou falando. – Clara não sabe que eu vou. Nando comentou comigo hoje à tarde e eu me convidei para ir junto. – Completou como se entendesse minha angustia.

Suspirei aliviado. Pelo menos minha menina não estava me escondendo nada.

– Posso acompanhá-los? – Perguntei por perguntar, pois com ou sem o consentimento do meu

irmão eu não abriria mão de estar junto da Clara.

– Não sei! Ultimamente você não sai para nenhum lugar, por que esse súbito interesse agora? – Diego interrogou de forma cínica.

Não via a hora de contar logo para Diego sobre Clara, não estava suportando mais as indiretas dele. Levantei e coloquei a minha xícara em cima da mesa. Meu pai estava absorto no jogo e não prestava atenção em nossa conversa.

– Pois, é resolvi voltar a sair. E de quem é o show? – Perguntei curioso.

– Mano, acho será puta show... – ele xingou e na mesma hora minha mãe gritou da cozinha. – Olha a boca Di!

– Foi mal! – Diego respondeu divertido. – Então, o cantor chama-se Dereck Mayer. – Continuou explicando.

O nome não me era desconhecido eu tinha até algumas músicas dele no meu *lphone*. Fiquei imaginando que seria uma noite legal...

Clara

Estava apavorada. Por mais que Nando tivesse tirado um pouco minha preocupação na noite anterior, me contando sobre a surpresa que ele e Laís estavam preparando, eu quase não preguei o olho. Meu martírio começou quando Diego avisou no escritório sobre a campanha de doação de sangue. Eu não poderia doar sangue. O meu problema ou solução, sei lá como posso chamar essa maldição, me impedia de fazer essa boa ação. Infelizmente todos no escritório ficariam sabendo do meu tormento e o que eu tentava esconder a todo custo. Para contar sobre minha condição eu deveria contar sobre Felipe. Isso acabava comigo, rachava meu coração ao meio. Não estava preparada para abrir essa parte do meu passado.

Cheguei cedo ao escritório. A equipe do Hemocentro já estava montando a sala de doação, então chamei a enfermeira responsável para uma conversa. Expliquei meus motivos e pedi que não contasse a ninguém. Ela concordou comigo mesmo não entendendo. Eu estava acostumada. Ninguém entendia. Ninguém tinha noção do meu sofrimento, por ter roubado a vida do homem da minha vida. Mesmo sabendo que não poderia doar, eu fiz questão de fazer os exames preparatórios. Negativo para tudo. Se não fosse o acontecido há três anos, eu seria uma doadora em potencial. Mas cada um vive a vida que merece. E apesar de eu não merecer a minha, eu me adaptava ao que tinha.

Durante todo o dia muitas pessoas estiveram no escritório para participar da campanha. Aquilo me deixou emocionada. Como Nando dizia; Diego realmente era um príncipe. A mulher que tivesse seu coração teria um grande tesouro para cuidar, mas infelizmente ou felizmente, eu pendia para o lado mal da família. Ferraz era um tsunami em minha vida.

Quinta-feira voou e a sexta-feira estava indo no mesmo caminho. Muito trabalho e eu quase não tive tempo de conversar com Alexandre, a não ser sobre os assuntos que interessava o escritório. Combinei de ir com a Laís ao shopping, afinal, teria uma surpresa me esperando no sábado. Como eu não fazia ideia para onde estava indo, eu levei Laís para me ajudar a escolher o que comprar. Enquanto comparava o vestido, troquei algumas mensagens com Alexandre, por incrível que pareça ele sabia aonde eu iria no sábado e me informou que também estava incluído na surpresa. Ótimo! Agora além de não saber para onde eu estava indo eu deveria esconder meus sentimentos por Ferraz de todos nossos amigos.

– Vamos comprar logo esse vestido. – Disse para minha amiga, enquanto entrávamos na loja.

Depois de muito experimentar, optei por um vestido roxo curto com uma abertura nas costas. Ele era colado e acentuava minhas curvas. Apesar da minha relutância com Laís pela escolha por ser sexy demais eu acabei levando, pois ela me disse que ele era perfeito para o local misterioso que iríamos.

Quando cheguei em casa, Nando estava sentado no sofá com seu notebook e um livro na mão. – Oi Nandinho. – Estava morrendo de vontade de perguntar como o Ferraz sabia do nosso programa, mas precisava fazer isso com cautela. Daria muito na cara se dissesse que troquei mensagens com Alexandre. – Nando – eu disse, enquanto pegava uma água na geladeira – Quem vai com a gente amanhã mesmo? Somente eu, você e a Lá? – Vi que ele havia se sentado para me responder. – Na verdade Clarinha, seríamos apenas nós, mas então o Dr. Diego se convidou para ir junto e hoje me avisou que o Dr. Alexandre também vai, e Laís chamou o Bruno. Espero que não se importe. – Ele deve ter notado minha cara de surpresa e preocupação. Se já não bastasse Alexandre, teria que me preocupar com o ciúme que ele sentia do Diego.

Será uma noite e tanto.

Acordei bem tarde. Sábado era dia de descansar. Nando teria aula durante quase todo o dia e eu precisava me preparar para a noite.

Almocei sozinha e logo após fui para o salão. Tempos depois voltei para casa com unhas feitas e cabelo hidratado.

Laís havia acabado de chegar, pois havíamos combinado de nos arrumar juntas.

– Que horas o Bruno vem? – Perguntei.

Laís explicou que Bruno precisou fazer uma viagem de última hora, e não voltaria a tempo. Era uma pena, Bruno era uma excelente companhia. Nos divertimos muito, tempos atrás na boate...

Já estávamos praticamente prontas e Nando ainda não havia chegado. Liguei duas vezes no celular dele, mas ele não me respondeu. Mas então ele ligou para Laís e explicou que estava com um problema que envolvia sua mãe.

– Devemos ir sem ele Lá? – Afinal, tudo aquilo foi ideia do Nando.

– Você está louca? Nando me fez jurar que eu colocaria você para se divertir, por isso não te ligo, sabia que você daria para trás. Agora vamos! Diego está lá em baixo esperando para nos levar. – Disse me puxando. Oi? Diego? Como assim?

Perguntei confusa por que Diego, e Laís deu de ombros dizendo que era coisa do Nando.

Como ela disse ele estava na calçada nos esperando. Uau! Ele estava... estava... Uau... Pai amado. Diego estava gostoso demais. Calça jeans escura e uma camiseta de mangas compridas, também escura. Tudo aquilo deixava seus olhos azuis ainda mais intensos. Laís me deu uma cotovelada e sussurrou.

– Esse aí é o príncipe? – Eu assenti e ela suspirou.

– Puta merda!

Assim que nos aproximamos, ele começou a procurar freneticamente algo em seus bolsos.

– O que foi Diego? – Ele estava sorrindo.

– Estou procurando o meu 38, terei que matar alguém essa noite. Vocês estão lindas. E você... – disse pegando a mão da Laís... – deve ser a pantera do Bruno.

– Em carne, osso e garras. – Laís levantou suas unhas para o Diego. Todos nós rimos e Diego nos mostrou o seu carro.

– Então hoje será você quem irá nos acompanhar? – Perguntei ao Diego. Estava indo no banco da frente, enquanto Laís sentou-se atrás.

– Exato! Nando me ligou mais cedo informando sobre o seu problema e me encarregou de escoltar as senhoritas esta noite. Alê já está nos esperando no local. – Explicou o motivo de estar ali. Lançando-me um olhar acusatório ao tocar no nome do Alexandre. Desse final de semana não passava, teríamos que contar para ele e para a Laís.

Eu estava ficando um pouco nervosa, talvez fosse pela aproximação que teria com Alexandre naquela noite. Trocamos algumas mensagens durante a tarde e era certo que após a surpresa eu passaria a noite em seu apartamento. Estava ansiosa quando chegamos e assim que desci do carro eu o vi. Diego me desculpe, mas o furacão Alexandre Ferraz atacava novamente. Ele estava lindo. Calça jeans azul, camiseta preta colada em seus músculos perfeitos e sua marca registrada: barba por fazer. Senhor me diz: Como resistir? Impossível.

Os olhos de Alexandre me secaram de forma discreta, mas eu sabia que ele estava me analisando. Eu completei o vestido roxo com sapatos “*nude*” e maquiagem leve, porém com destaque nos olhos. Meus cabelos estavam soltos pelas costas em cachos bagunçados e eu trazia em minha mão uma carteira colorida. Essa era minha escolha da noite e pelo visto Alexandre gostou. Mas então meus olhos passaram para o cartaz que estava atrás dele.

Só podia ser brincadeira. Isso não estava acontecendo. Olhei confusa para Laís e ela me deu um grande sorriso. Eu estava gelada, mal podia me mover, não conseguia nem dar um passo a frente. Meu corpo tremia e a vontade de voltar para o carro e me trancar em seu interior tomou conta de mim. Dereck Mayer! Estávamos no show do Dereck. Não era possível. Pisquei uma, duas, três, dez vezes em direção ao cartaz para ter certeza que aquilo não era um pesadelo.

– Clara, está tudo bem? – Olhei de volta, e Alexandre estava perto de mim.

– Sim. Eu estou só um pouco...Cansada. – Tentei disfarçar, mas o desconforto estava estampado em meu rosto... Nem em um milhão de anos imaginei assistir um show do Dereck novamente.

– Laís. Posso falar com você por um minuto. – Minha amiga me devia muitas explicações. Puxei ela de lado e a questionei. Laís explicou; quando soube que o Dereck estaria no Brasil, ligou para ele e organizou o nosso reencontro. A coisa estava ficando cada vez pior.

– Dereck sabe que estamos aqui? – Eu estava passada. Se pudesse fazer picadinho da Laís naquele momento não sobraria nem resto para contar história.

– Yes Baby. – Meu Deus! Eu joguei pedra na cruz, e acertei bem na testa de Jesus, era a única explicação. E agora? Alexandre não vai gostar nada dessa história. Não gostar é pouco, ele vai ficar furioso.

– Meninas, vamos lá? O show já vai começar. – Diego nos disse apontado à entrada VIP. Alexandre estava sério e eu não tive outra escolha a não ser segui-los.

Laís foi a primeira a entrar, seguida por Diego, eu e o Alexandre por último.

– Algum problema? – Ele perguntou quase colocando sua boca em minha nuca. Arrepiei da cabeça aos pés, e acenei em negativa.

Caminhei até os lugares marcados em nossos convites e fiquei impressionada. Estávamos de frente para o palco, onde podíamos ver claramente todo o show, havia um local para dançar, um bar completo e uns sofás para descansar quando necessário. Era uma estrutura de primeira.

– Estou louco para que esse show termine logo. Eu pretendo foder você de várias maneiras até o amanhecer. – Socorro! Se Alexandre pretendia passar a noite me provocando, eu enlouqueceria. Era só ele ver uma brecha, que sua voz sexy estava em meu ouvido e consequentemente minha calcinha molhada. Como eu adorava os seus sussurros. A promessa de sexo forte me fez ficar excitada, e olhar para Alexandre me deixava ainda mais cega de desejo. Até cogitei a possibilidade de uma foda suja em um banheiro público. Estávamos todos comentando sobre a casa de festas quando as luzes apagaram indicando o início do show. Laís e Diego estavam um pouco afastados e Alexandre conseguiu se encostar ainda mais em meu corpo. A proximidade das pessoas disfarçava o quanto ele estava perto de mim. Fechei os olhos ao som das primeiras notas da guitarra e inalei o cheiro que vinha do Alexandre. Mas de repente para o meu desespero eu ouvi aquela voz perfeita. Ele estava no palco.

Quando eu abri os olhos e vi Dereck, meu corpo inteiro congelou. Memórias do último ano se passaram em minha mente em apenas dois segundos. O mesmo cabelo desalinhado, as mesmas tatuagens quentes, o mesmo corpo definido, o mesmo *piercing* nos lábios que me enlouquecia e o mesmo estilo *bad boy* que me fascinava. Me esqueci o quanto ele era sexy.

– Boa noite galera. – Ele anunciou em português ao entrar no palco.

Deus. Eu nunca estive tão fodida em toda a minha vida.

Dereck estava mais lindo do que nunca. Lindo e talentoso. Ele mesclaria o show com músicas de sua autoria e covers de vários artistas. Todos a nossa volta gritavam e curtiam a apresentação. Porém, minha vontade naquele momento era me reencarnar em avestruz, enfiar a cabeça em um buraco e não sair de lá enquanto o maldito show não acabasse. As mulheres gritavam muito para ele, e o barulho de palmas e gritos era ensurdecedor.

– Vocês querem beber alguma coisa? – Diego perguntou por cima da música e apontando para o

bar.

– Tequila. – Eu e Laís gritamos juntas. Precisava de muito álcool no meu sistema para sobreviver à noite.

– Água! – Alê respondeu secamente.

Virei-me para o palco e notei Dereck olhando em nossa direção. Agradei pelos efeitos da iluminação, pois quase ninguém percebeu como ele me encarava descaradamente. Diego voltou com nossos *shots* de tequila e eu virei a minha dose, nem sal ou limão poderiam fazer a diferença naquele momento.

– Uou! Vai com calma menina. – Alê disse após minha terceira dose.

Aqueles que dizem que o álcool é um indutor de coragem, não fazem ideia do que é estar ao lado do atual e frente ao ex, sem poder definir qual deles é mais gostoso. Foi inevitável me sentir atraída por Dereck. Passamos um ano inteiro, juntos, um ano de sexo maravilhoso. Enquanto estivemos no exterior, eu não só fiquei em turnê com o Dereck, mas também viajei muito, conhecendo novos lugares e novas culturas.

Nesse meio tempo eu sabia que ele ficava com suas *groupies*, e eu acabava conhecendo novas pessoas em minhas escapadas da turnê, mas sempre quando eu estava perto, Dereck só tinha olhos para mim. Quando percebi que seus sentimentos haviam mudado, eu pulei fora. Aí estava a grande diferença entre ele e Alê. Eu sabia que os sentimentos de Alexandre por mim, não era apenas tesão, e mesmo assim eu estava aqui, ao lado dele. Pois dessa vez, ao contrário do que aconteceu com o Dereck, os meus sentimentos também evoluíram. Com Alexandre eu queria mais, uma vida normal, um futuro. Com ele eu me sentia segura, confortável, feliz, desejada e... amada. Era uma loucura. Eu sabia. E mesmo assim não conseguia abrir mão dele. Alexandre era meu vício.

Tirando meu desespero inicial, o show estava maravilhoso. Dereck cantou várias músicas da sua nova turnê e interpretou alguns clássicos do rock de forma acústica. Era de perder totalmente o juízo, ouvi-lo somente com voz e violão.

– O cara é bom. – Alexandre encostou-se em mim e eu pude sentir algo duro contra minha bunda.

– Está sentindo? Estou tão duro. Você está tão gostosa nesse vestido, eu só penso em te comer. – Sussurrou apenas para mim.

Pronto! Ouvir a voz de Ferraz tão perto do meu ouvido, foi o suficiente para eu me perder. Não existia Dereck, Laís ou Diego. O desejo que eu sentia por Alê. Era algo único e inexplicável.

Dereck agora cantava uma música que eu conhecia e gostava muito, pois refletia um pouco do meu medo pelo mundo.

Quando você sentir o meu calor

Olhe nos meus olhos.

É onde meus demônios se escondem!

Não se aproxime muito.

É escuro aqui dentro.

Imagine Dragons- Demons

O fim do show se aproximava e a única coisa que eu queria era sair correndo daquele lugar. Eu tentava embalar uma conversa com Laís e Diego para que tudo não ficasse ainda mais estranho. Graças a Deus era a última música e ninguém percebeu nada. Alexandre continuava me olhando como se quisesse me comer ali mesmo na frente de todos, enquanto Laís e Diego empolgados dançavam as últimas músicas.

Eu vou matar essa cobra peçonhenta. Vou arrancar seus olhos com minhas próprias unhas e alimentar seu papagaio com eles. E Nando também me aguarde. Laxante em seu suco favorito vai ser pouco para aquele traidor.

Enquanto eu derramava meu ódio mortal para Laís, uma voz perfeita com um sotaque americano me trouxe de volta para a terra. DERECK!!

– Gostaria de agradecer a presença de todos vocês nesse show mais do que especial. É meu primeiro show com essa nova turnê e nada mais justo que fazê-lo aqui no Brasil, na terra dos meus pais, onde passei e passo boa parte da minha vida. Amo esse país e sempre vou amar. – todos aplaudiram muito e as meninas gritavam ensandecidas pelo monumento que estava no palco, não deixei de sentir uma pontinha de orgulho. Isso tudo aí já foi meu, peguem essa cambada...*– Eu amo o Brasil por tudo o que ele representa na minha vida e na vida dos meus pais, mas eu também amo esse país porque uma brasileira ganhou meu coração. –* Dereck completou.

Através de gritos e aplausos, uma loucura se instalou no auditório e eu achei que o teto viria abaixo. Todas as mulheres estavam frenéticas e eu estava totalmente paralisada. Praticamente em choque.

– Infelizmente ela partiu na calada da noite, deixando minha cama vazia, me deixando sem rumo e levando com ela minha alma e meu coração.

Realmente a escapada na calada da noite batia. Nunca me dei bem com despedidas e então havia reservado um voo noturno para que pudesse partir. Transei muito com ele naquela noite, um sexo arrebatador como sempre. Enquanto ele dormia peguei minhas malas que já estavam prontas e chamei um táxi, desde então nunca ouvi falar nada dele. Até hoje. Jesus eu fiz com ele! É de mim que ele está falando. Minha consciência gritava e me dava tapas na cara para que eu pudesse me sentir culpada. E ela alcançou o seu objetivo. Estava me sentindo uma merda.

Senhor isso não pode estar acontecendo! Olhei ao meu redor tudo estava igual. Somente Laís me olhava com um olhar animado e um sorrisinho no rosto de quem “achava” ter feito a coisa certa. Mal sabia ela.

Dereck continuou a falar.

– Gatinha eu sei que você ama essa música, você a ouvia todos os dias enquanto estávamos juntos e até tatuou a frase Principal em sua pele. Eu estava lá segurando sua mão. Então aqui vai.

Os acordes da minha música favorita começaram a flutuar pelo auditório, mas quando a voz deliciosa e rouca do Dereck cantou a primeira frase da música.

“Seize the day or die regretting the time you lost”

Eu olhei para um Alexandre transtornado. Achei que ele teria um piripaque. Seus olhos estavam arregalados me diziam que a qualquer momento sairiam rolando pelo chão deixando suas órbitas ocas. Seu sangue foi drenado do corpo, porque Alê parecia um fantasma de tão pálido. Se ele não desconfiou durante o show, ou enquanto Dereck me encarava do palco lançando sorrisinhos e piscadelas, agora ele sabia. Ele viu minha tatuagem, droga ele passou a língua sobre ela um milhão de vezes. Porra, ele a usou durante nossa noite no congresso. Primeiro Felipe, depois Alexandre e agora Dereck usando essa música contra mim. É castigo!

A música terminou e eu fechei os olhos agradecendo por que estaria fora daquele pesadelo em poucos minutos.

Engano meu. Quando Dereck despediu-se e saiu do palco, um homem vestindo uma camiseta escrita “Produção” se aproximou de onde estávamos.

– Boa noite. O Sr. Dereck aguarda vocês. Acompanhem-me, por favor. – Ele disse em um tom formal.

Antes que eu pudesse recusar, Laís e Diego saíram imediatamente atrás do homem, e novamente sem saber o que fazer eu os segui.

– O que está acontecendo, Clara? – Alexandre puxou meu braço em sua direção.

– Depois te explico. – Continuei andando e rezei para que um massacre não ocorresse em público. Depois de passar por alguns corredores, chegamos a um local reservado. Dereck conversava animadamente com Diego e Laís e eu a amaldiçoei mais uma vez. Quando ele me viu um sorriso estampou seu rosto. Se eu achava que Nando tinha covinhas perfeitas era porque eu bloqueei Dereck do meu pensamento. Seu sorriso era de tirar o fôlego.

– Minha gatinha. – Ele me abraçou tirando-me do chão e girando meu corpo no ar. Quando me colocou de volta, sua mão foi para minha bunda então abaixou a cabeça para alcançar minha boca me dando um selinho.

Não tive tempo de reação, pois com um único golpe eu senti Alexandre me puxar em sua direção e se colocar entre Dereck e eu.

– If you don’t take your hands of my girlfriend right now, I’ll make sure you never touched any instrument in your life again.! – Alexandre cuspiu as palavras no rosto do Dereck.

Não precisava ser expert em inglês para entender que Alexandre não gostou nem um pouco da

mão boba do Dereck no meu traseiro e do beijo que ele me deu.

– O que você disse? – Dereck perguntou em português.

Olhei entre ele e Alexandre e não descobri quem estava com mais ódio.

– Eu repito; Se você não tirar suas mãos agora mesmo da minha namorada, eu irei me certificar de que você nunca mais tocará nenhum outro instrumento em sua vida novamente. – Alê disse repetindo as palavras no nosso idioma. Bom, se eu já havia entendido, agora ficou muito mais claro.

Eles se encararam e chegou minha vez de me intrometer. Fiquei no meio dos dois para evitar que Alexandre encurtasse a carreira do Dereck.

– *Girflriend?* – Dereck perguntou olhando em meus olhos e Ferraz tentou dar um passo em sua direção, mas eu bati a mão em seu peito o afastando. Alê estava com as mãos em punho pronto para distribuir socos, e Dereck começou a falar muito rápido em inglês, ficando impossível acompanhar a conversa.

– Não importa se você vai falar em inglês ou em português, basta tocar nela novamente e eu vou chutar sua bunda em todas as línguas que você conhecer. – Alê apontou um dedo no rosto do Dereck.

– Você fica aí. – Apontei para o Alê. – E você fale em português. – Disse para o Dereck.

– Gatinha, o que está acontecendo? – Dereck estava confuso e Ferraz transtornado e eu...Estava perdendo a paciência com tantos hormônios em fúria.

– Em primeiro lugar eu não sou sua namorada. – Falei olhando para o Alexandre e ouvi Dereck sorrir em minhas costas. – E você – bati com o dedo no peito do Dereck – não sou sua gatinha.

– Clara, vamos embora. – Diego me chamou. Havia me esquecido dele até aquele momento. Ele tentou puxar Ferraz pelo braço, mas ele estava petrificado e seu olhar não deixava Derek nem por um minuto.

– Diego eu... – tentei consertar aquela bagunça, mas já estava tudo fodido. Não queria que eles soubessem dessa forma.

– Depois Clara. Vamos tirar o Alê daqui antes que ele faça uma besteira. – Ele continuou tentando arrastar o irmão e eu assenti.

Os seguranças do Dereck se aproximaram ao verem a confusão, mas olhando para mim ele fez sinal para que eles parassem.

– Depois a gente se fala Dereck. – Vi tristeza em seus olhos ao perceber que eu partiria com Alexandre, mas não podia fazer nada para ajudá-lo, meu coração mandava que eu fosse com o Ferraz. E foi isso que eu fiz.

Alê não se movia mesmo com as tentativas de Diego de levá-lo para fora. Quando me aproximei,

seus olhos suavizaram e ele segurou meu rosto com as duas mãos.

– VOCÊ... É... MINHA...

Ferraz

Nunca em toda minha vida eu senti tanto ódio como nesta noite. Aquele cantor de merda teve a audácia de tocar em minha menina. No momento em que eu vi a mão dele descendo em direção a bunda dela eu enlouqueci. Minha vontade foi de arrancá-la fora do seu braço. Bastardo! Clara havia se colocado em nosso meio, e eu somente não passei como um trator em cima dela porque eu era apaixonado por aquela garota, e mesmo ela negando ser minha namorada na frente daquele idiota, Clara ainda era minha.

– VOCÊ. É. MINHA. – Disse olhando em seus olhos e segurando em seu rosto. Ela assentiu concordando comigo. Eu queria tirá-la das vistas daquele babaca. Ainda sentia um ódio mortal, e qualquer vacilo por parte dele, faria com que aquela noite não terminasse bem.

Sai arrastando Clara pela mão. Eu caminhava rápido de mais para que ela me acompanhasse com aqueles saltos, mas era impossível manter-me calmo diante da situação. Ela viveu fora do Brasil com aquele filho da puta, ele a teve, ele a tocou. Será que era por causa dele que Clara mantinha seu coração fechado? Impossível. Se fosse esse o caso, ela não teria saído comigo. Não teria me escolhido. Foda-se essa merda. Estava ficando louco.

– Mano você está bem para dirigir? – Diego me perguntou no momento que chegamos ao estacionamento. Além de toda a merda fodida, teríamos que dar satisfações ao Diego e a Laís, o que era impossível naquele momento.

– Diego, acompanhe Laís até a casa dela, por favor. – Vi que Laís e Clara se olharam sem trocar nenhuma palavra.

Diego balançou a cabeça e partiu sem falar mais nada. Laís caminhou atrás dele, mas após alguns passos ela voltou e deu um grande abraço na Clara.

– Se cuida. – Eu a ouvi dizer. Então ela olhou para mim um pouco brava. – Se a machucar eu arranco suas bolas. – Nem me dei ao trabalho de responder, a raiva ainda queimava minha mente. Abri a porta para que Clara entrasse na caminhonete, ela subiu, e antes de fechar a porta eu afirmei mais uma vez.

– MINHA. – Eu não queria esconder meus sentimentos. Estava puto com ela.

Dei a volta e sentei frente ao volante, antes de sair respirei fundo tentando acalmar meus instintos. Ainda sentia vontade de arrancar a cabeça do desgraçado.

– Alê. – Ela me chamou. Eu segurava o volante com força, e quando soltei percebi meu sangue parado nos dedos.

– Preciso te explicar. – ela continuou.

– Hoje não Clara. – Virei à chave na ignição e arranquei. Queria sim uma explicação, mas o naquele

momento, eu só queria sentir que era o único, e para isso eu tomaria tudo dela.

– Mas... – Eu dei o meu olhar mais duro, e ela recuou.

– Amanhã. – Eu enfatizei mais uma vez em um tom um pouco mais alto. Clara me olhou acuada, e eu me amaldiçoei. Ela estava com medo de mim. Minha menina estava com receio de que eu pudesse machucá-la. Parei a caminhonete no acostamento e tirei o cinto de segurança. Toquei seu rosto com as costas da mão e fechei meus olhos inalando seu cheiro maravilhoso. Quando abri, admirei-a colocando uma mecha que caía por seu rosto atrás de sua orelha eu tentei acalmá-la.

– Eu nunca machucaria você, e me dói profundamente você pensar que eu á tocaria de forma agressiva. Eu te protegeria a todo custo. – Declarei a verdade mais pura que existia. Clara era minha para proteger e amar.

– Você está tão bravo. – Ela me olhou carinhosa. Deus, esse olhar me mata. Ela é tão linda, mas seus olhos reluzem tanta tristeza, minha vontade é de entrar em sua alma e arrancar qualquer mal que a faça sofrer.

– Sim, eu estou muito puto, mas não é com você. Clara eu quis matar aquele idiota no momento em que ele te olhou de cima do palco, e quando ele tocou em você no camarim eu estava pronto para rasgar a garganta dele. Eu não suporto pensar em outra pessoa te tocando. – Expliquei a possessão que sentia e não sei se ela me compreendeu. Passei as mãos pelo cabelo, pois não sabia se estava conseguindo acalmar minha menina, ou deixando ela ainda mais nervosa. Nem os meus próprios pensamentos eu não conseguia ordenar direito, e talvez não tivesse fazendo um bom trabalho em tranquilizar Clara.

– Tudo bem, vamos. – Ela me surpreendeu quando colocou sua mão sobre a minha.

O caminho para o meu apartamento foi feito totalmente em silêncio. Estacionei e entrelacei meus dedos aos dela para sentir o seu calor. Talvez isso me acalmasse, mas eu sabia que somente uma abrandaria minha fúria. Precisava ter Clara em meus braços. Possuí-la completamente e me enterrar em seu corpo de forma que não restassem dúvidas a quem ela pertencia.

Abri a porta peguei Clara nos meus braços, ela imediatamente entrelaçou suas pernas em minha cintura. O beijo que trocamos foi enlouquecedor. Encostei Clara na parede enquanto subia seu vestido. Estávamos ofegantes, parecíamos dois animais, animais em busca de prazer.

– Alê, precisamos conversar. – Clara dizia com a voz entrecortada enquanto eu distribuía beijos em todo o seu pescoço. O gosto da sua pele era incrível. Nunca provei nada com o gosto similar. Clara era minha perdição, mas eu estava disposto a me perder, pois ao mesmo tempo ela também era minha salvação. Não respondi. Minhas ações demonstrariam o que eu queria. Com Clara ainda encostada na parede, abaixei as alças do seu vestido, desnudando lhe um seio. Segurando sua lateral eu comecei acariciar seu mamilo com o polegar. Ele já estava tão durinho. Tão excitava.

Clara era muito receptiva aos meus toques e isso me deixava maluco.

– Alexandre... – meu nome em sua boca era a melhor música que eu poderia ouvir. A sonoridade mais perfeita do mundo.

– Repete. – Ordenei. – Me diga quem te possui Clara. Diga-me. – Abocanhei o mamilo que estava implorando por atenção, e comecei a bombear meu quadril em direção a sua buceta. Mesmo vestido, Clara podia sentir o quanto eu a queria. O atrito do meu jeans com sua calcinha, á deixava ainda mais excitada.

– É você Alexandre. Só você. – Fiquei maluco ao ouvir aquelas palavras. Deixei de sugar seu seio para olhar em seus olhos. Minhas mãos viajaram ate os seus cabelos e Clara passava a língua sobre os seus lábios, me deixando com mais vontade dela.

– Isso mesmo querida. Sou eu. Somente eu. E agora... – rasguei o pedaço de pano que cobria o que me pertencia. Sua calcinha caiu em pedaços pelo chão, e Clara soltou um gemido rouco. ...– Vou lhe mostrar por que isso aqui é meu, assim como todo o seu prazer.

Afastei um pouco o meu corpo, deixando Clara mais apoiada na parede. Observei sua buceta perfeita e levei meu dedo indicador para seu interior. Não mediria minhas ações naquela noite, Clara se lembraria de nunca mais deixar ninguém tocá-la.

– Alexandre. – Ela gemia enquanto se contorcia, e tentava vir de encontro ao meu dedo. Não resisti à vontade de sorrir.

– Minha vadia gosta duro não é? Pois vou te satisfazer. Vou te foder tão duro que você se lembrará por uma semana que estive dentro de você.

Com uma mão livre eu tirei meu cinto e abaixei um pouco minha calça e a boxer. Tirei meu pau para fora e direcionei para sua entrada.

– Não Alê. Camisinha. – Ela disse tentando me afastar.

– Hoje não. – Queria ter certeza que era o único. Clara ainda tentou me convencer, mas eu não cedi. – Não Clara, sem barreiras. Estamos limpos, fizemos os exames essa semana, e eu quero sentir você por inteira.

Ela assentiu me dando permissão, e eu me enterrei. Em único golpe. Duro e rápido. Clara gritou meu nome, me dando ainda mais combustão para fodê-la sem piedade. Comecei a meter forte, o corpo de Clara batia na parede e naquele momento eu estava pouco me importando se estaríamos doloridos no dia seguinte. Quanto mais fundo eu fosse, mais rápido eu tiraria qualquer sinal de outra pessoa que a teve.

– Ninguém. Está me ouvindo Clara? Depois de hoje ninguém mais estará aqui. – Enfiava tudo enquanto proferia as palavras. Beijei sua boca ferozmente e tenho certeza que seus lábios ficariam inchados, mas não importei, pois Clara correspondia com a mesma intensidade, mordendo minha boca. Eu sabia que estava me comportando com um animal enjaulado, mas não

podia me conter. Tirei Clara da parede, pois com todo tesão que ela sentia, suas pernas não suportaria segurar seu peso por muito tempo.

Coloquei-a deitada, e com uma perna apoiada no chão e a outra no sofá eu continue no mesmo ritmo, não dei descanso. Sentia o clímax se aproximando, mas me recusava a gozar sem antes ver o rosto saciado da minha menina. Levei a mão até o seu clitóris e comecei a estimulá-lo.

– Goza! – meu pau ainda entrava e saía de modo frenético.

– Eu vou... – Clara se contorcia com meu pau em seu interior, e eu senti sua buceta me apertar. A sensação de me afundar nela sem nenhuma barreira, sentindo todo o calor que ela produzia e vendo nossos sulcos se misturando, estava me deixando em êxtase.

– Seu prazer é meu, minha menina. Se entregue. – Ela não duraria muito e nem eu, já estava louco para jorrar dentro dela.

– Alexandre. – Meu nome. Foi meu nome que ela gritou quando gozou. Não sei como, mas ganhei forças para fodê-la ainda mais rápido. Algumas estocadas depois eu estava gozando. Deixando minha porra em seu interior. Preenchendo ela por inteiro. Clara estava ofegante, mas sua língua afiada ainda dava o ar da graça.

– Puta que pariu! Precisamos te irritar outras vezes. – Um sorrisinho atravessou o rosto da descarada e eu não me contive. Dei um grande tapa no lado externo de sua coxa, fazendo com que ela desse um pulo de susto.

– Isso foi por deixar ele te beijar. – Saí de seu interior e observei meu membro todo melado, ainda liberando líquido, não pensei duas vezes e comecei a esfregar no seu clitóris. Clara percebendo o que eu estava fazendo, levantou as sobrancelhas de forma confusa.

– Mas o que... – Ela pensou um pouco assim que eu levantei a cabeça, e desistiu de concluir a pergunta.

– Minha. – Respondi brincando com o seu núcleo, agora todo melado por minha porra. – Fique aí. Se minha menina estava pensava que havia acabado, ela estava muito enganada. Seu corpo estava a meu dispor por aquela noite, e eu estava amando ter o controle. Terminei de tirar o meu jeans e minha boxer. Caminhei até o quarto e abri a gaveta onde ficavam meus preservativos. Peguei o envelope, olhei para ele com desdém por alguns segundos e o coloquei de volta.

– Nunca mais. – Daquele momento em diante, nossa relação tomava um novo rumo. Alcancei um tubo branco escondido no fundo da minha gaveta.

Quando voltei à sala, Clara estava na mesma posição, porém seu vestido não cobria mais o seu corpo. Deliciosamente nua para mim.

– Olhe para mim. – Ela virou o rosto em minha direção, e eu terminei de me despir. No momento em que minha camiseta se perdeu, eu comecei a acariciar meu pau que já estava duro novamente.

– É isso o que você quer? Meu pau em você de novo e de novo? – Perguntei e Clara se contorcia no

sofá tentando encontrar alívio para o desejo que tornava consumi-la. Sua mão viajou até o seu clitóris enquanto ela olhava em minha direção. – Não, não. – disse balançando o dedo em negativa. Ela sabia que não podia se tocar quando estava comigo.

– Por favor, Alê, eu preciso. – Ela retirou sua mão e me fez uma súplica. Joguei minha cabeça para trás e respirei fundo.

– Adoro quando você implora, mostra o quanto você é minha boa puta. Sempre implorando para me enterrar em você. Levante-se. – Ordenei.

Assim que Clara levantou eu vi a cena mais erótica da minha vida. Minha porra descia de seu interior lambuzando suas pernas. Delícia. Caminhei até ela e segurei seu pescoço obstruindo um pouco a sua respiração. Sussurrei bem perto de sua boca, tocando de leve seus lábios com minha língua entre uma palavra e outra.

– O tapa, foi por ter aceitado aquele bastardo te beijar, mas o preço que pagará por deixá-lo tocar em sua bunda vai ser esse. – Debrucei Clara sobre o sofá, ela segurou o encosto com uma das mãos, seus pés estavam apoiados no chão e seu peito deitado no móvel. Perfeita para o que eu estava preparando.

– Está excitada? – Perguntei me encaixando no meio de suas pernas.

– Muito... Muito... – Ela respondia repetidamente. – O que você vai fazer? – Clara perguntou mudando seu tom de voz para nervosa, assim que sentiu meu dedo brincando com sua bunda.

– Eu? – Me fiz de desentendido. – Eu apenas vou pegar o que é meu. E querida, seu doce traseiro me pertence. Vou me certificar que nunca mais deixará outro homem tocar em seu corpo. – Dei um tapa em sua bunda antes de continuar. Abri o tubo de lubrificante e passei por todo o seu buraco apertado. Clara estava relutante no início, mas logo começou a apreciar o prazer que os meus dedos lhe causava. Desci meu indicador sobre sua coxa, coletei o líquido que tinha decido até ali, e introduzi no seu rabo gostoso.

– Que delícia. Lubrificada pela minha porra. Agora vou provocar você até que esteja pronta para receber meu pau. – Deitei meu corpo sobre o dela para alcançar seu ouvido. – Mas quando eu estiver todo o caminho dentro, vou meter sem dó. Esse é o preço, Clara. Sua bunda será minha. – Expliquei o que ia fazer e Clara gemeu alto.

Voltei a me levantar e com o dedo lubrificado a penetrei devagar, Clara gemia e rebolava, então assim que percebi sua excitação, com muita calma eu introduzi um segundo dedo. Mais uma vez Clara gritou de prazer ao sentir a invasão.

– Minha menina, meu pau é muito maior que isso. Você tem que relaxar. – Disse de modo provocativo. Eu a queria e não abriria mão daquilo.

Tirei os dedos de seu interior. Clara já estava muito excitada, no ponto fácil para penetrá-la por trás. Lambuzei meu pau com lubrificante, por mais que eu a quisesse naquela posição, não a

queria sentindo muita dor, apesar de saber que o desconforto no início era inevitável. Faria de tudo para que ela também sentisse prazer. O mito de que somente homem sentia prazer com o sexo anal já havia caído por terra há muito tempo.

Comecei devagar. A penetração deveria ser lenta, mas no momento em que senti o quanto ela estava apertada meu autocontrole se desfez. Eu queria tudo e queria rápido. Centímetro por centímetro eu comecei invadi-la. Meu pau pulsava a cada nova investida. Clara reclamava, mas quando eu parava para que ele se acostumassem com o meu tamanho, ela pedia mais. Minha menina também queria aquilo. Segurava em sua cintura com força para manter meu controle. Quando movi minhas mãos de lugar, notei as marcas que meus dedos faziam em sua pele. – Minha. – Rosnei mais uma vez. Nunca uma palavra fez tanta parte do meu vocabulário. Se dependesse de mim, eu diria a ela a cada maldito minuto da minha vida, o quanto minha menina me pertencia e somente a mim. Estava no meu limite assim que fiz todo o meu caminho dentro. Não conseguiria me mexer. Um movimento apenas e eu gozaria. Então, a solução foi fazer com que Clara alcançasse seu êxito primeiro.

– Vem Clara. – Alcancei novamente seu clitóris já sensível, introduzi dois dedos em seu interior e comecei fodê-la. – Goza de novo minha menina.

Não demorou muito e Clara tremeu em meus braços. Todo o seu corpo me pertencia naquele momento. Ela era minha. Meu pau estava em seu traseiro e meus dedos em sua buceta. Clara gritou meu nome muitas vezes e a cada vez que ela pronunciava, eu me mexia dentro dela. Como eu previ, imediatamente após o seu clímax eu comecei a gozar como um louco. Deixei que meu corpo descansasse sobre o dela enquanto tentávamos recuperar o fôlego. Saí de dentro da Clara e assim que a soltei suas pernas tremeram ficando bambas. Sorri pelo estado que eu havia deixado minha menina. Me sentia um Deus naquele momento. Mas então a realidade me bateu.

Peguei Clara em meus braços e caminhei com ela agarrada em meu pescoço para o banheiro. Amanhã seria um dia definitivo, e o medo começou a tomar conta dos meus pensamentos. A sensação de não saber o que aconteceria me deixava descontrolado. Teria minha menina ou a perderia para sempre.

Clara

Alexandre se mexeu a noite toda, sua inquietação era visível, eu podia sentir o quanto ele estava preocupado. Seu braço contornando minha cintura de forma possessiva era uma maneira de me aprisionar a ele. A forma que ele conseguiu, de mesmo dormindo me dizer que eu era dele. Eu não estava muito atrás. Não consegui dormir. Minha cabeça dava voltas e voltas e eu não cheguei a uma conclusão de como pude me enfiar naquela confusão sem tamanho.

Surpresa do Nando. Diego. Laís. Dereck me beijando. Alê furioso. Punição. Tapa. Sexo ardente. Meu Deus! Minha noite foi uma loucura. E agora eu estava aqui, ao lado desse homem que mais parece um vulcão. Quando Alexandre resolve entrar em erupção, ele sai queimando tudo em seu caminho. Porém, o que estava tirando meu sono era o fato de que assim que acordasse, eu teria que dar uma bela explicação para ele.

Agora, como eu explicaria para o meu atual “enrolado”, que eu passei praticamente o último ano, vivendo com um cantor no exterior? Alexandre não aceitaria tão fácil, mas ele teria que entender que meu relacionamento com Dereck foi puramente físico. O fato de eu ter ficado fora do país com ele, não significava que tínhamos algo além do sexo. Pelo menos eu achava isso. Mas, parece que os pensamentos de Dereck eram outros. Droga, como eu não vi isso chegando. Dereck apaixonado por mim. Era muita loucura.

Olhei pela janela e percebi os primeiros raios do sol penetrarem no quarto através das frestas. O relógio ainda marcava sete horas, e se este domingo fosse como outro qualquer, eu ficaria na cama ao menos mais umas cinco horas. Tentei me desvencilhar do abraço de Alexandre, ele resmungou algumas palavras incoerentes, e intensificou ainda mais o seu aperto. Merda de homem possessivo. Tentei mais uma vez retirar seu braço que estava sobre minha cintura, mas não obtive sucesso, pelo contrário, ele estava despertando.

– Onde minha menina pensa que está indo? – Ele me perguntou com aquela voz sonolenta e sexy. Os pelos do meu braço se arrepiaram e eu senti as pernas de Alexandre enroscar-se nas minhas. – Estava pensando em fugir? – Ele virou o corpo um pouco de lado, e nessa posição ele teve acesso aos meus olhos. Às vezes quando Alexandre me encarava eu ficava com medo, pois sentia que ele enxergava mais do que as outras pessoas. Essa sensação era horripilante.

– Estava somente indo ao banheiro. – Disse tentando usar o mesmo tom de voz que ele. Um banho me daria um pouco de tempo para pensar nas palavras que usaria, para explicar ao Alê sobre minha relação com o Dereck.

– Ok! Você tem cinco minutos antes que eu entre no banheiro para te acompanhar. – Ele disse da forma mais calma possível, como se o fato de estar me dando ordens fosse uma coisa habitual. Dr. Alexandre estava ficando muito saidinho para o meu gosto.

– Alê, eu quero tomar banho sozinha. – Deixei minha voz um pouco mais firme, ele devia entender que eu não gostava de receber ordens. Uma coisa é se deixar levar por uma fantasia sexual, outra coisa ele achar que controlaria todas as minhas ações. Alexandre não ficou muito feliz, mas acabou concordando sem fazer nenhum tipo de comentário. Levantei e nua mesmo eu caminhei até a porta do banheiro. Antes de entrar eu dei uma última espiada no quarto e vi Alexandre com toda a sua bunda gloriosa, deitado de barriga para baixo. Ele estava delicioso e eu contive minha vontade de voltar e apertar aquele traseiro magnífico. Enquanto estava no banho repassei mentalmente toda a conversa que teria com Alexandre, explicaria desde o dia em que eu conheci o Dereck até a fatídica noite anterior. Não esconderia nada. Saí do banho e dei de cara com o meu lobo mal. Ele estava somente de toalha olhando pela janela do seu quarto. Ainda bem que o prédio mais próximo estava distante, pois ele daria um show para quem estivesse vendo.

– Você o ama? – Ele me perguntou com um tom de voz baixo. Seus cabelos ainda molhados pelo banho deixavam Alê ainda mais sexy. Uma gota de água desceu pelo seu pescoço e eu não detive minha vontade de lambê-la. Encaixei em suas costas e passei as mãos pelo seu abdômen, tentando abraçar seu corpo. Ele abaixou a cabeça e colocou a testa no vidro. Alexandre estava inseguro, era a primeira vez que o via assim.

Dei um beijo em seu pescoço e descii minha língua por sua pele, absorvendo aquela gota que estava depositada em seu ombro. Ele colocou uma das mãos sobre as minhas, tirou a testa que apoiava no vidro, mas não se virou. Ele exigia uma resposta.

– Não. Eu não o amo, nunca amei. – Disse sussurrando em seu ouvido, sem deixar dúvidas. Alê soltou um suspiro e imediatamente virou o corpo de frente para mim.

– Então me explica. Como alguém pode viver com uma pessoa sem estar apaixonada. – Ele estava confuso. Eu sabia que minha relação com Dereck não era nada convencional. Afastei-me de Alê e me sentei na cama. Segurando o rosto nas mãos eu tentei me lembrar do que planejava dizer, mas minha mente estava em branco. Quando estava perto do Ferraz eu não conseguia organizar meus pensamentos de forma coerente, sempre era um turbilhão de emoções que tomava conta de mim e eu acabava me perdendo entre eles.

– É complicado. – olhei para Alexandre e ele não havia movido um músculo, ainda estava encostado na janela e olhando em minha direção com aquele maldito olhar esperançoso. Detestava ver esperança em seus olhos, pois não havia esperança para mim, e como consequência, não havia esperança para nós. Comecei explicando que estava em um mau momento da minha vida, e que conheci Dereck em um pub, e fomos apresentados por um amigo em comum.

– E daí você resolveu virar uma groupie, abandonar a faculdade e seguir com ele? – Alexandre começou alterar o tom de voz.

– Foi isso mesmo. – respondi já me levantando. – Uma boa puta. Não é isso o que pensa? – Estava furiosa. Alexandre merecia uma explicação, mas isso não lhe dava o direito de me ofender. Tentei sair do quarto em direção à sala, mas Alê foi mais rápido que eu.

– Desculpa. – Ele disse segurando o meu braço. – Você sabe o que é ficar sem chão? Fiquei assim quando ouvi aquele idiota, falando do tempo em que vocês passaram juntos. – Enquanto Alê falava, suas mãos acariciavam os meus braços.

– Sim, eu sei. – disse me lembrando do encontro com Lana no congresso. – Senti isso no dia em que a Lana me pediu para me afastar de você.

– Lana fez o que? – Perguntou surpreso. Ele se afastou um pouco e eu previ algo não muito bom vindo. – E por que diabos você não me disse nada. – *Não disse*. Já conhecia cada reação de Alexandre.

– Alê, vamos voltar para o assunto. – Tentei me afastar um pouco. A fim de colocar a cabeça em ordem. – Eu nunca fui uma groupie. Dereck além de ser um excelente cantor é uma ótima companhia. Éramos compatíveis. Ele estava solteiro. Eu estava solteira. Eu queria respirar outros ares. E foi isso. Dereck foi apenas consequência.

– Não parece ter sido apenas uma consequência para ele. – Alê ainda me questionava. E meu limite para remexer no passado estava estourando.

Não estava gostando daquela conversa e estava pronta para encerrá-la. Não fazia sentindo ficar discutindo com Alexandre por algo que eu não poderia mudar. Dereck estava no Brasil e isso era um fato.

– Você me deixa louco. – Senti minha toalha sendo puxada e com o corpo nu eu estava disponível aos olhos do Alê. – Vem aqui.

Uou! Alexandre modo mandão estava de volta.

Após ser convencida de que petiscos no café da manhã era uma maravilha, eu passei quase todo o dia no apartamento do Alê. Não tocamos mais no nome do Dereck e desligamos nossos celulares. Teríamos que lidar com Laís e Diego, mas antes resolvemos aproveitar o fim de semana. Foi um dia agradável e no fim da tarde, quando me preparava para ir embora, eu decidi que precisava discutir um assunto com o Alê. Eu também devia uma explicação para Dereck. Precisávamos conversar, quem sabe ele entendesse os motivos que me levaram a deixá-lo sem uma explicação. Na verdade desde a sua declaração diante daquela multidão eu estava me sentindo culpada e egoísta.

– Alê? – ele me olhou, enquanto pegava as chaves da caminhonete para me levar em casa.

– Diga minha menina. – Alexandre me respondeu alegre e um sorriso estampava seu rosto. Não estava a fim de estragar o dia, voltando a tocar no nome do Dereck. – Nada não, esqueci o que eu ia dizer. – Ele ficou curioso, mas não fez nenhum tipo de questionamento. Não era como se fosse

falar com Dereck naquela noite, esse assunto poderia esperar. – Vamos? – Emendei mudando de assunto e ele assentiu.

Assim que cheguei à entrada do meu prédio, Alê sabia que eu não o convidaria para subir, então se despediu rapidamente e foi embora. No momento em que entrei eu vi um rosto conhecido sentado em um dos sofás da portaria.

– Gatinha. – Sua voz rouca me chamou e eu tremi.

– Dereck, o que está fazendo aqui?

Ferraz

Estava em minha casa, tomando uma cerveja e tentando pensar em todos os acontecimentos do dia. Caminhei pela sala enquanto ligava meu aparelho celular, ele havia passado o dia todo desligado, quando as notificações chegaram eu notei que além de duas ligações do meu pai havia somente uma mensagem de Bruno. Diego não me ligou, provavelmente ele estava esperando que eu me manifestasse. Não estava nenhum um pouco a fim de ter aquela conversa, então a chutei para o dia seguinte.

Clara me deixou exausto. Há tempos eu não dormia tão cedo e de forma tão pesada. Não vi o despertador tocando e estava atrasado para colher um depoimento. Fui direto para a delegacia onde o meu cliente estava detido. Pelo menos conhecia o delegado, e assim ficava mais fácil de trabalhar.

Cheguei a DP e o Dr. Marcello já estava trabalhando. Conhecia o Marcello do círculo jurídico, e de algumas festas que havíamos frequentado, ele era um jovem delegado muito competente. Há algum tempo eu não o via. Bati na porta antes de entrar em sua sala.

– Dr. Ferraz, quanto tempo. – Marcello se levantou e nos cumprimentamos.

– Isso é bom, Rocha. Significa que os meus clientes andam livres de você. – respondi de forma irônica, ele gargalhou.

Conversamos sobre coisas banais e ele me perguntou o que estava acontecendo com o Bruno. Segundo Marcello, Bruno saiu atrás de uma pantera deixando a turma no estádio. Quando expliquei que Pantera se tratava da Laís, Rocha ficou incrédulo.

– Cara, o que está acontecendo com a gente? – Ops! Marcello soltando um suspiro? Só faltava isso. Dr. Rocha fígado.

– Como assim “a gente”? – Perguntei curioso.

Marcello se inclinou para trás em sua cadeira.

– Alexandre. Estou mais enrolado do que gerente de banco. – Confessou. Mas um para a lista dos ferrados.

– É a dançarina? – Todos sabiam sobre a atração de Marcello por uma garota bem mais nova.

– Como você sabe quem é ela? – ele me questionou surpreso.

Saber eu não sabia, mas joguei um verde e ele caiu.

– Marcello, você quase me deixou com um olho roxo, em uma das festas em sua casa. Somente por eu ter olhado para ela e comentado que sua dançarina seria um “bom produto”. Desculpa camarada, mas todos sabiam; aquilo não era ciúme de irmão. – Ele ficou surpreso, mas não negou.

– E não era mesmo. Mas posso saber desde quando o Dr. Ferraz entende de relacionamento? – Realmente, quem me conhecia sabia que eu não era fadado a relações.

– Desde que minha estagiária tem minhas bolas nas mãos. – Sorri, pois Clara possuía mais que minhas bolas. Eu era dela por inteiro.

Marcello abriu um sorriso debochado, mas não teceu nenhum comentário. Levantei e ele me acompanhou até a porta.

– Hora de ganhar o pão de cada dia. – Disse brincando com ele antes de sair.

– E dessa vez o senhor terá trabalho Dr. Ferraz. Cem quilos de cocaína e armas, o cara não estava para brincadeira. – Marcello explicou sobre o meu cliente. Já no corredor, ouvi Marcello brincar em minhas costas. – Não tenho culpa, você escolheu o lado negro do Direito.

Essa era uma expressão tipicamente utilizada contra os defensores, eu já havia ouvido um milhão de vezes, então não me incomodei.

– Sr. Valério, então te pegaram em flagrante, com cem quilos de cocaína e o senhor tentou convencer os policiais que era para consumo próprio, essa quantidade toda? – Perguntei irônico. Há mais de dez minutos eu tentava extrair uma confissão do meu cliente, só assim sua pena poderia ser abrandada. Todas as provas estavam contra ele, e seria praticamente impossível um resultado positivo. Aprendi uma lição importante nessa minha jornada como advogado: nunca diga a um cliente que o livrará da pena. Se você prometer e não conseguir ele vai cobrar, mas se você tentar diminuir a pena e ele sair absolvido, ele vai te agradecer.

– Doutor, quebra essa. O bagulho estava na promoção. – Suspirei. Este definitivamente não era o meu dia.

Depois de colher as informações necessárias eu fui direto para o escritório, cumprimentei Ana, pedi meu café e caminhei direto para minha sala.

As correspondências do dia já estavam sobre minha mesa e um envelope pardo chamou minha atenção. Não tinha remetente e estava preenchido com o destinatário diretamente a mim. O mais curioso é que não havia nenhum tipo de informação adicional, nem o endereço do escritório estava especificado. Abri o maldito envelope, minhas vistas embaçaram e eu congelei. Aquilo não estava acontecendo. Segurei em minhas mãos um bilhete e quatro fotos, cada uma com uma inscrição no verso. O pânico tomou conta de mim.

Quem será que você ama mais Dr. Ferraz? – dizia o bilhete.

Virei a primeira foto que continha uma imagem do Bruno saindo do aeroporto. A data impressa correspondia com a do dia anterior. Bruno havia viajado a trabalho e devia ter chegado ontem. As letras diziam:

Seu melhor amigo? Que o tem como irmão.

A segunda foto era do meu irmão Diego. Diego estava saindo da casa dos meus pais, e a data coincidia com o dia do seu aniversário, no dia em que minha mãe fez um jantar de comemoração. Eu tremi quando li aquela única linha.

Seu irmão? Que o tem como herói.

Na terceira foto eu já estava em pânico. Priscila sorria feliz, enquanto saía de uma casa de enxovais.

Sua irmã? Que o tem como pai.

A quarta e última foto me deixou vermelho de raiva. Quem me enviou aquelas fotos sabia sobre Clara e sobre o nosso relacionamento. Tive vontade de quebrar tudo em minha frente quando li no verso da fotografia.

Sua estagiária? Que o tem como amante.

A foto foi tirada na madrugada de sábado para domingo, mostrava Clara com os dedos entrelaçados aos meus chegando ao meu apartamento.

– Não! Não! Não! – Comecei a gritar transtornado. Aquilo era uma ameaça. Não existia outra explicação. As pessoas por quem eu daria a vida estavam correndo perigo.

– Mano, o que está acontecendo? – Não sei de onde Diego surgiu, mas sua voz estava em pânico. Ele tentava chegar até mim, mas eu não conseguia coordenar meus movimentos, levantava as mãos á cabeça, puxava os cabelos, andava de um lado para o outro sem saber o que fazer.

– Meu Deus! Isso não pode ser real. – Ainda gritava quando me lembrei da Clara. Ana me olhava assustada da porta.

– Ana, peça para Clara vir aqui agora. – Joguei o envelope na direção de Diego. Voltei o olhar em direção à porta e notei que Ana não havia se mexido.

– Ana! Você não me ouviu? Eu preciso falar com Clara. – Nunca alterei o tom de voz com qualquer um dos meus funcionários, mas não pude evitar minha rispidez naquele momento.

– Dr. Ferraz... é .. que... – Ela balbuciava e não cumpria minha ordem, e pela primeira vez fiquei irritado com minha secretária.

– Desembucha Ana. – Diego disse e percebi que seu tom de voz havia mudado, provavelmente por que agora ele sabia o que estava acontecendo.

– Dr. Ferraz a Clara está no hospital, Nando chegou a pouco com a notícia.

Meu coração parou.

Meu Deus o que fizeram com a minha menina?

Clara

Depois da surpresa em ver Dereck na portaria do meu prédio, eu agi da forma mais racional possível. Dereck merecia uma explicação. Eu o chamei para conversarmos em um café que ficava na rua do meu apartamento. Era um lugar aconchegante e calmo, não arrisquei em convidá-lo para subir, não sabia se Nando ou Laís estavam em casa, e essa conversa poderia ficar ainda mais estranha se tivéssemos telespectadores.

– Dereck, para começo de conversa, como você me achou? – Perguntei iniciando a conversa, pois desde que havíamos chegado ele estava mudo. Mudo mas... Lindo, camiseta branca com todas as tatuagens dos seus braços a mostra, jeans surrado, botas pretas e os óculos escuros que quase nunca deixavam seu rosto. Ele estava tão perfeito que as garçonetes brigaram entre si para ver quem atenderia nossa mesa. Claro que Dereck não viu isso, ele estava mais concentrado em me deixar constrangida me encarando.

– Pelo jeito, você esqueceu tudo o que vivemos. – Seu sotaque era bem carregado, e isso deixava sua voz ainda mais sensual. – Eu te deixei em casa em uma das vezes que saímos juntos aqui no Brasil. – Ele disse tirando os óculos do rosto e colocando no V de sua camiseta.

Putz! Me esqueci completamente daquele dia, estava dando só bola fora com o Dereck. Não acertava uma.

– Desculpa meu relapso de memória. – tentei soar divertida, mas Dereck não sorriu. – Dereck eu sei que você merece uma explicação, mas eu gostaria de me desculpar sobre o que aconteceu no seu Show. Laís não sabia sobre meu relacionamento atual. – Mexi desconfortável na cadeira, não estava acostumada a falar tão abertamente sobre o que eu vivia com o Alexandre.

Dereck colocou as mãos juntas sobre a mesa e encarou meus olhos de uma forma intimidante. Poderia dizer que ele estava chateado, pois entre suas sobrancelhas havia dois vincos. O tempo em que passei com ele, me fez conhecer um pouco mais, além do que as pessoas conheciam. Dereck era muito mais do que um cantor quente e sensual, ele era companheiro, se irritava fácil e amava os animais, principalmente os cachorros. Sorri com essa lembrança.

– Eu esperei malditos nove meses para te ver. Você nunca mais me ligou. O número que usava enquanto estávamos juntos está desativado e meus e-mails sempre voltaram. – Realmente ele estava chateado, Dereck praticamente não respirava entre uma palavra e outra e seus dedos começaram a tamborilar sobre a mesa. – Agora junta tudo isso. – ele continuou. – E adiciona o fato de ouvir da boca de um idiota filho da mãe, que sua garota está namorando o próprio chefe. É um pouco fodido, você não acha? – Após terminar ele encostou as costas na cadeira e somente uma de suas mãos repousava sobre a mesa, fiquei surpresa e curiosa para saber como Dereck sabia que Ferraz era o meu chefe.

– Alexandre não é meu chefe. – comecei a me explicar. – Estágio não é um trabalho, então nossa relação é somente de orientador e acadêmico. – Dereck abriu um sorriso irônico.

– Pelo visto, ele também está te ensinando como dar uma boa trepada. Mas, lembro-me muito bem, você já tem mestrado nesse assunto. – Ele me disse com um sorriso que não chegou aos olhos. Se fosse em um outro momento da minha vida, eu teria dado uma bofetada nele e ido embora, mas eu sabia o que Dereck estava fazendo: estava me atacando para se proteger. Daquela forma ele não precisaria reconhecer os próprios sentimentos. Eu sabia disso por que usei essa arma mais vezes do que gostaria.

– Dereck, eu sinto muito. Eu não sabia onde estava indo. Nando e Laís tentaram me fazer uma surpresa, eu nunca levaria Alê em um show seu. Principalmente depois de tanto tempo. – Tentei ser sincera.

– Alê? – Ele cuspiu ainda mais irritado. – O que está acontecendo com você, Clara? – Questionou e eu não soube o que responderia, já que nem eu mesma sabia o que se passava comigo.

– Olha Dereck. – Tentei voltar focar em nos dois e deixar o Alexandre de fora. – Eu saí, pois eu não podia dar o que você queria de mim. Seus sentimentos mudaram. Merda Dereck. Você falou na frente de uma multidão que eu ganhei o seu coração, dando a entender que estava apaixonado por mim. – Mostrei resigno pelo que ele havia feito.

– Mas, eu estou apaixonado por você. – ele disse segurando minha mão por cima da mesa. – Clara eu só não voltei para o Brasil antes, por que não podia deixar os Estados Unidos sem concluir os preparativos para a turnê. – Eu retirei minhas mãos e Dereck desviou os olhos. Eu sabia que nutria sentimentos, mas ouvir sua boca confessando aquilo me desarmou.

– Dereck... – aquela conversa estava sendo mais difícil do que eu imaginei. – Eu não posso ser o que você quer. Você me conhece, sabe sobre o meu passado. Eu não posso amar novamente, nunca vai haver espaço para outro além do Felipe, eu te expliquei quando parti com você. – Fechei os olhos, pois sempre era doloroso tocar no nome do Lipe.

– E aquele babaca? – Ele se referia ao Ferraz de uma forma enojada.

– É complicado. – Levantei da cadeira, tentando encerrar o encontro e o assunto.

– Clara, eu preciso de apenas uma chance. Foram meses compartilhados, não acredito que você não sinta nada por mim. – Dereck soava desesperado, e eu me sentia um lixo por magoá-lo. Há tempos meus sentimentos de compaixão, carinho e ternura não viam a tona. Nunca me importava com o que os outros sentiam ou pensavam. Mas, vendo Dereck na minha frente me deixou com o coração na mão.

– Por favor, não torne as coisas ainda piores. – Passei por ele de cabeça baixa e abri a porta. Já na calçada eu senti sua mão em meu braço.

– Queria ser eu. – ele disse tocando meu rosto com os dedos, tão familiar. – Você abriu seu

coração novamente, eu sabia que isso voltaria acontecer, mas não contava que o sortudo não fosse eu. – Sua voz era um sussurro e seus olhos me encaravam.

Dereck se aproximou lentamente. Seus dedos ainda tocavam meu rosto e eu fechei os olhos, perdida nas lembranças do tempo em que estivemos juntos. Tudo era tão familiar, seu toque... seu cheiro... sua voz...Dereck percebeu que eu havia relaxado e colou sua boca a minha. Um beijo inesperado. Por alguns segundos eu me deixei levar pelo toque macio dos seus lábios, o *piercing* que eu adorava me fazia arrepiar. Mas assim que abri os olhos eu me lembrei de Alexandre e a culpa me incendiou. Afastei-me do Dereck e sai em disparada pela rua. Dei uma olhada para ver se ele me seguia e o que vi me fez tremer de raiva. Dereck estampava o sorriso mais lindo do mundo em minha direção. Suas covinhas perfeitas sinalizavam que ele conseguiu o que veio buscar. Dei o dedo do meio para ele e continuei caminhando ouvindo sua voz ao fundo.

– Está é minha gatinha. – Ele gritou em inglês.

Entrei bufando no apartamento. Procurei por Nando, por que essa era a hora de chutar a bunda dele. Olhei por toda a casa e nada, assim que cheguei à cozinha havia uma nota com sua letra pregada na geladeira.

Tive que sair, seu celular estava desligado. Ligue para Laís. Por favor, não chute minha bunda. Beijos. N.

Por mais que eu quisesse matar aqueles dois por ter me metido nessa confusão, não podia culpá-los. Na verdade, a confusão era minha e eu entrei nela por livre e espontânea vontade. Liguei para Laís e seu celular estava desligado. Deixei uma mensagem pedindo desculpas, mas não aguardei sua resposta. Estava cansada além do extremo, só queria tomar um banho e descansar um pouco. Ainda estava cedo para dormir, então eu deitei no sofá. Esperaria o Nando voltar para decidir o que iríamos jantar. Um tempo depois acordei assustada, Nando estava em volta do sofá com o celular na mão falando com alguém. Tentei me levantar, mas senti a cabeça pesada e um frio insuportável.

– Nando... – falei baixinho, pois sentia que algo martelava em minha cabeça.

– Ela acordou. – ele disse ao telefone.

– Linda, o que aconteceu? Vou te ajudar a se vestir e vamos para o hospital. – ele falou me apoiando para que eu ficasse de pé. Não estava compreendendo o que Nando falava. Hospital?

– Que porra de hospital? – Perguntei a ele.

– Clara. Você está queimando de febre. Eu cheguei agora a pouco e vim te procurar. Menina, você estava delirando. Estou preocupado. Liguei para Laís e ela mandou te levar para o hospital em que a mãe dela trabalha.

– Não. – disse em negativa. Se eu estava com febre teria que procurar minha médica, além do mais, se fosse para o hospital da tia Solange todos saberiam do meu passado.

– Como assim não? – Nando perguntou exasperado. – Você pirou na batatinha?

– Meu médico... sinto mais confiança. – Dei as coordenadas do hospital que era acostumada a consultar e em poucos minutos eu já estava sendo medicada.

– Boas notícias. – Minha médica disse sorrindo. – É somente o início de uma infecção urinária. –

Manu sentou ao meu lado da cama.

Frequentei tanto aquele hospital que minha médica praticamente era da família. Manu era uma médica jovem, seu jeito despojado me ganhou de cara e desde então nunca mais aceitei outra pessoa cuidando da minha saúde. Tentei me levantar, mas Manu me parou, disse que minha febre estava muito alta. Precisava ficar em observação ao menos vinte quatro horas. Por mais que eu odiasse hospital, eu sabia que no meu caso o cuidado deveria que ser dobrado.

– Como sempre, sem avisar ninguém? – Manu perguntou já sabendo minha resposta. Não gostava de ver as pessoas me velando em vida. Eu estava doente e ponto. Ninguém deveria parar suas vidas para ficarem ao meu lado.

– Nada mudou Manu. – Respondi secamente e virei-me para o lado.

– E o gostoso lá fora? O que eu faço com ele? – Tinha me esquecido do Nando, ele iria ser relutante em me deixar sozinha.

– A verdade. Diga que estou em observação e não posso receber visitas. Que é melhor ele ir embora. – Virei em sua direção e ela me encarava.

Manu me olhou de forma tristonha e antes de sair, me repreendeu.

– Você tem que parar de afastar as pessoas, Clarinha. Lipe não gostaria disso.

E com essa frase ela conseguiu me deixar ainda mais doente. Sofrer pelo Felipe era algo comum, a dor me fazia sentir digna da vida que ganhei, mas desde meu envolvimento com Ferraz, junto com a dor, vinha à culpa da traição.

Adormeci rápido por causa dos efeitos dos analgésicos. E mais uma vez sonhei com Felipe.

– Querida, já está liberada. – Acordei com a voz suave da Manu. Perdi a noção do tempo. Sabia que já estava na parte da tarde, pois me lembro de ter comido uma sopa de água horrorosa no almoço.

– Graças a Deus. – Manu tirou o meu soro e eu resolvi tomar um banho antes de sair. Não era tão tarde, Manu resolveu me liberar mais cedo e meu celular ainda marcava quatro horas. Perdi muitas chamadas e ligações, principalmente e Nando Laís, mas também havia mensagens do Ferraz e dos meus pais.

Antes de sair, Manu me deu o sermão de sempre; hábitos saudáveis, manear no álcool, nada de drogas e praticar exercícios físicos. Ela me entregou um papel que eu previ serem mais remédios.

– Obrigada Manu. – disse, e ela sorriu carinhosa. – Vou chamar um táxi para me deixar em casa.

– Querida, acho que não vai precisar. – Seu sorriso havia se transformado, ela estava divertida,

mas de uma forma maliciosa, de quem estava aprontado. – Desde ontem tem havido um desfile de homens gostosos nesse hospital. – disse abanando o bloquinho perto do rosto. Fiquei curiosa e ela continuou. – Clarinha. Primeiro aquela coisa gostosinha que dá vontade de pegar no colo para cuidar, não arredou o pé do hospital até hoje de manhã. – Não consegui segurar a risada pela forma que ela se referiu ao Nando. – Depois. – ela continuou fazendo uma cara dramática. – Apareceu um gato de covinhas perfeitas, e minha amiga... minha vontade foi lambar cada tatuagem naquele corpo.

– Dereck? – Perguntei surpresa. Só poderia ser ele pela descrição da Manu. Ela não me respondeu e continuou.

– Depois, apareceram os dois homens mais lindos que eu vi na vida. Um que mais parecia com um ator de filmes românticos, e outro que quase fez as enfermeiras arrancarem as calcinhas pela sua cara de mal e voz arrebatadora. E o olhar... Puta que pariu Clarinha, o cara é um Deus.

Manu foi muito específica em suas descrições. Com certeza o ator perfeito era Diego, bom e nem preciso dizer quem é o outro. Alexandre. Fiquei sem reação, não sabia o que diria para Alexandre quando o visse. Não queria magoá-lo, mas não explicaria tudo o que estava acontecendo.

– Enfim. – Me perdi nos pensamentos, pois Manu ainda falava. – O malvado não foi embora, está desde antes do almoço na sala de espera.

Não sei como, mas teria que me afastar do Alexandre. Estava uma bagunça emocional e sua presença só dificultaria as coisas. Despedi-me da Manu e caminhei até a saída.

Assim que me viu, Alexandre se colocou de pé e caminhou rápido em minha direção. Ele estava trajado de forma social e segurava o terno em uma de suas mãos. Quando ele me alcançou seus braços me envolveram em um abraço forte e contive minha vontade de chorar.

– Como está se sentindo minha menina? Você me assustou. Nando me disse que era apenas uma infecção, mas isso não me impediu de me preocupar com você – Ele disse suspirando no meu cabelo. Sua voz estava aliviada e eu engoli em seco pelo que eu faria.

– Preciso de um tempo. – Disse antes de me soltar de seus braços. Aproveitei até o último segundo do calor do corpo do Alexandre.

– O que você disse? – Ele me olhou atônito. Pânico brilhava em seus olhos e minha vontade foi de correr. –Eu... – desviei o rosto, pois se o encarasse poderia me perder no azul de seus olhos e nunca mais voltar. – quero ficar sozinha. – completei. - Acabou Alexandre!

Diego

Ouvir Alexandre muito bêbado confessar seu amor pela Clara me deixou sem saber o que fazer. Alê estava apaixonado. Merda! Ele estava praticamente arrastando a bunda no chão pela garota que me atraiu assim que coloquei os olhos nela. Eu não amo a Clara, nem de longe sinto o mesmo que o Alê está demonstrando sentir. É obvio que no início eu queria ficar com ela. Clara é linda,

inteligente, alegre, desinibida, bem humorada, meiga... Porra! Ela é tudo o que um cara quer. Mas Alexandre a deseja, e eu amo o meu irmão. Ele é o meu orgulho, meu amigo, meu segundo pai, meu espelho e meu herói. Sou capaz de qualquer coisa por esse velhote e moverei céus e terras para fazer sua felicidade e isso inclui abrir mão da melhor garota que eu conheci na vida.

– Ela disse que queria um tempo. – Alexandre murmurou. Olhei em sua direção tentando entender o que estava acontecendo.

Não sabia por que, mas Clara chutou o traseiro do meu irmão. Fiquei muito puto com ela, pois assim que ele me disse o que havia acontecido, toda a agonia que senti pelo meu irmão quando chegamos ao hospital voltou a me perturbar.

– Por favor, Clara Gomes Bueno. Como ela está? – Meu irmão perguntou em pânico para a recepcionista do hospital que Nando nos deu o endereço. Após saber que ela estava internada, Alexandre saiu como um louco do escritório para vê-la. Eu não poderia culpá-lo. Tenho certeza que o envelope que ele havia recebido pela manhã, poucos minutos antes da Ana nos dar a notícia sobre Clara, era de fato uma ameaça. Teria que tomar as providências necessárias e procurar a delegacia para prestar queixa. Mas, agora sinto uma preocupação enorme com relação à Clara. Nando nos havia avisado que era somente uma infecção, que Clara já estava sendo medicada e não podia receber visitas. Tentei convencer o meu irmão que ela ficaria bem, para que ele se acalmasse, mas porra nenhuma que ele me escutou. Nunca em toda a minha vida eu vi Alê tão preocupado. A recepcionista informou que Clara não poderia receber visitas o que deixou Alê mais enlouquecido.

– Como assim? O estado dela é grave? Preciso de notícias. – Alexandre soava desesperado e meu coração apertou por vê-lo tão mal.

– Clara está bem. Ela não permitiu visitas. – Disse uma voz vinda do outro lado da recepção e pelo sotaque, mesmo antes de me virar, eu sabia quem era. E também sabia que não era um bom momento para o Dereck estar ali.

– Que diabos você está fazendo aqui? – Alê cuspiu na direção do Dereck. Podia ver que ele colocava as mãos em punho, enquanto Dereck simplesmente se mantinha sentado no sofá com uma xícara nas mãos. Meu instinto diz que ele não estava preocupado com a possessividade do meu irmão.

– Estou fazendo o mesmo que você. – ele apontou para Alexandre e continuou – mas, não se preocupe, já estou indo embora. Eu conheço a Clara e sei que quando isso acontece, ela não aceita que ninguém a acompanhe.

Agradei por Dereck estar se controlando, pois bastava uma insinuação dele e o hospital seria o lugar perfeito para estarmos, pois com certeza algum dos dois parariam na enfermaria. E pelos olhos do Alexandre, duvido que alguém pudesse segurá-lo. Mas, eu também me atentei ao que ele disse, eu sabia que algo incomodava Clara, mas pelas palavras do Dereck tudo era mais sério do que eu imaginava. Alexandre ainda encarava Dereck com um olhar mortal, e eu não conseguiria dizer se ele

havia processado tudo que ouviu. Provavelmente não, e era melhor assim. Esse seria um assunto para ser discutido depois.

– Não deveria dizer isso, pois se bem conheço a Clara, ela ainda não assumiu. Mas, ela te ama. – ele disse desapontado. Era nítido que Dereck nutria sentimentos por Clara, mas do jeito que ele disse eu senti que ele estava saindo de cena. Ele colocou os óculos escuros e partiu sem dizer mais nada.

Agora estou aqui. Alexandre ficou de plantão durante todo o dia no hospital, e assim que Clara ganhou alta, além de mandar meu irmão embora ela também pediu um tempo. Droga de mulher mais complicada. Olhei para Alexandre mais uma vez jogado no sofá. Tentava convencê-lo a dormir. A garrafa de whisky estava vazia, e com certeza na manhã seguinte sua cabeça sentiria as consequências – Ela não me quer. – sua voz arrastada reclamava mais uma vez. Com ele se apoiando em mim, consegui caminhar em direção ao seu quarto.

– Mano, ela estava saindo de uma situação complicada, dê um tempo para ela. – tentei amenizar a situação. Consegui jogar Alexandre na cama e retirei seus sapatos para que pudesse dormir.

– Mas eu queria estar lá para ela. O idiota estava... – ele não conseguiu terminar a frase, pois assim que ele fechou os olhos apagou. Poucas vezes vi Alexandre bêbado, mas em todas elas ele dava o mínimo de problema possível, seu senso de responsabilidade era nítido até com meu irmão de pileque. Tomei um banho e vesti uma das camisetas do Alexandre. Dormiria em seu apartamento somente para ter a certeza que ele ficaria bem. Precisa fazer algo por ele sem invadir muito sua privacidade.

Passei o restante da semana trabalhando de forma preocupada. As coisas estavam fora do eixo e isso me deixava extremamente chateado. Clara ainda estava de atestado médico, uma semana de repouso. E o fato de Alê ter concordado em lhe dar um tempo não trouxe bons ares. Meu irmão estava terrivelmente irritado, e sua raiva estava atingindo todos do escritório e até nossa família. Priscila já havia tentado falar com ele várias vezes e ele recusava-se a atendê-la. O único a conseguir arrancar algumas palavras dele foi Bruno. Bruno era um amigo e tanto, durante essa semana eu entendi porque a ameaça que Alê recebeu também incluía o Bruno. Ele era praticamente um irmão para Alexandre.

As investigações acerca do envelope já estavam sendo feitas. Mas, com os recursos que os investigadores do Brasil possuíam, o caso se enrolaria por mais alguns dias para termos as primeiras informações. Alexandre estava certo que o autor se tratava do Araújo, pai do Alec. Eu ainda tinha minhas dúvidas, porém estava inclinado a concordar com meu irmão: Araújo era o principal suspeito.

Quinta-feira a tarde e estava difícil conversar com o Alexandre. Ele como sempre, com sete pedras na mão e uma resposta afiada na ponta da língua. Do corredor da minha sala eu podia ouvir sua ira direcionada a Ana. Coitada! Por ser a mais próxima do Alê, era a que mais estava

sofrendo com seu mau humor. Respirei fundo, pois estava certo de que, meu irmão não gostaria que eu me intrometesse, mas já havia esperado tempo demais pelo desenrolar daquela situação. Passei pela recepção e encontrei Ana com os olhos marejados por lágrimas não derramadas. Ela me deu um olhar de desculpa e eu senti vontade de chutar a merda fora do meu irmão. Independente de seus problemas, Ana não merecia ser tratada daquela forma.

– Dr. Diego, eu juro que... – ela disse de forma chorosa e eu a interrompi.

– Nada de desculpas Ana. Não é sua culpa. – lhe dei um olhar complacente. – Vai passar. – ela me devolveu um sorriso e eu saí em direção à sala do meu irmão.

– Mano você precisa resolver essa merda. – Não bati na porta e ele se assustou com minha entrada abrupta.

– Não se anuncia mais? – respondeu em tom grosseiro. Estava com saco cheio da forma que Alexandre estava lidando com as coisas.

– Fique calado. E preste atenção no que eu vou dizer! – Ele levantou um olhar em minha direção, mas não disse nada. Nunca alterei o tom de voz com ele, e por isso entendia seu espanto. Sempre respeitava Alexandre como um pai e sua palavra era ordem em minha vida. Mas, ele estava insuportável, alguém precisava sacudir o mundo dele. – Ou você vai atrás dela, ou eu vou. – Disse tentando animá-lo a tomar uma atitude.

– Foda-se! Ela me chutou. – ele vociferou. Já esperava essa resposta, pois o orgulho de Alexandre era tão grande quanto o seu coração. Então, parti para missão impossível dois. Convencer Clara a voltar atrás. Não sabia quem era mais cabeça dura.

Peguei o carro e alguns minutos depois estava na portaria do apartamento da Clara.

Cumprimentei o porteiro e pedi que avisasse a Clara da minha visita.

– Ela acabou de sair, se o senhor correr vai encontrar com ela ainda na calçada. – ele apontou para a rua me respondendo.

Agradei e sai correndo, olhei de um lado para o outro e a vi entrando em seu carro que estava estacionado alguns metros à frente. Gritei seu nome algumas vezes, mas ela não ouviu.

– Ela está indo ao cemitério. – Uma senhora que estava em uma banca de flores na calçada me respondeu. – Há mais de quatro anos ela sempre compra flores para levar ao cemitério. – a senhora informou e eu fiquei assustado. Quem Clara havia perdido? Entrei em meu carro e segui na mesma direção que Clara dirigiu. Coloquei os dados no GPS e ele me informou sobre um cemitério nas redondezas. Segui na direção informada e contei com a sorte para ser o que Clara estava. Assim que estacionei agradei aos céus, pois a sorte estava ao meu lado. O carro da Clara estava na vaga ao lado. Entrei no cemitério e notei que não seria fácil achá-la naquela imensidão. Não a avistei em nenhum lugar. Pedi informação ao jardineiro que estava cuidado de uma roseira próxima a mim. Dei a descrição da Clara e ele soube perfeitamente de quem eu falava.

– A senhorita Clara? Está no túmulo do Felipe. Fica a quatro quadras a sua direita. – Ele apontou para onde eu deveria seguir. Atordoado e sem saber o que pensar eu segui na direção em que ele orientou. Merda! Quem era Felipe? Chegando ao local indicado eu pude ouvir os gritos. A cena que eu vi me deixou aterrorizado. Clara gritava e chutava o túmulo a sua frente e eu acelerei o passo tentando alcançá-la. Ela estava uma bagunça, maquiagem descia pelo seu rosto e seus cabelos estavam desalinhados. Roupas sujas como se ela tivesse se jogado no chão.

– Seu idiota. Por que você me deixou? – Suas palavras eram entrecortadas pelo choro que ela se entregava naquele momento. – Por que me deixou? – ela repetia. – Era para ser eu. Eu quem deveria ter morrido. – A fúria da Clara era tão grande que todos os vasos que estavam depositados no túmulo estavam destruídos, flores semelhantes as que eu vi na calçada de seu apartamento, estavam esmagadas por toda a parte. Clara ainda chutava toda a grama a sua volta quando eu finalmente consegui me aproximar. Ela desabou em meus braços e chorava copiosamente. Impotente. Essa era a palavra que definia os meus sentimentos naquele momento. Eu não sabia o que fazer o que falar. Enquanto Clara desabafava em meus braços eu li a inscrição na lápide e tudo começou a fazer sentido.

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)*
E talvez de meu repouso...
Eu e você contra o mundo.

Felipe Andrade

Amado filho, amigo e noivo.

Abril de 1984

Dezembro de 2009.

Um mural com algumas fotos enfeitava o monumento, e o que mais me assustou foi ver Clara na maioria das imagens. O rapaz era muito jovem, e era obvio que eles se amavam, em todas as fotos eu podia ver o olhar de ternura que Clara transmitia a ele. Um olhar que nunca notei nela.

– Era para ser eu. – Clara sussurrou ainda chorosa em meu peito. Minha camisa já estava encharcada, mas não importava nenhum um pouco com ela. Peguei Clara no colo e a levei para um local onde havia alguns bancos, embaixo de uma grande árvore. O silêncio fazia com que o cantar dos pássaros soassem mais alto do que já ouvi. Flores estavam por toda a volta e a grama verde

embaixo dos nossos pés estava molhada pelo sistema de irrigação. Sentei Clara em um banco e me ajoelhei diante dela. Toquei seu rosto e pude perceber a dor e o sofrimento em seus olhos. Agradei por seu eu quem estava ali, pois Alexandre não suportaria vê-la daquela forma.

– Clara, fale comigo. – Tentei soar calmo, mas por dentro estava em nervos.

– Era para ser eu. – Essa frase martelava minha cabeça, pois Clara havia repetido aquelas palavras muitas vezes.

– Converse comigo, eu estou aqui. – Eu a abracei Clara apoiou a cabeça em meu ombro. – Seja o que for. Seu segredo estará guardado.

Ela se afastou um pouco e eu continuei em sua frente na mesma posição que estava. Clara respirou fundo, tomando coragem e começou a falar:

– Felipe era o meu noivo...

Foram às primeiras palavras que ela disse, e o que veio a seguir me deixou perplexo. Nunca imaginei que Clara havia sofrido algo tão traumático em sua vida. A cada pausa que ela fazia para respirar, lágrimas rolavam em sua face e eu não pude me segurar. Com os olhos marejados eu desviei o olhar de sua direção em vários momentos do relato. Se Clara percebesse o quanto eu estava abalado, a confiança que eu havia estabelecido cairia e sem saber o que aconteceu eu não poderia ajudá-la e ajudar o meu irmão. Clara era uma sobrevivente. Agora tudo fazia sentido. Alexandre vai ter que se empenhar para conquistá-la.

E será o maior desafio da vida do meu irmão.

Clara

Não sei como Diego me encontrou no cemitério. *Toda semana eu levava flores ao túmulo do Felipe.* Acontece que eu resolvi desabafar tudo que estava vivendo nos últimos dias, simplesmente explodi e Diego com seu *timing* perfeito, assistiu a cena patética que eu proporcionava. Estava emocionalmente destruída e uma coisa levou a outra, eu despi minha alma para ele como há muito tempo não fazia. Contei tudo, desde o início do meu problema até o sentimento de traição que me consumia por estar com Alexandre. Diego confortou-me, mas também tentou abri meus olhos com relação ao irmão. Nunca lidei bem com as pessoas me sugerindo o que fazer. Mas vindo do Diego, aquelas palavras pareciam tão certas, tão óbvias. Ele parecia um irmão mais velho dando conselhos, o que me fez questionar onde foi parar o seu interesse por mim. Suas palavras soaram de forma tão clara, que eu passei a noite inteira revirando na cama pensando nelas.

“Você precisa procurar Alexandre. Meu irmão está perdido sem você. Se você não se sente bem para contar o que aconteceu, pelo menos tente restabelecer as coisas entre vocês. Alê sente sua falta.”

E eu sentia a dele, não sei o que deu em mim no hospital. Eu me apavorei quando o vi na sala de espera. Alexandre lembrou-me Felipe. Eu vi aquela cena muitas vezes, e não estava disposta a passar por ela novamente. Tudo bem que as circunstâncias que eu me encontro atualmente são diferentes. Tudo graças ao Felipe. Mesmo assim, o medo de sofrer ou de trazer essa dor ao Alexandre tomou conta do meu ser. E eu fiz o que eu faço melhor: me esconder.

Passei a semana inteira reclusa: dormia, comia, chorava e me lembrava do Alê. Sentia uma saudade imensa. Seu cheiro, seu jeito, seu toque, tudo me fazia falta. Falei com meus pais e inventei uma desculpa, por não ter aparecido no domingo. Não toquei no assunto da internação, detestava ver “pena” nos olhos deles. Laís e Nando foram meus escapes. Desembuchei toda história com Ferraz para eles, e as reações de ambos ainda me faz sorrir. Nando pulou pelo apartamento gritando que já sabia. Laís ficou mais contida, ela deu de ombros e disse que estava decepcionada. Não a julguei, em seu lugar eu também estaria. Eu sabia que teria que reconquistar a confiança da minha amiga.

Naquele dia apesar de não ter dormido, acordei com um ânimo diferente. Teria que agradecer ao Diego. Suas palavras me ajudaram muito. Estava tomando café quando a campainha tocou. Imaginei o que seria. Durante toda a semana, Dereck havia mandado flores estimulando melhoras. Assim que abri a porta dei de cara com as flores, mas para a minha surpresa Dereck as acompanhava.

– Bom dia gatinha! -Ele disse sorrindo. Droga! Droga! Mil vezes drogas de covinhas.

– Dereck como você subiu sem avisar? – Eu o questionei. E assim que ele levantou uma sobrancelha e abriu mais ainda o sorriso eu percebi o que aconteceu.

– Entre. – Falei irritada, mas não ia deixar ele plantado na porta. – Vou matar o Nando, disse mais para eu mesma do que para ele.

– O garoto é um cara legal. Não brigue com ele, eu sei ser muito convincente. – E presunçoso também, pensei, mas não disse nada.

– Dereck eu... – Comecei a falar, mas ele interrompeu.

– Não diga nada Clara, você me chutou. Entendi. – Ele disse tentando soar divertido, mas foi em vão. Droga! Chutei-me mentalmente. Como eu consigo magoar dois homens perfeitos ao mesmo tempo?

– Dereck, me desculpe! – Pedi sentindo as lágrimas queimarem em meus olhos. Ele se aproximou e colocou as flores que ainda estava em suas mãos na bancada ao meu lado. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Merda. Estava extremamente emocionada. Dereck tocou meu rosto secando-a. Era fascinante como aquele homem, com cara de malvado e tatuagens por todo o corpo poderia ser tão suave.

– Eu só vim me despedir. – Disse me encarando. – Eu sei que você o ama! – Dereck falava do Ferraz e eu não soube o que responder. – E porra! Pela maneira como o filho da Puta quase pôs o hospital abaixo, eu tenho que dar o braço a torcer: o idiota também te ama. Queria ter sido eu o sortudo, mas fico feliz que você deixou alguém entrar – Ele tocou com o dedo indicador na direção do meu coração, eu acompanhei seu olhar e vi lágrimas em seus olhos. Puta que pariu, Dereck estava chorando.

– Dereck, por favor? – Eu supliquei perdão. Ele sempre foi gentil, nunca me arrependi de ter seguido seus passos, estava morrendo por magoá-lo, mas Dereck merecia mais, e eu não poderia ser o que ele precisava.

– Por favor, digo eu. – Ele se afastou e começou a sorrir. E dessa vez percebi que era um sorriso verdadeiro. – Nada de “Oh! Não é você, sou eu” ou “Você merece alguém melhor” e blá blá blá. Chute na bunda é chute na bunda, e a minha está dolorida.

Não consegui segurar minha risada e Dereck se juntou a mim.

– Desculpa pelo beijo. – Ele disse se afastando. Ao mesmo tempo em que senti um vazio eu percebi que mais uma amarra que me prendia ao passado estava se soltando.

– Você se arrependeu? – Perguntei quando ele já estava com a mão na porta.

– Não nessa vida. – Um enorme sorriso e uma piscada foi o que eu recebi como resposta. Tenho certeza que a imagem daquelas covinhas saindo do meu apartamento ficará em minha memória para sempre.

Assim que a porta se fechou eu comecei a chorar, abri o bilhete que acompanhavam as flores e senti uma vontade enorme de abraçar o Dereck.

Conte para ele. O Filho da Puta merece saber que você o ama. Seu, D.

Saí o mais rápido que pude. O elevador já estava descendo, então optei pela escada. Todos que estavam transitando por aquele caminho me olhavam. Também pudera, eu estava descalça e ainda vestia pijamas. Cheguei à portaria e vi Dereck na calçada, ele estava parado olhando para o céu.

– Dereck. – Eu gritei e ele olhou confuso em minha direção.

Corri até onde ele estava e pulei em seus braços, com ele me segurando no ar. Dereck enterrou o rosto em meus cabelos e ficamos nesse abraço por alguns segundos. Era um adeus, eu sabia. Por mais que nos víssemos novamente, não seríamos mais os mesmos.

– Obrigada. – Disse me afastando. Ele colou os lábios em minha testa, e antes de se despedir, sussurrou:

– Agora eu sei que posso amar. Obrigado por me fazer descobrir meu coração. Eu não sabia que tinha um, até o dia em que você o roubou de mim. – Após falar, Dereck fez um careta e gesticulou os dedos como se tivesse contando mentalmente. – Essas coisas melosas podem dar uma música, talvez eu dê seu nome a ela. – Ele beijou meu rosto uma última vez e saiu em direção ao seu carro.

– Se você se cansar do velhote me ligue. – Dereck gritou fechando a porta.

– Adeus – murmurei, sabendo que ele não me ouviria mais.

Ferraz

– Inferno! – Praguejei mais uma vez, em alto e bom som. Essa semana estava sendo um inferno, nada que eu fizesse, faria com que a angústia passasse. Nada dava certo, e eu amaldiçoei o dia em que aquela menina colocou os pés no meu escritório. Minha vida estava de cabeça para baixo, todo controle que adquiri em todos os anos vividos, foi pelo ralo no dia em que Clara me chutou para fora do hospital e da sua vida. Desde então eu liguei o piloto automático e tentei sobreviver àquela maldita semana. Servia meu terceiro copo de Jack quando o celular tocou. Uma mensagem piscava no visor, mas ignorei, assim como as outras.

– Vai para o inferno. – Gritei enfurecido. Se já não bastasse tudo o que estava acontecendo. Lana não me deixava em paz, não sei como ela descobriu que Clara me deixou, mas desde segunda-feira seu radar apontava para mim, e eu não estava com paciência para lidar com ela.

Meu apartamento estava vazio, assim como o meu coração. A sensação de estar oco por dentro me consumia. Talvez por isso, nunca me apaixonei, não estava preparado para tudo o que vem depois, todas as consequências. Meu celular tocou novamente e eu estava pronto para ignorar quando li o nome que me chamava. Atendi o mais rápido possível.

– *Alguma novidade Rocha?* – perguntei ríspido, nem ao menos disse boa noite, mas Marcello me entenderia. Estava angustiado com aquela situação.

– *Ferraz, ainda nada, por enquanto não tem o que fazer, nossos recursos são limitados, e o*

desgraçado que mandou essas ameaças cobriu muito bem os rastros. – Ele respondeu com calma.

– *Filho da Puta.* – Disse baixinho, mas é claro que Marcello escutou.

– Sinto muito! – ele respondeu solidário.

– *Obrigado Rocha, qualquer novidade me avise.* – Pedi sua ajuda novamente, Marcello estava sendo um grande amigo essa semana. Ele desligou e eu rezei para que esse assunto fosse resolvido logo. Nada. Sequer uma pista de quem fez àquela ameaça. Eu apostava em Araújo, mas sem provas eu nada podia fazer. Marcello estava me dando uma força, como ele conhecia os investigadores responsáveis, tentava me inteirar da situação.

– O que eu vou fazer? – Perguntei para o nada. Sentado no sofá olhei para o quarto copo de Jack que estava sobre a mesa e decidi não beber. Fritar meus neurônios com álcool não resolveria meus problemas. Enquanto pensava no que fazer, o interfone tocou; já era tarde e Diego já havia feito sua rotina de babá hoje, então fiquei curioso. Se fosse Lana perderia a cabeça. Não estava com paciência para os seus jogos.

– O quê? – Praticamente gritei. Diego estava certo, eu estava sendo uma dor na bunda.

– Maria Clara. Dr. Ferraz, eu posso deixá-la subir? – Fiquei sem reação. – Dr. Ferraz? Ainda está aí?

– O porteiro perguntou devido o meu silêncio.

– Estou. – Respondi de forma direta. Meu Deus, minha menina está aqui. – Peça para subir. – Tentei soar calmo, mas estava desesperado.

Coloquei o aparelho no lugar e corri para a sala que estava uma bagunça. Sai juntando tudo e colocando no lugar, passei uma água no rosto para disfarçar a cara de bêbado, e me congratulei por ter ao menos tomado banho. Olhei no relógio pela terceira vez, fazia oito minutos desde que o porteiro me ligou, meu olhar encarava a porta e eu comecei a entrar em pânico, será que ela desistiu? Foi embora? Aproximei da porta e olhando pelo olho mágico, percebi que ela estava lá. Sua expressão era indecisa e o medo me pegou. Só podia ser isso, Clara veio se despedir para ir com aquele cantor de merda. No momento em que ela virou-se para sair, eu não pensei duas vezes e abri a porta. Assim que ouviu o barulho, ela parou.

– Minha menina. – Minha voz soava como uma súplica. Faria o que ela quisesse, mas não deixaria o filho da puta tirá-la de mim. Ela virou lentamente e lágrimas desciam pelo seu rosto. Contive minha vontade de secá-las e com os olhos eu a implorei para que fizesse a escolha certa. Eu!

– Eu... É... – ela começou a dizer. Clara olhava de um lado para outro, sem saber como agir. Eu sabia que seu coração estava lutando contra sua razão, poderia resolver tudo puxando – a para meus braços, mas somente ela poderia escolher. De repente ela me encarou com determinação e eu tremi.

– Alê! Eu te amo! – Sua voz foi um suspiro, como uma brisa, mas aquelas palavras me devastaram como um furacão. Era tudo o que eu precisava. Tudo o que eu mais queria ouvir. Puxei Clara para

dentro e antes mesmo da porta se fechar, eu tomei sua boca de forma desesperada.

– Preciso de você. – Disse com a ansiedade tomando conta de mim. Mal podia esperar para estar dentro dela. Ouvindo minhas súplicas, Clara segurou a barra da minha camiseta, e eu levantei os braços para facilitar que ela me despisse. Nossas bocas ainda mantinham um beijo cheio de desejo. Assim que minha camiseta foi ao chão, meus braços voltaram para a sua cintura. Clara pulou entrelaçando suas pernas em meu quadril. Segurei a sua bunda, nunca desfazendo o beijo, nossas línguas se tocavam em uma dança nada sincronizada. Era desejo em sua forma mais pura. Estava pronto para possuí-la e Clara respondia com a mesma ferocidade.

– Minha menina. – sussurrei em seu ouvido. Louco de desejo. Encostei Clara na parede e arranquei sua blusa. A maldita estava sem sutiã.

– Lindos. – Falei com a boca próxima aos seios, seus mamilos estavam rígidos, revelando toda a sua excitação. Sem perder tempo comecei a chupá-los avidamente. Por mais que quisesse, não conseguiria ser gentil. Comecei a caminhar com Clara em direção ao quarto, ela tentava fazer movimentos se esfregando em minha ereção e eu gemia em resposta a sua vontade por mim. Alguns passos depois ela gemeu alto e eu a coloquei deitada no balcão que separava a sala da cozinha. Sem demora desabotoei seu jeans e segundos depois ele e sua calcinha já estavam no chão. Clara gemia muito em antecipação ao que viria. Abri suas pernas e me delicieei com a visão. Clara estava tão molhada, que seus os lábios de sua buceta estavam melados por sua excitação, seus sulcos escorriam e minha boca salivou. Um banquete, e era todinho meu.

Antes de fazer jus ao meu apelido de lobo mau com a boca grande, eu passei o dedo indicador em sua entrada e levantei até a altura dos olhos da Clara, tocava os dedos de forma que um fio se formava entre eles, a prova que Clara estava mais molhada do que nunca.

– Olha isso. – Mostrei o quanto ela estava pronta. – Toda molhada. – Levei os dedos aos lábios e provei minha menina. Deliciosa como sempre.

Voltei para sua entrada encharcada e dessa vez meu objetivo era seu clitóris. Chupei sem piedade. Clara se contorcia no balcão e eu ouvi vários objetos se espatifarem no chão. Suas mãos puxavam meus cabelos, e sua respiração estava tão falha que mal pude ouvir sua voz.

– Por Favor, Alê! – Sua voz sexy sussurrou e eu não pude evitar em soltar um sorriso malicioso.

– Implorando? – Disse extasiado. Era assim que eu me sentia toda vez que ela implorava para ter o meu pau enterrado nela.

– Quero que você goze somente quando meu pau estiver te possuindo. – Ordenei. Queria muita que ela gozasse comigo enterrado bem fundo nela, a marcando como minha. Puxei seu corpo da bancada, e suas pernas estavam presas em mim novamente. Tentei caminhar até o quarto, mas a voz da Clara em meu ouvido me fez parar no corredor.

– Eu te amo! – Ouvir aquela frase me desarmou. Com cuidado coloquei Clara deitada no chão e

fiquei de joelhos.

– Não posso mais esperar. – Sussurrei enquanto abaixava meu jeans.

Assim que meu pau saltou livre eu me inclinei e a penetrei em um único golpe.

– Foda-me! – Ela gritou e eu comecei a meter rápido, estocadas frenéticas que faziam com que os seios da Clara, balançassem a cada movimento que meu pau fazia.

Meus joelhos reclamavam pelo chão duro abaixo deles, mas eu não poderia parar, mesmo se eles estivessem em carne viva. Apoiei um dos cotovelos no chão e aumentei o ritmo dos movimentos.

– Não aguento mais. – Ela suplicou. Eu também estava chegando ao meu limite. Com uma das mãos segurei seu pescoço restringindo o ar. Uma visão maravilhosa, Clara toda vermelha em minhas mãos e meu pau entrando e saindo da sua buceta gostosa.

– Minha! – Eu dizia com ferocidade e ela me encarava. Soltei seu pescoço e Clara respirou fundo.

– Meu! – ela retornou minha afirmação, assim que recuperou o fôlego.

Aquilo foi o fim. Enterrei bem fundo e deixei minha porra invadir o seu corpo, meu pau soltava espasmos e eu senti Clara se contrair, me apertando dentro dela.

– Alexandre! – Ela gritou quando alcançou o próprio clímax, nunca deixando os meus olhos.

– Eu te amo! – Foi minha vez de entregar tudo a ela.

Clara

O que eu sentia naquele momento era alívio. Foi como se um peso tivesse sido arrancado dos meus ombros. Depois de me foder no chão do seu apartamento. Alê fez questão de me mostrar o quanto sentia minha falta. E ele me mostrou praticamente durante toda a noite. Fizemos amor de todas as formas possíveis, lento, rápido, bruto, sensível, e eu não consegui parar de dizer quanto eu estava apaixonada. E ouvi-lo dizer que compartilhava dos mesmos sentimentos me levou as nuvens. Alias, não havia descido delas ainda. Ferraz prometeu me levar a um encontro diferente e eu estava pirando sem saber para onde iria. Depois da nossa noite agitada, eu resolvi volta para casa e descansar. Laís estava enfiada no apartamento com Bruno, e Nando na casa de um amigo. Meu celular tocou e eu notei que havia duas mensagens. Esses irmãos Ferraz me tiram o juízo. Li a primeira mensagem que era da Prí.

Prí: Estou achando que aquela bruaca está fazendo de propósito. Beijos!

Se bem conheço minha amiga, ela não deixaria barato. Havia recebido um e-mail dela me dizendo que estava desconfiada da família do Juan, que eles não estavam aceitando tão bem o casamento com uma brasileira. Prí estava possessa, mas não existiam provas que a doença da futura sogra era armação. Deixei para responder sua mensagem em outro momento, pois também queria falar sobre o Alê, então a conversa seria longa. Rolei a tela para ler a segunda mensagem e era Diego.

Diego: Fico feliz. Seja feliz. Faça-o feliz. Beijos!

Sorri, pois aquela mensagem era bem a cara dele. Antes de chegar em casa, mandei um SMS agradecendo por sua ajuda. Diego foi um ponto importante para que eu reconhecesse os meus sentimentos por seu irmão.

Amava Alexandre e por mais que eu corresse ou me escondesse, esse sentimento me acompanharia, impregnado em minha alma, no meu coração. Após tomar um banho, coloquei os fones de ouvidos e peguei no sono ao som maravilhoso do *Nickelback*.

Diga por mim

E eu deixarei essa vida para trás

Diga se vale a pena me salvar!

Nickelback.-Savin Me

Assustei-me com o barulho da campainha e acordei assustada, olhei o relógio e ele marcava

quatro horas. Puta merda, dormi quase durante a tarde inteira. Assim que abro a porta vejo o porteiro carregando uma grande caixa. Recebo o pacote e o agradeço. Antes de abri li o cartão que acompanhava o embrulho.

Use para a nossa noite especial.

Seu, L.M!

Comecei a gargalhar por causa da sua assinatura. Alê estava levando a sério aquela história de lobo mau. Rapidamente eu abri a caixa e tirei tudo que estava em seu interior. E para minha surpresa havia um vestido, uma sapatilha e um adereço de cabelo. O vestido era algo que eu nunca havia usado na vida. Era lindo e de uma delicadeza que me encantou. A parte de cima com flores aplicadas em toda a parte, flores coloridas e de tamanhos variados, um decote simples e as alças eram pequenas folhas costuradas umas nas outras. A saia que descia era curta e rodada. Não tão curta, afinal, foi Alê quem enviou o vestido, e ele não me deixaria com as pernas a mostra. A cor era vermelha e eu imaginei o contraste que faria com minha pele clara. Para os pés, uma sapatilha creme, tão bela quanto o restante do traje. E para terminar, havia uma presilha em forma de flor, para enfeitar o cabelo.

Não fazia a mínima ideia de onde Alexandre me levaria, mas já estava dando pulinhos de alegria. Corri para o banheiro, pois precisava domar meus cachos, e isso levaria tempo, Alê ficou de me buscar às sete horas. Não consegui arrancar dele, nenhuma dica de onde estaríamos indo.

Já passava das seis horas e eu estava terminando de me arrumar, meu telefone soou e eu corri para atender pensando ser Alexandre, mas era o Nando. Mandou uma mensagem informando que não dormiria em casa, e finalizou dizendo que essa era uma noite propícia para trazer o lobo mau para minha cama. Será que já estava na hora de deixar minhas regras para trás? Balancei a cabeça, pois não queria pensar naquilo. Precisava ir com calma. Felipe ainda estava em minha cabeça e coração, eu levaria um tempo para me acostumar com outro em seu lugar.

No cantinho da tela um sinal avisava outra mensagem, devia estar no banheiro quando chegou.

Fique longe. Vou mostrar que você não é a santa que o Alê imagina.

Não tinha remetente e nem precisava. Eu sabia que Lana estava aprontando alguma. Ela não largaria o osso assim tão fácil. Não poderia culpá-la, Alê era um cara por quem valia a pena lutar. Além de foder os meus miolos, era um profissional inquestionável e possuía um coração de ouro. Mas, agora ela iria ter que se conformar, pois eu também estava disposta a lutar por ele.

– Meu! – mostrei a língua para o celular. Sei que foi meio infantil, mas foda-se. Eu estava mais que feliz.

Acabei de me arrumar e assim que olhei por inteira no espelho, não me reconheci. Eu estava tão... tão... menina. Nunca o apelido que Alê me deu, caiu tão bem. O vestido parecia feito sob medida, e ficou perfeito. Meu cabelo estava todo cacheado, levantei algumas mexas do lado direito e preendi

com a flor, minha maquiagem era bem leve. Não queria estragar aquela simplicidade com algo pesado. Calcei a sapatilha e finalizei com meu perfume preferido.

O caminho que o elevador fez até chegar ao térreo deixou-me ansiosa. As portas se abriram e eu estava dentro de uma cena de filme. Alê estava de costas, com um ombro apoiado na parede. Assim que escutou o aviso sonoro do elevador, ele se virou lentamente. Naquele momento eu morreria feliz. Perfeição era a palavra que o definia. Ele vestia uma bermuda cargo cinza e uma camiseta polo, tão azul como os seus olhos. Estava de sapatênis. Ele colocou as mãos nos bolsos e sorriu em minha direção. Fiquei parada por alguns segundos, tentando capturar na memória aquela cena.

– Minha menina. – Ele apontou com a mão direita em minha direção. Sua voz era como um encanto, eu não resisti a ela e caminhei para o Deus que me chamava.

– Você está lindo. – disse, quando minha boca separou dele após um beijo suave. –Totalmente comestível. – Soei maliciosa. Esse homem precisava saber o efeito que exercia sobre mim.

– Você que está perfeita. – ele beijou meus lábios novamente – Perfeita para mim. – completou. – Vamos? – disse me puxando para a saída.

– Claro. Para onde? – tentei mais uma vez descobrir alguma pista. Mas, sabia que era uma missão perdida.

– A curiosidade matou o gato. – Alê estava alegre, como nunca vi antes. E eu ao enlaçar meus dedos aos dele me senti... Completa. Como não me sentia desde... Balancei a cabeça, não podia pensar em Felipe.

Dentro do carro, ouvíamos Paralamas, eu viajei na voz do Hebert Vianna e nas palavras que ele pronunciava:

Não sei bem certo
Se é só ilusão
Se é você já perto
Se é intuição

Um medo enorme caiu sobre mim, mas logo eu senti uma mão na minha e o calor que emanava dela me acalmou.

– É real minha menina, acredite. – Sua voz me confortava, e eu me agarrei naquela promessa, repetindo em meus pensamentos. “É real”.

Após quarenta minutos de trânsito, Alê estacionou a caminhonete e fez questão de abrir a porta para que eu pudesse descer.

– Preparada? – Ele perguntou olhando em meus olhos. – Você irá se divertir muito. – Disse com convicção e eu nunca poderia duvidar do que ele falava. Acho que esse era o poder de persuasão que ele usava no tribunal.

Bem vindos a Cheiro & Flor - Feira Nordestina

A placa da entrada dizia. Meu coração disparou e eu me agarrei ainda mais em Alexandre, deixando nossos braços colados, olhei em seu rosto e pude ver o amor que ele sentia por mim em seus olhos, talvez eles também refletissem o meu amor. Começamos a caminhar e eu fiquei fascinada por tudo que via, fazendo Alê parar em todas as barracas, conversando com seus donos e os artistas ali presente. Fiquei impressionada com tantas pessoas vivendo fora do seu estado, longe das suas famílias, suas origens. A alegria com que elas recebiam seus visitantes e apresentava um pouquinho do estado que haviam deixado para trás, me contagiou. Um clássico da música nordestina ecoava por toda a feira e eu não pude deixar de apreciar aquela letra que mais parecia um poema.

*Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação
Eu te asseguro não chores não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração.*

Asa Branca- Luiz Gonzaga.

Após uma hora andando, conhecemos praticamente toda a feira. Comprei um quadro lindíssimo, pintado por um artista Cearense. Todas as suas telas eram alegres e quando eu lhe perguntei o porquê dessa inspiração, ele me disse algo que me tocou profundamente.

– A alegria está aqui dentro. – ele apontou para o próprio coração. – Não se deixa de viver enquanto o coração não para de bater. – Apertei a mão do Alê e ele me sorriu carinhoso. – E eu estou vivo. Isso basta para ser feliz. Isso deve bastar para vocês serem felizes.

Contive minha vontade de chorar. Agradecemos a ele e partimos para o último local ainda não visitado. Alê disse que era mais uma surpresa e minha ansiedade só aumentava. Estava a ponto de ter um ataque cardíaco. O lugar ficava um pouco afastado do restante da feira, quando nos aproximamos, eu pude notar que se tratava de um restaurante. Na entrada fomos recebidos por uma bela garota, seus olhos passaram um pouco mais demorado pelo meu homem, mas logo desviaram para mim. Não podia culpá-la. Ele estava delicioso.

– Primeira vez? – ela perguntou com um sorriso. Seu vestido era quase igual ao meu e eu gostei da semelhança. Alexandre assentiu e ela entregou duas fitas vermelhas. A do Alexandre foi amarrada em seu pulso e a minha foi colocado presa à flor do meu cabelo. Não entendi o porquê do destaque. Mas, não reclamei, a noite estava perfeita. O local estava a meia luz, imitações de balões se estendiam ao longo do restaurante. As mesas eram simples, mas tudo de forma aconchegante. Um vaso com girassóis enfeitava o centro de todas elas. Um palco ficava a poucos metros de onde havíamos sentado. Na frente dele, um espaço vazio, provavelmente seria usado para dançar.

Alexandre escolheu nossas bebidas, e eu experimentei algo novo. Estava tendo muitas surpresas com ele.

– Quer dançar? – ele perguntou estendendo sua mão direita. Fiquei atônita, acho que se ele me dissesse que um disco voador pousaria em nossa frente em poucos minutos eu ficaria menos surpresa. Nunca, em toda a minha existência, imaginaria Alexandre dançando forró.

– Desde quando você dança forró. – Perguntei curiosa e ele me puxou da cadeira.

– Você não conhece metade dos meus talentos, minha menina. – Respondeu com uma pitada de desafio. Ok. Se ele queria dançar, quem sou eu para dizer não a esse homem. Quando já estávamos na pista de dança, Alê me puxou para perto do seu corpo e começou a se movimentar. Dois passos para cada lado e eu tentei acompanhá-lo.

– É só você me seguir. – Ele disse roçando o nariz em minha orelha e eu estremeci. Porra de corpo traidor, aqui não. Fiz o que ele pediu, Alê se movimentava conforme a música e cantava a letra pertinho do meu ouvido. E eu me arrepiei com cada palavra dita.

*E tento sair dessa rotina
Não quero, não, colo de mamãe
Só quero colo de menina
E pouco a pouco conquistar seu coração.
Colo de menina- Rastapé*

E quando eu achei que mais nada me surpreenderia, todos os casais que estavam em nossa volta pararam de dançar e fizeram um círculo em torno de nós. Fiquei surpresa. Olhei para Alê sem entender nada, ele deu de ombros e mostrou a fitinha em seu pulso. Enquanto me rodopiava pelo salão eu percebi que ninguém mais usava aquelas fitas, então eu entendi o motivo da identificação. Aconcheguei-me nos braços daquele homem tão poderoso que agora me tinha como sua e deixei que ele me guiasse.

*Sinto o macio doce dos teus beijos
e a rosa vermelha que ainda vejo, se abrir tão bela em flor
só pra te ver sorrir
Seu jeito tão menina de contar seus medos
e o mundo que gira enquanto escrevo versos sinceros.
Versos Sinceros- Rastapé*

Nada poderia ser tão certo naquele momento. Eu nos braços do Alexandre.

Após o término da segunda música as pessoas à nossa volta bateram palmas, e depois de muito tempo eu senti meu rosto esquentar pela vergonha.

– Você fica tão linda quando cora. – Sua voz me dava arrepios e seus dedos acariciavam meu rosto.

– Eu te amo. – Disse sem pensar e ele me beijou.

– Também te amo minha menina.

O restante da noite foi igualmente perfeita. Jantamos uma comida típica deliciosa e conversamos muito. Alê disse que aguardaria o tempo que fosse preciso para que eu me abrisse, Diego havia guardado meu segredo, então Alê não sabia da minha história. Precisava criar coragem para lhe contar. Mas, ainda sentia medo de abrir o meu passado e me machucar. Não conseguiria sofrer outra separação, outra perda.

– Me leva para minha casa. – Senti Alê se decepcionar, seu olhar mudou completamente. Ele sabia que se eu queria ir para minha casa, não dormiríamos juntos. Apesar de sua nítida frustração ele não me questionou. Provavelmente querendo me dar um tempo do qual eu não precisava. Desde nossa dança na feira, as palavras de Nando martelavam na minha cabeça e eu decidi dar o próximo passo.

– Posso te ver amanhã? – Ele disse com uma voz triste. Alê parecia um menino que teve o brinquedo negado. Resolvi torturá-lo um pouco mais.

– Claro. Mas por favor, só me acorde antes das nove se for para fazer amor no café da manhã. Ele me olhou confuso. Homens podem ser tão burros.

Beijei-o descontroladamente, com urgência, minhas mãos subiram para o seu rosto e de forma inesperada eu parei o movimento e olhei em seus olhos.

– Dorme aqui comigo. – Perguntei ofegante.

– É tudo o que eu mais quero minha menina.

Ferraz

Estava sentado em uma poltrona ao lado da cama, olhava para minha menina dormindo. Minha cabeça estava uma bagunça, ao mesmo tempo em que estava aliviado eu também estava com medo. Não acreditei quando Clara me convidou para dormir com ela. Essa foi uma das melhores surpresas que recebi, não pensei que ela quebraria essa regra tão rápido, mas esqueci que com Clara, minha vida era uma caixinha de surpresas. Olhei novamente para a cama e a visão dela após o sexo deixava sem fôlego. Estava nua e seu cabelo espalhado, de costas para mim. Clara abraçava o travesseiro que há pouco tempo eu tentava dormir. Tentava, por que o sono não estava sendo meu companheiro ultimamente.

Foi uma semana difícil, não conseguia acreditar que Clara havia me chutado. Não podia aceitar que seria o fim. O simples fato de imaginar que ficaria sem ela me deixou louco, mal humorado e insuportável. Nem eu estava conseguindo me aguentar. Passei todas as noites bebendo. Bebia para esquecer, bebia para lembrar e bebia para anestesiá-la dor que sentia. Uma dor descomunal, que me fazia lembrar que o amor às vezes é uma merda. Mas, então Diego resolveu aparecer, não sei o que meu irmão fez, mas sei que ele falou com ela.

Sacudi a cabeça tentando esquecer o que eu passei. Depois de hoje tenho certeza que tudo vai mudar. Sorri ao lembrar a expressão de alegria da minha menina, quando chegamos à feira. Ela estava tão linda. Minha vontade foi de trancá-la em um quarto, para que somente eu pudesse apreciar sua beleza. Isso soava meio assustador, mas nada do que eu sentia por Clara fazia sentido. Tudo era muito louco, intenso. Fizemos amor de várias maneiras, e cada vez que eu sentia o gosto da minha menina, eu sabia que ela foi feita para mim. Nosso encaixe era perfeito, nossos corpos se completavam. Nada no mundo era tão certo quanto nós dois.

Clara se mexeu na cama e o lençol que cobria seu corpo escorregou, deixando suas costas totalmente a mostra. O quarto estava iluminado somente por um abajur. Mas eu enxergava claramente as letras de sua tatuagem. Imediatamente minha mente viajou para o dia do show. Tive pesadelos com a voz daquele cantor de merda dedicando a música para minha menina. Filho da puta! Ainda não conseguia acreditar que ele a tocou. Minha vontade foi matar o desgraçado.

Coloquei as mãos no rosto em forma de concha e fechei os olhos, tentando dissipar aqueles sentimentos.

– Minha. – disse baixinho, somente para constatar que não deixaria o idiota tirá-la de mim.

Clara se mexeu novamente e eu olhei em sua direção. Ela passava a mão pela parte onde deveria estar meu corpo e assim que notou minha falta se levantou rapidamente, ficando de joelhos na cama e me procurando pelo quarto. Seu corpo girou, ela me encontrou sentado em sua frente e eu me delicieei com a visão mais linda da minha vida. Poderia morrer naquele momento, pois a certeza que morreria feliz era um fato inquestionável. Linda. Nua. Minha. Seus cabelos estavam bagunçados, e seus olhos ainda se adaptando a escuridão me fitavam. Totalmente desprovida de pudor, ela não cobriu seu corpo, pelo contrário, sorriu ao perceber que eu encarava seus seios perfeitos. Meu pau começou a endurecer. Era inacreditável como eu precisava daquela mulher. Até seu cheiro me deixava excitado.

– Gosta de algo, Dr. Ferraz? – Sua cara de safada, junto com sua voz sexy chamando meu nome, era uma combinação explosiva. Seus olhos desceram para onde minha mão estava, comecei a

acariciar meu membro ao mesmo tempo em que Clara passava a mão pelo seu corpo.

– Você é tão gostosa. Não consigo me afastar de você. – Clara mordeu o lábio e com o dedo indicador fez um movimento para que eu me aproximasse. Levantei e andei em sua direção, assim como uma mariposa enfeitiçada é atraída pela luz.

– Me assustei quando não vi você na cama. – ela disse passando suas mãos pelo meu tórax. Meu pau cutucava sua barriga, e eu já estava pronto para possuí-la novamente. Clara desceu um pouco as mãos tocando meu membro.

O tesão tomava conta de mim, e eu joguei a cabeça para trás com os olhos fechados, apreciando o prazer que daquelas mãos. Seu toque era lento, quase insuportável. Clara começou acariciar meu pau desde a base até a ponta, que já estava totalmente molhada.

– Eu preciso. – disse, fazendo movimentos com o quadril, como se estivesse me enfiando dentro dela.

– Precisa do que, Dr. Ferraz? – Clara sussurrou me provocando. Eu sabia que ela estava controlando aquele momento, mas minha vontade de invadi-la tomava conta de mim. Abri os olhos e antes que pudesse fazer qualquer movimento, Clara se agachou e colocou a boca em mim. Levei as mãos à cabeça segurando meus cabelos, enquanto a boca maravilhosa da minha menina me sugava.

–Oh, meu Deus! – Aquilo era demais para eu suportar. Clara sempre me olhava, e os gemidos que fazia, a cada vez que meu pau entrava o máximo que podia em sua garganta, me deixava insano. Eu queria tudo. Segurei sua cabeça e a base do meu membro.

– Olhe para mim. – Ordenei. Acariciei seu rosto e antes que ela pudesse reagir eu apertei sua cabeça em minha direção e segurei meu pau totalmente dentro de sua boca. Sabia que não poderia demorar, era muito grande para que ela conseguisse me aguentar todo dentro. Alguns segundos depois eu me afastei um pouco, deixando Clara respirar. Ela estava ofegante e lágrimas desciam dos seus olhos. Mas, ela me olhou ainda com mais desejo.

– Quer mais? – Perguntei com uma voz de comando. Ela olhou em minha direção, lambeu os lábios, mas não me respondeu.

– Responda. – Disse e levantei seu queixo para que ela olhasse para mim.

– Sim. – ela me disse quase sem fôlego. Assim que ela assentiu eu repeti o movimento. Segurei sua cabeça e me enterrei bem fundo em sua boca, Clara tentou se afastar, mas eu a segurei por mais

alguns segundos. Eu sabia o que estava fazendo, nunca a machucaria.

– Quero você. Agora. – Ela disse, no momento que me afastei. Também já estava no meu limite.

– Deite-se de lado, eu fodi sua boca e agora eu vou comer sua buceta doce. – Clara gemeu com minhas palavras. Ela de forma sensual, fez o que eu havia mandado. Deitou na cama e ficou de costas para mim.

– Porra! – Ela virou o traseiro em minha direção, e eu senti uma louca vontade de tomá-la por aquela entrada apertada.

– Querida, quero foder o seu traseiro. – Minha voz era pura excitação. Deitei na cama ao seu lado e aguardei uma resposta. Clara não emitia nem um som, e aquilo me deixou um pouco apreensivo. Não havíamos conversados sobre a noite que fizemos sexo anal. Será que ela gostou? – Minha menina – disse encostando-me nela e acariciando o seu cabelo – qualquer coisa que você não sinta vontade de fazer, me avise. Eu quero o seu prazer. Nunca vou te obrigar a nada.

Clara virou o pescoço me olhando e eu beijei aquela boca maravilhosa. Seus lábios eram tão macios que poderia passar a noite toda me perdendo neles.

– Eu sou sua. – ela disse com a boca colada a minha. – Meu corpo é seu. Pegue o que quiser. – Fiquei louco. Aquela afirmação me tirou dos trilhos. Deixei Clara no lugar em que estava e escorreguei para o fim da cama. Com ela na mesma posição, de lado, eu levantei uma de suas pernas e comecei chupar sua entrada. Não conseguia ser gentil, a urgência de pegar o que era meu me fazia tremer.

– Porra, Alê. Eu estou quase gozando. – Sua voz era pura luxuria. Era isso mesmo que eu queria, quanto mais excitava, mais fácil seria tomá-la por trás. Quando percebi sua buceta se contraindo eu me afastei, olhando para sua entrada, eu levei seus fluidos com o dedo para lubrificar. Brinquei um pouco naquela entrada e Clara começou a se contorcer pelo prazer que sentia. Me encachei nela novamente e levantei uma de suas pernas, segurando-a no ar. Lentamente eu comecei a penetrá-la. A sensação de me afundar naquela bunda maravilhosa era indescritível. Era tão apertado que eu me contive para não gozar rápido.

– Você é tão grande. Preenche-me por inteira. – Aquela afirmação era o sonho de todo homem. Já estava metade dentro dela, e minha menina começou a rebolar, fazendo o meu autocontrole ainda mais difícil.

– Clara, eu não vou durar muito se você continuar fazendo isso. – disse baixinho em seu ouvido. Uma das minhas mãos acariciava seu seio, e eu senti o arrepio em sua pele.

– Não quero que dure, quero que me foda. – A última palavra nem havia saído de sua boca e em um único golpe eu estava afundado nela. Clara soltou um grito, mas eu não dei tempo para que ela pensasse no desconforto.

–Assim, minha menina? – Perguntei enquanto meu pau entrava e saia em um ritmo frenético da sua bunda deliciosa. Clara não me respondia e seus gemidos incoerentes eram como combustível para os meus movimentos.

– Linda. – Abrandei um pouco os movimentos. A mão que acariciava o seio percorreu o seu corpo até chegar ao seu pescoço. Virei Clara e olhei em seus olhos, meus quadris se movimentavam de forma uniforme, mas muito lenta.

–Amo você. – ela disse e tomou minha boca em um beijo apaixonado. Ainda não estava acostumado com aquelas palavras e toda vez que Clara as pronunciava, eu sentia meu sangue ferver. Era a frase que eu mais queria ouvir, mas também era a que mais me causava medo. Não suportaria perdê-la novamente.

Aumentei o ritmo e comecei a fodê-la forte, enquanto olhava em seus olhos.

– Minha! – Precisava repetir aquelas palavras a cada segundo.

Já estava explodindo. Alcancei o clitóris da Clara e seu tesão aumentou.

– Meu! – Aquilo já estava virando uma conversa pronta, e eu sabia que ela estava alcançando o próprio clímax. Seus olhos brilhavam ainda mais, e seu corpo ficou tenso. – Alê... Alê... – Clamava meu nome enquanto gozava. Delicioso tê-la a minha disposição.

– Goze minha menina. – Minha voz foi um comando, pois assim que terminei de dizer eu senti Clara gozar com minha mão em sua buceta e meu pau em sua bunda.

– Todo seu...Todo seu. – Disse assim que minha porra invadiu seu corpo. Aprofundei e aguardei enquanto meu pau soltava espasmos. Clara ainda me encarava e eu beijei sua boca de uma forma carinhosa. – Não me deixe novamente. – Implorei soando quase desesperado.

Clara ficou em silêncio por alguns segundos.

–Nunca mais. – Ela prometeu antes que eu começasse a entrar em desespero.

Soltei a respiração, não percebi que havia prendido. Precisava acreditar naquela promessa, mas algo me dizia que não seria tão fácil assim.

Clara adormeceu em meus braços. O calor que emanava de seu corpo colado ao meu, me fazia sentir que aquilo tudo era real, ela realmente estava ao meu lado, em sua cama e fazendo parte da minha vida. Meu sonho estava se realizando, o sonho de ser um homem completo. Clara me fazia sentir inteiro e eu faria de tudo para não perder essa parte da minha vida. Ela se mexeu e seu rosto descansou em meu peito, passei um braço pelo seu corpo o puxando para mais perto de mim. O aroma que ela exalava, fazia com que todas as lembranças desde o dia que ela chegou ao escritório até hoje viessem a tona. Clara era como um botão que ligava e desligava minha vida.

Estava apaixonado, e eu reconheci; que minha vida não fazia sentido sozinho.... Um corpo não poderia viver sem coração, e clara arrancou o meu do peito e carregava com ela. Isso me causava pavor, pois a qualquer momento ela poderia esmagá-lo. Fechei os olhos com força e respirei fundo. Meu relacionamento com Clara era um jogo... do qual eu estava terrivelmente inclinado a ser o perdedor.

– Minha menina! – Murmurei antes de pegar no sono.

Acordei e olhei no relógio, ele ainda marcava oito horas. Ao meu lado estava a visão do céu. Poderia me acostumar com ela acordando ao meu lado todos os dias. Tirei o cabelo que caia pelo seu rosto e beijei sua testa. Clara se moveu como uma gatinha manhosa.

– Não quero acordar. – ela ronronou. Ri da sua preguiça matinal e fiz um carinho em seu rosto. Clara abriu os olhos e eu me delicieei com a doçura que eles transmitiam. Ela tinha dificuldade em expressar seus sentimentos, mas todas as vezes que me olhava, eu conseguia decifrar o que ela estava sentindo. Raiva, tristeza, decepção, carinho, desejo, ciúme... tudo que minha menina sentia eu podia ver através de seus olhos. Levantei devagar para não despertá-la novamente e caminhei até o banheiro. Clara precisava descansar e se eu ficasse na cama, ela acabaria sendo o meu café da manhã.

Olhei em volta do banheiro e sorri. Apesar daquela pose de durona, existia uma menina que pendurava sapos por todo o banheiro. Escolhi um dos seus sabonetes e comecei a me lavar. O cheiro era delicioso. Com a água caindo sobre mim, eu comecei a fazer uma retrospectiva em minha vida. Encostei a testa no azulejo frio e fiquei por alguns segundos sentindo a água lavar as minhas costas.

Antes de virar para sair, eu senti o corpo dela colar ao meu. Suas mãos passavam por minhas costas, e logo começaram a fazer seu caminho na minha barriga. Seu toque era macio e eu não resisti ao gemido que se formou em minha garganta.

– Eu amo você. – Ela disse com uma voz baixa e sensual, podia sentir seus seios tocando minha pele e imediatamente meu membro ficou duro para ela.

Não podia evitar. Clara é como uma droga, e eu? Sou um viciado sem cura!

– Por quê? – Questionei. Clara havia começado a dizer que me amava, mas eu ainda sentia receio. Com tudo o que estava acontecendo entre nós, seu passado ainda era uma incógnita para mim.

– Por que você me faz sentir viva. – Suas mãos ainda acariciavam meu peito e ela começou a distribuir beijos pelo meu ombro.

– Por que a cada vez que você respira, meu coração bate mais forte. Você é o único que consegui... – ela fez uma pausa e suspirou fundo... – quebrar as barreiras e entrar.

Em um movimento brusco eu virei e encarei seus olhos que estavam me olhando profundamente. Achei que ela recuaria, mas para minha surpresa Clara continuou.

– Eu te amo... Por que antes de você, eu era somente um corpo vagando sobre a terra, e a cada dia que passo em sua presença, sinto um pedaço da minha alma voltar a existir.

Eu ainda estava parado, absorvendo aquelas palavras. Clara levantou a mão tocando o meu rosto.

– Eu te amo... Por que depois de muito tempo, minha vida voltou a ter sentido com você.

Fechei os olhos, sentindo as emoções tomarem conta de mim. Ela começou a beijar meu peito e a sensação de sua pele molhada contra a minha deixava aquilo tudo ainda mais excitante e intenso.

– Eu te amo. Por que é você, Alê. – Depois daquelas palavras, suas mãos seguraram minha cabeça me puxando em direção a boca, sua língua pediu passagem assim que tocou meus lábios. Eu não resisti, liberei para que ela me possuísse. Nos beijamos apaixonadamente. Um beijo cheio de promessas. Promessas que eu não sabia se seriam cumpridas. Sem interromper o beijo, desliguei o chuveiro e peguei Clara em meus braços. Andei em direção à cama e não me importei com mais nada. Não queria saber se Nando estava em casa, se estávamos molhando o chão ou se iríamos encharcar a cama. Tudo que eu queria estava em meus braços. E era meu.

– Minha! – Disse, esperando ela me responder de volta.

– Meu. – Fechei os olhos e apreciei aquela palavra. Uma única palavra que fazia meu corpo arrepiar.

Minha menina me beijou novamente e apesar de tudo, eu estava adorando suas demonstrações

de afeto. Clara sempre era tão fechada que eu duvidava se realmente algum dia eu iria desvendá-la. Segurei meu pau em sua entrada e introduzi lentamente em sua buceta. Nunca deixei de olhá-la.

– Faça amor comigo? – Era a primeira vez que ela me pedia com aquelas palavras.

Comecei a entrar e sair de uma forma muito lenta, tão lenta como jamais havíamos feito. Queria dizer através daqueles movimentos o quanto minha menina era importante. Beije seu pescoço, e Clara começou a repetir meu nome sem parar. Minha boca trilhou o caminho até um dos seus seios e ela arqueou um pouco as costas para que eu pudesse abocanhá-lo por inteiro. Comecei a fazer movimentos leves e constantes. A lentidão estava nos matando, fazendo com que eu esquecesse do resto do mundo, nem havia notado que a música preferida dela tocava no quarto.

“Seize the Day” mais uma vez estava presente e Clara notou a confusão que se passava em meus olhos.

– Na praia... você disse que queria tudo, passado, presente e futuro. – Sua respiração saía entrecortada devido aos meus movimentos. Uma lágrima solitária desceu pelo seu rosto e Clara começou a chorar. – Quero fazer novas lembranças.

Realizei o que ela pediu. Fizemos amor de uma forma nunca feita. Praticamente idolatrei Clara e seu corpo. Seus olhos ainda banhados de lágrimas me faziam perder a noção do tempo. Não foi urgente... Foi paciente. Não foi forte... Foi suave. Não foi duro... foi com amor. Clara gozou gritando que era minha e eu chamei seu nome quando alcancei minha libertação.

Aquela manhã eu comecei a acreditar; que ainda havia esperanças.

Clara

– Não quero mais essa cor, e vamos alterar o modelo. – Priscila disse para a costureira e eu olhei nervosa em sua direção.

A coitada da moça começou a ficar em pânico e eu desci do pedestal que estava e caminhei até Priscila. Fazia três meses que ela havia voltado para o Brasil. Após Juan seu noivo, brigar com metade da sua própria família, eles finalmente iriam se casar. Não parece que havia passado tanto tempo, meus dias eram totalmente preenchidos por Alê. Sua presença era constante e ele nunca me deixava sozinha, aquele zelo todo estava me deixando com uma pulga atrás da orelha. Talvez sua marcação cerrada, fosse por causa do ciúme que ele sentia por Dereck. Mas não tive tempo de ter essa conversa com ele, já que estava totalmente focada em ajudar Prí nos preparativos do enlace que aconteceria em uma semana. Sim! Uma semana, e a louca da Priscila queria mudar o meu vestido.

– Prí, minha flor, faltam apenas sete dias para a cerimônia. – Tentei soar convincente. Não sabia o que estava acontecendo com ela. Andava muito nervosa, e eu presumi que seria pelo problema do Juan. Sua família não estava aceitando o fato dele estar se casando com uma brasileira.

– Você esqueceu que eu sou Priscila Ferraz e quase uma Mattarazzo? Ou você não se lembra de como um Dior foi parar em uma praia, há quilômetros e quilômetros da capital? – ela disse me desafiando a pensar.

Sorri ao lembrar o dia em que ela me contou toda a história do vestido. Priscila usou toda a influência do noivo no ramo de hotelaria, até conseguir achar um helicóptero que fizesse a linha entre o hotel que eu estava e a cidade. Assim que conseguiu, ela me mandou entregar aquele Dior perfeito que ela própria comprou em uma viagem para a Espanha.

– Senta aqui minha amiga. – Puxei ela pelo braço, e a fiz sentar em um puff que estava perto de nós. Ela estava linda e antes de surtar ela irradiava alegria por onde passava, mas eu a conhecia e algo estava perturbava ela. – O que está acontecendo? – Perguntei enquanto segurava sua mão.

Priscila apoiou a cabeça em meu ombro e lágrimas começaram a cair pela parte da minha pele que estava descoberta pelo decote do vestido.

– O que foi? – Tentei não soar muito curiosa, afinal eu estava ali e apesar da preocupação, senti que era algo que ela não queria compartilhar.

- Nada, é que eu ando tendo muitas variações de humor ultimamente. – Ela disse se levantando e secando as lágrimas com as mangas da camiseta. Prí estava vestida com um jeans boyfriend e uma camisa um pouco mais larga do que de costume. Olhei para ela como se nunca tivesse visto Priscila na vida. Especificamente estava encarando sua barriga. Não podia ser. Será que ela estaria... não...

– Sim. – ela respondeu um pouco alterada. Demorei alguns segundos até absorver as palavras que ela havia dito. – Estou grávida – completou – e com muito medo.

Puxei ela para um abraço e seus olhos se encheram de lágrimas novamente. Não imaginava que o que a incomodasse fosse uma gravidez. Priscila devia estar em um turbilhão de emoções, ainda mais com a chegada do casamento. Fiquei com medo de Juan não ter recebido a notícia muito bem, mas Priscila explicou que era o contrário, o sonho do Juan era ter muitos filhos e minha amiga não estava preparada para isso.

– Clarinha a mãe dele teve oito filhos. – seus dedos levantaram e indicaram a quantidade que ela falava. – OITO!

Não sei de onde surgiu, mas agora ela estava com um lenço na mão. Prí o levou até os olhos e secou as lágrimas ainda não caídas.

– Ficaremos com esse vestido. – ela falou sorrindo para a vendedora e apontando para o tomara que caia que eu usava. Meu queixo caiu no chão, e todos na loja estavam com a mesma expressão que a minha. Uma expressão de: QUE PORRA ACONTECEU?

– Perdi alguma coisa? – Perguntei confusa.

– Só precisava desabafar. – ela disse me dando um abraço, eu nem levantei os braços, pois estava sem reação. – Você é uma ótima conselheira. – Sua voz baixa e meiga não se parecia nenhum pouco com o furacão que estava possuindo ela há alguns minutos.

– Parabéns pelo bebê. – Disse, mas por dentro minha vontade era falar; “Coitado do Juan”. Prí seria uma montanha-russa durante a gravidez.

– Alê já sabe? – Fiquei curiosa, pois ele não havia comentado nada.

Ela andou em direção ao caixa e assim que saímos da loja começou a me explicar.

– Além do Juan, só você sabe. – ela estava bem mais calma. – Vou contar após o casamento.

Saímos da loja e caminhamos até uma praça. Prí sentiu vontade de comer cachorro quente da

carrocinha e eu não querendo presenciar novamente um ataque de fúria, fiz o que ela queria.

– E você e meu irmão? – Ela disse enquanto mordida uma salsicha.

Estávamos sentadas em um banco, embaixo de uma árvore e sem querer minha mente voltou para o dia em que Diego me achou no cemitério. Foi uma das conversas mais difíceis em minha vida, e apesar dele ainda guardar meu passado, eu estava me preparando mentalmente para contar tudo ao Ferraz. Faria logo após o casamento. Não que aquilo fosse importante para ele, acredito que ele diria o mesmo que todos; que a culpa não foi minha, que Felipe sabia o que estava fazendo; que tenho que viver minha vida e deixar o passado. Eu sabia que existia um pouco de verdade em tudo isso, mas minha mente fazia questão de me lembrar, de que estar com Ferraz era trair Felipe e era isso que me acovardava.

– Clara? – disse meu nome tirando-me dos meus pensamentos. – Se não quiser responder, tudo bem? – ela continuou.

– Eu disse que o amo. – Soltei as palavras junto com um longo suspiro.

Priscila abriu um sorriso e me abraçou sem jeito, ainda segurando o cachorro quente em sua mão. – Você não sabe a alegria que eu sinto em ouvir isso. – Ela disse de uma forma não muito discreta, pois o dono da carrocinha sorriu para nós. Ok! Hoje era dia de chamar a atenção de todos.

– Eu ainda não contei sobre Felipe. – Emendei para tentar esfriar um pouco sua animação.

O sorriso que ela trazia no rosto diminuiu, mas ela deu de ombros como se aquilo não importasse. O vento no parque começou a ficar um pouco mais forte, e eu inclinei minha cabeça para trás para aproveitar aquele frescor que sempre vinha com o fim da tarde. Priscila continuou comendo o seu Hot-dog, o que não a impediu de falar.

– O importante é que vocês estão juntos, – disse carinhosa – a hora de você se abrir chegará.

Não respondi, apenas assenti com a cabeça, pois apesar de tudo ela estava certa. Precisava desistir do passado para ganhar o presente. Mas como eu poderia desistir de alguém que me deu sua própria vida?

Ferraz

Há tempos eu não me sentia tão feliz. Meu relacionamento com Clara estava cada vez mais sólido. Claro que seu passado ainda pairava no ar, me atormentando às vezes. Mas as provas que recebi do amor de Clara estavam sendo suficientes até o momento.

Não iria pressioná-la, sei que declarar seus sentimentos não foi fácil para ela. Lembro-me de cada detalhe do dia em que ela me deu motivos para acreditar em seu amor.

Três meses se passaram e a lembrança da minha menina embaixo do chuveiro abrindo seu coração, ainda me deixava que nem um bobo; sorrindo para as paredes. Ela me avisou que suas horas complementares foram o suficiente, pois os dois congressos que ela participou; o primeiro comigo e o segundo alguns dias atrás com Diego, agregaram horas suficientes para a finalização do seu curso. Então ela não era mais formalmente minha estagiária, porém a sua vontade em aprender e de ficar perto de mim – o que ela negava com veemência – fez com que ela continuasse no escritório.

Foi um sacrifício deixar Clara viajar com Diego, mas eu confiava tanto na minha menina, quanto no meu irmão. Após passar o interesse inicial, e ao perceber que eu era loucamente apaixonado por ela, Diego não só recuou, mas fez com que minha menina voltasse atrás de seu ataque de loucura quando me deixou. Eu tinha consciência que ele guardava o segredo dela, mas se uma coisa que Diego sabe ser; é leal. Ele e Clara estavam muito próximos, ela disse que o considerava como um irmão que nunca teve.

Diego reatou seu relacionamento com a Marcela, mas já de cara Clara disse que não havia gostado da garota. Algo como sexto sentido.

Vai entender as mulheres. E falando nelas. Sem que Clara soubesse, eu tive uma conversa definitiva com Lana.

Suas mensagens começaram a se tornar constantes, inclusive com insinuações sobre a fidelidade da minha menina. Resolvi não responder suas chantagens, mas assim que descobri que Clara também estava recebendo ofensas dela eu me descontrolei, procurei Lana e pedi que se afastasse de vez da minha vida. Lana não se conformou e acabou fazendo um escândalo no restaurante que estávamos. O que me deixou surpreso, ela preservava ao máximo sua reputação e aquele descontrole todo só me fez perceber, que ela poderia estar desequilibrada. Mas aquilo não era assunto meu.

Havia acabado de sair de uma audiência, estava muito cansado, pois o caso era extremamente complexo, além de incluir algo que me tirava o profissionalismo que eu sempre cultivava; abuso infantil.

Minha vontade era de ir direto para casa, sabia que Clara estaria me esperando e aquilo me fez sorrir. Ela não foi trabalhar, estava com minha irmã cuidando dos preparativos para o casamento. As duas estavam eufóricas e toda vez que se encontravam, eu imaginava o dia em que minha

menina planejaria o nosso casamento. Sei que era cedo demais pensar nisso, mas essa ideia surgia em minha cabeça constantemente.

Já era noite e ninguém mais estava no escritório. Entrei em minha sala e peguei o documento que necessitaria no outro dia pela manhã. De volta à garagem, eu notei que havia um papel preso no para-brisa da minha caminhonete. Arranquei-o de forma brusca.

– Odeio propagandas. – Minha voz saiu um pouco mais forte do que de costume, pois realmente estava cansado. Entrei no meu carro e coloquei o panfleto no banco do passageiro para jogá-lo assim que encontrasse uma lixeira.

Cheguei em casa, e assim que entrei eu virei uma estátua de pé na porta. De onde estava, podia ver minha menina dormindo no sofá, com um livro aberto sobre sua barriga. Paciência do Lenine tocava pelo apartamento e eu caminhei até ela. Clara estava linda; vestida com minha camiseta, meias nos pés e sem nenhuma maquiagem, ela ainda era a visão mais perfeita do universo. Coloquei minha pasta no chão e os documentos sobre a mesa de centro. Agachei próximo ao sofá e peguei Clara em meus braços, mesmo sendo alta o seu peso não me impedia de carregá-la até o quarto. Ela se mexeu e seus braços foram para o meu pescoço, sua voz sonolenta me causava arrepios e minha vontade foi de amá-la mais uma vez. Nunca me saciaria dela.

– Não consegui te esperar. – ela sussurrou.

Avisei que o júri se arrastaria pela noite e que era para ela me esperar no meu apartamento. Nos últimos meses fiz o possível para mantê-la segura de qualquer coisa. As ameaças não voltaram a acontecer, e a investigação da polícia deu em nada, nem uma pista do desgraçado que havia feito aquilo, por isso todo cuidado era pouco.

Coloquei Clara sobre minha cama, e ela virou-se para o lado deitando sobre a barriga e abraçando o meu travesseiro. Com o movimento que ela fez, a camiseta que cobria o seu corpo subiu até sua cintura, deixando a visão de sua bunda maravilhosa em um fio dental a minha disposição. Imediatamente meu corpo reagiu àquela cena, mas estava muito cansado e dessa forma não poderia dar o prazer que ela merecia.

Antes que meu corpo mandasse minha mente se foder, e partisse para cima da minha menina, eu resolvi tomar um banho. A água gelada me acalmou um pouco, mas eu sabia que assim que me aproximasse dela, o fogo me consumiria. Vesti somente uma cueca boxer e deitei ao seu lado, puxei seu corpo para mais perto do meu. Clara deu um beijo em meu pescoço e ali mesmo naquele local ela se aninhou.

– Meu. – sussurrou, e a cada vez que eu ouvia aquela palavra meu coração dava um salto.

– Minha. – dei um beijo em sua testa e deixei que os bons sonhos nos velassem.

Chegou o grande dia do casamento da minha irmã. Ela estava uma pilha de nervos, e deixou toda a família em frangalhos, como se um tornado tivesse passado por nós. Mas, graças a Deus ela parecia estar mais calma.

Poucos parentes do Juan estariam na cerimônia, com exceção do irmão e uma prima que seriam seus padrinhos, umas dez pessoas entre amigos mais próximos estavam na cidade. Por causa desse preconceito idiota da família dele, tivemos uma séria conversa. Para falar a verdade soou mais como uma ameaça. Foi aí que entendi que Juan amava minha irmã, e como ele mesmo disse; nada ou ninguém ficaria no caminho deles. Fiquei mais relaxado com aquela declaração.

Faltava pouco para a cerimônia. Fui buscar Clara no apartamento, pois ela havia insistido que nos arrumássemos separados. Estava furioso com isso, teria que conversar com ela sobre essa história de cada um no seu apartamento. Não estava suportando mais ficar longe dela. Decidi que após o casamento da Prí eu iria chamá-la para morar comigo. Era a ordem natural das coisas, além de apresentá-la oficialmente para minha família. Isso ainda não aconteceu de nenhuma das partes, pois eu também não conhecia os pais dela, mas decidimos que todas essas decisões deveriam ser tomadas após o casamento da minha irmã. Clara estava praticamente grudada em Priscila o que tomava quase todo seu tempo.

Cheguei ao seu apartamento na hora combinada, toquei a campainha e Nando abriu a porta dizendo que a Clara estava pronta. Como ele também era um dos convidados para o casamento, Nando estava vestido formalmente, terno cinza e uma gravata azul. Muito elegante. Mas sempre o repreendia por me chamar de Ferraz fora do escritório. Nando pediu desculpas, mas logo sua atenção voltou para a porta e sua boca se abriu em um “O” silencioso.

Virei para ver do que se tratava, e me surpreendi quando percebi que não era nenhum disco voador, ou dinossauros passeando pela sala, na verdade era muito mais impressionante que qualquer uma dessas coisas.

Clara era a mulher mais linda do mundo. Nunca vi beleza igual, e se antes estava certo que ela era minha, depois de vê-la eu percebi que eu tinha em meus braços; a mulher da minha vida. Isso era um fato inquestionável; eu amo a Clara e não haverá outra em minha vida. Meu mundo não poderá ser sacudido duas vezes e Clara veio como um terremoto. Não ficou pedra sobre pedra.

Tudo desmoronou e agora eu estou nas mãos dessa mulher.

– Querem parar de me olhar? Estou ficando constrangida. – Ela disse um pouco chateada. Não percebi que estava a encarando, olhei para o Nando e ele fez o mesmo, mas depois voltou seu olhar para minha menina.

– Desculpe-me diva, mas é que... – ele parou e andou em sua direção, pegou a mão de Clara e a fez girar em torno do seu próprio corpo... – você está uma deusa. – ele completou.

Nando olhou Clara e ela andou em minha direção. Estava fascinado, acho que nenhuma palavra em todas as línguas do mundo, não descreveria o que eu sentia naquele momento.

– E você não fala nada? – Perguntou de forma atrevida. A maldita já estava pensando em safadeza – ou seria eu que estava pensando – bem, não sei, a única coisa que sabia é que a mulher mais perfeita do universo era minha.

– Você está deslumbrante. – Dei um beijo em sua testa e afastei para olhá-la novamente.

Clara usava um vestido sem alças que realçava seus seios, a cor vinho fazia um contraste com sua pele, seu cabelo estava de lado, de forma simples e perfeita. Como eu disse; uma deusa.

– Queria dizer mais uma coisa. – apontei com o dedo indicador para cima e cheguei perto do seu ouvido para sussurrar. – Esse vestido é lindo, mas não vejo a hora de te tirá-lo e deixar você nua e a minha disposição.

Minha menina arregalou olhos, mas como sempre seu corpo respondia a cada uma das minhas palavras de uma forma deliciosamente excitante. Os pelos dos seus braços se arrepiaram e eu pude notar os seus mamilos por cima do tecido leve do vestido. Ela era perfeita para mim. Nada se igualava.

Chegamos à igreja por volta das seis horas. Em meia hora minha princesa tomaria o passo mais importante da sua vida.

Minha mãe estava com Diego recebendo os convidados, meu pai estava com a Priscila, já que ele a levaria no altar.

– Boa noite, Dona Graça. – Clara disse carinhosamente para minha mãe. As duas já se conheciam, mas minha mãe ainda não sabia que a Clara era minha namorada. Na verdade nem eu mesmo sabia se Clara era minha namorada. Minha mãe puxou Clara para um abraço e meus olhos se fixaram nas mulheres mais importantes da minha vida. Senti um cutucão na minha costela, e quando olhei para o lado, Diego zombava da minha cara de idiota.

– Não vale chorar. – ele falou de forma sarcástica.

– Vá à merda. – Respondi em um tom de voz baixo.

Olhei de volta para minhas mulheres e elas ainda estavam discutindo sobre o vestido que Prí havia escolhido para Clara usar. Todos estavam babando por ela e minha mãe não ficaria de fora.

– Boa noite. – Lorenzo, irmão do Juan nos cumprimentou. Seus olhos pousaram sobre Clara que estava ao lado da minha mãe, e minha primeira reação foi puxá-la para o meu lado, abraçando sua cintura.

Diego e Lorenzo arregalaram os olhos e minha mãe sorriu. Provavelmente ela já sabia do meu relacionamento com Clara.

– O que foi isso? – Clara perguntou com os dentes cerrados para que ninguém pudesse ouvi-la.

Apertei ainda mais minha mão em torno de sua cintura, para que não restasse dúvidas para aquele espanhol de merda a quem ela pertencia.

– Só cuidando do que é meu. – disse baixinho. Estendi a mão para frente e sem soltá-la eu cumprimentei o irmão do Juan.

– Boa noite Lorenzo. – ele me saudou de volta, mas seus olhos ainda estavam surpresos por Clara estar abraçada a mim. – Creio que ainda não conhece minha namorada. – Clara tossiu de forma dramática e Diego riu baixinho.

– Não conhecia. – ele disse levando a mão em direção a dela. Clara sorriu de volta e apertou sua mão em uma saudação formal. Nada de beijinhos, acho que os dois sabiam que eu não estava feliz com aquela aproximação. Afinal, a casamenteira da minha irmã falou da Clara para seu cunhado. Mesmo isso ter sido antes do casamento, eu estava com um olho aberto no gringo.

Depois das apresentações feitas, Lorenzo voltou para o outro lado da porta, onde estava a mulher que seria sua acompanhante no altar. Eles eram os padrinhos do Juan. O cerimonial avisou que já estava quase no momento da entrada dos padrinhos.

Posicionamo-nos próxima a porta e assim que a ordem foi dada eu entrei segurando a mão da minha menina. Eu sabia que não era o modo correto de segurá-la, mas eu entrelacei meus dedos ao dela, e olhei em seu rosto; queria que ela sentisse através daquele toque todo o amor que eu dedicava, algo que eu nunca tive em toda a minha vida.

Meu coração acelerou conforme caminhávamos até o altar. Estávamos perfeitos juntos. Tão perfeitos que eu comecei a imaginar o dia em que seria eu aguardando sua entrada. Em pouco tempo esse dia chegaria. Pediria Clara em casamento. Não houve e nunca terá mais ninguém com quem quisesse compartilhar o restante da minha vida. Era ela...Eu sabia... Eu sentia. Foi como se Deus tivesse moldado minha menina, exclusivamente para mim. Um encaixe perfeito, como no quebra-cabeça. Onde uma peça não fazia sentido sem a outra. Era assim que eu me sentia sem a Clara; uma peça solta em um espaço vazio.

Nos posicionamos no lugar destinado a nós no altar. Olhamos em direção a porta e fiz uma careta quando vi Lorenzo entrar. Teria que manter os olhos bem abertos durante a festa, pois ele não chegaria nem perto da Clara.

Chegou à vez do Juan, fazer sua entrada, o cara estava rindo como um idiota. Minha mãe entrou com ele. Ela fez questão, mesmo com ele recusando. Dona Graça não deixaria o futuro genro entrar sozinho no próprio casamento, ela definitivamente o adotou. O cara era gente boa, mas como irmão mais velho tem sempre que ficar com uma orelha em pé, as minhas estavam bem levantadas, se ele fizesse minha irmã sofrer, ele seria um homem a menos no mundo.

– Está tudo tão lindo. – Clara sussurrou em meu ouvido, ainda estávamos de mãos dadas.

Olhei para ela e acariciei sua pele com o polegar. Minha menina sorriu de uma maneira tão meiga, que eu esqueci todos a minha volta. O mundo podia chegar ao fim, pois mais nada era tão importante quanto estar ao lado de quem se ama. As portas da igreja se fecharam, e todos se levantaram. Os acordes da música escolhida por minha irmã começaram a tocar; a interpretação de Ave Maria foi feita por uma mulher com a voz muito linda.

Assim que as portas se abriram novamente, Clara apertou minha mão. Priscila estava linda. Um vestido totalmente tradicional, e um buquê rosa nas mãos. De onde estava no altar, percebi que ela estava chorando. Claro que estava! Minha irmã sentimental como era só poderia chorar mesmo. Meu pai a segurava pelo braço e também estava visivelmente abalado. Sua única filha estava casando, e agora ele perderia sua sapequinha; que era como ela a chamava.

– Meu Deus! – Clara suspirou e eu virei-me e me espantei com sua emoção. Lágrimas desciam por seus olhos, e eu pude perceber quanto era grande o seu carinho por minha irmã. Eu já disse que Maria Clara é perfeita para mim? Pois é, não canso de pensar nisso.

Priscila já estava próxima ao altar quando olhou em minha direção, um sorriso estampou seu rosto, e seus olhos brilharam com mais lágrimas. Devolvi o sorriso de forma carinhosa. Sempre protegi meus irmãos de forma igual, mas por ser a caçula, eu cuidei da Priscila como se fosse

minha filha. Ensinei a andar de bicicleta; levei para as aulas; defendi quando os meninos implicavam com ela; intimidei o primeiro namorado – tudo bem... o último também – e briguei quando era necessário. Eu daria minha vida por aquela moleca e pelo fedelho do meu irmão. Um nó se formou em minha garganta e eu não contive a vontade de chorar. Uma lágrima rolou e senti a mão sensível da Clara secá-la. Agradei a Deus por tudo que ele estava fazendo em minha vida, ter minha menina ao meu lado no altar, sendo testemunhas do amor de uma das pessoas que eu mais amava, era um milagre. Um milagre que o cara lá de cima resolveu me conceder. Não havia felicidade maior. Eu alcancei a plenitude de tudo.

Priscila chegou ao altar e meu pai deu-lhe um beijo na testa antes de entregá-la ao Juan.

Os dois se olhavam como poucos casais se olham. Pedi aos céus que um dia me desse o que eles estavam vivenciando. Olhei para Clara e ela também teimava em segurar as lágrimas.

Tudo foi muito lindo e emocionante, minha irmã e Juan trocaram as alianças e disseram sim um ao outro. Ao final do casamento, eles saíram da igreja e seguiram direto para o local da recepção. Os cumprimentos seriam recebidos lá.

Peguei na mão de Clara e da mesma forma que entramos nós saímos da igreja. Juntos, entrelaçados um ao outro. Como deveria ser.

Quando saímos da igreja, encontramos com meu irmão Diego conversando com Nando, Bruno e Laís. Acho que o relacionamento entre o Bruno e Laís engatou de vez. Meu amigo estava apaixonado e eu estava muito feliz por ele. Laís era uma ótima pessoa, além de ter conseguido a façanha de colocar Bruno na linha. Tenho que admitir que ela realmente devia ser uma pantera, pois o que ela fez, não poderia ter sido realizado por uma mulher normal. Aquele casal não poderia ser mais certo. Fogo e gasolina.

– Vamos? – Chamei e Clara assentiu. Meus pais ainda estavam conversando com alguns convidados, então achei melhor me apressar para que Priscila tivesse alguém da família próximo caso precisasse de algo.

Abri a porta da caminhonete para Clara. Assim que eu entrei eu peguei sua mão e dei um beijo carinhoso. Dei partida e segui para o local da festa.

Durante todo o caminho eu Clara conversamos muito sobre o casamento e também sobre a família do Juan. Ela também concordava que aquilo tudo era uma grande besteira.

Chegamos ao local e eu pude ver a grandeza do que minha irmã havia preparado. Não adiantava dizer para Priscila ir com calma. Sempre foi do jeito que ela queria, e não seria diferente no dia mais importante da sua vida. Estacionei o carro no lugar reservado para família; do outro lado da rua, abri a porta para Clara e entreguei a chave ao manobrista.

– Preparada para ser apresentada ao mundo como minha namorada? – Perguntei, enquanto atravessávamos a rua. Estava pronto para dar aquele passo, mas queria Clara na mesma sintonia que eu.

– Hoje? – ela perguntou espantada.

Suas mãos apertaram as minhas e ela olhou para trás na direção que ainda estava o meu carro. – Sim... – ela me respondeu. – Ai meu Deus! Esqueci minha bolsa no carro.

Assim que ela disse, Clara se soltou da minha mão e antes que eu pudesse me movimentar para buscar o que ela queria, Clara atravessou a rua correndo, segurando seu vestido que praticamente arrastava-se no chão. Ela acenava para o manobrista que ainda estava colocando a chave na ignição.

Clara pediu a bolsa e o manobrista a atendeu. Fiquei observando-a. Ela abriu a bolsa, conferiu alguma coisa dentro e sorriu para mim. Quase enfartei! Não acreditava que aquilo estava acontecendo, ela disse sim. Todos ficariam sabendo quem era a mulher da minha vida. Diego estacionou o carro pouco atrás e já descia, também entregando a chave ao manobrista.

Clara começou a atravessar a rua, quando notei dois faróis se aproximando muito rápido, ela ainda sorria em minha direção e articulava um “Eu te amo” sem emitir sons. Olhei para minha direita e percebi que o carro não pararia. Ele estava desgovernado.

Saí correndo de onde estava para alcançá-la, após ver minha ação, Clara finalmente viu que estava vindo um veículo em sua direção, mas antes que eu chegasse até ela, pude ouvir o barulho do pneu na estrada e o grito desesperado da minha menina ecoou no meu ouvido.

Meu Deus!

Como era pista dupla, eu saí correndo entre os carros para chegar ao local onde antes estava minha menina. O último barulho que ouvi, foi do carro cantando pneu e saindo em disparada. Não tive tempo para pensar em nada.

Quando o carro passou, eu caí de joelhos no asfalto.

– Não... Não... Não! – comecei a gritar desesperado, meus olhos queimavam pela cena que estava a minha frente e a dor dilacerava meu coração me anestesiando. Clara e Diego. Ambos no chão, desacordados, ensanguentados. Clara estava um pouco mais à direita, deitada em uma posição quase fetal, seu vestido estava rasgado e seu rosto sujo de sangue. Diego estava deitado de costas, bem perto da calçada. Sua cabeça estava um pouco inclinada, próximo ao meio-fio.

Corri até os dois e eu fiquei sem saber o que fazer. Levei às mãos a cabeça e notei que algumas pessoas já estavam correndo para se aproximar do local do acidente.

– Clara... Clara... – Chamei sem sucesso.

Agachei-me no meio dos dois e olhando de um para outro, eu tentei descobrir quem necessitava dos primeiros socorros primeiro. Olhei para Clara, percebi que o sangramento em sua cabeça não era muito. Me abaixei próximo ao seu rosto e notei sua respiração. Alcancei meu irmão e o desespero tomou conta de mim. Não conseguia sentir sua respiração, e havia muito sangue embaixo de sua cabeça, no chão, em sua roupa.

Deus! Permita que Diego não morra.

Escutei alguém passando o endereço do local, provavelmente para uma ambulância. Peguei o braço do Diego e não senti seu pulso.

– Meu Deus Diego. – juntei minhas mãos, uma por cima da outra e comecei a fazer uma massagem cardíaca em seu peito. – Volta mano. – Clamei por ele e meu irmão não me respondia.

Diego continuava inerte no chão, e os únicos movimentos que fazia, eram involuntários, pela força que eu depositava na tentativa de trazê-lo de volta. Ouvi meu nome ser chamado, mas não consegui decifrar quem era, até que Bruno caiu de joelhos no chão, próximo a mim, e Laís começou a chorar perto da Clara.

– Bruno, ele não respira. – disse para o meu amigo sem tirar os olhos do Diego. – Di, não faz isso comigo. Você não pode morrer. – Comecei a gritar na esperança que ele ouvisse minha voz e abrisse os olhos. Continuei na tentativa de fazer seu coração voltar a bater, mas nada.

Bruno segurava seu braço tentando sentir seu pulso, mas era em vão. Diego não respirava.

– Não faz isso Diego. – suplicava e as lágrimas que caía dos meus olhos molhavam seu terno. – Não... Não... Mano. Respira. – Fiz respiração boca a boca e senti Bruno me puxando para o lado – Pare Bruno! – Gritei com ele sacudindo meus braços, meu amigo tentava me arrastar para longe do meu irmão e eu me debatia no chão.

– Não! Não! – continuei gritando com ele. Não ouvia nada, tudo era como sons indecifráveis. Tudo que eu pensava é que o coração do meu irmão não estava batendo, sua vida estava se esvaindo pelos meus dedos e eu não conseguia salvá-lo. Eu era um inútil.

Bruno começou a me arrastar pelos ombros e deitado no chão eu comecei a espernear, tentando voltar para o local que eu estava, mas Bruno me arrastava pelo asfalto.

Meu Deus! Será que Bruno não está vendo que meu irmão está morrendo

– Me solta Bruno. – gritei novamente. – Tenho que fazê-lo respirar. – Minha voz estava em pânico e eu nunca senti um desespero tão grande em minha vida. – Preciso que ele volte. – Luzes coloridas me cegavam e finalmente eu consegui ouvir a voz do Bruno.

– Você tem que deixar os paramédicos trabalharem. – Bruno disse me sacudindo. As palavras que ele pronunciou me acertaram uma a uma. Sentia vontade de vomitar, tão forte era a dor que me consumia. E não era apenas uma dor emocional. Era algo insuportável. Algo que eu nunca fui preparado para suportar. – Calma. Porra! – Ele gritou segurando meu rosto para que eu olhasse para ele. – Diego e Clara... eles precisam de você, mano.

– Clara? – perguntei, pois como ela estava respirando eu dei total atenção para o meu irmão.

Bruno me olhou, e seu olhar estava triste. Ele tentou me levantar do chão, mas não me dizia nada.

– Porra Bruno! – eu gritei com ele novamente – minha menina? – Olhei ao redor e além dos paramédicos trabalhando no Diego eu não enxergava mais nada. – Bruno, cadê a Clara? – Perguntei olhando para o local que ela estava. Agarrei meus cabelos tentando fazer com que aquela dor sumisse, mas a cada segundo um pedacinho de mim morria.

– A ambulância já a levou, enquanto você estava com o Diego. – a voz dele sumiu e eu fiquei ainda mais louco. – Ela estava viva, mas não acordava.

Um abismo se abriu debaixo dos meus pés. Deus não podia estar me castigando daquela forma, eu não poderia perder meu irmão e a mulher da minha vida. Só podia ser um pesadelo.

– Afaste-se. – escutei alguém gritar e depois um barulho de choque. – Afaste-se. – Mais uma vez a voz me sacudiu, e eu olhei em direção ao corpo do meu irmão inerte no chão.

Só podia ser um pesadelo.

Clara

– Clara. – Ouvi Diego gritando, mas quando olhei para ele eu senti o impacto. Rápido e forte. Diego me jogou para fora da pista e caímos no chão. Depois somente escuro e vazio. Vozes entravam na minha cabeça, mas eu estava sem forças para responder.

– Clara... Clara... – Alexandre me gritava. Eu sabia que era a voz dele, reconheceria no céu ou no inferno. “Estou aqui meu amor” – Tentei lhe dizer, mas minha boca não se movia. Meus olhos não se abriam. O que estava acontecendo?

De repente tudo virou escuridão novamente...

– Clara temos uma notícia nada fácil. – Manu disse com lágrimas nos olhos.

– O que foi Manu? – Perguntei amedrontada.

Ela levou as mãos no rosto e começou a chorar desesperadamente.

– Clara... O Felipe. – ela parou de falar e me olhou de uma forma que eu pude sentir a dor em seu coração.

– Não Manu.

– O Felipe faleceu. – Ela disse em meio às lágrimas e eu senti minha alma sair do corpo.

– É mentira sua. – Comecei a gritar e logo uma dúzia de pessoas, entre enfermeiros e médicos, estavam ao meu lado. – Diz que é mentira Manu. – Olhei em uma súplica para ela, e suas lágrimas me diziam que o pesadelo era real. – Ele não morreu. Não.. Não... Não... Pare de brincar comigo Manu.

– Sinto muito. – Sua voz chorosa, me dizendo aquelas palavras me deixava sem ar. Tentei respirar, mas a dor era mais forte que eu. – Ele desenvolveu um coágulo de sangue após a cirurgia, e isso causou um ataque cardíaco fatal. Fizemos de tudo, mas ele não resistiu.

Tentei respirar novamente, mas tudo que conseguia fazer era recordar a alegria de Felipe, quando recebemos a notícia que ele poderia ser meu doador. Aquilo não podia ser real, não era justo. A pessoa que eu mais amava morrer por minha causa.

– Por quê? – Gritei desesperadamente. – Diz Manu. É algum castigo?– Tentava me mexer, mas alguns enfermeiros me seguravam no lugar. – Eu deveria morrer não o Felipe. Era para ter sido eu.

Manu chegou próxima a mim, e me abraçou comigo ainda deitada naquela maldita cama de hospital.

– Manu... – comecei a chorar em seu ombro... – ele não merecia. Por que você o deixou morrer? Por que você não o salvou, Manu? – Minhas palavras quase não saiam, devido ao soluço que embargava minha voz.

– Felipe te amava Clara. Sempre amou, ele seria capaz de fazer qualquer coisa para te salvar. – Dizia e eu podia sentir suas lágrimas caindo em minha pele. – Ele sabia que toda a cirurgia envolve riscos, e mesmo assim não pensou duas vezes. Ele queria ver você bem e feliz.

Manu se afastou e me encarou com pena. Foi a primeira vez, que eu ouvi aquelas malditas palavras. Palavras que iriam me acompanhar pelo resto da minha vida.

– Você tem que seguir em frente. – Manu disse pesarosa. – Não foi sua culpa. – E naquele momento eu quis arrancar cada fio que estava em meu corpo.

– Não foi minha culpa? – Perguntei sentindo a raiva e o ódio tomarem conta da minha alma. – O homem que eu mais amo na vida... Meu noivo, morre na mesa de cirurgia após me doar o próprio rim. E a culpa não é minha?

Tentei levantar a cabeça, mas os enfermeiros me mantinham deitada, enquanto Manu me olhava com aquele olhar de pena, de compaixão. Eu queria arrancar aquele olhar do rosto dela.

– Clara, me escuta. – ela pedia. – Felipe fez todos os exames, ele era compatível. Estava apto. Saudável. Foi uma fatalidade. Acontece uma em um milhão, mas infelizmente aconteceu com ele. – Manu tentava explicar, mas eu não entendia como ela podia estar tão calma. Eu havia matado Felipe.

Nós namoramos desde os dezesseis anos de idade. Eu me apaixonei por ele, desde que o vi se mudando para a casa vizinha a nossa. Mas com dezessete anos descobri que meus rins não estavam mais funcionando. Fiz hemodiálise e passei praticamente a viver em um hospital, mas algum tempo depois veio a notícia; somente um transplante me salvaria. Meu pai não era compatível e minha mãe, por uma doença hereditária não poderia doar.

Enquanto eu estava na lista de espera por uma doação, Felipe me convenceu a fazer o teste com ele. Nosso sangue foi misturado, no que os médicos chamam de prova cruzada, e maravilhosamente descobrimos que Felipe era compatível e poderia ser meu doador. No começo rejeitei a ideia, pois fiquei com medo de Lipe não poder levar uma vida normal, mas após muito aconselhamento psicológico, eu fui convencida que tanto o doador quanto o transplantado poderiam viver uma vida

normal após o transplante. Mas isso não ocorreu. A única coisa que teria do Felipe; era a lembrança que o rim que me fazia viver foi o mesmo que o tirou de mim.

– Eu matei o Felipe, Manu. Matei meu noivo. O amor da minha vida. – Disse sussurrando, enquanto sentia alguém aplicar algo em minhas veias. Provavelmente calmantes, pois minhas pálpebras começaram a ficar pesadas, e eu não conseguia mais manter meus olhos abertos. – Eu também quero morrer. Não vou sobreviver sem ele. – Continuei falando baixinho, sem saber se alguém me ouvia. – Felipe...

– Ele te deu uma vida, use a com sabedoria Clara. – Foram as últimas palavras que ouvi Manu dizer antes de apagar.

Abri os olhos e eles demoraram um pouco a se acostumar com a claridade. Consegui mexer um pouco a cabeça, mas meus movimentos ficaram limitados, pois um colar cervical estava em meu pescoço.

– Alguém. – chamei baixinho e senti uma mão apertando a minha. Não conseguia me mexer e aquilo estava me deixando aflita. Apertei a mão delicada que me tocava e tentei puxá-la para perto.

– Estou aqui, Clarinha. – Manu sussurrou. – Vai ficar tudo bem. – Ela disse com uma voz carinhosa.

Fechei os olhos tentando recordar o que aconteceu. Tudo era um borrão, e imagens desconexas começaram a aparecer. Estávamos no casamento da Prí, eu atravesssei a rua para pegar minha bolsa, e quando eu estava voltando... Meu Deus!

– Manu... O Diego? – Eu puxei sua mão para que ela olhasse para mim, mas Manu não se movia – Onde está o Diego? – eu comecei a gritar e ela tentou me acalmar.

Forcei os movimentos para tentar levantar da maca, mas estava presa a cama. Manu se aproximou e eu pude ver a tristeza em seus olhos, quase a mesma reação de quando ela me deu a notícia sobre Felipe.

– NÃO... NÃO... NÃO... – Gritei como nunca havia gritado em minha vida. Deus não poderia me castigar tanto. Diego entrou na frente do carro para me salvar. – MEU DEUS! – meus gritos, estavam misturados as minhas lágrimas e Manu tentava todo tempo conversar comigo, mas eu não ouvia, tudo que eu pensava era que Diego estava morto por minha causa. Eu não posso carregar mais essa culpa. Alexandre nunca irá me perdoar. Nunca. Eu perdi mais uma vez.

– CLARA. – Manu gritou e eu tentei me concentrar em suas palavras, mas a dor que eu sentia não me deixava respirar. Era muito forte, mas uma vida foi destruída por mim e eu não conseguia suportar.

– Manu? – Supliquei e ela sentou-se ao meu lado na cama. Suas mãos desataram o colar que estava em meu pescoço. Eu consegui respirar um pouco melhor, mas ainda me faltava ar.

– Diego está em cirurgia agora. – Disse acariciando meu rosto e um fio de esperança surgiu. – Ele teve traumatismo craniano pela queda, e uma parada cardíaca. – Cada palavra era absorvida de duas formas: por um lado eu estava gritando por dentro por saber que ele não estava morto, mas a outra parte de mim chorava por saber que ela estava em uma mesa de cirurgia naquele momento e por minha causa. Levantei da cama e uma dor enorme tomou conta de mim. Mesmo assim, eu me sentei. Nada era tão devastador.

– Clara. Você não pode levantar. – Manu disse tentando empurrar meus ombros para a cama. Mas eu lutei, não poderia simplesmente ficar deitada.

– Me solte Manu. – Arranquei os velcros que seguravam meus braços e fiz o mesmo com a parte que prendia minhas pernas. Manu tentava a todo custo me segurar, mas, apesar da minha dor eu ainda era mais forte que ela. Levantei-me e fiquei um pouco tonta, o soro e comecei a caminhar até a porta. Manu parou na minha frente, me impedindo de sair. Ela levou as mãos para me alcançar e eu me afastei.

– Clara, por favor? – suplicou com o olhar, mas eu continuei longe dela. Não podia deixar ninguém me tocar. Eu fazia mal as pessoas.

– Não. Me. Toque. – Pedi com um tom de voz baixo. Minhas palavras misturavam-se com o choro que me fazia engasgar, e eu praticamente falava entre os dentes. Manu levantou as mãos, mas continuou no meu caminho, seu olhar de pena me matava. Eu já havia passado por isso, então eu sabia o que viria depois.

– Clarinha... – ela começou a falar e eu tapei os ouvidos. – Não foi sua culpa.

– Cale-se, Manu... – andei de um lado para o outro no quarto, tentando bloquear as palavras dela. – Cale-se. – repeti e ela continuava falando.

Manu respirou fundo e me pediu calma com as mãos.

– Clarinha, você desmaiou, mas já fizemos todos os tipos de exame, e além do corpo dolorido, você não tem nada de grave. – ela começou a falar. – Acho que o desmaio foi mais pelo susto. Não

posso autorizar sua saída, mas também não vou te prender aqui.

Manu deu dois passos para o lado, deixando o acesso à porta livre para a minha saída. Não pensei duas vezes e passei por ela, antes de sair eu olhei de volta para ela e sussurrei um; “obrigada”.

Olhei para meu corpo, e percebi que meu vestido havia sido cortado na altura do joelho, provavelmente pelo resgate. Meus pés estavam no chão e meu cabelo despenteado. Mas não me importava, tudo que eu queria era correr dali, não poderia ficar e ver mais uma pessoa que amo, morrer por mim. Não posso carregar mais esse fardo. Eu não vou suportar. Diego estava sendo como um irmão, e eu ainda não acreditava que aquilo estava acontecendo com ele.

– Maldita. – Comecei a me xingar. – Amaldiçoada é isso que você é.

Corria pelos corredores do hospital, eu o conhecia como a palma da minha mão, então sabia perfeitamente onde ficava a saída. Antes de chegar à porta eu passei em frente a uma sala de espera e quando ouvi meu nome ser chamado, eu fiquei estática.

– Clara. – Alê me gritou. – Aonde você vai? – Sua voz chorosa me impedia de olhar para trás. Não conseguiria encará-lo. Ele nunca me perdoaria.

Respirei fundo, tentando fazer com que meu corpo obedecesse minha mente e saísse correndo daquele lugar, sem nem olhar para trás. Mas meu coração não me deixava partir sem olhá-lo mais uma vez.

– Estou indo para casa. – Respondi, me virando, mas ainda com o olhar no chão.

Levantei os olhos e naquele momento, eu não quis mais nada do que a morte. Morrer era menos doloroso do que saber que eu estava causando o sofrimento do homem que eu amo. Alexandre estava com os olhos inchados, tudo indicava que ele havia chorado muito. Ele ainda estava com a roupa do casamento, somente o casaco e a gravata, haviam sido retirados. Sua camiseta estava com as mangas dobradas até o seu cotovelo, e eu pude ver que sangue seco manchava o tecido próximo ao seu peito. Lembrei-me do Diego me empurrando e meu estômago embrulhou pela dor que eu sentia.

– Você já recebeu alta? – ele perguntou surpreso, e veio andando em minha direção. – Por que você estava correndo e descalça? – Suas perguntas começaram a ser feitas em um tom um pouco mais alto, acho que Alexandre percebeu que eu estava fugindo. Ele deu dois passos em minha direção e eu repeti os seus movimentos, mas na direção contrária. Vi seu rosto se contorcer em um semblante de pânico. Amaldiçoei-me, por fazer isso com ele, mas eu não poderia ficar e ver Diego morrer. Não poderia perder mais ninguém.

– Se afaste. – disse quando ele tentou se aproximar. Levantei a mão pedindo para ele parar, e Alê continuava se aproximando.

– Clara, pelo amor de Deus. – ele implorou. – o que está acontecendo?

Notei que mais gente se aproximava. Prí ficou atrás de Alexandre. Ela ainda estava vestida de noiva e chorava agarrada ao Juan. Bruno estava ao lado do Alê e eu não vi Laís em nenhum lugar.

– Eu não posso. – sussurrei e as lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. – Eu não posso amar mais ninguém. Não haverá espaço para outro.

Estava convencida que o amor e o sofrimento que havia passado com Felipe era o suficiente para o restante da minha existência. O que aconteceu com Diego era uma prova que eu não podia me apegar a ninguém. Foi um erro me abrir para Alexandre, eu não posso nem pensar se fosse ele no lugar de Diego. Não existiria mais nenhum lugar nesse mundo para me abrigar. Eu simplesmente desistiria de tudo.

– Você não pode fazer isso comigo. – ele gritou assustando todos que estavam em nossa volta. – Não pode. – continuou. – Não quando mais preciso de você.

Bruno tentava puxar Ferraz pelo braço para que ele recuasse, mas Alexandre era muito forte, e praticamente arrastava Bruno com ele na tentativa de me alcançar.

– Desculpe – Consegui dizer entre os soluços. – Mas eu não posso ficar.

Ele sacudiu os braços tentando se soltar do Bruno e a cada vez que me olhava eu via como ele estava sofrendo. Eu senti junto com ele. Ainda estava em pé na sua frente, descalça, rasgada e suja. Assim como estava minha alma... Destruída.

– Minha menina. – sua voz tentava soar calma, mas eu sentia toda a sua aflição. – Escuta. Eu te amo. Preciso de você aqui. Diego precisa de você.

– Me perdoa? – pedi novamente implorando seu perdão, mas eu sabia que se o Diego voltasse eu seria sempre a assassina. Mais uma vez.

– Não... – ele se soltou do Bruno e correu em minha direção. – Por que você está fazendo isso comigo? Diga. – Suas mãos apertavam meu rosto. Tentei puxá-las para baixo, mas sua testa se apoiou na minha e ele começou a sussurrar as palavras tão perto que podia sentir suas lágrimas em minha pele. – Eu amo você... – ele começou a distribuir beijos desesperados em todo o meu rosto, enquanto pronunciava as palavras. – Amo você minha menina.

Não sentia mais meu coração bater, foi como se tivesse morrido e somente uma capa do que era, estava presente naquele corredor. Não era eu. Uma pessoa normal, não faria a crueldade que eu estava prestes a fazer.

– Eu amo outro. – Disse olhando em seus olhos. – Sempre amei. – completei.

Alexandre deixou seus braços caírem no vazio. Seu olhar escureceu e seu rosto começou a ficar vermelho. Raiva tomou lugar do carinho que seus olhos há poucos segundos demonstravam. Ele continuou me encarando e eu enxerguei o vazio que eu havia deixado em sua alma. Eu estava condenada. Sempre estive.

Virei-me sem olhar para trás. Na portaria, Manu estava me esperando e sem me dizer nada, somente entregou minha bolsa. Peguei e assenti com a cabeça. Do lado de fora eu ainda via, cada vez que a porta de vidro se abria; Alê parado, no mesmo lugar e com a mesma expressão. E foi nessa hora que eu decidi que mais uma vez eu perderia meu coração. Não estava destinada a felicidade.

Descalça, sozinha e destruída, eu liguei para uma das únicas pessoas que sabia sobre o meu passado. Precisava de ajuda. Peguei o telefone dentro da bolsa e após o segundo toque alguém atendeu. Graças a Deus ele estava no Brasil.

– Alô. Clara?

– Dereck! Eu preciso de você.

Ferraz

Ver meu irmão em uma ambulância entre a vida e a morte me destruiu, mas ver minha menina me abandonar sem ao menos olhar para trás; foi à última pedra sobre o meu caixão. Ainda estava parado no mesmo lugar, na esperança de que ela se arrependesse e desistisse da loucura de me deixar novamente. Seria cômico se não fosse trágico, pois mais uma vez estava sendo chutado em um hospital. Mas dessa vez o meu sofrimento estava sendo triplicado.

Eu cheguei ao hospital acompanhando Diego. Assim que meu irmão deu entrada, eu fui informado que ele seria levado direto para o centro cirúrgico. Segundo o médico, ele estava com traumatismo craniano e havia sofrido uma parada cardíaca que quase o matou. A única opção era esperar. Deixei Bruno – que não havia saído do meu lado – terminando de preencher a ficha de Diego e fui atrás de notícias da Clara.

Bruno avisou que Nando e Laís estavam tentando entrar em contato com os pais da minha

menina, mas parece que não tiveram uma resposta positiva.

Em outra recepção eu fui informado; que Clara estava estável, mas não puderam me dar detalhes, já que eu não era da família.

Uma médica muito jovem quando me ouviu falando sobre Clara, se aproximou e começou a conversar comigo. Eu a reconheci; era a mesma médica que me deu informações quando Clara esteve internada. Ela informou que Clara passaria a noite em observação, mas que estava tudo bem. Que teve um desmaio, mais causado pelo susto do que por qualquer outra coisa. Naquele momento eu juntei minhas mãos em forma de oração e agradei aos céus. Não suportaria perder Clara e Diego.

Manuela – assim se chamava a médica – me tranquilizou – Ela sabia que o estado de saúde de Diego pedia mais atenção, mas me prometeu que assim que Clara acordasse, eu seria avisado. Pelo jeito não houve tempo dela cumprir a promessa.

– Mano. – Bruno disse colocando a mão em meu ombro. – Vamos pensar em Diego agora. – ele falou, e eu não me movi.

Ouvia Priscila chorando e a voz de Juan tentando confortá-la. Minha irmã chegou ao hospital, ainda vestida de noiva. Logo depois dela meus pais também chegaram. Estávamos todos ansiosos e desesperados por notícias. Fazia três horas que Diego estava na sala de cirurgia. E pelas informações dos médicos a cirurgia duraria mais.

Acredito que tenha ficado uns vinte minutos olhando para a porta. Torcendo, rezando e implorando para acordar daquele pesadelo.

– Filho – minha mãe deu a volta e parou em minha frente. – eu sei que você está sofrendo, mas dê tempo ao tempo. – As palavras dela me fizeram sair do transe. Não pensei duas vezes; comecei a correr pelo hospital na tentativa de achar Clara. Algo estava errado. Assim que a porta de vidro abriu eu olhei de um lado para o outro na rua e não avistei minha menina. Corri até a garagem do hospital e o mais depressa que pude eu dei partida e sai queimando pneu no asfalto. Ela não poderia ter ido muito longe, lembrei que ela estava com o vestido rasgado e suas sandálias não estavam em seus pés.

– Meu Deus! – rezei – Onde você está minha menina? – Minha voz estava entrecortada pelas lágrimas e eu alcancei meu celular. Disquei seu número que estava entre os favoritos e aguardei chamar até cair na caixa de mensagem.

– Droga... Droga... – eu socava violentamente o volante e com a força dos meus movimentos o

celular foi arremessado no chão, em frente ao banco do passageiro.

– Porra! – praguejei. Tudo naquele dia estava dando errado. Meu irmão estava lutando para não morrer e eu estava correndo atrás da minha vida. Continuei correndo em direção ao seu apartamento, ela só poderia estar lá, Deus faça com que ela tenha voltado para casa. Nunca fui de rezar, mas naquele momento eu pedi com todas as forças para que aquele pesadelo tivesse fim.

Eu praticamente infringi todas as regras de trânsito existentes. Mas em menos de vinte minutos eu estava na porta do apartamento dela, porém meu desejo era de nunca ter chegado. Assim que estacionei e tirei o cinto de segurança eu o vi entrando em seu prédio. Dereck Mayer. O desgraçado estava entrando com ela nos braços. Minha menina estava com a cabeça encostada no peito dele, eu queria matar os dois. Foi isso que ela quis dizer quando declarou que amava outro, Clara estava me usando.

– Filha da Puta. – Eu gritei o mais alto que pude. – Como você pode fazer isso comigo? – comecei a chorar, pois eu não conseguia aceitar a cena que havia acabado de ver. A mulher da minha vida nos braços de outro homem.

– Minha! – Eu disse, enquanto abria a porta para partir a cara daquele idiota. Porém antes de descer eu ouvi meu telefone tocar. Era o toque que eu havia programado para Priscila, e nesse exato momento eu sabia que eram notícias do meu irmão. Como um louco eu me joguei no banco do passageiro e alcancei o aparelho que estava quase escondido, achei também uma folha de papel, com alguns recortes de jornais formando palavras. Lembrei-me do que se tratava; foi o papel que tirei do para-brisa da caminhonete há alguns dias, ele deve ter voado para debaixo do banco. Mas agora eu percebi que ele não se tratava de uma simples propaganda.

Atendi ao telefone, enquanto encarava o papel em minha mão.

– Maninho, a cirurgia acabou. – As palavras da Priscila quase não saíram, pelo choro que ela transmitia. – O Di não vai acordar...

Olhei novamente o papel em minhas mãos e me lembrei da cena de algumas horas antes. O carro estava na direção de Clara, era ela que ele acertaria se Diego não a empurrasse. Foi por isso que Clara não foi atingida. Era para ela estar no lugar do Diego.

– *Alê? Ainda está aí.*

– *Não foi um acidente.*

Desci do carro e olhei para o alto. No quarto andar pude ver a luz da janela da Clara acesa. Fechei

os olhos e pensei no que deveria fazer. Teria que escolher: manteria Clara segura, mas fora da minha vida. Ou arrastaria ela comigo, e correria o risco de perdê-la para sempre?

Fiquei parado vários minutos em frente ao prédio, chorando como um bebê, e olhando o maldito bilhete. Além dos pensamentos homicidas que passavam em minha cabeça, tudo o que eu podia planejar era uma forma de estar com aquela maldita novamente... E cedo ou tarde eu a teria!

Observei novamente o bilhete em minhas mãos e repeti em voz alta aquelas malditas palavras que me atormentavam.

“Acidentes acontecem Dr. Ferraz”

Epílogo

Um dia antes do acidente.

– Boa noite. – O idiota entrou em minha BMW e me cumprimentou, continuei olhando pela janela, vendo a cena feliz, da família perfeita jantando.

– Filhos da puta. – Odiava vê-lo tão feliz, depois de tudo que me fez. Abri meu celular e mandei uma mensagem para minha informante. A idiota estava em minhas mãos. Toda a família Ferraz estava sendo monitorada, e isso incluía a vadia da sua estagiária.

Todos estarão no casamento amanhã. Não foi divulgado para imprensa. O endereço segue abaixo.

– Quero essa. – disse apontando para a foto da puta.

– Tem certeza? Parece-me tão jovem. – O idiota me questionou com espanto. Desgraçado! Ninguém me questionava

– Eu não pago você para pensar. – bati o dedo na foto novamente. – Eu a quero.

Ele manteve a postura e somente abriu a boca para falar às palavras que eu queria ouvir.

– Serviço completo? – fiquei pensando naquela pergunta. Ter a puta fora da órbita terrestre faria Alexandre sofrer. Mas ainda era muito cedo, as ameaças estavam sendo investigadas a fundo. Alexandre tinha muitos amigos dentro do sistema judiciário, e todos estavam empenhados em descobrir quem estava ameaçando o grande advogado. Teria que agir com calma. Se eles descobrissem mais do que as ameaças revelavam, eu poderia colocar meu plano a perder.

– Não. – respondi secamente. – Somente um susto. Um aviso. – ordenei.

– E o pagamento? – o bastardo só pensava no dinheiro. Joguei o pacote ao lado do banco e pude ouvir sua risada, quando ele a abriu.

– Metade agora e metade quando concluir.

Ouvi o som da porta se abrindo e segundos depois se fechando. Pelo menos o filho da puta era discreto.

Olhei novamente pela janela, Alexandre estava sentado ao lado da puta, o irmão dele também rondava a garota. Do outro lado, sua irmã abraçava sorridente o noivo. E Bruno estava agarrando a vadia que agora vivia com ele. – Você me paga Alexandre Ferraz. O inferno está apenas começando...

Continua em:

O Amor não tem Leis – O julgamento Final.

A Autora:

Camila Moreira, 25 anos, taurina, acadêmica de Direito e Letras. Goiana por nascimento e Matogrossense de coração.

Funcionária pública municipal e escritora nas horas vagas.

Extremamente sensível, temperamental, impulsiva, mas generosa, humilde e persistente. Ama a família acima de todas as outras coisas. Adora ouvir todos os tipos de música e tem como sua preferida Seize the Day- Avenged Sevenfold.

Viciada em uma das mais belas coisas da vida: Leitura; a arte de viajar sem se mover. Atualmente tem como livro de cabeceira; Orgulho e Preconceito- Jane Austen!

Tem como frase inspiradora; “Todos os fins são começos, apenas não sabemos disso na hora”- Micht Albom

Muito prazer... Essa sou eu!